Chitra Banerjee Divakaruni

A Senhora das Especiarias

chitra
banerjee
divakaruni
SENHORA
DAS
ESPECIARIAS
1997
D. QUIXOTE, 2008

A Senhora das Especiarias
Chitra Banerjee Divakaruni
Romance
Título original: The Mistress of Spices
Tradução de Maria Filomena Duarte
D. QUIXOTE
1ª edição Booket: Janeiro de 2008
Depósito legal nº 267040/07
ISBN: 978-972-20-3534-7

SINOPSE

Imigrante indiana nos Estados Unidos, Tilo é mestra em especiarias. Na sua loja em Oakland, além de fornecer os ingredientes para o caril e o koima, também ajuda os clientes a alcançarem uma mercadoria mais preciosa: aquilo que mais desejam — autêntica sacerdotisa dos poderes mágicos e secretos das especiarias.

Através daqueles que permanentemente visitam a loja de Tilo passa a vida da comunidade indiana local, longe de sua pátria e dos lugares onde suas tradições são compreendidas.

Certo dia, um americano solitário aparece na loja. Tilo fica perturbada e não consegue descobrir a especiaria certa, pois ele desperta nela um desejo proibido. E se Tilo conseguir seus desejos perderá os poderes mágicos, o que afetará toda a comunidade...

A AUTORA

Chitra Banerjee Divakaruni nasceu na Índia em 1956 e mora nos Estados Unidos.

Dá aulas de Escrita Criativa no Foothil College de Los Altos Hills na Califórnia desde 1991 e é presidente da MAITRI, instituição de auxílio às mulheres asiáticas.

É autora de várias obras de ficção e de uma coletânea de contos.

Em 1995 ganhou o PEN Oakland Josephine Miles Prize for Fiction, o Bay Área Book Reviewer Award for Fiction e o American Book Award da Before Columbus Foundation com o livro de contos *Arranged Marriage*.

Em 1997 publicou seu quarto livro de poesia, Leaving Yuba City.

A Senhora das Especiarias (1997) foi seu primeiro romance, a que se seguiram *Irmã da Minha Alma* (1999) e *A Videira do Desejo* (2002).

Aos meus três homens
Murthy
Anand
Abhay
todos eles mestres na arte dos condimentos

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos às pessoas e às organizações que se seguem. Todas me ajudaram a tornar o sonho que era este livro numa realidade.

A Sandra Dijkstra, a minha agente, que confiou em mim desde o meu primeiro conto.

A Marta Levin, a minha editora, pela visão, compreensão e encorajamento.

A Vikram Chandra, Shobha Menon Hiatt, Tom Jenks, Elaine Kim, Morton Marcus, Jim Quinn, Gerald Rosen, Roshni Rustomji-Kerns e C. J. Wal ia pelos seus comentários e sugestões tão importantes.

Ao Arts Council, ao Município de Santa Clara e C. Y. Lee Creative Writing Contest pelo apoio financeiro.

Ao Foothil College por me ter concedido tempo, através de uma licença sabática.

A minha família, em especial a minha mãe, Tatini Banerjee, e a minha sogra, Sita Shastri Divakaruni, pelas suas orações.

E a Gurumayi Chidvilasananda, cuja graça ilumina todas as páginas, todas as palavras da minha vida.

AS ESPECIARIAS

Avisam-se os leitores de que as especiarias mencionadas neste livro só devem ser consumidas mediante a supervisão de uma Mestra qualificada TILO

Sou uma Mestra de Especiarias.

Também sei lidar com as outras coisas. Minerais, metais, terra, areia e pedra. As pedras preciosas com o seu brilho frio e cristalino. Os líquidos, cujos matizes nos ofuscam até não conseguirmos ver mais nada. Aprendi a lidar com todos eles na ilha.

Mas as especiarias são a minha paixão.

Conheço-lhes as origens, o significado das cores e os aromas. Consigo identificar cada uma delas pelo nome primordial, quando a Terra se partiu como se fosse pele e se ofereceu ao céu. O seu calor corre-me no sangue. Do amchur ao zafran, elas obedecem às minhas ordens. Basta um murmúrio e elas revelam-me as suas propriedades ocultas, os seus poderes mágicos.

Sim, todas elas têm a sua magia, até as especiarias americanas que todos os dias jogamos na panela, sem pensar.

Duvidam? Ah! Esqueceram-se dos velhos segredos das vossas avós. Aqui vai mais um: as vagens de baunilha amolecidas em leite de cabra e esfregadas no pulso protegem-nos do mau-olhado. E outro: uma pitada de pimenta aos pés da cama em forma de quarto crescente, cura-nos dos pesadelos.

Porém, as especiarias verdadeiramente eficazes são as da minha terra natal, o país da poesia ardente, das penas da cor verde-mar. Dos céus crepusculares brilhantes como o sangue.

É com essas que eu trabalho.

Se se colocarem no meio desta sala e andarem à roda devagar, verão todas as especiarias indianas que existem — até as que já se perderam — aqui reunidas nas prateleiras da minha loja.

Creio que não exagero ao afirmar que não há outro lugar no mundo como este. Esta loja abriu apenas há um ano. Mas já muita gente olhou para ela e creio que sempre assim foi.

Percebo por quê. Virem a esquina pronunciada da Esperanza, no sítio onde os autocarros de Oakland param de repente, e verão. Perfeitamente enquadrada entre a estreita porta gradeada do Hotel Rosa's Weekly, ainda enegrecida pelo incêndio de há um ano, e a Loja de Reparações de Máquinas de Costura e de Aspiradores de Lee Ying, com o vidro da montra partido entre o R e o e. Uma montra com manchas de gordura. Letras furadas que dizem bazar de especiarias, castanhas, cor de lama seca. Lá dentro, paredes cobertas de teias de aranha, onde se vêem quadros descorados de deuses, de olhos tristes e sombrios. Latas cujo brilho já desapareceu há muito, cheias de atta, de arroz basmati e de masoor dal. Filas e filas de cassetes de vídeo, com filmes, que voltaram todos à época do preto e branco. Peças de tecido tingido com cores muito antigas, como o amarelo do Ano Novo, o verde das colheitas, o vermelho que dá sorte às noivas.

E, aos cantos, acumulados entre bolas de cotão, expressos por aqueles que aqui entraram, os desejos. De todas as coisas da minha loja, eles são os mais antigos.

Porque até aqui neste novo país que é a América, nesta cidade que se orgulha de ter apenas a idade de um sobressalto, desejamos sempre as mesmas coisas.

Também eu sou responsável por isso. Também eu pareço ter estado aqui desde sempre. É o que os clientes vêem quando entram, ao desviarem-se do molho de folhas verde-plástico de mangueira que está pendurado à porta para dar sorte: uma mulher curvada, cuja pele é da cor da areia velha, atrás de um balcão de vidro cheio de mithai, os doces da sua infância. Tal como saíam da cozinha da mãe. Burfis verde-esmeralda, rasogol ahs brancos como a aurora e, feitos de farinha de lentilhas, laddus que se assemelham a pepitas de ouro. Parece razoável que eu sempre tenha estado aqui, que eu perceba sem palavras a saudade que eles têm dos caminhos que resolveram deixar para trás quando escolheram a América. A vergonha dessa saudade, como o gosto levemente amargo que fica na boca quando mastigamos amlaki para refrescar o hálito.

Eles não sabem, evidentemente. Não sabem que eu não sou velha, que este simulacro de corpo que recebi no fogo de Shampati

quando jurei tornar-me Mestra não é meu. Reclamo as suas pregas e nódulos tal como a água reclama as pequenas ondas que a enrugam. Eles não vêem, debaixo das tampas fechadas, os olhos que brilham por um momento — não preciso de nenhum espelho proibido (pois os espelhos estão vedados às Mestras) para mo dizer -como uma fogueira sombria.

Os olhos são só meus.

Não. Há mais uma coisa que é minha. O meu nome, que é Tilo, uma abreviatura de Tilottama, pois deram-me o nome da semente de sésamo polida pelo sol, uma semente nutritiva. Eles não sabem isto, os meus clientes, nem que eu já tive outros nomes.

Às vezes sinto um peso, como se fosse um lago escuro e gelado, quando penso que neste país imenso não há uma única pessoa que saiba quem eu sou.

Então, digo com os meus botões: “Não faz mal. É melhor assim.”

— Lembrem-se de que vocês não são importantes — dizia a Velha, a Primeira Mãe, quando nos ensinava na ilha. — Nenhuma Mestra é importante. O importante é a loja.

E as especiarias.

A loja. Mesmo para aqueles que nada sabem do quarto interior com as suas prateleiras sagradas, secretas, a loja é uma viagem ao país do “podia ter sido”. Uma autocomplacência perigosa para um povo de pele escura que veio de algures, ao qual os verdadeiros americanos podem perguntar: “Porquê?”

Ah, o apelo desse perigo!

Eles gostam de mim porque sentem que eu compreendo esta situação. Também me odeiam um pouco pelo mesmo motivo.

E depois, as perguntas que eu faço. À mulher gorda de calças de poliéster e túnica da Safeway, com um carrapito apertado, quando ela se inclina sobre uma pequena pilha de malaguetas verdes, que remexe com determinação: — O seu marido já arranjou outro emprego desde que foi dispensado?

A jovem que entra apressada com um bebé apoiado na anca e vem comprar dhania jeera em pó: — A hemorragia continua? Quer alguma coisa para isso?

Apercebo-me do choque eléctrico que agita o corpo de cada um, e que é sempre o mesmo. O rosto assusta-se como se eu tivesse

pousado as mãos no delicado contorno oval do queixo e da face e o tivesse virado para mim. Embora eu não o tenha feito, evidentemente. As Mestras não podem tocar naqueles que vão ao seu encontro. Não podem perturbar o eixo delicado do dar e do receber no qual assentam as suas vidas precárias.

Por instantes, olho-os fixamente e a atmosfera que nos rodeia torna-se imóvel e pesada. Algumas malaguetas caem ao chão, espalhando-se como uma torrencial chuva verde. A criança contorce-se nos braços da mãe, a choramingar.

O olhar afasta-se lentamente, movido pelo medo, pela necessidade.

"Bruxa", dizem os olhos. Sob as pálpebras semicerradas recordam as histórias contadas em surdina à noite, junto da lareira, nas suas casas de aldeia.

— Por hoje é tudo — diz-me uma mulher, esfregando as mãos nas coxas salientes cobertas de poliéster, estendendo-me uma embalagem de malaguetas.

— Chiu, bebezinho rani — cantarola a outra, entretida com os caracóis emaranhados da criança até eu lhe fazer a conta.

Têm o cuidado de virar a cara ao sair.

No entanto, voltarão mais tarde. Depois do anoitecer. Batem à porta fechada da loja que cheira aos seus desejos e pedem para entrar.

Introduzo-as no quarto interior, o tal que não tem janelas, onde guardo as especiarias mais puras, aquelas que apanhei na ilha para tempos particularmente difíceis. Acendo a vela que está sempre a postos e procuro as estrias escuras da raiz de lótus e o methi em pó, a pasta de funcho e a assa-fétida tisnada pelo sol.

Canto. Administro. Rezo para afastar a tristeza e o sofrimento como ensinou a Velha. Dou conselhos.

Foi por isso que saí da ilha onde cada dia continua a ser misturado com açúcar e canela, onde cantam pássaros com goelas diamantinas e onde o silêncio quando cai é leve como a névoa da montanha.

Saí para vir para esta loja, onde juntei tudo o que é preciso para sermos felizes.

Contudo, antes da loja havia a ilha, e antes da ilha, a aldeia, quando eu nasci.

Há quanto tempo! Naquela estação seca, naquele dia em que o calor ressequia os campos fofos e gretados, e a minha mãe se contorcia no colchão pedindo água.

Depois veio o trovão azul-aço e o relâmpago em ziguezague que rachou a velha bania na praça do mercado da aldeia. A parteira deu um grito ao ver o capuz de veias arroxeadas que me cobria a cara, e o adivinho abanou a cabeça e olhou, desolado, para o meu pai, naquela tarde de chuva.

Deram-me o nome Nayan Tara, “Estrela do Olho”, mas a expressão dos meus pais estava carregada de desilusão por ter nascido mais uma rapariga, e ainda por cima da cor da lama.

Embrulharam-me num pano velho e deitaram-me de barriga para baixo. O que trazia eu à família a não ser a dívida do dote?

Os aldeãos levaram três dias a apagar o fogo no mercado. E a minha mãe continuava cheia de febre, o leite das vacas secou e eu chorei até me darem a beber leite de uma burra branca.

Talvez fosse por isso que comecei a falar tão cedo. E a ter o dom da visão.

Ou foi a solidão, a necessidade que deu lugar à raiva numa rapariga de pele escura que vagueava pela aldeia, sozinha, sem ninguém que se importasse com ela ao ponto de lhe dizerem “não faças isso”.

Eu sabia quem roubara Banku, o búfalo do aguadeiro, e qual a criada que dormia com o patrão. Sentia onde havia ouro enterrado na terra e sabia por que é que a filha do tecelão deixara de falar desde a última lua cheia. Disse ao zamindar como é que havia de encontrar o anel que perdera. Avisei o chefe da aldeia que haveria inundações antes de elas chegarem.

Eu, Nayan Tara, o nome que também significa “Aquela que Vê as Estrelas”.

A minha fama espalhou-se. Das povoações vizinhas e de mais longe, das cidades que ficavam do outro lado das montanhas, vinham pessoas para que eu lhes mudasse a sorte com um toque da minha mão. Traziam-me presentes nunca vistos na nossa aldeia, presentes tão generosos que os aldeãos falavam deles durante

dias. Sentei-me em almofadas bordadas a ouro e comi em pratos de prata cravejados de pedras preciosas, e pensei como era fácil habituarmo-nos à riqueza e como parecia estar certo de que eu o fizesse. Curei a filha de um homem poderoso, predisse a morte de um tirano, fiz desenhos no solo para que os marinheiros continuassem a ter ventos favoráveis. Quando olhava para eles, via homens feitos, a tremer e a rojar-se aos meus pés, e também isso parecia fácil e certo.

E foi assim que cresci altiva e voluntariosa. As musseli-nas que usava eram tão finas que passavam pelo buraco de uma agulha. Penteava-me com pentes feitos da casca das grandes tartarugas das Andamane. Mirava-me longamente em espelhos com molduras de madrepérola, embora soubesse bem que não era bela.

Esbofeteava as criadas se elas eram lentas na execução das minhas ordens. À hora das refeições, comia os melhores bocados e atirava os restos para o chão, para os meus irmãos apanharem. A minha mãe e o meu pai não se atreviam a exprimir a sua fúria porque tinham medo do meu poder. Mas também porque gostavam da vida de luxo que ele lhes proporcionava.

E quando li isso nos seus olhos senti desprezo e uma sensação amarga de triunfo nas entranhas, por ser então a primeira quando começara por ser a última. Havia mais outra coisa, uma tristeza profunda e muda, mas afastei-a e ignorei-a.

Eu, Nayan Tara, que há muito esquecera o outro significado do meu nome: “Flor que Nasce à Beira da Estrada Poeirenta.” Que não sabia então que este seria o meu nome por pouco mais tempo.

Entretanto, os bauls ambulantes cantavam os meus hinos, os ourives gravavam a minha efígie em medalhões que eram usados por milhares de pessoas para dar sorte, e os marinheiros atravessavam os mares subjugados e levavam histórias dos meus poderes a todas as terras.

Foi assim que os piratas souberam da minha existência.

AÇAFRÃO

Quando abrimos a lata que está à entrada da loja, sentimos logo o cheiro, embora o nosso cérebro leve um certo tempo a registar aquele aroma subtil, ligeiramente acre como a nossa pele e quase tão familiar.

Se passarmos a mão pela superfície, o pó amarelo sedoso agarra-se-nos às partes carnudas e à ponta dos dedos. Pó de uma asa de borboleta.

Aproximemo-lo da cara. Esfreguemo-lo na face, na testa e no queixo. Não hesitemos. Mil anos antes do começo da história, as noivas, e aquelas que anseiam por ficar noivas, fizeram o mesmo. Tira as manchas e as rugas e anula os sinais de envelhecimento e a gordura. Alguns dias depois, a nossa pele recupera um brilho dourado e pálido.

Cada especiaria tem um dia especial. No caso do açafrão é o domingo, quando a luz pastosa e cor de manteiga incide nas latas e as faz reluzir, quando rezamos aos nove planetas para que nos dêem amor e sorte.

O açafrão também se chama halud, que significa amarelo, cor da aurora e som das conchas do mar. Açafrão, aquele que conserva, que mantém os alimentos em segurança num país de calor e de fome. xA.çafrão, a especiaria auspiciosa, que se põe na cabeça dos recém-nascidos para dar sorte, que se asperge sobre os cocos nas pujas, que se esfrega na orla dos saris de casamento.

Mas há mais. É por isso que só as colho no preciso momento em que a noite se transforma em dia, àquelas raízes bulbosas que parecem dedos escuros e nodosos, é por isso que só as trituro quando Swati, a estrela da fé, exibe o seu brilho incandescente ao Norte.

Quando lhe pego, a especiaria fala comigo. A sua voz é como a noite, como o começo do mundo.

“Eu sou o açafrão que irrompeu do oceano de leite quando os devas e os asmas se agitaram e criaram os tesouros do universo.

Eu sou o açafrão, que chegou depois do veneno e antes do néctar e por isso está no meio.”

Sim, digo em voz baixa, deixando-me levar pelo seu ritmo. Sim, és o açafrão, que serve de escudo à tristeza, és a sagração da morte, a esperança no renascimento.

Entoamos esta canção juntos, como fizemos muitas vezes.

E é por isso que penso logo no açafrão quando a mulher de Ahuja entra esta manhã na minha loja, de óculos escuros.

A mulher de Ahuja é nova e parece ainda mais nova. Não é uma jovem impetuosa nem alegre mas inexperiente e hesitante, como alguém a quem disseram há pouco tempo que não é suficientemente boa.

Vem cá todas as semanas depois do dia de receber o ordenado e compra os géneros mais simples: arroz barato e grosseiro, dais em saldo, uma garrafinha de óleo e atta para fazer chapatis. Às vezes, vejo-a pegar num frasco de achar de manga ou num pacote de papads com um ar hesitante. Mas volta sempre a pô-los no mesmo sítio.

Ofereço-lhe um gulab-jamun que tiro da caixa de mithai, mas ela cora violentamente e abana a cabeça com um ar sofrido.

A mulher de Ahuja tem nome, evidentemente. Lalita. La-li-ta, três sílabas líquidas perfeitamente adequadas à sua beleza suave. Gostaria de tratá-la assim, mas como posso fazê-lo se ela se considera apenas uma esposa?

Ela não mo disse. Poucas vezes me dirige a palavra, sempre que cá vem, excepto para dizer “Namaste” e para perguntar: “Isto está em saldo?” e “Onde posso encontrar?” Mas eu sei que é assim, tal como sei outras coisas.

Por exemplo: Ahuja é guarda nas docas e gosta de beber um ou dois copos. Três ou quatro, nestes últimos tempos.

Por exemplo: ela também tem um dom, um poder, embora não o considere como tal.

Todos os tecidos em que toca com a sua agulha desabrocham.

Uma vez fui dar com ela inclinada sobre a arca onde guardo os tecidos, a olhar para o pal oo de um sari bordado com fio zari.

Tirei-o para fora.

— Aqui está — disse eu, dobrando-lho sobre o ombro. — Essa cor de manga fica-lhe tão bem.

— Não, não — disse ela, desculpando-se e recuando à pressa. — Eu estava só a ver os pontos.

— Ah, a senhora costura.

— Costurei muito, em tempos. Gostava muito. Em Kanpur frequentava a escola de costura, tinha a minha máquina Singer e havia muitas senhoras que me davam trabalhos.

Baixou o olhar. Na curvatura triste do pescoço vi o que ela não disse, o sonho que ousara ter: um dia, daí a pouco tempo... Talvez, por que não? Talvez tivesse a sua própria loja, Lalita Costureira.

Porém, há quatro anos, um vizinho bem-intencionado fora ter com a mãe dela e dissera: “Bahenji, há um rapaz, muito decente, que vive no phoren e recebe em dólares.” E a mãe dissera que sim.

— Por que não trabalha neste país? — perguntei. — Tenho a certeza que muitas senhoras precisam de trabalhos de costura. Não gostava de...

Ela deitou-me um olhar melancólico: — Oh, se gostava — disse. Depois calou-se.

Aqui está o que ela me quer dizer, mas como pode fazê-lo? Não está certo que uma mulher diga certas coisas do seu homem: todo o dia em casa, sozinha, e o silêncio parece areia movediça que lhe suga os pulsos e os tornozelos. Lágrimas que ela não consegue suster, lágrimas desobedientes como sementes de romã, e os gritos de Ahuja quando volta para casa e lhe vê os olhos inchados.

Recusa-se a que a mulher trabalhe. “Não sou suficientemente homem, suficientemente homem?” As palavras tilintam como pratos levantados da mesa do jantar.

Hoje, embrulho as suas compras, modestas como sempre: masoor dal, um quilo de atta, um pouco de jeera. Depois vejo-a olhar para a vitrina, para uma roca de prata, os olhos escuros como um poço.

Porque isso é o que a mulher de Ahuja deseja acima de tudo. Um bebé. De certeza que um bebé resolveria tudo, até os suspiros, o mau humor, as noites intermináveis, o peso que a abate, o bafo animalesco, quente e acre. A voz dele que parece uma mão calejada a sair da escuridão.

Um bebé que anulasse tudo aquilo, sugando-lhe o leite com a sua boquinha dócil.

O desejo de ter um filho, o desejo mais profundo, mais profundo do que o da riqueza, do amor ou mesmo da morte. Pesa na atmosfera da loja, cor de púrpura como o céu antes da tempestade. Exala o cheiro do trovão. Queima.

O Lalita que ainda não é Lalita, eu tenho o bálsamo para aplicar nas tuas queimaduras. Mas como, a não ser que te prepares, que te abras para a tempestade? Como, a não ser que tu peças?

Entretanto, dou-te açafrão.

Uma mão-cheia de açafrão embrulhado em papel de jornal com palavras de cura sussurradas, enfiada no teu saco das compras quando estavas distraída. O fio atado num nó triplo e, lá dentro, o açafrão, macio como a seda, da mesma cor da nódoa negra que tens na face, debaixo dos óculos escuros.

Às vezes pergunto a mim própria se a realidade existe, uma natureza do ser objectiva e intacta. Ou se tudo aquilo com que deparamos já foi alterado pelo que julgávamos que era. Se sonhámos com isso.

Penso mais nisto quando me lembro dos piratas.

Os piratas tinham dentes que pareciam pedra polida e cimitarras com cabos feitos de presas de ursos. Tinham os dedos cheios de anéis, ametistas, berilos e granadas, e, ao pescoço, safiras, para darem sorte no mar. Untada com óleo de baleia, a pele deles tinha o brilho escuro do ébano ou o brilho pálido da casca do vidoeiro, porque os piratas provêm de muitas raças e de muitas terras.

Tudo isto aprendi nas histórias que nos contam, na infância, ao deitar.

Eles assaltavam, pilhavam e incendiavam, e quando partiam levavam as crianças.

Rapazes para fazer mais piratas, e raparigas para os seus prazeres malignos, segredava a nossa velha criada, estremecendo de volúpia, quando apagava a luz nas nossas mesas-de-cabeceira.

Sabia tanto de piratas como qualquer de nós, crianças. Havia pelo menos cem anos que não se viam piratas na nossa pequena aldeia fluvial. Duvido que ela acreditasse neles.

Mas eu acredito. Muito depois de as histórias terem acabado, eu ficava acordada e pensava neles com um desejo ardente. Eles estavam algures no mar imenso, altos e resolutos, na proa dos seus barcos, de braços cruzados, rostos graníticos virados para a nossa aldeia, com os cabelos revoltos pelo vento salgado.

O mesmo vento salgado que me varria. Inquietação. Como a minha vida se tornara cansativa, os hinos infindáveis, os cânticos de adulação, as montanhas de presentes, a deferência receosa dos meus pais. E aquelas noites intermináveis em que eu ficava acordada com a tagarelice das raparigas que ciciavam nomes de rapazes nos seus sonhos.

Enterrava a cara na almofada para fugir ao vazio que se abria como uma mão negra dentro do meu peito. Concentrava-me no meu descontentamento, até ele cintilar como um anzol, e depois lançava-o ao mar, à procura dos meus piratas.

Recorria ao apelo, embora só mais tarde, na ilha, soubesse o seu nome. O apelo que, como a Velha nos dizia, pode conceder-nos o que quisermos: um amante ao nosso lado, um inimigo aos nossos pés. Que pode tirar uma alma do corpo de um homem e colocá-la, viva e a pulsar, na palma da nossa mão. Que, quando usado de uma forma imperfeita e descontrolada, pode causar uma destruição inimaginável.

E é assim. Outros podem censurar os marinheiros que levam as minhas histórias para todo o lado para que os piratas venham. Mas eu é que sei.

Chegaram ao anoitecer. Mais tarde concluí que fora o momento apropriado, o momento em que o dia não pode separar-se da noite, em que a realidade não se distingue do desejo. Um mastro escuro abrindo caminho na névoa crepuscular, uma série de tochas exibindo o seu vermelho ávido que cintilava por entre as cabanas, as medas de feno e os celeiros, já a cheirar a carne chamuscada. E, mais tarde, os olhos esgazeados dos aldeãos, as bocas prontas a gritar e o fumo a aumentar.

Tínhamos acabado de comer quando os piratas escavacaram as paredes de bambu da casa do meu pai e avançaram na nossa direcção. A gordura escorria-lhes do rosto enegrecido e, por entre os lábios entreabertos, viam-se os dentes polidos como pedras. Os

olhos, também. Polidos e cegos quando avançaram para mim, impelidos pela força do apelo, esse anzol de ouro que eu tivera a imprudência de lançar à água. Um pé afastou taças e jarros, espalhando o arroz, o peixe e o mel de palma, um braço no ar apontando uma espada ao peito do meu pai. Outras mãos retiraram os tapetes das paredes, arrastaram as mulheres para os cantos, empilharam colares e brincos e faixas e enfeitaram com pedras preciosas uma saia verde que uma das minhas irmãs tinha vestida.

"Mãe, nunca pensei que isto fosse assim." Tentei impedi-los. Gritei todos os feitiços que sabia até enrouquecer, fiz os sinais do poder com as mãos a tremer. Soprei num caco para o transformar em pedra e atirei-o ao peito do chefe dos piratas. Mas ele desviou-o com um dedo e ordenou aos seus homens que me atassem.

O meu pensamento apelativo pusera em movimento uma roda do carro de Crixna que nem mesmo eu consegui suspender.

Eles levaram-me e atravessaram a aldeia em chamas. Sentia-me entorpecida pelo choque e pela vergonha, por este novo desamparo. A combustão lenta da pedra. Os animais a berrar, aterrados. A voz do chefe dos piratas sobrepunha-se aos gemidos dos moribundos, atribuindo-me, com uma ironia terrível, o meu novo nome.

Bhagyavati, "Aquela Que Dá Sorte", pois era isso que eu seria para eles.

"Pais, irmãs, perdoem-me, a mim que fui Nayan Tara, que quis o vosso amor mas que só consegui o vosso medo. Perdoa-me, minha aldeia, a mim que te fiz isto mercê do tédio e da desilusão."

O sofrimento deles doeu-me como carvões em brasa no peito quando os piratas me atiraram para a coberta do barco, no momento em que içámos a vela e a linha flamejante da minha terra natal desapareceu no horizonte. Muito depois de o apelo ter funcionado e de os meus poderes terem regressado, reforçados pelo ódio como tantas vezes acontece, muito depois de eu ter convencido o chefe a tornar-me rainha dos piratas (pois não sabia que mais poderia ser), aquela dor atingiu-me. A vingança não a acalmou, como eu julgara que aconteceria.

Não foi esta a última vez que me enganei quanto ao meu coração.

Ah, estava convencida de que arderia para sempre, mesmo depois de estar cheia de cicatrizes e sem pele, e bendizia o castigo.

Durante um ano — ou foram dois? Ou três? O tempo voa em certos momentos da minha história — vivi como uma rainha, conduzindo os meus piratas à fama e à glória, para que os bardos cantassem as suas façanhas destemidas. Suportei em segredo esta dor que se cravou em todos os cantos do meu coração. Esta dor, cuja outra face era a verdade que eu aprendera tão a custo: o feitiço é maior do que o feiticeiro; uma vez à solta, não pode ser controlado.

Durante noites e noites vagueei pelas cobertas sozinha e sem sono, eu, Bhagyavati, feiticeira, rainha dos piratas, portadora de sorte e de morte, com a minha capa a arrastar na poeira do sal como uma asa quebrada.

Ter-me-ia rido, mas não me restaram sorrisos. Nem lágrimas.

Nunca as esquecerei, esta dor e esta verdade, disse a mim própria. Nunca.

Não sabia então que tudo se esquece. Um dia.

Agora, porém, tenho de falar-vos das cobras.

As cobras estão em toda a parte, mesmo em nossas casas, no nosso quarto favorito. Talvez na lareira ou enroscadas num ninho, na parede, ou camufladas entre os fios da carpete. Aquele estremecimento ao canto do olho, que desaparece quando nos voltamos.

A loja? A loja está cheia delas.

Estão admirados? Dizem que nunca viram nenhuma. Isso é porque elas se aperfeiçoaram na arte da invisibilidade. Se não quiserem, ninguém as verá.

Não, eu também não as vejo. Já não as vejo.

Mas sei que elas estão ali. É por isso que todas as manhãs, antes de os clientes chegarem, coloco taças de leite nos cantos recônditos da loja. Atrás dos sacos de basmati, no espaço exíguo por baixo das prateleiras de dais, junto da vitrina cheia de peças de artesanato vistoso que os indianos só compram quando precisam de presentear os americanos. Tenho de me sair bem da tarefa, tactear o chão à procura do sítio correcto, quente como a pele e palpitante.

Tenho de olhar na direcção certa, norte-noroeste, que se chama ishan na velha língua. Tenho de ciciar as palavras de convite.

Cobras. O mais antigo dos seres, o mais próximo da mãe-terra, deslizando com energia pelo seu peito. Sempre gostei muito delas.

Outrora, também elas gostavam de mim.

Nos campos gretados pelo calor atrás da casa do meu pai, as cobras terrestres protegiam-me do sol quando eu estava cansada de brincar. Os seus capelos estendiam-se, ondulantes, e o seu odor fresco como terra molhada sentia-se nas plantações de bananeiras. Nos riachos que bordejavam a aldeia, as cobras do rio nadavam a meu lado, setas douradas que atravessavam a água manchada de sol, contando histórias. Mil anos depois, os ossos dos afogados transformavam-se em corais brancos e os olhos deles em pérolas negras. No fundo de uma caverna, debaixo de água, vive o rei das cobras, Nagraj, que guarda pilhas de tesouros.

E as cobras dos oceanos, as serpentes marinhas?

Salvaram-me a vida.

Prestem atenção, que vou contar-vos como foi.

Quando eu fui a rainha dos piratas durante algum tempo, uma noite subi à proa do barco. Estávamos de mau humor. A minha volta, o oceano escuro e espesso parecia ferro grumoso. Pressionava-me, tal como a minha vida. Pensei nos anos passados, em todos os ataques que desferira, em todos os barcos que pilhara, em todas as riquezas que acumulara e distribuíra sem sentido. Olhei para os anos que tinha à minha frente e vi o mesmo: vagas escuras e geladas, umas atrás das outras.

— Eu quero, eu quero — disse em voz baixa.

Mas não sabia o que queria, sabia apenas que não era isto.

Era a morte? Era possível.

E foi então que lancei outro apelo à superfície da água.

O céu escureceu como as escamas de um peixe hilsa que tivesse dado à costa, o ar chispava e picava, o vento chorava nos nossos mastros e rasgava as nossas velas.

E então ele apareceu no horizonte, o grande tufão que eu acordara do seu sono nas profundezas do oceano, a leste. Veio na minha direcção, e por baixo dele a água fervia.

Os piratas gritavam, horrorizados, nos porões, mas o som era abafado, como um eco do meu passado. Quando o nosso coração está encrustado na nossa própria dor, é fácil ignorarmos os outros. Nasceu em mim uma pergunta como a ponta de um mastro partido num mar agitado pela tempestade. Teriam outras vozes chamado por mim neste tom, outrora, há muito tempo? Mas deixei-a misturar-se com o rugido, sem resposta.

"Oh, liberdade", pensei. Ser içada pelo olho do caos, equilibrar-me sem fôlego à beira do nada. E o mergulho que se seguiria, o meu corpo, qual pau de fósforo desfeito em pedacinhos, os ossos a voarem livres como a espuma, o coração finalmente solto.

Porém, quando vi aquela boca afunilada em cima de mim, e dentro dela os clarões acinzentados como facas a rodopiar, um frio pesado abateu-se sobre mim. Sabia que não estava pronta. O mundo era doce como nunca, de súbito, tremendamente doce, e eu desejava-o com toda a minha alma.

— Por favor! — gritei.

Mas não sabia a quem.

Era demasiado tarde para Bhagyavati, a portadora da morte.

Depois ouvi-as.

Um som baixo, não mais do que um murmúrio, nada que se comparasse ao grito do vento. Mas que vinha de qualquer lado profundo e lento, talvez do meio do oceano.

O barco vibrava com ele e o meu coração também. E as cabeças delas imóveis por cima da água revolta, o brilho calmo da jóia que cada uma trazia na cabeça. Ou então era o brilho dos seus olhos que me atraía tanto.

Não sei quando é que o tufão subiu ao céu, quando é que as ondas acalmaram. O

meu corpo estava cheio dos seus cânticos, leve e brilhante.

As serpentes marinhas que dormem todo o dia em grutas de coral, que vêm à superfície só quando Dhruva, a estrela do Norte, despeja o seu frasquinho de luz leitosa no mar. A sua pele como madrepérola derretida, as línguas como uma vaga de prata polida. Que os olhos dos mortais raramente vêem.

Mais tarde, eu perguntaria: — Por que me salvaram, porquê?

As serpentes nunca me responderam. Qual é a resposta do amor?

Foram as serpentes marinhas que me falaram da ilha. E ao fazê-lo salvaram-me mais uma vez. Ou não? Às vezes não tenho a certeza.

— Contem-me mais coisas.

— A ilha sempre esteve ali — disseram as cobras. — E a Velha também. Até nós que vimos as montanhas brotarem das rochas no fundo do mar, que lá estávamos quando Samudra Puri, a cidade perfeita, submergiu após o grande dilúvio, não sabemos qual a sua origem.

— E as especiarias?

— Sempre. O seu aroma é como as notas longas e encaracoladas do shehnai, como o madol que acelera o sangue com o seu ritmo desenfreado, mesmo através de um oceano.

— A ilha propriamente dita, como é? E ela?

— Só a vimos de longe: um vulcão verde, adormecido, a areia vermelha das praias, as formações de granito que parecem dentes cinzentos. Nas noites em que a Velha sobe ao ponto mais alto é uma coluna de labaredas. As suas mãos enviam a escrita do trovão dos céus.

— Não quiseram lá ir?

— É perigoso. Na ilha e também nas águas que banham as suas raízes, só o poder dela subsiste. Noutros tempos tivemos um irmão Ratna-nag, com olhos de opala, o curioso. Ouviu os cânticos e atreveu-se a aproximar-se embora o tivéssemos avisado.

— E depois?

— Muitos dias depois, a sua pele voltou para nós a flutuar, a pele perfeita, ainda macia como uma alga recém-nascida, a cheirar a especiarias. E por cima dela, aos gritos, descrevendo círculos até ao pôr do Sol, um pássaro com olhos de opala.

— A ilha das especiarias — disse eu.

E parecia que encontrara finalmente um nome para o meu desejo.

— Não vás lá — gritaram as serpentes. — Anda antes connosco. Dar-te-emos um novo nome, um novo ser. Serás Sarpa Kanya, a cobra menina. Levar-te-emos aos sete mares no nosso dorso.

Motrar-te-emos onde dorme Samudra Puri, no fundo, do mar, aguardando a sua oportunidade. Talvez sejas tu que o vais acordar.

Se elas me tivessem pedido aquilo antes!

Os primeiros raios da aurora projectaram-se na água. A pele das serpentes tornou-se transparente, ficou cor das ondas. O chamamento das especiarias percorreu-me as veias, imparável. Virei a cara e olhei para onde imaginava que a ilha estivesse à minha espera.

De súbito, tristes e furiosas, ouvi-lhes o silvo. As caudas fustigavam a água esbranquiçada.

— Ela vai perder tudo, a tonta. A visão, a voz e o nome. Talvez se perca mesmo a si própria.

— Nunca lhe devíamos ter falado nisto. Mas a mais velha disse: — Ela teria sabido de outra maneira qualquer. Reparem no brilho das especiarias debaixo da pele dela. É um sinal do destino.

E antes que o oceano se fechasse, opaco, sobre a sua cabeça, ela ensinou-me o caminho.

Não voltei a ver as serpentes marinhas.

Elas foram as primeiras de todos aqueles que as especiarias afastaram de mim.

Ouvi dizer que também aqui, na América, há serpentes, no oceano que fica para além da ponte vermelho-dourada.

Não fui vê-las. Estou proibida de deixar a loja.

Não. Tenho de dizer-vos qual é o verdadeiro motivo.

Tenho medo que elas não me apareçam. Que não me tenham perdoado por ter optado pelas especiarias em vez delas.

Coloco o último prato debaixo da vitrina de objectos de artesanato e endireito-me com uma mão nas costas. Às vezes sinto-me cansada deste velho corpo que vesti quando vim para a América, e das suas dores. A Primeira Mãe tinha-me avisado.

Penso nos seus outros conselhos em que também não acreditei.

Amanhã, retiro o prato, vazio e lambido até reluzir, e nem sequer um resto de pele para eu ver.

Mesmo assim, às vezes penso em tentar. Ficar ali no meio da névoa nocturna, no extremo da terra, numa mata de ciprestes inclinados, entre as sereias de nevoeiro e o ladrido das focas, a cantar para elas. Ponho shalparni, a erva da memória e da

persuasão, na língua e cantarolo as velhas palavras. E mesmo que elas não apareçam, pelo menos eu tentei.

Talvez peça a Haroun, que conduz o Rol s-Royce de Mrs. Kapadia, e cujos passos leves como o riso ouço agora do lado de fora da porta, para me levar lá no seu dia de folga.

— Minha senhora — diz Haroun ao entrar, trazendo o aroma dos pinheiros e do akhrot, a noz branca e encarquilhada dos montes de Caxemira, onde nasceu. — Oh, minha senhora, tenho novidades para si.

Os seus pés voam sobre o linóleo gasto, quase sem lhe tocarem. A sua boca é uma luz ansiosa.

Sempre foi assim. Desde a primeira vez que entrou na loja, atrás da arrogante Mrs. K., a descobrir e a empilhar, a transportar e a fazer salamaleques, mas sempre com um misto de alegria e de tristeza no olhar que dizia: “Estou aqui a fazer isto apenas durante algum tempo.” E naquela noite voltou sozinho e disse: — Minha senhora, por favor leia a minha mão.

E estendeu-me as mãos calejadas e viradas para cima.

— Não sei ler o futuro — respondi-lhe.

E é verdade que não sei, a Velha não ensinou isso às Mestras.

— Isso impede-vos de ter esperança — explicou ela. — De tentarem fazer o vosso melhor. De confiarem inteiramente nas especiarias.

— Mas o Ahmad disseme que a senhora o ajudara a arranjar uma licença de trabalho... Não, não abane a cabeça, e o Najib Mokhtar estava quase a ser despedido e três dias depois veio ter consigo e a senhora deu-lhe um chá especial para fazer e beber, subhanal ah... O chefe dele foi transferido para Cleveland e o Najib ficou a substituí-lo.

— Eu, não. Foi o dashmul, a erva das dez raízes.

Mas ele continuava de mãos estendidas à minha frente, umas mãos tão robustas e confiantes, que por fim fui obrigada a apontar para os calos e a perguntar: — Como é que arranjou isso?

— Ora, a carregar carvão para o barco, quando cheguei, e depois na oficina de automóveis. Chaves inglesas e alavancas para

pneus e pelo meio uns trabalhos na estrada com martelos pneumáticos e a espalhar alcatrão.

— E antes disso?

Uma pequena tremura nas mãos. Uma pausa.

— Sim, antes disso também. Lá em casa somos barqueiros, no lago Dal. O meu avô, o meu pai e eu conduzimos shikara para os turistas que vêm da Europa e da América. Com o dinheiro de um ano forrámos os bancos de seda vermelha.

Não quis ouvir mais nada. Já sentia o seu passado nos sulcos pronunciados e escuros como trovões que nasciam na palma das suas mãos.

De debaixo do balcão tirei uma caixa de chandan, pó de madeira de sândalo, que alivia as dores da memória. Aspergi a sua fragrância sedosa nas mãos de Haroun, tendo o cuidado de não lhes tocar. Nas linhas da vida.

— Esfregue.

Ele obedeceu, mas distraído.

E enquanto as esfregava contou-me a sua história.

— Um dia, começaram as lutas, e os turistas deixaram de aparecer. Os rebeldes desceram dos desfiladeiros com metralhadoras e olhos como buracos negros, sim, nas ruas de Srinagar, nome que significa cidade auspiciosa. Disse ao pai Abbajan que devíamos partir, mas o avô atalhou: “Toba, toba, para onde iremos se esta é a terra dos nossos antepassados?”

— Chiu — disse eu, afastando as linhas antigas da sua mão, libertando as suas tristezas na atmosfera sombria da loja. As suas tristezas rodopiavam por cima das nossas cabeças à procura de um novo lar, como fazem todas as tristezas libertadas.

Mesmo assim ele falou deles, com palavras sincopadas como se fossem lascas de pedra.

— Rebeldes de uma noite. Na nossa aldeia à beira do lago. Vieram buscar os rapazes. Abbajan. tentou impedi-los. Houve tiros. Que ressoavam na água. Sangue, sangue e mais sangue. Até o avô, que estava a dormir. Seda vermelha de shikara ainda mais vermelha. Quem me dera eu também eu também...

Quando o último chandan se derreteu nas suas mãos, ele estremeceu e calou-se.

Pestanejou, estremunhado, como se estivesse a acordar.

— O que estava eu a dizer?

— Queria saber o seu futuro.

— Ah, sim.

Um sorriso a ganhar forma tão lenta e tristemente nos seus lábios, como se ele estivesse a aprender aquilo tudo de novo.

— Parece bom, muito bom. Acontecer-lhe-ão grandes coisas neste novo país, nesta América. Riqueza e felicidade e talvez até amor, uma bela mulher com olhos escuros de flor de lótus.

— Ah! — disse ele, com um pequeno suspiro.

E antes que eu pudesse impedi-lo, ele inclinou-se e beijou-me as mãos.

— Agradeço-lhe, minha senhora.

Os seus caracóis negros eram macios e brilhantes, o céu numa noite de Verão. A boca era um círculo de fogo, que me queimava a pele, e o seu prazer percorria-me as veias, queimando-as também.

Não devia ter permitido aquilo. Mas como podia evitá-lo?

Todas aquelas coisas contra as quais me avisaste, Primeira Mãe, eram as que eu desejava. Os seus lábios reconhecidos, inocentes e ardentes na palma da minha mão, as suas tristezas brilhando como pirilampos acesos no meu cabelo.

Ao mesmo tempo, qualquer coisa dentro de mim se retorceu com medo. Um pouco por mim, mas mais por ele. Não consigo ver o futuro, é verdade. Mas aquele seu pulsar desesperado, o sangue a correr depressa de mais como se soubesse que tinha pouco tempo...

Haroun penetrou alegremente na escuridão perigosa que o esperava lá fora, sem medo porque eu não lhe prometera nada. Eu, que posso fazer com que tudo aconteça, licenças de trabalho, promoções e raparigas com olhos de flor de lótus.

Eu, Tilo, arquitecta do sonho emigrante.

Ó Haroun, pedi por ti à atmosfera crepitante que deixaste para trás. A madeira de sândalo mantém-lhe o brilho do olhar. Mas houve uma explosão súbita lá fora, o escape de um autocarro ou talvez um tiro. Que abafou a minha prece.

Hoje admito alegremente que tenho estado enganada. Passaram-se três meses e Haroun, a sorrir com dentes de sol e novas palavras americanas, diz: — Minha senhora, nem vai acreditar nisto. Deixei de trabalhar para essa Kapadia memsaab.

Fiquei à espera que ele explicasse.

— Toda essa gente rica pensa que ainda está na índia. Tratam-nos como janwaars, como animais. Mandam fazer isto, mandam fazer aquilo, constantemente. E, depois de termos gasto as solas a correr de um lado para o outro por causa deles, nem sequer fazem um gesto de agradecimento.

— E agora, Haroun?

— Ouça, ouça. Ontem à noite, estava eu no McDonald's, ao lado da Tinturaria Thrifty, na Rua Quatro, quando alguém me pousou a mão no ombro. Sobressaltei-me porque, como se lembra, no mês passado houve um tiroteio, alguém que pediu dinheiro e não lhe deram o suficiente. Rezei a Alá ao virar-me, mas era apenas o Mujibar, da aldeia do meu tio, perto de Pahalgaon. O Mujibar nem sequer sabia que eu estava na América. Ele também está a sair-se bem, já tem dois táxis e anda à procura de um motorista. Paga bem, segundo me disse, em especial para um colega de Caxemira e talvez mais tarde seja possível eu comprar o táxi. E, sabe? Não há nada como sermos patrões de nós próprios. Por isso disse que sim e avisei a memsaab de que me ia embora. Digo-lhe, ficou escarlate como uma beringela.

Portanto, a partir de amanhã, vou guiar um táxi amarelo e preto como um girassol — Um táxi — repeti estupidamente. Senti um aperto gelado no ventre, sem saber porquê.

— Minha senhora, tenho de lhe agradecer. Tudo isto foi do seu keramat, e agora venha ver o meu táxi, que está lá fora. Venha, venha, que não acontece nada à loja se sair por um minuto.

Ó Haroun, nos teus olhos suplicantes vejo uma alegria que não será real senão quando a partilhares com alguém que te seja querido, e neste país distante quem mais é que tens? Por isso tenho de pisar o solo proibido de betão americano, deixando para trás a loja como nunca julguei fazer.

Atrás de mim ouço um silvo, como um murmúrio escandalizado e reprimido, ou talvez seja apenas o vapor a sair de uma grelha subterrânea.

O táxi está ali como Haroun prometeu, na sua concha de manteiga, macia e doce, mas que me causa um arrepio ainda antes de Haroun dizer: — Toque-lhe.

E eu estendo a mão.

A visão explode de novo nas minhas pálpebras como fogo-de-artifício mal lançado.

Escuro como breu, as portas do carro abrem-se de repente assim como o porta-luvas, e está alguém caído sobre o volante. É um homem ou uma mulher? E o cabelo encaracolado é preto e suado como o medo, é uma boca outrora sorridente e a pele tem escoriações, ou é apenas uma sombra a cair?

Aquilo passa.

— Minha senhora, sente-se bem? Tem a cara cinzenta como um jornal velho. Estar ali naquela loja tão grande é de mais para si. Quantas vezes lhe disse que pusesse um anúncio no índia West a pedir um ajudante?

— Eu estou bem, Haroun. É um belo automóvel. Mas tenha cuidado.

— Ó minha senhora, não esteja tão preocupada, parece a minha velha nani lá na terra. Está bem, faça-me um embrulhinho mágico e da próxima vez que cá vier ponho-o no carro para dar sorte. Agora estou com pressa. Prometi aos rapazes ir ter com eles ao Akbar's e comprar-lhes khana especial.

Ele precisa, ele precisa...

Mas antes de pensar na especiaria, ele já se foi embora. Ouço apenas o estalido da porta a fechar-se, o ruído alegre do motor, o cheiro suave a gasolina a pairar no ar como uma promessa de aventura.

Tilo, não sejas tão fantasiosa.

Na loja, espera-me o desagrado das especiarias. Tenho de lhes pedir desculpa. Mas não posso deixar de pensar em Haroun. Na atmosfera acastanhada, a minha língua sabe a cobre, como um pesadelo a que escapamos por instantes, debatendo-nos, porque se

dormirmos cairemos nele outra vez, mas os nossos olhos pesam como chumbo e fecham-se.

Talvez eu também esteja enganada desta vez.

Por que não consigo acreditar nisso?

Kalojire, creio, antes da visão me assaltar outra vez, sangue e ossos partidos e um gritinho como um filamento vermelho a estrangular a noite. Tenho de tomar kalo jire, a especiaria de Ketu, o planeta sombrio que protege do mau olhado. Uma especiaria que é negro-azulada e brilhante como a floresta de Sundarban, onde foi encontrada pela primeira vez. Kalojire, que tem a forma de uma lágrima, um cheiro rude e selvagem como um tigre, para resguardar o que o destino determinou para Haroun.

Já devem ter adivinhado. São as mãos que invocam o poder das especiarias. O

hater gun, como lhe chamam.

Por isso, a primeira coisa que a Velha examina quando as raparigas vão à ilha é as mãos.

E diz assim: — Uma boa mão não é nem muito leve nem muito pesada. As mãos leves são criaturas do vento, que voam para um lado e para o outro ao sabor dos seus desejos. As mãos pesadas... caem com o seu próprio peso, não têm espírito. São apenas pedaços de carne para os vermes que esperam debaixo da terra.

“Uma boa mão não tem manchas castanhas na palma, um sinal de maldade.

Quando a pomos em concha e a viramos para o sol, não há espaços entre os dedos para que os feitiços e as especiarias não escorreguem.

“Nem fria nem quente como a barriga da cobra, porque uma Mestra de Especiarias tem de sentir as dores alheias. “Nem quente nem húmida como a respiração de um amante expectante encostado ao vidro da janela, porque uma Mestra tem de deitar as suas paixões para trás das costas.

“No centro de uma boa mão está gravado um lírio invisível, a flor da virtude fria, que brilha como uma pérola à meia-noite.”

As vossas mãos ajustam-se a esta litania? Nem as minhas.

Então como é que me tornei Mestra?, perguntam. Esperem, que vou contar-vos uma coisa.

A partir do momento em que a serpente mais velha me ensinou o caminho, conduzi os piratas de noite e de dia, implacável, até eles caírem no convés, exaustos, sem se atreverem a perguntar fosse o que fosse. Depois, uma noite, avistámos no horizonte uma mancha que parecia fumo ou névoa. Mas eu sabia o que era.

"Lancem a âncora", ordenei, e não disse mais nada. E, enquanto a tripulação cansada dormia como se estivesse em transe, eu mergulhei no oceano da meia-noite.

A ilha ficava longe, mas eu estava confiante. Entoei um cântico pedindo a leveza e avancei através das ondas, leve como uma pena. Mas ainda a ilha era pequena como um punho virado para o céu e o cântico morreu-me na garganta. Os braços e pernas tornaram-se pesados e não me obedeceram. Naquelas águas encantadas por uma feiticeira mais dotada, o meu poder não era nada. Lutei, debati-me e engoli água salgada como qualquer outro mortal desajeitado, até que por fim me arrastei para a areia e desfaleci numa espiral de sonhos.

Sonhos de que não me lembro, mas nunca esquecerei a voz que deles me despertou. Fria e granulosa, com um laivo de troça, profunda, uma voz na qual poderíamos mergulhar o nosso coração.

— O que é que o deus do mar vomitou na nossa praia esta manhã?

A Velha estava rodeada pelas suas noviças. Por trás da sua cabeça, o sol formava um halo, e nas suas pestanas tremelúziam reflexos de muitas cores. De tal modo que caí de joelhos e fui obrigada a baixar as minhas, endurecidas pela areia.

Então reparei que estava nua. O mar despojara-me de tudo, das roupas, da magia e até do assomo de arrogância. Atirara-me para os pés dela, privada de tudo excepto do meu corpo escuro e desagradável.

Envergonhada, cobri-me com os cabelos endurecidos pelo sal. Envergonhada, cruzei os braços sobre o peito e baixei a cabeça.

Mas ela tirava já o seu xaile e punha-o nos meus ombros. Macio e cinzento como o pescoço de uma pomba, e exalando o aroma das especiarias como um mistério, ele intensificou o meu desejo de aprender. E as mãos dela. Macias, mas com a pele tisnada cor-de-

rosa e branca e encarquilhada até aos cotovelos, como se ela os tivesse enfiado há muito numa fogueira.

— Quem és tu, criança?

Quem era eu? Não soube dizer. O meu nome já se desvanecera no sol-nascente da ilha, como uma estrela nocturna que tivesse desaparecido. Só muito mais tarde, quando ela me ensinasse as ervas da memória, é que eu o recuperaria... e a minha vida passada... também.

— O que queres de mim?

Em silêncio, olhei para ela, que me pareceu de súbito a mais velha e a mais bela das mulheres, com as suas rugas prateadas, embora mais tarde me tenha apercebido de que não era bela no sentido em que os homens usam esta palavra. A sua voz, que eu viria a conhecer depois em todos os seus tons, fúria, troça e tristeza, era suave como o vento que agitava as caneleiras atrás dela. Um desejo ardente de lhe pertencer fustigou-me como as ondas com que me debatera durante a noite.

Creio que ela me adivinhou os pensamentos, a Velha. Ou talvez todos aqueles que vinham ao seu encontro fossem assaltados pelo mesmo desejo.

Ela deu um pequeno suspiro. O peso da adoração é difícil de suportar, sei-o agora.

— Deixa-me ver.

E tomou as minhas mãos nas suas, que passara pelo fogo, sabe-se lá onde.

Demasiado leves, demasiado quentes, demasiado húmidas. As minhas mãos encheram-se de sardas como o dorso de uma tarambola dourada. As mãos onde à meia-noite floresceria a pimpinela.

A Velha recuara um passo.

— Não.

Todos os anos saem da ilha mil raparigas por não terem as mãos adequadas. Não interessa que tenham o dom da segunda visão, nem que o seu corpo se destaque delas e viaje pelo céu. A Velha é inflexível.

Todos os anos saem mil raparigas cujas mãos as impediram de se atirarem ao mar para regressarem a casa. Porque a morte é mais fácil de suportar do que a vida vulgar — cozinhar, lavar a roupa e tomar banho no lago das mulheres, criar os filhos que um dia nos deixam — sempre a lembrarmo-nos dela, na qual depositámos as nossas esperanças.

Elas transformam-se em espectros, espíritos de névoa e de sal, que gritam como as gaivotas.

Também eu poderia ter sido uma delas, se não fossem os ossos.

Foi por isso que a Velha não resistiu a tomar de novo as minhas mãos nas suas. Foi por isso que me deixou ficar na ilha, apesar de toda a sabedoria ter gritado não.

O mais importante numa boa mão são os ossos. Têm de ser macios como pedra polida pela água e flexíveis para que a Velha lhes toque quando nos pega nas mãos, quando nelas deposita as especiarias. Elas têm de saber cantar às especiarias.

— Eu devia ter-te obrigado a partir — disseme a Velha mais tarde, abanando a cabeça tristemente. — Eram mãos de vulcão, que ferviam com o risco, que aguardavam o momento de explodir. Mas não consegui.

— Por quê, Primeira Mãe?

— Eras a única em cujas mãos as especiarias cantavam.

CANELA

Deixem-me falar das malaguetas.

A malagueta seca, a lanka, e a mais poderosa das especiarias. Com a sua pele vermelha e empolada, é a mais bela. O seu outro nome é “perigo”.

A malagueta canta como a voz de um falcão que voa em circulo à volta de montes descorados pelo sol, onde nada cresce. “Eu, a lanka, nasci de Agni, o deus do fogo, escorri das pontas dos seus dedos para trazer o sabor a esta terra amena.”

Lanka, acho que estou apaixonada por ti.

A malagueta cresce mesmo no centro da ilha, no meio de um vulcão adormecido. Só quando atingimos o terceiro nível de aprendizagem é que somos autorizadas a aproximar-nos dela.

Malagueta, a especiaria da quinta-feira vermelha, que é o dia do ajuste de contas.

Um dia que nos convida a pegar no fardo da nossa existência e a despejá-lo. O dia do suicídio, o dia do assassínio.

Lanka, lanka. Às vezes, enrolo o teu nome na língua. Saboreio o teu ardor atraente.

Tantas vezes a Velha me pôs de sobreaviso contra os teus poderes.

— Filhas, usem-na apenas como último recurso. É fácil desencadear um incêndio. E como o extinguimos?

É por isso que eu continuo, lanka, cujo nome o Ravana de dez cabeças adoptou para o seu reino encantado. Cidade de um milhão de jóias que ficou reduzida a cinzas. Embora me tenha sentido tentada mais do que uma vez.

Como aconteceu quando Jagjit veio à loja.

No quarto interior da loja, na prateleira mais alta, está um frasco selado cheio de vagens vermelhas. Um dia abri-lo-ei e as malaguetas flutuarão até caírem no chão.

E arderem.

Lanka, criança de fogo, purificadora do mal. Para quando não existe outro recurso.

Jagjit vem à loja com a mãe. Fica meio escondido atrás dela, com os dedos na dupatta dela, embora já tenha dez anos e meio e seja alto como um bambu.

— O Jagjit, não te agarres a mim como se fosses uma rapariga. Vai buscar-me uma embalagem de sabu papads.

Jagjit, com os pulsos finos e assustados, que tem problemas na escola porque ainda só sabe punjabi. Jagjit, que o professor pôs na ultima fila, ao lado do rapaz de olhos azuis leitosos, que se baba. Jagjit, que aprendeu a sua primeira palavra em inglês: “Idiota, idiota, idiota.”

Vou às traseiras, onde ele observa, confuso, as prateleiras de papads, as embalagens impressas com hieróglifos em hindi e em inglês.

Estendo-lhe os sabu papads. Digo-lhe: — São estes brancos, ásperos, estás a ver? Para a próxima vez já sabes.

Jagjit, de olhar tímido, com o teu turbante verde de que os miúdos da escola troçam, sabes que o teu nome significa conquistador do mundo?

Mas a mãe dele já está a gritar.

— Por que te demoras tanto, Jaggi? Não encontras os papads? Estás cego? Ainda me embranquecem os cabelos por estar à tua espera.

No pátio do recreio, os outros tentam tirar-lhe o turbante verde, cor de peito de papagaio. Fazem-no balouçar nas pontas dos dedos e riem-se dos cabelos compridos de Jagjit. E empurram-no para ele cair.

“Palerma”, a sua segunda palavra em inglês. E os joelhos sangram por causa da gravilha.

Jagjit, que morde o lábio para não o ouvirem chorar. Que apanha o turbante enlameado, o põe na cabeça lentamente e vai lá para dentro.

— Jaggi, sujas sempre a roupa na escola, aqui falta um botão e olha para esta nódoa enorme na camisa, meu bad-mash, julgas que me desfaço em dinheiro?

À noite, deita-se de olhos abertos, a olhar para o céu até as estrelas começarem a brilhar como pirilampos no kheti da avó em

Jul under. Ela canta enquanto apanha para o jantar molhos de saag, verde como o turbante de Jagjit. Palavras em punjabi que parecem chuva.

Jagjit, elas voltam quando por fim fechares os olhos. O que mais podes fazer? As vozes trocistas, as bocas que cospem, as mãos. As mãos que te tiram as calças no pátio do recreio, e as raparigas a olhar.

— Chhodo mainu.

— Fala inglês, filho da mãe. Fala, preto de um raio, palerma. - Jaggi, o que é isso de não quereres ir para a escola?

O teu pai mata-se a trabalhar na fábrica. Levas duas bofetadas e vais logo.

— Chhodo.

Quando chega o momento de fazer as contas, digo: — Tens aqui uns burfi para ti. Não, minha senhora, isto não é nada.

Vejo-o dar uma dentada ansiosa na guloseima acastanhada com sabor a cravo-da-

índia, cardamomo e canela. Ele corresponde com um sorrisinho ao meu. Cravo-da-

índia esmagado e cardamomo, Jagjit, para refrescares o hálito. Cardamomo, que deitarei esta noite ao vento, por ti. Ao vento norte que o leva para curar a cegueira do teu professor. E também cravo-da-índia doce e penetrante, lavang, a especiaria da compaixão. Para que a tua mãe levante os olhos do tanque, afaste os cabelos da cara e te envolva com os braços ensaboados, dizendo: — Jaggi beta, diz-me o que aconteceu.

E canela, o osso oco e escuro que te enfio no turbante, sem ninguém dar por isso, antes de saíres. Canela, que faz amigos, canela dalchini, de um castanho... quente como pele, para que encontres alguém que te leve pela mão, que corra a teu lado e se ria contigo e diga: — Vês, isto é a América, e não é assim tão mau.

E quanto aos outros de olhos duros como pedras, a canela destrói os inimigos e dá-

te força, força que te cresce nas pernas e nos braços e sobretudo na boca, até que um dia gritas e eles param, escandalizados.

Quando concluímos a cerimónia da purificação, quando estávamos prontas para sair da ilha e ir ao encontro dos nossos destinos separados, a Velha disse: — Filhas, chegou o momento de vos dar os vossos novos nomes. Quando chegaram a esta ilha, deixaram os vossos antigos nomes para trás e ficaram sem nome desde então.

“Mas deixem-me perguntar-vos pela última vez. Têm a certeza de que querem ser Mestras? Não é demasiado tarde para escolherem uma vida mais fácil?

“Estão prontas a renunciar ao vosso corpo jovem, para assumir a idade, a fealdade e o serviço interminável? Prontas para nunca mais sair dos sítios onde vão ser colocadas, seja uma loja, uma escola ou um hospital?

“Estão prontas a nunca mais voltar a amar, a não ser as especiarias?”

A minha volta, as minhas irmãs noviças, com as roupas ainda molhadas da água do mar com que ela as borrifara, ficam em silêncio, a tremer um pouco. E pareceu-me que as mais bonitas se mantiveram cabisbaixas por mais tempo.

Ah, agora sei quão enraizada está a vaidade no coração humano, a vaidade que é a outra face do medo de não sermos amados.

Mas, naquele dia, eu, que era a melhor aluna da Velha, rápida a aprender qualquer feitiço e cântico, rápida a falar com as especiarias, mesmo com as mais perigosas, rápida a reagir à arrogância e à impaciência como tantas vezes reagi, deitei-lhes um olhar de comiseração e de escárnio. Fixei a Velha com um ar corajoso e respondi: — Eu estou.

Eu que não era bela e pensava, portanto, que tinha pouco a perder.

O olhar da Velha cravou-se em mim como um espinho. Mas ela limitou-se a dizer: — Muito bem.

E pediu-nos que nos aproximássemos dela, uma por uma.

Através da névoa, a ilha espalhava a sua luz cor de pérola à nossa volta. No céu, os arcos-íris curvavam-se como asas. Todas as raparigas se ajoelharam, e a Velha, inclinando-se, gravou na testa

de cada uma o seu novo nome. Ao falar, parecia que as feições das raparigas se agitavam como água e qualquer coisa de novo lhes afluía ao rosto.

— Charnar-te-às Aparajita como a flor cujo suco, depois de espalhado nas pálpebras, conduz à vitória.

— Charnar-te-às Pia como a árvore piai, cujas cinzas, depois de esfregadas nas pernas e nos braços, dão vigor.

— E tu...

Mas eu já escolhera.

— Primeira Mãe, o meu nome será Tilo.

— Tilo?

O desagrado ecoou na sua voz, e as outras noviças levantaram a cabeça, assustadas.

— Sim — respondi e, embora estivesse cheia de medo, forcei a voz para não o revelar.

— Tilo, a abreviatura de Tilottama.

Ah, como fui ingénua ao pensar que conseguiria esconder da Velha o que me ia no coração. Mais tarde, ela ensinar-me-ia a ler no coração dos outros.

— Só tens criado problemas desde que chegaste, só tens violado as regras. Devia ter-te rejeitado no nosso primeiro encontro.

Continuo a achar que ela não estava mais zangada naquele dia, a Primeira Mãe.

Terá visto reflectida, na minha determinação, a sua própria juventude?

As raízes penduradas como flocos de medo nos ramos das banias agitaram-se com a brisa. Ou era ela a suspirar?

— Esse nome... sabes o que significa?

É uma pergunta de que estou à espera. Tenho a resposta pronta.

— Sei, sim, Primeira Mãe. Tile a semente de sésamo, sob a influência do planeta Vénus, castanho-dourada como se tivesse sido tocada pela chama. A sua flor é tão pequena, direita e pontiaguda que as mães rezam para que as suas filhas tenham o nariz assim. O til que, depois de triturado e misturado com madeira de sândalo, cura as doenças do coração e do fígado, o til que se frita no seu próprio óleo e devolve o esplendor, depois de perdido o interesse

pela vida. Serei Tilottama, a essência do til, aquele que dá vida, que devolve a saúde e a esperança.

O riso dela é o som das folhas secas a estalarem debaixo dos pés.

— Não te falta confiança, lá isso é verdade, rapariga. Para assumires o nome da mais bela apsara da corte de Indra, o deus da chuva. Tilottama, a mais elegante das bailarinas, a jóia suprema entre as mulheres. Ou não sabias?

Baixo o olhar. Por instantes, volto a ser a jovem ignorante do meu primeiro dia na ilha, ensopada, nua, a tropeçar nas pedras aguçadas e escorregadias. Ela envergonha-me sempre desta maneira. Seria capaz de odiá-la por isto se não a amasse tanto, ela que foi verdadeiramente a primeira mãe para mim, eu que perdera a esperança de ter uma mãe.

Sinto-lhe as pontas dos dedos, leves como um sopro, no meu cabelo.

— Ah, criança, meteste isso na cabeça, não foi? Mas lembra-te: quando Brama fez de Tilottama a bailarina principal da corte de Indra, ordenou-lhe que nunca entregasse o seu amor a um homem, só à dança.

— Sim, Mãe.

Rio-me do sucesso, de alívio, triunfante por ter travado e ganho esta batalha, cerrando os lábios perante a frágil vitória da Velha.

— Eu não conheço as regras? Não tomei os votos?

E agora ela grava o meu novo nome na minha testa. O meu nome de Mestra, por fim e para sempre, depois de tantas mudanças naquilo que eu sou. O meu nome verdadeiro que nunca revelarei a ninguém excepto à irmandade. O dedo dela está frio e desloca-se lentamente como o óleo. O ar enche-se da fragrância pura e adstringente das sementes do til.

— Lembra-te disto também: Tilottama, que acabou por desobedecer, caiu. E foi banida para a Terra, para viver como mortal durante sete vidas. Sete vidas mortais de doença e velhice, de gente a afastar-se, enojada, dos seus membros retorcidos e leprosos.

— Mas eu não cairei, Mãe.

Não há um tremor na minha voz. O meu coração está cheio de paixão pelas especiarias, os meus ouvidos estão cheios com a música da nossa dança em conjunto. O meu sangue está cheio do nosso poder partilhado.

Não preciso que nenhum infeliz mortal me ame.

Acredito nisto. Inteiramente.

FENO-GREGO

Dêem-me a vossa mão. Abram, agora fechem. Sintam.

O feno-grego, duro como pedra, está bem fechado no interior da vossa mão, da cor da areia no fundo de um velho riacho. Mas metam-no dentro de água e ele desabrochará.

Mordam as sementes inchadas e saboreiem o seu gosto amargo e doce. Sabe a algas de uma região selvagem, lembra o grito dos gansos cinzentos. Feno-grego, a especiaria das quintas-feiras, quando o ar é verde como o musgo depois da chuva.

É uma especiaria para os dias em que me apetece aconchegar-me debaixo de uma manta cosida com folhas de peepul e contar histórias como quando estava na ilha. A não ser aqui, a quem as contaria?

Feno-grego, pedi a tua ajuda quando Ratna veio ter comigo com o veneno a roer-lhe as entranhas, uma herança da vagabundagem do marido. E quando Ramaswamy abandonou a esposa de vinte anos e a trocou por um prazer mais novo.

Ouçam a canção do feno-grego: Sou fresco como a brisa do rio é para a língua, semeando o desejo num terreno estéril.

Sim, invoquei-te quando Alok, que gosta de homens, me mostrou as feridas abertas e ávidas como bocas que tinha na pele e disse: — Acho que é isto.

Quando Binita me mostrou o seu rosto como uma flor chamuscada. Binita com um inchaço como uma pepita de chumbo no peito e os médicos a dizerem para cortar, e o olhar do marido que andava de um lado para o outro na loja, dizendo: — Diga-me o que hei-de fazer, por favor.

Eu, o feno-grego, que devolvo a beleza ao corpo, que o preparo para o amor.

Feno-grego, tnethi, uma semente mesclada, cultivada em primeiro lugar por Shabari, a mulher mais velha do mundo. Os jovens troçam de ti, julgando que nunca precisarão. Mas um dia. Mais depressa do que julgam.

Todos eles, sim. Até as raparigas das buganvílias.

As raparigas das buganvílias entram em grupo, como libélulas ao meio-dia. O seu riso súbito ressoa em mim. As ondas quentes e salgadas que tiram o fôlego e nos afogam. Flutuam na obscuridade bolorenta da loja, como partículas de pó que um raio de luz faz brilhar. E pela primeira vez sinto-me envergonhada e desejo que tudo seja novo e reluzente.

As raparigas das buganvílias têm o cabelo polido como ébano, enrolado em tranças ágeis. Ou ondulado como a água da montanha à volta do rosto virado para cima, tão confiantes que não sabemos se algum mal lhes aconteceu.

Usam pulseiras berrantes com as cores do arco-íris e brincos que balouçam junto do pescoço macio. Os pés arqueiam-se em sapatos de saltos altos, esguios e brilhantes, e as pernas são compridas e ondulantes. As unhas pintadas lembram flores de buganvília escarlate. E os lábios também.

Não é para elas a monotonia do “arroz-farinha-feijões-cominhos-coentros”. Querem pistácios para o pulao e sementes de papoila para o rogan josh, que preparam a olhar para um livro.

As raparigas das buganvílias não me vêem, nem sequer quando levantam a voz para perguntar: “Onde está o amchur?” ou “Tem a certeza de que o rasmalai é fresco?” Vozes de melro num tom bem alto para os surdos ou para os fracos de espírito.

Por instantes, irrito-me. São tolas, penso. Olhos cegos pela pintura. Cerro o punho, comprimindo as folhas de louro que elas atiraram tão descuidadamente para cima do balcão.

Podia fazer delas imperatrizes. Oceanos de azeite e de mel para tomarem banho, palácios reluzentes de açúcar. Folhas de jacintos-de-água depositados na palma da mão para transformarem em ouro tudo aquilo em que tocam. Unguentos de raiz de lótus passados pelos mamilos para que os homens caiam, escravizados, a seus pés.

Se eu quisesse.

Ou se pudesse...

Julgam-se tão especiais. Filhas da sorte que estão acima do mal. Mas basta uma gota de suco de noz e mandrágora e os seus nomes sussurrados por cima dela. E...

O pó das folhas de louro esmagadas cai-me das mãos como fumo. Um desejo assalta-me como as garras de um tigre.

Vou ferver pétalas de rosa e cânfora e moer penas de pavão. Pronuncio as palavras mágicas e liberto-me deste disfarce que vesti quando saí da ilha. Este disfarce que cai como pele de cobra aos meus pés, e eu renasço, corada, nova e molhada.

Envolvida num véu de diamantes. Tilottama, a mais bela, para a qual estas raparigas serão como lama raspada dos pés antes de transpormos o limiar de uma porta.

As minhas unhas cravam-se na palma das mãos. Com o sangue vem a dor. E a vergonha.

— Serás tentada — disse a Velha antes de eu partir. — Tu em especial, com as tuas mãos de lava que querem tanta coisa do mundo. O teu coração de lava a resvalar com uma facilidade excessiva para o ódio, para a inveja, para o amor-paixão.

Lembra-te dos motivos pelos quais te foi concedido o poder.

Perdão, Primeira Mãe.

Arrependida, esfrego as mãos no sari. O meu sari velho, manchado e com nódoas, que me protege desta vaidade que me aperta as paredes do crânio, inchado como vapor. Expiro a névoa avermelhada. E, quando inspiro, retenho o aroma das especiarias. Limpo, penetrante e são. Que me deixa ver outra vez.

E então abençoo-as, às minhas raparigas das buganvílias. Abençoo-lhes os ossos redondos dos cotovelos, a curvatura das ancas por baixo dos salwaars sedosos e das calças de ganga Calvin Klein. Com o fervor do arrependimento, abençoo-lhes as mãos húmidas agarradas aos frascos de lima de conserva que elas observam à luz, as latas de folha de patra que fritarão nessa noite para os noivos ou para os amantes, porque as raparigas das buganvílias ou são casadas de fresco ou não são casadas.

Apuro o olhar e vejo-as de noite: as luzes fracas, almofadas de seda da cor da meia-noite, bordadas com espelhos minúsculos. Talvez um pouco de música à distância, cítara ou saxofone.

Servem aos seus homens biriyani aromático com banha de manteiga, taças frias de raita, patra temperada com feno-grego. E à sobremesa, cobertos de mel dourado, gulab-jamuns rosa-escuros.

Também os olhos dos homens escurecem, como rosas, sob um céu tempestuoso.

Mais tarde, a boca das mulheres, os vermelhos e húmidos que se abrem como se abriram para osjamuns, a respiração quente e incerta dos homens, a ascensão, o mergulho e de novo a ascensão que termina com um grito.

Vejo isso tudo. Tão belo, tão breve e por isso tão triste.

Deixo que a inveja saia. Estão apenas a seguir a sua natureza, as raparigas das buganvílias. Tal como eu sigo a minha contra todos os conselhos.

A inveja como pus esverdeado, que já se foi embora. Toda. Quase.

Exalo um bom pensamento por cada compra que registo na máquina. As folhas de louro, com uma nova embalagem, com as pontas castanhas e estaladiças, dou-as.

Às minhas raparigas das buganvílias, cujos corpos têm o brilho do açafrão na cama, cujas bocas cheiram ao meu feno-grego, ao meu elach, ao meu paan paraag. Que eu fiz. Almiscarado. Fecundo. Irresistível.

Durmo com uma faca debaixo do colchão. Faço-o há tanto tempo que a pequena saliência que o seu cabo forma mesmo por baixo do meu ombro esquerdo é-me familiar como a pressão da mão de um amante.

Tilo, és uma grande especialista para estares a falar de amantes.

Adoro a faca (não lhe posso chamar minha) porque me foi oferecida pela Velha.

Lembro-me desse dia, o cor de laranja mudo das asas das borboletas e uma tristeza no ar. Ela entregava a cada Mestra um presente de despedida. Umas receberam flautas, outras, queimadores de incenso e outras, teares. Algumas receberam canetas.

Só eu recebi uma faca.

— Para te manteres casta — disseme ela ao ouvido, só quando ma entregou.

A faca, fria como a água do mar, afiada como a folha da iuca que cresce junto do vulcão. A faca entoa em surdina o seu canto

metálico nos meus lábios quando me inclino para lhe beijar a lâmina.

— Para te impedir de sonhar.

Uma faca para cortar as minhas amarras ao passado, ao futuro. Para me manter sempre embalada pelo mar.

Todas as noites a ponho lá debaixo quando abro a cama, todas as manhãs a retiro e a envolvo na sua bainha com um pensamento agradecido. Guardo-a na bolsa que trago à cintura, porque a faca tem outros usos também.

Todos eles perigosos.

Estão a pensar como será uma faca destas.

Muito vulgar, pois é essa a natureza da magia mais profunda. A magia mais profunda que reside no coração das nossas vidas quotidianas, um fogo trémulo, se ao menos tivéssemos olhos para ver.

E é assim. A minha faca podia ser uma faca que se compra em qualquer armazém, o Thrifty, o Pay Less ou o Safeway, com o cabo de madeira amaciado pelo suor e a lâmina achatada e escura já sem brilho.

Mas, como ela corta!

Se me perguntarem quanto tempo vivi na ilha, não saberei responder, porque o tempo assumia um significado diferente naquele local. Vivíamos sem pressa, e no entanto cada momento era urgente, como uma bóia de pesca que fosse arrastada para o mar pela corrente rápida de um rio. Não o agarrávamos, não aprendíamos as suas lições, passava fora do nosso alcance para sempre.

As lições que aprendemos na ilha podem surpreender-vos, vocês que julgam que as vidas das Mestras são cheias de exotismo, de mistério, de dramatismo e de perigo.

Eles estão presentes, sim, porque o poder das especiarias que aprendíamos a submeter aos nossos objectivos podia destruir-nos num momento se fosse invocado erradamente. Mas uma grande parte do nosso tempo era passada em coisas banais, a varrer, a tricotar e a enrolar pavios para as lanternas, a colher espinafres silvestres e a grelhar chapatís, e a fazermos tranças umas às outras. Aprendíamos a ser asseadas e engenhosas e a trabalhar em

conjunto, a protegermo-nos umas às outras, quando podíamos, da ira da Velha, da sua língua que dilacerava como um raio. (Mas pensando nisso agora, não tenho a certeza. Era verdadeira, essa ira, ou um disfarce para nos ensinar a camaradagem?) Acima de tudo, aprendíamos a sentir sem palavras as tristezas das nossas irmãs, e a consolá-las também sem palavras. Deste modo, as nossas vidas não eram muito diferentes das vidas das raparigas que tínhamos deixado nas nossas aldeias natais. E embora eu me irritasse e considerasse que aquele trabalho era um desperdício do meu tempo (eu, que desprezava tudo o que era vulgar e sentia que nascera para ter uma vida melhor), agora interrogo-me às vezes se não teria aprendido na ilha aquilo que mais valeu a pena.

Um dia, depois de estarmos na ilha há muito tempo, a Velha levou-nos para o centro do vulcão adormecido e disse: — Mestras, ensinei-vos tudo o que podia. Umas aprenderam muito, e outras, pouco. E algumas aprenderam pouco mas julgam que aprenderam muito.

O seu olhar pousou em mim. Mas eu limitei-me a sorrir, pensando que se tratava de outra das suas farpas. Porque eu não era a mais hábil das Mestras.

— Não posso fazer mais nada por vocês — disse ela, observando o meu sorriso. -

Agora têm de resolver para onde querem ir.

O vento da noite envolveu-nos com os seus aromas sombrios e secretos. A lava negra esboroava-se entre os dedos dos nossos pés. Os sulcos do vulcão erguiam-se em espiral à nossa volta. Sentámo-nos em silêncio a pensar no que se seguiria.

A Velha pegou nos ramos que nos pedira para levar, entrelaçou-os e fez um leque.

Não sabíamos que ramos eram. Havia ainda muita coisa que ela preferia que não soubéssemos. Agitou o leque no ar até o seu movimento criar um nevoeiro à nossa volta.

— Olhem — disse ela.

Abrindo caminho através do nevoeiro denso como leite, as imagens sobrepuseram-se umas às outras, com contornos pronunciados e resplandecentes.

Arranha-céus de vidro prateado junto a um lago grande como o mar, homens e mulheres de casacos de peles, brancos como a neve que cobre os pavimentos, a atravessarem a rua para evitar os de pele escura. Raparigas morenas de vestidos claros e vaporosos, de lábios pintados, encostadas às portas de casebres, à espera de clientes. Paredes de mansões de mármore com pedaços de vidro incrustados que rasgavam as mãos de um homem. Estradas ladeadas de pedintes cuja pele mal se segurava nos ossos. Uma mulher a uma janela gradeada, observando um mundo que não estava ao seu alcance, com o seu sindur matrimonial na testa, cravado como uma moeda sangrenta. Ruas estreitas de pavimento desnivelado, casas com as persianas corridas, homens de fez a comerem tâmaras medjool e a cuspirem expressões como “cão infiel” quando passava um indiano.

À nossa volta, sobrepondo-se como carne chamuscada, o cheiro do ódio que é também o cheiro do medo.

— Toronto — disse a Velha. — Calcutá, Rawalpindi, Kuala Lumpur, Dar es Saiam.

Candeeiros de rua apagados, taipais, muros de tijolo dilacerados por letras que escorriam negrume. Dosséis matrimoniais, o lamento dos Shehnais, uma noiva numa sharara que via pela primeira vez o homem curvado e encarquilhado a quem o pai a vendera. Coolies de turbante a vender dam e a jogar às cartas junto de sarjetas abertas. Fábricas de roupa a cheirar a goma, a suor e a invasões de imigrantes, mulheres algemadas e amontoadas, a chorar, no interior de carrinhas.

Crianças ensonadas a tossir e a lutar numa atmosfera que queima os pulmões.

“Indianos asquerosos. Cabeças de abóbora. Fora com os paquistaneses.” Negros de dashikis poeirentos caminhando por ruas proibidas, a espreitar pelas montras de estabelecimentos indianos com ar condicionado. Uma multidão que se acotovela, canta e transporta um deus com cabeça de elefante para um oceano repleto de venenos.

— Londres, Dacar, Hasnapur, Bhopal, Bombaim, Lagos.

Os rostos morenos perdidos olham para nós, sem nos verem, sem nos conhecerem, a chamarem. Olhamos para trás, emudecidas

pelo choque.

Sabíamos que seria difícil sair desta ilha de mulheres onde a chuva morna caía como sementes de romã sobre a nossa pele, onde acordávamos com o chamamento das aves e adormecíamos com o canto da Primeira Mãe, onde nadávamos nuas e sem vergonha, em lagos de lótus azuis. Tratava-se de trocar isto pelo mundo dos homens cuja dureza recordávamos. Mas isto?

— Los Angeles, Nova Jersey, Hong Kong.

— Colombo, Singapura, Joanesburgo.

As imagens eram vultos de contornos fumegantes que nos queimavam os olhos.

Pouco depois, as Mestras, em voz baixa e cheias de apreensão, começaram a apontar para imagens que dançavam na atmosfera acre. O que mais haviam de fazer?

— Talvez eu vá para aqui, Primeira Mãe.

— E eu para aqui.

— Primeira Mãe, eu também estou muito assustada. Escolha por mim.

E ela inclinava a cabeça, indicando a cada Mestra o que ela desejava, o que ela devia desejar: o local onde passaria o resto da vida, o local para onde a sua natureza a conduzia.

Dubai, Asansol, Vancouver, Islamabad.

Patna, Detroit, Port of Spain.

Ficaram apenas algumas imagens a pairar na atmosfera do fim da noite.

Eu não dizia nada. Aguardava, sem saber o quê.

Foi então que vi aquilo. Vagas de eucaliptos e de pinheiros, erva seca da cor da pele do leão, o brilho da relva e da sequóia lustrosa, as vivendas da Califórnia empoleiradas em colinas inquietas, num equilíbrio precário. Quando olhei, as imagens transformaram-se em prédios de apartamentos fuliginosos, amontoados como caixotes de cereais, crianças enfarruscadas a correr atrás umas das outras entre montes de cimento e arame farpado. Agora a noite caía como uma rede, e homens de sobretudo roto acotovelavam-se à volta das fogueiras alimentadas pelo lixo dos contentores. Mais adiante, a água encapelava-se e vazava, escura como a troça, e no cimo das pontes ardiam luzes belas e inatingíveis.

E, por baixo de tudo aquilo, o solo aguardava com as suas veias repletas de chumbo, impaciente para se purificar.

Ainda antes de ela falar, eu já sabia o nome: Oakland, a outra cidade junto da baía.

A minha.

— Tilo — disse ela. — Tenho de dar-te o que pedes, mas pensa, pensa. É preferível escolheres uma povoação indiana, uma cidade africana. Qualquer outro sítio do mundo, Qatar, Paris, Sydney, Kingston, Chaguanas.

— Por que, Primeira Mãe?

Ela suspirou e, pela primeira vez, desviou o olhar. Mas eu fiquei à espera, até que ela disse: — Tenho um pressentimento.

A Velha via mais do que dizia, com a espinha curvada e cansada do seu peso. E eu, com a obstinação que é própria da juventude, desejosa de me abeirar do precipício como o dente do leão. Retorqui-lhe: — É o único local para mim, Primeira Mãe.

Não desviei o meu olhar do dela, até que ela disse: — Vai, então, não posso impedir-te.

Eu, Tilo, inundada por uma alegria selvagem, a pensar: “Ganhei, ganhei.”

Passámos as últimas horas da noite a empilhar madeira no meio do vulcão, prontas.

Dançámos à volta dele, exaltando Shampati, o pássaro do mito e da memória que mergulhou na conflagração e renasceu das cinzas, tal como nos aconteceria. Eu era a última da fila e, quando fizemos uma roda à volta da pira, observei a face das Mestras minhas irmãs. Nem por isso recuaram quando a madeira se incendiou a uma palavra da Velha.

O fogo de Shampati. Desde que viemos para a ilha que ouvimos os murmúrios, que vimos gravados nos lintéis e nas ombreiras das portas da casa-mãe as runas da ave a levantar voo, com o bico flamejante virado para o céu. Apenas numa inscrição, na porta do quarto onde dormia a Velha, e cuja entrada estava vedada às Mestras, a runa estava virada ao contrário, com o pássaro a mergulhar para sempre no coração implacável de uma fogueira. Não nos atrevemos a perguntar o que significava aquilo.

Mas um dia ela explicou-nos.

— Vejam bem, Mestras. De vez em quando, uma Mestra torna-se rebelde e comodista, não cumpre os seus deveres e tem de ser chamada. É avisada e tem apenas três dias para resolver o assunto. Então o fogo de Shampati arde mais uma vez por ela. Mas, dessa vez, ela sente-o inteiramente, a ferro e fogo, as lâminas das chamas rasgam-lhe a carne e fazem-na em tiras. Aos gritos, ela sente os ossos a estalar, a pele a empolar e a rebentar.

— E depois?

A Velha encolheu os ombros, abriu aquelas mãos em que as rugas se haviam desvanecido, e ao vê-las interroguei-me de novo. Como?

— As especiarias é que decidem. Algumas Mestras têm autorização de regressar à ilha, para aprender e trabalhar outra vez. Para umas, isso é o fim, um monte de carvão, um último grito a balouçar-se no ar como uma teia de aranha quebrada.

Lembrei-me de tudo isto enquanto observava as Mestras minhas irmãs. Uma por uma, aproximaram-se do fogo e quando chegaram ao centro desapareceram. Ao ver a atmosfera vazia a tremeluzir no sítio em que elas estavam um momento antes, fui atingida por um desgosto mais profundo do que julgara sentir. Sempre mantivera as distâncias, ao longo de todos aqueles anos passados na ilha, sabendo que este dia havia de chegar. E, no entanto, elas tinham entrado no meu coração, essas raparigas-mulheres que irradiavam um brilho translúcido, castas como o alabastro, as últimas pessoas do mundo a saberem quem eu era e o que sentia.

Quando chegou a minha vez, fechei os olhos. Teria medo? Acreditei no que a Velha nos dissera: — Não se incendiarão nem sentirão qualquer dor. Despertarão no vosso novo corpo, como se ele sempre tivesse sido o vosso.

Não houvera agonia nos rostos das minhas irmãs antes de desaparecerem. No entanto, era difícil confrontar-me, pela terceira vez na minha breve existência, com o desaparecimento de tudo aquilo que eu sabia que a vida seria.

E tão longe. Tão longe. Nunca pensara nisto. Entre a ilha e a América, uma galáxia de noites.

No meu ombro, um toque suave como uma pétala.

— Espera, Tilo.

Por trás de uma cortina de fumo, aquele brilho nos olhos dela. Eram lágrimas. E o aperto no meu coração, o que era aquilo?

Por pouco não pedi. “Mãe, retira-me o poder. Deixa-me ficar aqui contigo. Que maior satisfação pode haver do que servirmos aqueles que amamos?”

Mas os anos e os dias, os momentos que me haviam empurrado para aquele local, inexorável, e me haviam transformado no que eu era, não deixaram que eu o fizesse.

— Tilo, minha filha — disse a Velha, e pelo seu rosto percebi que ela sentia a luta travada no meu coração. — Minha mais dotada, minha mais difícil, minha mais amada, Tilo, vais para a América, ávida como uma seta. Tenho aqui uma coisa para ti.

E das pregas da roupa retirou-a e depositou-a na minha língua, uma fatia de raiz de gengibre, fada selvagem da ilha, para dar firmeza ao meu coração, para me manter forte nos meus votos.

Picada quente de gengibre, foste o último sabor na minha língua quando entrei no coração da fogueira de Shampati. As línguas de fogo lamberam-me a pele que se derretia como num sonho, os seus dedos fecharam-me as pálpebras.

E quando acordei na América, num manto de cinzas, numa era posterior — ou foi apenas uma vida? — a loja já me envolvia com a sua concha protectora, as especiarias, meticulosas, esperavam-me nas suas prateleiras, e tu foste o primeiro sabor, gengibre granuloso e dourado, na minha boca.

Quando o céu crepuscular e enevoado ganha o tom avermelhado do arsénico e a palmeira esquelética que se ergue junto da paragem do autocarro lança a sua sombra esfarrapada sobre a minha porta, sei que chegou a hora de fechar.

Corro as persianas de madeira ao longo da curvatura de uma lua pálida, cheia de manchas de varíola. No vidro cinzento da montra, que é o único espelho da loja, a sombra do meu rosto oscila por instantes. Fecho os olhos e afasto-me. Assim que uma Mestra assume o seu corpo mágico, nunca mais deve ver o seu reflexo. É uma regra que não me faz sofrer, porque mesmo sem olhar sei

como estou velha e que estou longe de ser bela. Também isso eu aceitei.

Querem saber se sempre foi assim?

Não.

Ao acordar pela primeira vez na loja silenciosa, sinto o cheiro do cimento húmido que desce pelas paredes, pelo meu corpo. Levantei o braço, pesado e flácido, e senti que o grito ganhava forma como um buraco escuro no meu peito. “Isto não, isto não.” A tremura nos joelhos quando me forcei a levantar-me, a dor que me trespassou os ossos das mãos.

“As minhas lindas mãos.”

Uma raiva, cujo outro nome é arrependimento percorreu-me. Mas quem podia eu acusar? A Velha avisara-me uma centena de vezes.

“Oh, Tilo, minha tonta, sempre convencida de que sabes mais do que os outros.”

Pouco depois, desapareceu a raiva, a dor. Talvez eu me habituasse a elas. Ou foi o canto das especiarias? Porque quando peguei nelas com as minhas mãos desajeitadas as especiarias cantaram mais nitidamente do que nunca, com notas verdadeiras e altas como o êxtase, como se soubessem que eu lhes pertencia inteiramente daí em diante.

E era verdade. É verdade. Sou feliz.

À entrada da loja, fecho a porta. Corro o ferrolho. Prendo a corrente. Ponho a pesada tranca metálica no seu lugar. A medida que vou entrando, bato as palmas e pronuncio as palavras que afastam os ratos e as ratazanas, os gnomos que enchem de míldio as lentilhas e dão um tom avermelhado às conservas dentro dos seus frascos selados.

Para afastar os rapazes que vagueiam pelas ruas, à noite. Rapazes de queixo macio e penugento como o alperce, de corpos endurecidos pela raiva do que não têm. Que querem e não têm e gritam no seu íntimo: “Porquê? Porquê, se vocês têm?”

As paredes da loja escurecem cada vez mais, até ficarem invisíveis aos olhos dos estranhos. Mesmo quem está lá fora julga que só vê sombras a pairar num espaço vazio.

Chegou o momento de estender a minha cama no meio, onde o soalho faz um pequeno declive. Por cima, uma lâmpada nua projecta grandes sombras abobadadas, e o tecto desaparece na cor do fumo. A minha volta, baldes de farinha de bajra, barris de óleo de semente de colza, sólido e reconfortante. Sacos de sal marinho para me fazerem companhia. As especiarias murmuram os seus segredos, suspiram de prazer.

Também eu suspiro de prazer. Assim que me deito, sinto, vindo de todas as direcções, o pulsar da cidade, com a sua dor, o seu medo e o seu amor impaciente.

Vivo-a durante toda a noite, se quiser, a vida vulgar a que renunciei pelas especiarias, através dos pensamentos que vêm ao meu encontro.

Tilo, cuja vida é tão calma e controlada, sempre a mesma, não é tão requintado como o vinho, este gosto a tristeza mortal e a esperança mortal?

Cada pensamento é um modelo de calor que se transformará em palavras, num rosto, e, à volta deste, num quarto, se eu tentar o suficiente.

Primeiro, vêm os pensamentos dos rapazes da noite, um zumbido semelhante ao dos fios eléctricos antes de uma tempestade.

“Ó poder e alegria que nos elevam quando andamos pela rua fora de horas a assobiar, com as correntes a balouçar, e as pessoas correm para os seus buracos, correm e apressam-se como baratas. Somos reis. E o jacto alaranjado da chama que sai da boca dos nossos amantes, dos nossos amantes metálicos, dos nossos amantes que nos darão a morte, a morte que é muito melhor do que o amor, sempre que pedirmos.”

Os rapazes da noite com olhos albinos, incolores como ácido. Gelam-me o coração.

Afasto os seus pensamentos para a escuridão que os gerou, mas sei que a invisibilidade não implica a ausência.

Aqui está, porém, outra imagem. Uma mulher numa cozinha, a preparar o meu arroz. Cheira aos grãos que faz rolar entre os dedos para ver se estão prontos. O vapor do arroz amaciou-lhe a pele, soltou-lhe os cabelos bem presos atrás durante todo o dia.

Disfarçou-lhe as manchas por baixo dos olhos. Hoje é dia de receber, portanto ela pode começar a fritar, sementes de mostarda na frigideira, beringelas e abóbora que ganham um tom amarelo-avermelhado. Num caril de couve-flor como punhos brancos, ela mistura garam masala para dar paciência e esperança. Ela é uma, é muitas, não é aquela mulher que, numa centena de lares indianos, polvilha o kheer doce que ferveu toda a tarde em lume brando com sementes de cardamomo da minha loja, para os sonhos que nos impedem de enlouquecer.

Na minha cabeça, os pensamentos dela chocam uns com os outros, caindo.

“Passo a tarde a correr de um lado para o outro, da cozinha para a janela da frente como uma louca até as crianças chegarem a casa. Estou assim desde que aquilo aconteceu à filha dos Gupta na semana passada, e também foi à luz do dia, que os deuses nos protejam. Também estou preocupada com o pai delas, foi dispensado no emprego, briga com o capataz, com o agiota. Ou então hoje está outra vez no Bailey com os outros homens, e esquece-se do tempo. Quando lhes pus a grinalda matrimonial ao pescoço, não sabia que ser esposa e mãe era isto, caminhar no fio da navalha com medo, como um lobo à espreita. E as piores de todas as bocas, as bocas que vêm ter comigo mesmo depois de eu já ter adormecido, as bocas crispadas pela fome que, tantos dias no mês, choram: "Boa Amma, dá-nos mais meia colher, por favor, Amma, por favor" e eu desvio o meu olhar angustiado como pedra.”

Os homens, onde estão? Os seus pensamentos libertam o odor da terra ressequida num ano de monções falhadas, levam-me para salas com imagens de velhos calendários. A praia de Juhu, o Templo Dourado, Zeenat, reluzente com o seu vestido solar. Vejo-os agora, sem as botas, com os pés inchados e assentes em mesas de vime. Inspiram os aromas antigos e reconfortantes. Coentros ralados, saunf grelhado, o tilintar das pulseiras de uma mulher. Quase como se estivessem em casa. Pegam em garrafas de cerveja Taj Mahal, castanhas e cobertas de suor, que compraram na minha loja, mastigam o interior dos lábios. Sinto na boca o gosto salgado do sangue quando os seus pensamentos chegam, a correr.

“Ah, essa cerveja que escorrega, como uma espuma tão doce e macia, mas depois um gosto amargo na garganta, como um sonho muito antigo e inacabado. Ninguém nos disse que seria tão duro aqui em Amreekah, todo o dia a esfregar soalhos gordurosos, deitados debaixo de máquinas que escorrem óleo negro, a conduzir camiões monstruosos que nos enchem os pulmões de alcatrão. Atrás de balcões de hotéis sombrios onde temos de sorrir quando entregamos as chaves às prostitutas.

Sim, sempre a sorrir, mesmo quando as pessoas dizem: "Malditos estrangeiros que andam a tomar conta do país, a roubar os nossos empregos." Mesmo quando os polícias nos puxam porque estamos na parte rica da cidade. Julgávamos que estávamos em casa agora, em Trichy, em Kharagpur, em Bareil y. Sob o doce zumbido de uma ventoinha de tecto, numa sala revestida de mosaicos, com um soalho verde-mar, recostados em almofadas de cetim, e o criado a trazer las si gelado com pétalas de rosa a boiar lá dentro. Mas o senhorio continua a exigir a renda, a semana passada o carro não pegou, e as crianças crescem tão depressa que a roupa deixa de lhes servir. Phir bhi, não interessa. Esta semana vamos de autocarro a Tahoe, Dilip Bhaiya e eu, que jogo numa série de casinos, talvez tenha sorte como o Arjun Singh, que ganhou a lotaria, e no dia seguinte entrou na loja de conveniência e disse ao patrão: "Estou-me nas tintas para si e para o seu trabalho seu trabalho seu trabalho.""

Porém, agora é a hora do jantar. As mães chamam e as crianças largam os trabalhos de casa e vêm a correr, afastam as cadeiras, chegam os pratos a fumegar.

Arroz. Rajma. Karela sabji. Kheer.

Uma rapariga. Com duas tranças apertadas, untada e obediente, com as pernas unidas tal como a mãe lhe disse que as raparigas decentes devem fazer. Pega numa taça de kheer e os seus pensamentos, esvoaçando como pardais poeirentos num beco escuro, transformam-se de súbito num mergulhão azul.

“Kheer, hoje, depois de tanto tempo, e ainda há muito, depois de o pai e de o irmão mais velho se terem servido, chega até para a mãe que é sempre a última a comer.

Kheer com amêndoas e passas e vagens estaladiças de elaichi porque a velha da loja disse que estavam em saldo quando nos viu a olhar para elas. Mergulho a boca na sua doçura, fico com os lábios esbranquiçados como se tivesse bebido leite, e é como se fosse o Ano Novo, e portanto posso pedir um desejo. Peço uma casa, uma grande casa de dois andares com flores à frente e sem roupa pendurada à janela, e quartos suficientes para não termos de dormir dois na mesma cama, casas de banho suficientes para tomarmos banhos demorados, e água quente também.

Desejo um carro novo e lustroso, com jantes douradas e estofos brancos como pele de gato, e talvez uma moto também, uma moto vermelha que nos deixe sem fôlego quando o irmão mais velho arrancar connosco atrás. Para a mãe, um par de sapatos novos em vez daqueles que ela forra com papel de jornal e uns brincos faiscantes como os das mulheres na televisão. E para mim, para mim, montes e montes de bonecas Barbie, a Barbie em camisa de noite, a Barbie em traje de passeio, a Barbie em fato de banho, com sapatos prateados de salto alto e bâton, e seios de verdade.

A Barbie com uma cintura tão estreita e uns cabelos tão louros e acima de tudo uma pele tão branca, e sim — apesar de saber que não devia, devo orgulhar-me de ser indiana, como a mãe diz -, desejo essa pele americana e esses cabelos americanos esses olhos americanos azuis, azuis para que ninguém pare a olhar para mim senão para dizer UAU!”

ASSA-FÉTIDA

Na loja, cada dia tem uma cor, um aroma. E, se souberem escutar, uma melodia. E à sexta-feira, quando estou mais inquieta, roncos, como um carro a arrancar.

Roncos e vibrações, que desaparecem naquela auto-estrada de néon para além da qual deve haver campos abertos cor de índigo. E inspiramo-lo ao longo do caminho porque não sabemos quando voltaremos a cheirá-lo. E depois descobrimos que os travões estão bloqueados.

Por isso talvez seja bom que o americano solitário venha à loja à sexta-feira à noite, quando a lua cheia já paira sobre o ombro da mulher do cartaz que há à beira da auto-estrada, de vestido de noite preto e com um copo de Chivas na mão. Os faróis dos automóveis que se aproximam incidem-lhe nas alças do vestido, enfeitadas com diamantes falsos, para que o seu brilho antecipe o prazer. Os olhos dela são como o fumo, a boca, como as romãs. Ferem-me. E quando fico à escuta, os automóveis velozes lembram-me o gemido do vento nos canaviais de bambu da ilha.

Começo a dizer que vou fechar, mas depois olho para ele e não consigo.

Não é que eu nunca veja americanos. Eles vêm aqui constantemente. Professores de fato de tweed com cotove-leiras ou de saias compridas cor de terra, Hare Krishnas de kurtas brancas amachucadas e cabeça rapada, estudantes de mochila e calças de ganga pouco asseadas, hippies serôdios de cabelos lisos e cheios de colares. Querem sementes frescas de coentro, de cultura biológica, evidentemente, ou banha de manteiga pura para uma dieta que liberte o karma, ou burfis da véspera por metade do preço. Baixam a voz e acrescentam: “Senhora, tem haxixe?”

Dou-lhes o que pretendem. Esqueço-os.

Às vezes, sinto-me tentada. Por acaso. Quando Kwesi entra, com a sua pele cor de vinho, o cabelo encaracolado que lembra as

gavinhas das nuvens nocturnas. Kwesi, que anda como um guerreiro, sem fazer barulho, com um porte gracioso e destemido, a tal ponto que desejo perguntar-lhe o que faz.

E aquela cicatriz na testa, que lembra um raio, aquele nódulo saliente e já curado na mão esquerda. Mas não o faço. Não é permitido.

— Lembra-te do motivo por que vais — disse a Velha. — Para ajudar os teus, e só a eles. Os outros, que vão bater a outra porta.

E foi assim que deixei que o clamor da loja abafasse a história contada pelo bater do coração de Kwesi. Afastei-me dos seus desejos, que são de cores simples como os prados da infância. Peso e embrulho o que ele comprou, grão em pó, cominhos moídos, e dois ramos de coentros.

— Muito bem — digo, quando ele me confessa que vai fazer pakoras para um amigo especial.

E, sem mais conversas, despeço-me dele. E mantenho sempre bem fechada a porta da minha mente.

Mas o americano solitário sente de modo diferente, como se eu pudesse ter problemas ao fazer o mesmo com ele. Não é pelo que ele veste. Calças pretas, sapatos pretos, um casaco simples de couro preto; mas até eu que sou pouco experiente nestas coisas posso dizer que são caras. Nem pelo seu porte, esguio e elegante, com uma mão enfiada na algibeira, balouçando-se um pouco para trás nos calcanhares. Nem pelo seu rosto, embora seja bastante atraente, de maxilares pronunciados, malares salientes que deixam entrever obstinação, cabelo negro e espesso que lhe cai sobre a testa com uma elegância descuidada. E os olhos, muito negros, com pequenos pontos de luz que tremeluzem lá no fundo. Não há nada nele que denote solidão, excepto um pensamento recôndito na minha mente, nada que justifique o que me atrai tanto.

Então percebo. Com os outros, sempre soube o que eles queriam. Imediatamente.

— Oh, estava só a olhar — diz ele quando lhe faço a pergunta com a minha voz de velha, que de repente gostaria que não fosse tão trémula.

Só a olhar, e faz um sorriso surpreendentemente assimétrico, olhando para mim de sobrolho erguido, como se estivesse mesmo a

ver-me, a mim, por baixo deste corpo, e gostasse do que vê. Mas como é que isso pode ser?

Continua a olhar-me nos olhos como mais ninguém fez, excepto a Velha.

Há um estremecimento dentro de mim, como se qualquer coisa que estivesse bem cosida começasse a soltar-se.

Perigo.

E agora não consigo lê-lo. Entro nele para investigar e sou envolvida por uma nuvem de seda. O que conheço é apenas o truque do sobrolho, como se ele considerasse tudo aquilo divertido, mas devo ser parva para pensar que ele sabe o que estou a fazer.

Mas eu quero, eu quero que ele saiba. E quero que ele, ao sabê-lo, se divirta. Há quanto tempo é que alguém não olha para mim a não ser por ignorância? Ou por respeito? Quando penso nisto, a solidão enche o meu peito, um novo peso triste e doloroso, como se me afundasse. É uma surpresa. Não sabia que as Mestras podiam sentir-se tão sós.

Americano, também eu olho. Julgava que o meu aspecto era definitivo quando encontrei as especiarias, mas agora vi-te e já não sei.

Quero dizer-lhe isto. Quero acreditar que ele compreenderá. Na minha cabeça há um eco que parece uma canção de pedra. Uma Mestra deve arrancar o seu desejo do peito, deve preencher o vazio com as necessidades daqueles que serve.

É a minha própria voz, saída de um tempo e de um espaço que parecem tão distantes que quero chamar-lhes irreais. Voltar-lhes as costas. Mas.

— Pode olhar à vontade — digo eu ao americano, num tom muito profissional. — Tenho de me preparar para fechar a loja.

Para fazer qualquer coisa, volto a empilhar as embalagens de papads, ponho raiva em sacos de papel e rotulo-os com cuidado, empurro uma lata de atta para o outro lado da porta.

— Deixe-me ajudá-la.

E antes que eu deixe de pensar que a sua voz é como besan torrado misturado com açúcar, a mão dele pousa na beira da lata, tocando na minha.

Não sei o que dizer para descrever essa sensação que me atravessa como uma lâmina de fogo, mas que é tão suave que eu desejo que a dor não pare. Afasto a minha mão, obedecendo às leis da Mestra, mas a sensação permanece.

E este pensamento: nunca ninguém me quis ajudar.

— Tem aqui uma grande loja. Agrada-me o ambiente dela — diz o meu americano.

Sim, sei que é uma liberdade que tomo, chamar-lhe meu. Sorrir quando devia dizer: “Por favor vá-se embora, é muito tarde, adeus, boa noite.”

Em vez disso, pego numa embalagem.

— Isto é dhania — digo eu. — Semente de coentro, esférica como a terra, para apurar a visão. Se a puser de molho e a beber, a água limpa-o de antigas culpas.

Não sei por que lhe digo isto. Tilo, cala-te.

Mas aquela nuvem de seda arranca-me as palavras. E também as dele.

Ele faz um aceno de cabeça e apalpa as esferas minúsculas através da embalagem de plástico, atencioso e sem se mostrar surpreendido, como se o que eu estava a dizer fosse a coisa mais natural.

— E isto — abro uma tampa e deixo cair o pó fino entre os dedos — é amchur. Feito de sal preto e de mangas secas e piladas, para curar as papilas gustativas, para devolver o gosto pela vida.

Tilo, não fales de mais, como uma rapariga.

— Ah! — Inclina a cabeça para cheirar, ergue a cabeça e faz um sorriso de aprovação.

— Nunca cheirei nada como isto, mas agrada-me.

Depois, afasta-se.

E acrescenta numa voz formal: — Já a demorei muito. Devia estar a fechar a loja.

Tilottama. És uma tola que devia saber mais. Pensares que ele estaria interessado!

A porta, ele levanta a mão... Um cumprimento, um adeus ou talvez só para afastar as traças que andam no ar. Sinto uma grande tristeza porque ele se vai embora de mãos vazias, porque não

consegui descobrir o que ele procurava. Porque qualquer coisa se retorce cá dentro, e me diz que estou a perdê-lo, o único homem cujo coração não consegui ler.

E depois.

— Até breve — diz o americano solitário, e esboça um sorriso fulgurante. Como se fosse sincero. Como se também ele estivesse à espera.

Depois de o americano solitário sair, vagueio pela loja, triste e sem objectivo. A insatisfação, aquele antigo veneno de que julgava estar curada, borbulha dentro de mim, espesso e viscoso. Trancar a porta seria admitir que ele se foi mesmo embora.

Lá fora, as luzes da rua acendem-se. Homens e mulheres levantam as golas dos casacos e desaparecem debaixo do chão no ruído sombrio do metropolitano. Um nevoeiro amarelado enche as ruas desertas, e ao longe as sirenes começam a gemer, lembrando-nos quão fugidia é a felicidade. Mas ninguém lhes dá atenção, evidentemente.

Procuro uma especiaria para ele.

— As diversas especiarias podem ajudar-nos a resolver diversos problemas — disse-nos a Velha depois de nos ter ensinado as curas vulgares. — Mas para cada pessoa há uma especiaria especial. Não, não é para vocês... As Mestras nunca devem servir-se das especiarias para os seus próprios desígnios... mas para todos os que vêm ter convosco. Chama-se mahamul, a especiaria extraída de uma raiz, e para cada pessoa é diferente. O mahamul aumenta a fortuna, traz o êxito ou a alegria e evita o azar. Quando não souberem como hão-de ajudar alguém, mergulhem no vosso íntimo e procurem o mahamul.

Americano solitário, como hei-de começar, eu que sempre me orgulhei de encontrar o remédio rápido?

Procuro nas prateleiras. Kal ojire? Ajwam? Manga e gengibre em pó? Choon, a tília branca envolvida em folhas de bétel? Nada me parece adequado. Nada me parece certo. Talvez o erro esteja em mim, na minha alma distraída. Eu, Tilo, que não consigo deixar de pensar naqueles olhos escuros como a noite tropical, igualmente profundos e cheios de riscos.

E por que insisto em chamar-lhe solitário? Talvez neste momento, enquanto eu procuro, insatisfeita, na ala das lentilhas, enquanto mergulho os braços numa lata de rajma até aos cotovelos e deixo que as vagens vermelhas e frescas me escorreguem pela pele, ele esteja a dar a volta a uma chave. A porta abre-se, e uma mulher de cabelos dourados levanta-se do sofá para o receber...

Não. Não é assim. Eu não permitirei que seja assim.

Ele entra e acende a luz, roda um botão e o som de um sarod enche a sala vazia.

Recosta-se numa almofada jaipuri, porque adora tudo o que é indiano, e pensa no que viu hoje, numa loja que cheira ao mundo inteiro, numa mulher cujos olhos sem idade o atraem como...

Que desejo fútil. Fútil e arriscado.

— Quando começarem a misturar os vossos próprios desejos com a vossa visão, este dom ser-vos-á retirado -disse-nos a Velha. — Ficam confusas e as especiarias deixam de vos obedecer.

Recua, Tilo, antes que seja demasiado tarde.

Obrigo a minha mente a esvaziar-se. Confiarei apenas nas minhas mãos, cujos ossos cantantes descobrirão o que precisa o americano solitário.

A loja não está trancada, qual frasco de cristal reluzente debaixo do calcanhar da noite. A entrada ganha um tom acinzentado com as asas das traças. Mas agora não posso tratar disso.

Entro no quarto interior e fecho os olhos. No escuro, as minhas mãos brilham como lanternas. Passo os dedos pelas prateleiras cheias de pó.

Dedos fosfóreos, dedos de coral, espero que me digam o que devo fazer.

No seu quarto, o americano solitário descalça os sapatos e afasta a colcha de seda da cama. Despe a camisa e deixa-a cair no chão. A luz das velas ilumina-lhe os ombros, as costas, as nádegas rijas e musculadas quando despe também as calças e se endireita, flexível, marfíneo. Daí a pouco volta-se...

Cresce-me a água na boca no mesmo instante. Em todas as minhas vidas anteriores de adivinha, rainha dos piratas e aprendiz de especiarias nunca vi um homem nu, nunca quis.

Depois, as minhas mãos estremecem e param.

Agora não, mãos, agora não. Dêem-me mais um momento.

Mas elas estão imóveis, inflexíveis. São minhas e não são. Agarram uma coisa dura e granulosa, uma massa informe a latejar, cujo aroma acre interfere na minha visão.

As imagens esboroam-se — poeira ou sonho? — e desaparecem.

Suspiro e abro os olhos, contrafeita.

Na minha mão, uma noz de assa-fétida.

Ouço um estalido na outra sala, como qualquer coisa que se parte. Ou é a noite a atirar-se aos vidros da montra?

A pedra de Marte, dura como um raio, que incita o receptor a alcançar a glória e a fama, longe das seduções de Vénus. A assa-fétida amarelada e perniciosa destrói tudo o que é macio e deixa um homem na pele e no osso.

Uma rajada de vento empurra para dentro o cheiro dos sobretudos molhados. O

chão é uma massa de gelo que me faz escorregar. A custo, consigo aproximar-me da porta. Nas minhas mãos, a tranca é um peso morto. Quase não consigo levantá-

la. Tenho de recorrer a todas as minhas forças para a empurrar e pôr no seu lugar, antes que seja demasiado tarde.

Assa-fétida, hing, que é o antídoto do amor.

Encosto-me à porta, exausta, ciente do que se espera de mim, a Mestra de Especiarias, mas também sua serva.

Sinto que elas me observam, como uma respiração suspensa.

Até a atmosfera parece de ferro.

Quando consigo mexer-me outra vez, dirijo-me à vitrina dos objectos de artesanato.

Afasto lenços de batik e cobertas acolchoadas e decoradas com espelhos, facas de papel de latão e deusas de terracota, deixo-as cair ao chão e por fim encontro uma caixinha de ébano forrada de veludo como a asa de um melro. Abro-a e ponho lá dentro a assa-fétida e, com a letra precisa e angulosa da ilha, que a Velha nos ensinou, escrevo: “Para o americano solitário.”

À minha volta ouço um suspiro de alívio, em surdina. Uma brisa acaricia-me a face, um bafo suave, húmido de aprovação. Ou são

lágrimas? Eu, que nunca chorei...

Desvio o olhar da loja, dos milhões de olhos das especiarias, pequenos, brilhantes, omnipresentes. Pontas de aço, como unhas, incitam-me a entrar. Pela primeira vez desde que sou Mestra, oculto os meus pensamentos mais íntimos.

Não tenho a certeza se resultará, o meu logro.

Mas parece que sim. Ou são apenas as especiarias a brincar comigo?

Faço deslizar a caixa para o fundo da prateleira, por baixo da caixa registadora, ao pó, à espera que ele venha. Deito-me. A minha volta, as especiarias acalmam-se, acomodam-se aos ritmos da noite. O seu amor envolve-me, pesado como as sete benarasi de ouro que as mulheres usam no dia do casamento.

Com tanto amor, como posso respirar?

Assim que a loja adormece, destapo a câmara secreta do meu ser e olho. Não fico admirada com o que vejo.

Não vou dar ao meu americano solitário a assa-fétida que endurece o coração.

Não me interessa o que as especiarias querem.

Ainda não, ou nunca?

Não sei responder a isto.

Mas no meu íntimo sinto o primeiro tremor, que me avisa dos sismos que estão para vir.

Os indianos ricos descem das colinas que brilham mais do que as estrelas, tão brilhantes que é fácil esquecermos que se trata apenas de electricidade. Os seus automóveis reluzem como maçãs lustrosas, deslizam como cisnes sobre os buracos à porta da minha loja.

O automóvel pára, o motorista fardado sai e vai abrir a porta de puxador dourado, e lá de dentro sai um pé enfiado numa sandália dourada. Macio, arqueado e quase branco. Dedos que parecem pétalas de rosa e que se afastam, desdenhosos, daquilo que há no pavimento: papéis, cascas podres, excrementos de cão, preservativos usados atirados das janelas traseiras dos carros.

Os indianos ricos raramente falam, como se o excesso de dinheiro lhes tivesse bloqueado a garganta. Na loja, onde só entraram porque os amigos disseram: “Oh, é tão estranha, tens de ir

lá ver pelo menos uma vez", apontam. E o motorista vai a correr buscar. Arroz basmati, extra-longo, envelhecido em sacos de juta para o tornar mais doce. A farinha mais fina, genuína, marca Elefante. Óleo de mostarda num frasco de vidro caro, apesar de estar mesmo ao lado das latas económicas. O

motorista cambaleia debaixo da carga. Mas há mais. Lauki frescos das Filipinas, e methisaag, de folhas cor de esmeralda, que cultivei num caixote, no parapeito da janela das traseiras. Uma caixa inteira de açafrão, como línguas de fogo, e, ao quilograma, pistácios com as suas cascas minúsculas, dos mais caros, verdes como rebentos de manga. — Daqui a uma semana estarão em saldo — digo. Os indianos ricos fitam-me com os olhos pesados e quase sem cor. Fazem sinal ao motorista e ele vem buscar mais dois quilos. Disfarço o sorriso.

Os indianos ricos empinam o pescoço e levantam bem o queixo porque têm de ser mais do que as outras pessoas... mais altos, mais belos, mais bem vestidos. Ou pelo menos mais ricos. Içam os corpos como sacos de dinheiro, saem da loja e entram nos seus automóveis de cetim, deixando atrás de si o cheiro das notas velhas.

Outros ricos enviam listas, porque ser rico dá trabalho. Partidas de golfe, cruzeiros, chás de caridade no Cornelian Room, comprar Lamborghinis novos e caixas de charutos com incrustações de lápis -lazúli.

Outros ainda esqueceram-se de que são indianos e só comem caviar.

Para todos eles, cozo, à noite, tulsi, basilisco, que é a planta da humildade, que refreia o ego. O fumo adocicado do basilisco cujo sabor reconheço na língua. A Velha também o cozeu muitas vezes para mim. O basilisco, sagrado para Sri Ram, que abranda o desejo de poder, que volta os pensamentos para dentro, longe do que é mundano.

Porque no íntimo, até os ricos são pessoas como as outras.

Tenho de repetir isto a mim própria. E também o que a Velha nos ensinou: — Não vos compete escolherem aqueles a quem demonstram a vossa compaixão.

Aqueles que mais vos irritarem são os que vocês mais devem ajudar.

Há mais uma coisa que tenho de vos dizer.

Quando observo a fundo as vidas dos ricos, às vezes obrigo-me a ser humilde, a dizer: “Quem diria?” Um exemplo. Anant Soni, que no fim de um dia de videoconferências nas empresas se senta à cabeceira da mãe a esfregar-lhe as mãos com artrite. E a mulher do Dr. Lal-chandani, que espreita sem nada ver pela janela do quarto da sua casa impecável, a pensar no marido que está na cama com outra mulher. E Prameela Vijh, que vende casas de milhões de dólares e manda dinheiro à irmã que está num lar de terceira classe. E Rajesh, cuja empresa se tornou conhecida no mesmo dia em que o médico lhe estendeu o relatório da biopsia e disse: “Quimioterapia.”

E, agora mesmo, na minha frente, está uma mulher de calças de ganga Bil Blass e sapatos Gucci, a comprar pilhas e pilhas de naans para a festa desta noite, e que tamborila no balcão com os dedos cheios de rubis faiscantes, enquanto eu embrulho o pão escuro e achatado, e diz, com uma voz estridente como lata: “Despache-se, que estou com pressa.” Mas por dentro, está a pensar no filho adolescente. Anda tão estranho ultimamente, a sair com rapazes que a assustam, com brincos que são navalhas, blusões de couro e botas de guerra, olhos frios, frios e bocas entreabertas que estão a transformar-se nos olhos dele, na boca dele. Será que ele... A sua mente afasta a palavra que ela não consegue pronunciar mesmo no seu íntimo, e por baixo das camadas de creme, base e rouge e da espessa sombra dos olhos cor de fúcsia, o seu rosto revela as contusões do amor.

Mulher rica, obrigada por me teres lembrado. Por baixo da armadura mais coruscante, seja ela de ouro ou de diamantes, está a carne vibrante e vulnerável.

A um canto da sua bolsa Gucci a condizer, deposito hartuki, a semente enrugada em forma de útero, que não tem um nome americano. Hartuki, para ajudar as mães a suportar a dor que começa com o parto e continua para sempre, a dor e a alegria, o cinzento e o azul entrelaçados como um cordão umbilical à roda da garganta de um bebé.

Sábado desce sobre mim como o clarão inesperado do arco-íris debaixo da asa negra de um pássaro, como a saia rodopiante de uma bailarina kathak, rápida, cada vez mais rápida. Sábado é o som das baterias que sai das aparelhagens estereofónicas dos rapazes que conduzem perigosamente devagar, e que não sabem o que procuram. O sábado tira-me o fôlego. Ao sábado, ponho tabuletas: methi frescos E CASEIROS, dilOãli-SALDOS AOS MAIS BAIXOS PREÇOS; OS

FILMES MAIS RECENTES — OS MELHORES ATORES, JUHI CHAWLA, alugue por dois dias E pague só um. E ainda, com atrevimento, pergunte se não conseguir encontrar.

Há tanta gente ao sábado, que parece que as paredes têm de respirar fundo para a aguentarem. Todas aquelas vozes a falarem em hindi, oria, assamês, urdu, tamil, inglês, umas por cima das outras como notas de uma tanpura, todas aquelas vozes a pedir mais do que as palavras dizem, a pedir felicidade, embora ninguém saiba onde ela se encontra. E eu tenho de estar atenta aos intervalos, tenho de sopesá-los com as minhas mãos de ossos cor de coral. Tenho de cantarolar em surdina sobre as embalagens e os sacos, enquanto peso, meço e faço a conta, mesmo quando digo num tom pretensamente austero: “Por favor, não toque nos mithais” e “Se a garrafa se partir, tem de pagar.”

Gosto de todos os que vêm à minha loja ao sábado.

Não pensem que só os infelizes é que vem à minha loja. Os outros também vêm, e são muitos. Um pai com a filha às cavalitas, que vem comprar laddus quando vai ao jardim zoológico. Um casal de reformados, ela ampara-lhe o cotovelo e ele apoia-se na bengala. Duas mulheres casadas que passam a tarde a fazer compras e a conversar. Um jovem técnico de informática que tenciona ir visitar os pais e exibir os seus novos dotes culinários. Entram sem fazer barulho e, enquanto andam de um lado para o outro, um clarão muito ténue envolve-os.

“Vejam, molhos de folhas de podina, verdes como as florestas da nossa infância.

Peguem nelas e vejam como têm um cheiro fresco e penetrante. Não é um motivo suficiente para nos alegrarmos? Abram uma

embalagem de cajus com chili e metam uma mão-cheia na boca. Mastiguem. Aquele sabor picante, que se desfaz e estala na boca, as lágrimas deliciosas que vos vêm aos olhos. Aqui está kumkum em pó, vermelho como o coração de um hibisco, para pôr na testa e dar felicidade ao casamento. E vejam, vejam, sabão de sândalo Mysore com o seu aroma suave, da mesma marca que costumavas comprar-me na índia, há tantos anos, quando éramos recém-casados. Ah, como a vida é bela."

Abençoo-os quando saem, um murmúrio de agradecimento por me terem deixado partilhar a sua alegria. Mas já estão a desaparecer da minha mente, já estou a voltar-me para outros. Aqueles de que preciso porque eles precisam de mim.

Manu que tem dezassete anos, com um blusão dos 49ers vermelho-berrante como um grito, entra, impaciente, e vem buscar um saco de bajra atta para a mãe antes de ir brincar para a escola. Manu, que estuda em Ridgefield High, pensa, furioso: "Não é justo, não é justo." Porque quando falou em "baile", o pai gritou: "Andas a beber uísque e cerveja e a dançar agarrado a americanas ordinárias de minissaia. Andas a pensar em quê"? Manu entrou pé ante pé, de ténis Nike fluorescentes, comprados com o dinheiro que poupou a lavar casas de banho no motel do tio, pronto a descolar se soubesse onde iria aterrar.

Manu, dou-te uma placa de doce de sésamo feita de melaço, gur, para que sossegues e ouças o amor na voz do teu pai, que está assustado por a América estar a perder-te.

E Daksha que entra com a bata branca de enfermeira, engomada e lustrosa, tal como os sapatos e o sorriso.

— Daksha, de que precisa hoje?

— Tia, hoje é ekadasi, já sabe, É o décimo primeiro dia da lua, e como a minha sogra é viúva não deve comer arroz. Por isso lembrei-me de levar trigo britado para lhe fazer um pudim dália, e enquanto eu aqui estiver pode também colher alguns dos seus methi. O meu marido gosta tanto de methiparaíbas.

Enquanto ela escolhe as folhas verdes, observo o seu rosto. Nos cantos em que o brilho desapareceu, o sorriso descai. Todas as noites sai do hospital, chega a casa e enrola chapatis quentes, quentes com banha de manteiga, porque a sogra diz que a comida

do frigorífico só é boa para os criados ou para os cães. Coze, frita, tempera, serve, limpa, enquanto todos se sentam, dizendo: “Está bem”, “Sim, mais”, até o marido, porque afinal a cozinha é o território da mulher.

Em resposta à minha pergunta, ela diz: — Sim, tia, é duro, mas o que hei-de fazer? Afinal, temos de tomar conta dos nossos velhos. Seria uma grande confusão lá em casa se eu dissesse que não podia fazer este trabalho todo. Mas às vezes apetece-me...

Cala-se. Daksha, que ninguém ouve, e que já se esqueceu das palavras. E no seu íntimo, colado ao céu-da-boca, enorme e silencioso, o horror do que ela vê durante todo o dia. Na enfermaria dos doentes com SIDA, aqueles jovens tornam-se leves como crianças, com os ossos carcomidos. Com a pele frágil e ferida, com uns olhos enormes e expectantes.

Daksha, aqui está a pimenta-preta em grão para ferveres inteira e beberes. Solta-te a garganta, para que aprendas a dizer Não, essa palavra tão difícil para as mulheres indianas. Não e Agora ouçam-me.

E, Daksha, antes de saíres, aqui tens amla para te dar mais resistência. Amla, que também vou tomar durante uns dias para ajudar a suportar a dor do que não podemos alterar, a dor que aumenta devagarinho e cresce como uma nuvem de monção, que, se a deixares, ofusca o Sol.

Agora entra Vinod, que é dono do índia Market do outro lado da baía e vem de vez em quando para inspeccionar a concorrência, que toma o peso a um pacote de dal de dois quilos e meio, com mãos experientes, para ver se este tem um pouco menos, como na sua loja. Que pensa que os outros são parvos quando não são.

Vinod, que dá um salto quando pergunto: “Como vai o negócio, Vinod-bhai?” Porque ele julga sempre que eu não sei quem ele é. Dou-lhe uma embalagem cheia de “verde-castanho-preto” e digo: “Com os cumprimentos da gerência”, e disfarço o riso com a mão, enquanto ele funga, desconfiado.

— Ah, karipatti-diz ele, por fim.

No íntimo, pensa: “Que mulher louca, julga que teve dois dólares e quarenta e nove cêntimos de lucro”, enquanto mete na algibeira as

folhas adstringentes que escurecem depois de secas no caule, para reduzirem a desconfiança e a avareza.

Ao sábado, quando a loja fervilha de palpitação e de desejo, às vezes tenho uma visão do futuro. Não a controlo. Nem confio inteiramente nela. Mostra-me pessoas que virão à loja, mas não diz se será daqui a um dia, a um ano ou a uma vida. Os rostos são sombrios e informes, como se os víssemos através do vidro de uma garrafa de Coca-Cola. Presto-lhes pouca atenção. Estou demasiado ocupada, e feliz por deixar que o tempo me traga o que ele quiser.

Hoje, porém, a luz é rosada como os karabi em flor, e a estação de rádio indiana vomita uma canção acerca de uma rapariga de cintura fina, que usa pulseiras de prata nas pernas. Estou ansiosa por vê-la. A atmosfera cheira a aves marinhas.

Demoro-me a abrir as janelas. Percorro o passeio da frente à procura, embora não haja nada excepto uma senhora arrastando os pés atrás de um carrinho de compras e um grupo de rapazes pavoneando-se ao longo das paredes do Cabeleireiro do Myisha, cheias de inscrições. Uma voz impaciente chamame à caixa. Passa um Cadil ac verde-mar comprido e baixo com barbatanas de tubarão. Um cliente queixa-se porque debitei duas vezes a mesma coisa. Peço desculpa. Mas no meu íntimo tento lembrar-me se o americano solitário vem de automóvel.

Sim, admito que ele é o motivo. E é verdade que quero voltar a vê-lo. E é verdade que fico desapontada quando a visão me atinge como um acesso de febre e, estremecendo, procuro entre os rostos que chegam e não vejo o dele. “Ele prometeu”, digo a mim própria, e zango-me porque ele não o fez verdadeiramente.

De repente, apetece-me deitar ao chão a caixa dos mithais e deixar ao pó o laddus e os rasogol ahs, para que a calda e os pedaços de vidro se colem às solas dos sapatos. E ver o olhar escandalizado dos clientes de cujos desejos estou farta.

É um desejo meu que quero concretizar, por uma vez.

Seria tão fácil. Uma tola de raiz de lótus queimada à noite com prishniparni, algumas palavras pronunciadas, e ele não conseguiria manter-se afastado. Sim, seria ele que estaria na minha frente e não este homem gordo, de óculos com armações redondas, que me participa que já não tenho chana besan. Se eu quisesse, ele não

veria este velho corpo mas aquilo que me apetecesse, seios curvos como mangas que caberiam na palma da mão e coxas elegantes e alongadas como eucaliptos.

Apelaria ao abhrak e ao amlaki para me tirarem as rugas, escurecerem o cabelo e devolverem a firmeza à carne flácida. E, acima de tudo, ao makaradwaj, que os Ashwini Kumars, os dois médicos dos deuses, deram ao seu discípulo Dhanwantari, para que ele fosse o maior dos médicos. Makaradwaj, que se deve usar sempre com o maior cuidado, pois uma pequena porção pode causar a morte, mas eu não tenho medo, eu, Tilo, que era a aluna mais brilhante da Velha.

O homem gordo está a dizer qualquer coisa, e vejo-lhe a língua espessa e rosada na boca aberta. Mas não o ouço.

A Velha, a Velha. O que diria ela deste desejo? Fecho os olhos com um sentimento de culpa.

— Estou muito preocupada contigo — disseme ela no dia da minha partida.

Estávamos no ponto mais alto do vulcão, só com o céu por cima de nós. A fogueira de Shampati ainda não estava acesa. A atmosfera violeta-acinzentada do crepúsculo, suave como traças, contrastava com a silhueta escura da pira. Lá em baixo, muito ao longe, as ondas desfaziam-se em nuvens brancas e silenciosas como num sonho.

A angústia da velha envolvia-me como se fosse nevoeiro.

Quis puxá-la para mim, depositar-lhe um beijo reconfortante na face aveludada e rugosa. Como se eu fosse a mais velha e não ela. Mas não me atrevi a tratá-la com tal intimidade.

Então acusei-a.

— Está sempre a duvidar de mim, Primeira Mãe.

— Porque sei como tu és, Tilo. Brilhante mas imperfeita, um diamante rachado que, depois de lançado no caldeirão da América, pode desagregar-se.

— Rachado porquê?

— Pela luxúria, por esse desejo de experimentar todas as coisas, tanto as doces como as amargas, que tens na língua.

— Mãe, está a preocupar-se sem necessidade. Antes que a luz atravesse o céu, não estarei a caminho da fogueira de Shampati

que destrói todos os desejos?

Ela suspirara.

— Rezo para que ela tenha esse efeito em ti.

E dera-me a bênção naquela atmosfera obscura.

— Chana besan — diz agora o homem gordo, a cheirar a alho de conserva e a muitos almoços. — Não me ouviu dizer que quero chana besan}

Tenho a cabeça a estalar. Sinto um zumbido de abelhas cá dentro.

Homem gordo, podia pegar num punhado de sementes de mostarda e pronunciar uma palavra, e durante um mês a febre queimar-te-ia o estômago, fazendo-te vomitar o que quer que comesses.

Tilo, foi a isto que chegaste?

Dentro da minha cabeça, o ruído da chuva. Ou são as lágrimas das especiarias?

Mordo agora o lábio até fazer sangue. A dor purifica-me, começa a libertar o veneno do meu corpo crispado.

— Desculpe — digo eu ao homem. — Tenho um grande saco de besan lá dentro.

Encho um pacote e gravo nele um carácter rúnico com o dedo, para meu controlo.

Por ele e por mim.

Ó especiarias, continuo a ser vossa, Tilottama, a essência do til, a que dá vida, amor e esperança. Ajudem-me a não soçobrar.

Americano solitário, embora o meu corpo se transforme de súbito numa chaga quando penso em ti, se vieres ter comigo terá de ser porque tu próprio o desejas.

De manhã, bem cedo, ele entra de repente na loja para fazer as compras da semana para a família, embora o filho lhe tenha perguntado muitas vezes: “Baba, porquê na sua idade?” O avô de Geeta continua a andar como um major do exército embora já se tenham passado vinte anos. A camisa de colarinho pontiagudo, bem engomada, e as calças cinzentas da cor do aço, impecavelmente vincadas. E os sapatos, os sapatos Bata, negros como a noite, bem

engraxados, a condizer com o ônix que traz na mão esquerda, para assegurar a paz de espírito.

— Mas paz de espírito é uma coisa que eu não tenho, nem um bocadinho, desde que atravessei o kalapani e vim para esta América — diz-me ele mais uma vez. — Aquele Ramu disse: "Venha, venha, baba, que estamos todos aqui. Quer envelhecer tão longe dos seus, da sua neta?" Mas, digo-lhe, era melhor não ter nenhuma neta do que ter esta Geeta.

— Sei o que quer dizer, dada — respondo eu para o acalmar. — Mas a sua Geeta é tão boa rapariga, tão bonita e tão amável, decerto está enganado. Ela vem muito à minha loja e, sempre que cá vem comprar a minha manga picante de conserva, tem a delicadeza de me dizer que é muito saborosa. É tão esperta, passou na faculdade com as melhores notas. Não é como a mãe diz. E agora está a trabalhar numa grande empresa de engenharia, não é verdade?

Ele ignora os meus cumprimentos, acenando com a bengala de mogno esculpido.

— Isso pode estar certo para todas estas mulheres firingi deste país, mas diga-me, didi, se uma jovem deve ficar até tarde a trabalhar no escritório com outros homens e ir para casa só à noite, às vezes nos carros deles? Chee chee, se ela voltasse para Jamshedpur, atiravam-lhe estrume à cara por causa disso. E ninguém casaria com ela. Mas quando falo nisso ao Ramu, ele diz: "Baba, não se preocupe que eles são só amigos. A minha filha tem mais que fazer do que envolver-se com um estrangeiro qualquer."

— Mas, dada, afinal estamos na América e até na índia as mulheres agora trabalham, até em Jamshedpur.

— Uai, lá está a senhora a falar como o Ramu e a mulher dele, essa Sheela que deixou a filha demasiado à solta, nem sequer lhe dava um tabefe, e veja o que aconteceu. Arre baap e, mesmo que isto seja a América, nós continuamos a ser bengalis, não é verdade? E as raparigas e os rapazes continuam a ser raparigas e rapazes. Banha de manteiga e um fósforo aceso, junte-os e mais tarde ou mais cedo haverá um incêndio.

Dou-lhe uma garrafa de óleo brahmi para o acalmar.

— Dada — digo eu. — O senhor e eu já somos velhos, chegou o momento de passarmos o tempo com os nossos rosários e deixarmos que os jovens sigam a sua vida como melhor lhes aprouver.

No entanto, todas as semanas o avô de Geeta aparece com histórias novas e indignadas.

— No domingo passado, aquela rapariga cortou o cabelo tão curto tão curto que até ficou com o pescoço à mostra. Disse-lhe: "Geeta, o que fizeste? O teu cabelo é a essência da tua feminilidade." Sabe o que ela respondeu?

Leio a resposta no seu rosto franzido. Mas para o confortar faço a pergunta.

— Riu-se, afastou todas aquelas farripas desalinhadas da cara e disse: "Ó avô, eu estava a precisar de um novo visual."

Ou então:

— Aquela Geeta, a maquilhagem que ela usa. Livra, no meu tempo, só as inglesas e as prostitutas é que faziam aquilo. As raparigas indianas decentes não se envergonham da cara que Deus lhes deu. Não imagina o que ela leva, mesmo quando vai para o emprego.

O seu tom revela como se sente indignado. Apetece-me sorrir. Mas limito-me a dizer: — Talvez esteja a exagerar. Talvez...

Ele interrompe-me de mão erguida, com um gesto de triunfo.

— A exagerar, diz a senhora! Ora essa! Eu vi com os meus próprios olhos o que ela levava naquela carteira. Rímel, blush, base, sombra para os olhos e mais coisas de cujo nome não me lembro, e um bâton tão berrante que fazia parar os homens.

Ou:

— Didi, ouça o que ela fez neste fim-de-semana. Comprou um carro novo para ela, que custou milhares e milhares de dólares, e de um azul tão vivo que até fere a vista. Eu disse ao Ramu: "Que disparate é este? Ela andava com o teu carro velho, muito bem. Devias ter guardado este dinheiro para o dote dela." Mas aquele palerma está cego, sorri e diz: "O dinheiro é dela, ganho com o seu trabalho, e além disso a minha Geeta vai encontrar um bom rapaz indiano, daqui, que não acredita em dotes."

“Geeta”, chamo em silêncio, quando ele se vai embora. “Geeta, cujo nome significa cântico suave, conserva sempre a paciência, o humor e o gosto pela vida. Estou a queimar incenso da flor do champak para que haja harmonia em tua casa. Geeta, que és um misto da índia e da América transformado numa nova melodia, tem paciência para um velho que se agarra ao passado com toda a força das suas mãos trémulas.”

Hoje o avô de Geeta vem à loja, mas sem o seu saco de compras de tiras plásticas, com as mãos a abanar, sem sentido, os dedos hirtos e desajeitados, sem nada para agarrarem. Fica uns instantes junto do balcão, a olhar para os mithais, mas sem os ver, e quando lhe pergunto o que precisa, desabafa: — Didi, não vai acreditar.

Fala muito alto, movido pela calamidade e pela justiça, mas ouço o ruído agreste do medo.

— Disse centenas de vezes ao Ramu: “Isto não é maneira de se educarem os filhos, sobretudo as raparigas, dizer sim... sim, sempre que eles querem qualquer coisa.

Lembra-te de que, na índia, todos os teus irmãos e irmãs levavam um ou dois bons açoites e que depois nunca tive problemas contigo. Gostava menos de ti? Não. Mas sabia qual era o meu dever de pai.” Centenas de vezes lhe disse. Casa-a agora que ela terminou os estudos universitários. Estás à espera que a desgraça te bata à porta? E agora veja o que aconteceu.

— O que foi?

Estou impaciente, com o coração apertado por maus pressentimentos. Tento olhar para dentro, mas os túneis da minha mente estão cheios de folhas secas e de poeira.

— Ontem recebi uma carta de Jadu Bhatchaj, o meu velho amigo dos tempos do exército. Andam à procura de uma noiva para o sobrinho-neto, um rapaz excelente, muito esperto, com vinte e oito anos apenas e que já é juiz auxiliar numa comarca.

Por que não enviar-lhe pormenores da Geeta e uma fotografia também? Ele escreveu e talvez os pais concordem. Mas que bela notícia, penso eu, e agradeço à deusa Durga, e assim que o Ramu chega a casa, digo-lhe. Ele não fica tão ansioso, diz que ela foi

criada aqui, e como pode viver no seio de uma família grande e unida na índia? E é claro que a Sheela diz: “Ora, não quero mandar a minha única filha para tão longe.” Digo-lhe: “Mulher, não estás a ser sensata. A tua mãe também não se viu obrigada a mandar-te para longe? Tens de fazer o que for melhor para ela.

Até por uma questão de nascimento, o lugar de uma rapariga é junto da família do futuro marido.” E que melhor família pode ela arranjar para a nossa Geeta do que a gente de Jadubadu, uns brâmanes tão antigos e respeitados que toda a gente conhece em Calcutá? “Está bem, vamos perguntar à Geeta”, disse por fim o Ramu.

O velho faz uma pausa para tomar fôlego.

Quero extorquir-lhe o resto da história, mas finco as unhas no balcão e aguardo.

— Bem, sua excelência chega tarde como de costume, às nove horas da noite, a dizer: “Já jantei. Não se lembram de eu lhes ter dito que alguns deles iam às pizzas?” Apetece-me perguntar-lhe: “Desde quando é que te misturas com eles?”

Mas refreio-me. O pai fala-lhe da carta. “Papá, diga-me que está a brincar”, diz ela.

E ri-se, ri-se. “Está a imaginar-me com um véu na cabeça, todo o dia sentada numa cozinha fedorenta, com um molho de chaves atado ao sari?” O Ramu diz: “Vá lá, Geeta, isso não vai ser assim.” Mas eu digo: “E depois, Senhora de Nariz Arrebitado? A tua avó, que Deus tenha a sua alma a Seus pés, fez isso durante toda a vida.” Ela responde: “Sem ofensa, avô, isso não é para mim. E já que estamos a falar nisso, os casamentos arranjados também não são para mim. Quando casar, serei eu a escolher o meu marido.”

O velho prossegue: — O Ramu não fica lá muito satisfeito e a Sheela começa a franzir o sobrolho. Digo-lhes: “Estão a ouvir isto? Por isso é que já vos disse há muito tempo que a enviassem para a Escola da Missão de Ramkrishna em Chuchura.” Mas ela interrompe-me e diz, de rompante: “Acho que esta é uma boa altura para vos participar que já encontrei a pessoa que amo.”

“Chee chee, sem vergonha nenhuma, a falar de amor à frente dos pais, à minha frente, que sou seu avô.

“Depois do primeiro choque, o Ramu pergunta: "O que é isto agora?", e a Sheela pergunta quem é. Depois, perguntam ambos o que faz ele e se o conhecem.

“"Vocês não o conhecem", responde ela. Está corada e com a respiração suspensa, como se estivesse debaixo de água, e eu sei que qualquer coisa de mau está para vir.

“"Ele trabalha na empresa, é director de projecto." Cala-se durante um minuto.

Depois acrescenta: "Chama-se Juan, Juan Cordero.

“"Haibhagaban", digo eu. "Ela vai casar com um homem branco."

“"Papá, mama, por favor não se zanguem" diz ela. "Ele é um homem muito simpático, vão ver quando eu o trouxer cá a casa. Estou tão aliviada por me ter libertado deste peso. Há muito tempo que ando para vos dizer isto." A mim, diz-me: "Avô, ele não é branco é chicano."

“"O que quer isso dizer?", pergunto eu. Mas já sei que não é nada de. bom.

“Quando ela me explica, digo-lhe: "Estás a desacreditar a tua casta e a lançar o mais negro kali à cara dos teus antepassados ao casares com um homem que nem sequer é um sahib, cujos parentes são marginais que vivem em bairros de lata e estão numa situação ilegal. Não me digas Ó avô, não está a perceber, julgas que eu não vejo televisão?"

“A Sheela chora e torce as mãos, diz que nunca julgou que ela lhes fizesse uma coisa daquelas e que era assim que ela os recompensava por lhe terem dado tanta liberdade apesar de a família os ter avisado. Mas o Ramu está sentado, sem dizer nada. Apetece-me dizer-lhe: "Já que deixaste o gado sair do estábulo, não podes deixá-lo ir para o campo." Mas ao ver a cara dele, não tenho coragem. Digo apenas: "Ramu, por favor, mete-me no avião para a índia, amanhã mesmo."

“"Papá, papá", diz a Geeta. Abana-lhe o braço. "Diga qualquer coisa."

“Ele afasta-a como se tivesse sofrido um choque. Retesa-se-lhe um pequeno músculo na cara. Lembro-me disso quando ele era pequeno. Se estava muito zangado, antes de partir um vaso ou de bater noutro miúdo, ou coisa parecida. Cerra os punhos. Acho que

ele vai bater-lhe e fica tudo negro à minha frente e depois vejo uns pontinhos amarelos, como flores de mostarda.

“Estou demasiado velho para isto, penso eu. Sinto um peso na cabeça. Quem me dera que aquela maldita carta se tivesse extraviado lá na índia.

“Mas o Ramu abre as mãos. "Eu confiei em ti", diz ele, num tom violento.

“Depois disto, tenho de fechar os olhos. É como se o vento soprasse à minha volta, e as palavras também, mãe e filha.

“"Vai para o teu quarto. Não quero voltar a ver a tua cara."

“"Nem é preciso. Vou-me embora. E nunca mais voltarei."

“"Faz o que quiseres. Eu e o teu pai deixaremos de ter filha e talvez seja melhor assim."

“"Papá, é isto que quer? Papá."

“Silêncio.

“"Muito bem, nesse caso vou viver com o Juan. Há muito tempo que ele mo anda a pedir. Eu disse que não, sempre a pensar em vocês, mas agora vou.

“E a Sheela grita, a soluçar: "Não queremos saber para onde vais, minha desavergonhada e infeliz."

“As portas fecham-se com estrondo. Só se ouvem choros. Talvez seja o motor de um automóvel, talvez seja o chiar dos travões. Quando abro os olhos, estou sozinho na sala, com o homem da televisão a falar de uma grande tempestade no mar, que está a deslocar-se para terra. Vou para o meu quarto mas não consigo adormecer.”

Aponto para as veias dos olhos, salientes como fios vermelhos e quebradiços.

— E esta manhã? O que aconteceu esta manhã? — pergunto.

Ele encolhe os ombros, desorientado.

— Saí de casa antes de alguém acordar. Andei de um lado para o outro em frente da sua loja até a senhora abrir a porta.

— Mas o que posso eu fazer?

— Sei que pode ajudar. Ouvi dizer umas coisas no piquenique bengali do Ano Novo, e também quando os velhos se reúnem para jogar brídege. Por favor.

O avô de Geeta, orgulhoso, baixa a cabeça branca e balbucia palavras de súplica, desajeitadas.

Preparo-lhe amêndoa em pó e kesar para ferver em leite.

— Toda a família deve beber isto ao deitar — digo eu. — Para amenizar as palavras e os pensamentos, para lembrar que debaixo do ódio jaz o amor. E o senhor, dada, que contribuiu tanto para esta confusão, tenha um cuidado especial com o que diz. Não fale mais em voltar para a índia. Quando a amargura lhe ferver na boca e quiser partir, engula isto com uma colher deste xarope de draksha.

Ele toma-o e agradece-me, cabisbaixo.

— Mesmo assim, não sei se isto será suficiente. Para o remédio fazer efeito, a Geeta tem de vir ter comigo.

— Mas ela nunca virá — responde ele, num tom seco e sem esperança. O avô de Geeta, de ombros caídos, encolhido. Passou a noite vestido, e o seu fato parece a roupa caída de um espantalho.

O silêncio envolve-nos, espesso como óleo. Até que por fim ele diz: — Talvez a senhora pudesse ir ao encontro dela... — A sua voz aprendeu novos tons.

De hesitação, de desculpa.

— Posso ensinar-lhe o caminho — acrescenta ele.

— Impossível. Não é permitido.

Ele não diz mais nada. Limita-se a fitar-me como um animal ferido.

E de repente, sem razão, penso no meu americano.

Geeta, tal como tu, também eu estou a aprender que o amor é como uma corda que se nos enrola no coração e nos puxa, fazendo-nos sangrar, afastando-nos de todos os nossos deveres. E por isso digo ao teu avô: — Muito bem, mas só desta vez, custe o que custar.

Nessa noite sonho com a ilha.

Tenho sonhado muito com a ilha, mas desta vez é diferente.

O céu está negro e cheio de fumo. Não há céu nem mar. A ilha flutua num vazio obscuro, sem vida.

Mas apuro a vista e vejo que estamos sentadas debaixo de uma bania, a Velha a fazer-nos perguntas acerca do que aprendemos.

— Qual o maior dever da Mestra?

Levanto o braço mas ela dá a palavra a outra.

— Ajudar todos os que vêm ao seu encontro, aflitos ou desorientados.

— O que deve ela sentir para com aqueles que vêm ao seu encontro?

Levanto o braço mas sou de novo ignorada. Outra noviça dá a resposta: — Deve dar o seu amor a todos por igual e a ninguém em especial.

— E que distância deve manter?

Agito o braço.

Alguém diz:

— Nem muito longe nem muito perto, com calma e gentileza.

Levanto-me, furiosa. Ela não vê, ou ignora-me de propósito para me castigar?

— Ah, Tilo, sempre demasiado confiante, bem preparada para responder à próxima pergunta. O que acontece quando uma Mestra é desobediente e procura o seu próprio prazer?

— A fogueira de Shampati — começo a dizer, mas ela interrompe.

— Não a ela. Às pessoas que a rodeiam. “Primeira Mãe, nunca nos ensinaste isso.”

Abro a boca para dizer isto mas não sai qualquer som.

— Sim, porque eu esperava que vocês não precisassem de saber. Mas vocês mostraram-me que eu estava enganada. Ouçam bem, porque vou ensinar-vos agora.

Como se espreitasse por um telescópio, o seu rosto volta-se para mim, aumenta gradualmente de volume. A sua volta, tudo se desvanece. E depois, olho.

Está vazio. O nariz e os olhos, os lábios e a face. Só um buraco negro no sítio onde devia estar a boca.

— Quando uma Mestra usa o poder em seu próprio proveito, quando ela viola as regras milenares...

A voz da Velha torna-se áspera e oca, um ruído de grilhetas nas pedras de uma prisão.

— Invade o tecido delicado do equilíbrio do mundo e...

— E o que, Mãe?

Ela não responde. A boca negra aumenta de volume. É um esgar ou um sorriso? A ilha começa a balouçar, o solo aquece. E depois ouço o ronco. É o vulcão, a expelir cinzas e lava.

A Velha desapareceu. As outras noviças também. Fico só. Só na ilha que se inclina como um prato que alguém quer limpar. Grãos de rocha incandescente atingem-me em cheio. Tento equilibrar-me, mas o solo está mole como vidro derretido.

Escorrego para o precipício, para as goelas do nada.

Nunca vivi uma situação tão aterradora.

Depois, acordo.

E ouço a minha voz, que conclui o que a Velha deixou por dizer.

— ... É para todos os que ela amou e não devia, sobrevêm o caos.

FUNCHO

Há meses que a mulher de Ahuja não vem à loja.

Dantes, limitar-me-ia a encolher os ombros. “O que for, soará”, disse-nos a Velha. “O

vosso dever é apenas dar as especiarias, e não ficarem angustiadas com as consequências.”

Mas qualquer coisa começou a mudar em mim desde que o americano veio à loja.

Como se a casca dura de um grão tivesse caído e a semente húmida tivesse amolecido. As esperanças e os desgostos dos homens penetram na minha pele como uma lâmina.

Não sei se isto é bom.

Agora, de noite, dou comigo preocupada. Talvez ela não se tenha servido do açafrão, talvez ela não faça comida indiana, talvez ela ainda esteja a servir-se de especiarias velhas compradas noutra loja. Imagino o pacote a cair-lhe da mão quando ela se prepara para utilizá-lo, o pó amarelado a espalhar-se na atmosfera da cozinha, fino como poeira dourada, perdido, perdido. A outra hipótese que afasto com todas as minhas forças, por ser impossível é a especiaria ter falhado, o que é também um falhanço da minha vida.

Recordo então que, no momento em que ela ia a sair, um raio de sol incidiu-lhe na cara, tendo o cuidado de atingir apenas aquela nódoa negra reveladora.

— Deus esteja consigo — dissera eu.

E ela, sem responder, inclinara a cabeça, agradecida, mas por trás dos óculos escuros houvera um olhar que dissera: “Depois de meses e meses de preces que não obtiveram resposta, como posso continuar a acreditar?”

Há pouco tempo, dou comigo a tentar servir-me da visão para a treinar, como a luz de uma lanterna num quarto às escuras onde ela volta as costas à respiração intensa do marido adormecido e deixa que as lágrimas caiam, frias como pedras, na almofada. Ou são quentes e salgadas, riachos ácidos que a corroem até que nada reste dela?

É proibido o que eu estou a fazer.

— Abram-se ao dom da visão — disse-nos a Velha. — E ela mostrar-vos-à o que precisam de saber. Mas nunca tentem vergá-la à vossa vontade. Nunca se intrometam numa vida específica que está sob os vossos cuidados. Isso é destruir a confiança.

Era para mim que ela olhava enquanto falava, com os olhos salpicados de um triste pressentimento.

— O mais importante é não se aproximarem demasiado. Vão querer fazê-lo. Apesar de terem jurado tratar todos de igual maneira, haverá os especiais a quem pretenderão dar o vosso afecto, para quem quererão ser o que lhes faz falta na vida.

Mães, amigas, amantes. Mas não podem. Quando optam pelas especiarias renunciam a esse direito.

“Um passo a mais e os feixes de luz que ligam uma Mestra aquele que ela ajuda podem transformar-se em teias, de alcatrão e aço, envolvendo, atolando, empurrando ambas para a destruição.

Acredito nisto. Não me aproximei já da beira e não a senti a esboroar-se debaixo dos pés?

E repito a mim própria as palavras da Velha, à noite, quando afasto o pensamento daquela casa do outro lado da cidade, onde uma voz de homem ressoa através de um quarto, súbita como uma bofetada, naquela casa que parece um buraco negro pronto a implodir, no qual eu poderia desaparecer com tanta facilidade.

Especiarias, sei que vocês a protegerão do mal.

É a dúvida que ouço, subjacente às minhas palavras? O mais ínfimo vestígio, como um sopro de qualquer coisa que arde de repente, logo varrida por um vento mais forte? As especiarias também a ouvem?

Por isso, quando ela entra na loja esta manhã, um pouco mais magra e com olheiras mais pronunciadas, mas relativamente bem, e até com um sorriso fugidio ao canto da boca, sinto um grande alívio ao ouvi-la dizer “Namaste”. Alívio e um prazer lento como o mel, a tal ponto que tenho de sair de detrás do balcão. Tenho de dizer: “Como está, beti} Estava preocupada, há tanto tempo que não aparecia.” Tenho de pôr a mão — não, Tilo — no braço dela.

Sim, especiarias, tenho de admitir que isto não é um acaso como os outros. Fui eu que iniciei este contacto da pele, do sangue e do

osso.

No sítio em que as minhas mãos lhe tocam, sinto um pulsar. Fogo frio, gelo quente, todos os seus terrores atingem as minhas veias. A luz enfraquece como se uma mão gigantesca espremesse o sol. Uma névoa cinzenta e leitosa como cataratas cobre-me os olhos.

Esta dor vertiginosa, é isto que significa ser um ser humano mortal, não tocado pela magia?

E a mulher de Ahuja. O que sente?

Ouço as especiarias gritarem-me, um som semelhante a umas mãos quentes pressionando-me os ouvidos. “Afasta-te, afasta-te, Tilo, antes que fiques colada para sempre.”

Reteso os músculos para me afastar.

Então ela diz com uma voz destroçada: — Oh, mataji, sou tão infeliz que não sei o que hei-de fazer.

A boca descorada lembra pétalas de rosa pisadas, os olhos parecem um vidro partido. Cambaleia um pouco e estende a outra mão. E o que posso eu fazer senão agarrá-la, apesar do cheiro que se liberta, terrível, das tábuas do soalho, chamuscadas e cor de cinza? O que posso eu fazer senão pegar nela, apertá-la a dizer como as mães têm dito ao longo do tempo: — Acalma-te, filha, acalma-te. Tudo vai correr bem.

— Mataji, talvez em parte a culpa seja minha.

Sentada na minha pequena cozinha nas traseiras da loja, para onde nunca a deveria ter levado, a mulher de Ahuja conta-me o seguinte.

A culpa é minha, a culpa é minha. Um refrão que o mundo ensinou tantas mulheres a cantar.

— O que está a dizer, beti?

— Eu não queria casar. Tinha uma vida boa, a minha costura, as minhas amigas com quem ia ao cinema e com quem depois ia comer pani-puri, até tinha a minha própria conta no banco, o suficiente para não ter de pedir dinheiro ao meu pai. No entanto, quando os meus pais me pediram, eu disse, está bem, se é isso que querem.

Porque na nossa comunidade é uma vergonha se uma rapariga fica em casa sem casar, e eu não queria envergonhá-los. Mas

mantive a esperança até ao último momento. Talvez aconteça qualquer coisa, talvez os planos de casamento se desfaçam.

“Ah, se eu tivesse tido essa sorte!”

— Mas, quando conheceu o seu marido, o que pensou então? — pergunto eu, estendendo-lhe uma chávena de estanho cheia de chá, muito quente e muito doce, com uma tira de gengibre lá dentro para dar coragem.

Ela bebe um golo.

— Ele só chegou da América três dias antes do casamento. Foi nessa altura que eu o conheci. Tinha visto uma fotografia, evidentemente...

Cala-se e penso se ele teria enviado uma fotografia de outro qualquer. Sei que isso já tem acontecido.

— Mas assim que o vi, percebi que a fotografia já fora tirada há muitos anos.

Por instantes, a sua voz chispa com uma raiva antiga. Depois abandona os ombros ao seu próprio peso, como no primeiro encontro de ambos.

— Era demasiado tarde para anular o casamento. Todos os convites tinham sido enviados, os parentes de fora já estavam a chegar, e até viera um anúncio no jornal.

Ah, o dinheiro que o meu pobre pai não gastou por eu ser a mais velha! E se eu dissesse que não, as minhas irmãs também ficariam malvistas. Toda a gente diria: “Aquelas raparigas dos Chowdhary são mesmo teimosas. É preferível não fazer acordos com aquela família.”

“Foi assim que casei com ele. Mas no íntimo estava furiosa. No íntimo, mimoseava-o com todo o tipo de insultos: mentiroso, vigarista, filho da mãe. Naquela primeira noite na cama, nem falei com ele. Quando ele me dirigiu palavras ternas, voltei a cara para o lado. Tentou abraçar-me e eu empurrei-o.”

Suspira.

Também eu suspiro, com uma certa pena de Ahuja, calvo, barrigudo e ciente disso, aproximando-se com um sentimento de culpa desta rapariga tenra como um bambu verde e tão dura por

dentro. Ahuja, que desejava tanto (e não é isso que todos desejamos?) que o amor acontecesse.

— Uma noite, duas noites — diz a mulher de Ahuja. — Ele tem paciência. Depois fica muito zangado.

Calculo. Talvez os amigos dele troçassem e falassem nisso, como os homens fazem. “Arreyaar, conta-nos, é doce como o mel”, ou: “olhem, olhem, o Ahuja bhai cheio de olheiras, a mulher deve ter-lhe dado que fazer toda a noite.”

— E quando volto a empurrá-lo, ele agarra-me e...

Cala-se. Talvez seja a vergonha, o facto de estar a contar a uma estranha — porque afinal eu não sou mais do que isso — o que as boas esposas nunca devem fazer.

Talvez seja a admiração de se ter atrevido a ir tão longe.

Oh, parece quase a Lalita, cuja boca o açafrão começa a abrir como uma flor matinal. Como posso eu dizer-te que não é vergonha nenhuma falar? Como posso eu dizer que admiro essa atitude?

Na cabeça dela, as imagens secam e murcham como a roupa deixada num secador durante muito tempo. Um cotovelo de homem que a obriga a deitar-se no colchão, um joelho que lhe abre as pernas. E quando ela tenta arranhá-lo, mordê-lo (sem fazer barulho, porque ninguém lá fora deve saber deste sharam), uma bofetada na cara. Não com força, mas o impacte obriga-a a ceder para que ele possa fazer o que lhe apetece. O pior são os beijos depois daquilo acabar, beijos que lhe deixam a boca lambuzada, e a voz dele, saciada, ao ouvido dela.

“Pyari, merijaan, minha doce rainha do amor.” Uma vez e outra e outra. Todas as noites até ele partir para a América.

— Pensei em fugir, mas para onde iria? Sabia o que sucedia às raparigas que saíam de casa. Acabavam na rua, ou como mulheres por conta de homens muito piores do que ele. Pelo menos com ele eu tinha uma posição honrada — e fez um ligeiro esgar ao pronunciar esta palavra -, porque era uma esposa.

Há uma pergunta que deixo escapar, mas sei como é tola ainda antes de acabar de formulá-la.

— Não podia falar com alguém, talvez com a sua mãe? Não podia pedir-lhes que não a mandassem para junto dele?

E ela baixa a cabeça, a mulher de Ahuja que antes era a filha dos Chowdhary, e as lágrimas caem-lhe dentro da chávena, transformando o chá em sal. Até que eu transponho a distância proibida e lhas enxugo. A filha dos Chowdhary, cujos pais a criaram com amor e sentido do dever o melhor que souberam, para que ela cumprisse o seu destino, que era o casamento. Que sentiam o seu desgosto mas receavam perguntar à filha o que se passava, porque não sabiam o que fazer se ela lhes respondesse. E, ao aperceber-se desse receio, ela manteve o silêncio e escondeu as lágrimas porque também os amava, e eles já tinham feito tudo o que podiam por ela.

Silêncio e lágrimas, silêncio e lágrimas, a caminho da América. Um saco cheio de dor a inchar-lhe na garganta, até que hoje, por fim, o açafrão desfez o nó e deixou-o sair.

Uma hora mais tarde, a mulher de Ahuja ainda está a conversar, e as palavras soltam-se como a água que sai pela fissura de uma barragem.

— Eu bem sabia, mas continuava a ter esperança como as mulheres têm. O que nos resta? Aqui na América, talvez pudéssemos recomeçar, longe daqueles olhares, daquelas bocas sempre a dizerem-nos como deviamos agir, qual é o dever de uma mulher. Ah, mas as vozes, trazemo-las sempre dentro de nós.

Vejo-a nesse tempo, a mulher de Ahuja, a tentar agradar ao marido, a fazer cortinas novas para transformar a casa num lar, a enrolar parathas para servir quentes quando ele chegasse do emprego. E ele também, a comprar-lhe um sari novo, um frasco de perfume, Intimate ou Chantil y, uma bela camisa de noite de renda para usar na cama.

— Uai mataji, depois de o leite ter coalhado é possível que todo o açúcar do mundo lhe devolva a doçura?

“Sobretudo quando estou na cama, não consigo esquecer aquelas noites passadas na índia. Mesmo quando ele tentava ser amável, eu ficava hirta e não queria. Então ele perdia a paciência e gritava as palavras americanas que aprendera: "Cabra.

Foder contigo é como foder com um cadáver."

“E, mais tarde: "Com certeza que te arranjas por outro lado qualquer."

“Recentemente, vieram as regras. Não sair. Não falar ao telefone. Prestar contas de todos os cêntimos que gasto. Lê as minhas cartas antes de eu as mandar.

“E os telefonemas. Todo o dia. Às vezes de vinte em vinte minutos. Para saber o que estou a fazer. Certificar-se de que eu estou lá. Atendo o telefone, digo "está?" e ouço a respiração dele do outro lado da linha.”

Agora a mulher de Ahuja diz-me com um misto de medo e de calma, debulhada em lágrimas: — Mataji, eu costumava ter medo da morte. Ouvia falar de mulheres que se matavam e não percebia como conseguiam fazer uma coisa dessas. Mas agora percebo.

O quase Lalita, essa não é a solução. Mas o que posso eu dizer-te para te ajudar, eu que choro por dentro tanto como tu tens chorado?

— Que razão tenho eu para viver? Noutros tempos, desejava ter um bebé mais do que tudo no mundo. Mas esta situação permite que eu gere uma nova vida?

Cega pelas minhas lágrimas, não consigo encontrar solução nas especiarias. Está a acontecer aquilo de que a Velha me avisou.

“Tilo, estás demasiado perto, demasiado perto.”

Respiro fundo, retenho o ar nos pulmões como ela nos ensinou na ilha, até que o seu ruído afasta todos os outros sons da minha mente. Até que vislumbro um nome no meio da mancha avermelhada.

Funcho, que é a especiaria das quartas-feiras, o dia das médias, das pessoas de meia-idade. Cinturas que cederam, bocas descaídas com o peso de meia-vida que em tempos sonharam ser tão diferente. Funcho, castanho como a lama, cujas cascas e folhas dançam com a brisa do Outono, cheirando às mudanças que estão para vir.

— O funcho é uma especiaria extraordinária — digo à mulher de Ahuja, que se agarra à sua dupatta com uns dedos inquietos. — Coma um bocadinho, cru e inteiro, depois de cada refeição, para refrescar o hálito e auxiliar a digestão e que lhe dá força mental para o que tem de ser feito.

Ela olha para mim, desesperada. Os seus olhos de veludo amachucado perguntam: “É essa a ajuda que me dás?”

— Dê também um pouco ao seu marido.

A mulher de Ahuja alisa a manga da sua kurta, que arregaçou para me mostrar outra nódoa negra.

— Tenho de ir para casa. Ele já deve ter telefonado uma dúzia de vezes. Quando chegar a casa esta noite...

O medo liberta-se dela, como uma luz trémula, como o calor que um pavimento estalado exala no Verão. O medo, o ódio e a desilusão por eu não fazer mais nada.

— O funcho também refresca o humor — digo eu. Quem me dera dizer-lhe mais alguma coisa, mas isso anularia o poder da especiaria.

Ela dá uma gargalhada amarga e incrédula. Arrepende -se de ter confiado em mim, uma velha tonta que fala como se um punhado de sementes secas pudesse ajudar uma vida destruída.

— Isso é bom para ele — diz ela, pegando na carteira. O arrependimento pulsa como o sangue no seu cérebro.

Ela vai atirar o pacote que pus em cima da mesa, entre nós, para o canto de uma gaveta, ou talvez para o caixote do lixo, quando pensar na vergonha de tudo o que me contou.

Da próxima vez, irá a outra mercearia, mesmo que isso implique mudar de autocarro.

Tento olhá-la nos olhos mas ela não deixa. Voltou-se para se ir embora e já está à porta. Por isso, com o meu passo arrastado de velha, tenho de ir ao seu encontro e tocar-lhe no braço mais uma vez, embora saiba que não o devo fazer.

Línguas de fogo trespassam-me as pontas dos dedos. Ela ainda lá está, com os olhos a mudar de cor, a aclararem como óleo de mostarda aquecido, determinada, como se visse qualquer coisa para além do dia-a-dia.

Procuro o saquinho de funcho para lhe dar, mas ele não está lá.

“Especiarias, o quê...”

Desesperada, olho à volta, sinto que a mulher de Ahuja está com pressa. Por instantes receio que a especiaria não se me revele por eu ter ultrapassado os limites.

Mas aqui está o saquinho em cima desta pilha de revistas índia Currents, onde tenho a certeza de que não o pus.

“Especiarias, isto é uma brincadeira ou estão a querer dizer-me alguma coisa?”

Não há tempo para pensar. Pego no saquinho e numa revista. Dou-lhos.

— Confie em mim. Faça o que lhe digo. Todos os dias, depois das refeições, um pouco para si e um pouco para ele, e quando acabar volte cá e diga-me se não foi útil. E leia isto. Irá distraí-la dos seus problemas.

Ela suspira e faz um sinal afirmativo. E mais fácil do que argumentar.

— Filha, lembre-se disto, aconteça o que acontecer. Não fez mal em me contar.

Nenhum homem, marido ou não, tem o direito de lhe bater, de a obrigar a ir para uma cama que lhe repugna.

Ela não diz nem que sim nem que não.

— Agora vá-se embora. E não tenha medo. Esta manhã ele não teve tempo de telefonar para casa.

— Como sabe?

— Nós, as velhas, pressentimos certas coisas.

À porta, ela pede em voz baixa: — Reze por mim. Reze para que eu morra depressa.

— Não. Você merece a felicidade. Merece a dignidade. Rezarei por isso — digo eu.

Funcho, chamo eu assim que ela sai, funcho que tens a forma de um olho semicerrado, reforçado com surma, faz-me a vontade. Pego na lata e tiro uma mão-cheia. Funcho, que o sábio Vashitha comeu depois de ter engolido o demónio Il wal, para não regressar à vida.

Espero o estremecimento, o início do cântico.

Só o silêncio, e as extremidades aguçadas da especiaria que me picam a palma da mão como espinhos.

Fala comigo, funcho, mouri, da cor do pardal sarapintado que traz a amizade para o sítio onde faz o ninho, especiaria que digeres os desgostos e que, durante a digestão, nos dás força.

Quando chega, a voz não é um cântico mas um estrondo, uma vaga que se desfaz na minha cabeça.

Por que havemos de corresponder se tu fizeste o que não devias? Se pisaste o risco que voluntariamente traçaste à tua volta?

Funcho nivelador, que podes tirar o poder a um e dá-lo ao outro, quando duas pessoas te ingerem ao mesmo tempo, suplico-te, ajuda a mulher do Ahuja.

Admites a tua transgressão, a tua ganância, que te levou a apoderares-te daquilo a que prometeste renunciar para sempre? Estás arrependida?

Penso de novo nos dedos dela, leves como um pássaro pousado no meu braço, e igualmente confiantes. Penso que lhe enxuguei as lágrimas, que lhe senti as pálpebras húmidas, que tomei o seu rosto nas minhas mãos. Aquela pele viva e palpitante. Penso que a barra de aço que me envolvia o peito há tanto tempo cedeu um pouco.

Tu, mulher de Ahuja, que estás quase a transformar-te na Lalita, eu também sei o que é ter medo. Neste momento seria capaz de mentir, se isso fizesse bem a qualquer de nós. Pela tua vida eu daria a minha, se a aceitassem.

À minha volta estão as especiarias, distantes, frias e corteses, à espera, como se ainda não soubessem qual é a resposta.

Não me arrependo, digo por fim, e sinto que o ar me vai faltando. A minha língua parece uma tábua na boca. Tenho de me obrigar a falar.

Pagarei o que for preciso.

O silêncio é tal que eu poderia estar sozinha, a girar numa galáxia negra. A girar e a arder, e ninguém ouviria quando eu por fim explodisse.

Muito bem, diz por fim a voz.

O que acontecerá?

Sabê-lo-ás. A voz é fina e distante neste momento. Apaziguada. Sabê-lo-ás no momento próprio.

Na semiobscuridade da noite, estou sentada ao balcão, a cortar com a ponta da minha faca mágica sementes de kalo jire, que não são maiores do que o ovo de um gorgulho.

Requer concentração, esta tarefa. Certas palavras têm de ser pronunciadas à medida que a ponta da minha faca corta o kalo jire duro e estaladiço. Tenho de inspirar e suster a respiração até que seja seguro expirar. E portanto tive de esperar até fechar a loja.

Trabalho sem parar. Hoje, assim que Haroun chegar, como faz todas as terças-feiras quando vai a caminho do serviço religioso nocturno no masjid, tenho de ter o seu pacote pronto.

Não sei porquê, mas actualmente, sempre que penso no Haroun, sinto uma mão gelada a apertar-me os pulmões.

A faca sobe e desce, sobe e desce. As sementes de kalo jire zumbem como abelhas.

Tenho de fazer força, partir cada semente exactamente ao meio, tenho de manter o ritmo certo.

Se o fizer depressa de mais, as sementes estalam. Se for demasiado lenta, a corrente invisível que liga cada grão quebra-se e dissipa na atmosfera do mundo a sua energia obscura.

Talvez seja por isso que não o sinto entrar, que me sobressalto quando ele fala. E

sinto a lâmina no meu dedo como uma queimadura leve.

— Está a sangrar — diz o americano solitário. — Peço muita desculpa. Devia ter batido à porta.

— Está bem. Não, isto não é nada. Apenas um arranhão.

Por dentro, penso. Tenho a certeza que fechei a porta à chave, tenho a certeza que... Quem é este homem que consegue entrar apesar...

Então as palavras são levadas numa onda de alegria como faúlhas douradas.

As gotas de sangue do meu dedo caem sobre o monte de kalo jire, agora vermelho-escuro e danificado. Mas, cheia de uma alegria esfuziante, não encontro espaço para o arrependimento.

— Dê-me licença — diz ele. E antes que eu possa recusar, ele leva-me o dedo aos lábios. E chupa-o.

A suavidade dos dentes cor de pérola, a humidade quente e acetinada do lábio, a língua deslizando devagar sobre o golpe, na minha pele. O corpo dele e o meu tornam-se um só.

Oh, Tilo, alguma vez imaginaste...

Quero que este momento dure sempre, mas digo: — Por favor, tenho de pôr aqui qualquer coisa. E retiro o dedo, contrafeita. Na cozinha, encontro um saco de folhas secas de neem.

Embebidas em mel e apertadas contra a pele são o que há de melhor para curar uma ferida.

Mas, quando olho para o dedo, este já não sangra e só um pequeno golpe avermelhado denuncia o que aconteceu.

Talvez este corpo feito de fogo, de magia e de sombra já não sangre como o dos homens.

Mas, no meu íntimo, digo: “Foi ele, foi ele.”

Quando volto à loja, ele está ajoelhado em frente da vitrina dos artigos de artesanato a observar uns elefantes de sândalo em miniatura através do vidro riscado.

— Gosta deles?

— Gosto de tudo o que tem aqui.

O seu sorriso abre-se como uma sucessão de pétalas e dele brota algo mais do que palavras.

Tilo, estás apenas a imaginar que ele vê através desse corpo de velha.

Passo os dedos pelos elefantes até descobrir um que esteja bem esculpido: olhos, orelhas, cauda, as minúsculas presas de marfim como pontas de palito. Tiro-o da vitrina.

— Quero que fique com isto.

Outro homem teria protestado. Ele não protesta.

Deposito o elefante na palma da sua mão e vejo que os dedos se fecham sobre ele.

As unhas têm um brilho translúcido que sobressai na penumbra da loja.

— Os elefantes são para recordar e cumprir promessas feitas — digo.

— E cumpre sempre as suas?

Ah! Como ele sabe fazer-me esta pergunta!

Digo-lhe:

— O sândalo é para aliviar o sofrimento e o marfim para dar resistência.

Ele sorri, o meu americano solitário, sem se deixar enganar pela minha distância.

Reparo numa ruga ao canto da boca, que se ergue, e depois numa covinha em que tanto me apetecia tocar.

Para me refrear, pergunto: — Por que veio até cá?

Tilo, e se ele diz que veio por tua causa?

— Há sempre uma razão?

Continua a sorrir, com um sorriso sedutor que lembra uma nuvem orlada de prata, na qual eu poderia partir para nunca mais voltar.

Imprimo determinação à minha voz: — Sempre, mas apenas os lábios a conhecem.

— Talvez me possa dizer, então, qual é. — Está sério, neste momento. — Talvez saiba ler no meu pulso, como ouvi dizer que os vossos médicos indianos sabem fazer.

E estende-me um braço esguio com meadas de lápis-lazúli debaixo da pele.

— Que médicos são esses? — não resisto a perguntar. — Os nossos médicos frequentam a universidade, tal como os vossos.

Mas, perdoem-me, especiarias, que continuo com a mão dele na minha.

Tomo-lhe o pulso, leve como um desejo não verbalizado. A pele dele cheira a limão, a sal e a sol que fustiga a areia branca. Imagino apenas que ondulamos os dois em conjunto, como o mar.

— Minha senhora, minha senhora, o que se passa?

Haroun dá um pontapé na porta fechada com a ponta do sapato. Na testa, sinais de desagrado e de desconfiança.

Retiro a mão com uma sensação de culpa, como qualquer rapariga de aldeia. As palavras saem-me da boca em catadupas.

— Haroun, não me apercebi de que já era tão tarde.

— Por favor, vá ajudá-lo, que eu não tenho pressa — diz o meu americano, com uma voz fresca e desinibida.

Esgueira-se para um canto sombrio, entre pilhas de sacos de feijão, uride arroz-agulha do Texas.

Haroun volta a cabeça para o observar, com a boca bem fechada.

— Ladyjaan, deve ter mais cuidado com quem deixa entrar na sua loja ao anoitecer.

Muita gente que não presta anda a passear por esta zona...

— Cale-se, Haroun.

Porém, ele continua, agora em inglês, tão alto que a voz faz ricochete nas paredes de trás. A língua move-se, espessa e desajeitada, pronunciando palavras a que ele ainda não está habituado. De repente, envergonho-me do seu sotaque grosseiro, da gramática que ele ainda não domina. Segue-se uma vergonha mais profunda, como uma bofetada que me deixa a face a arder, por sentir desta maneira.

— Por que é que a sua porta hoje não estava fechada à chave? Não leu no índia Post que, na semana passada, um homem assaltou uma loja de conveniência? Atingiu o proprietário, chamava-se Reddy, creio eu, com três tiros no peito. Não foi muito longe daqui. É melhor pedir a este sujeito que saia enquanto eu estou na loja.

Estou mortificada porque sei que o meu americano está a ouvir.

— Lá porque ele está todo janota, isso não significa que possa confiar nele. Pelo contrário. Tenho ouvido falar de homens assim, bem vestidos e a fingir que são ricos, que atacam as pessoas. E se ele é rico, o que pretende de nós, um sahib como ele? É melhor afastar-se dessa gente. Senhora, ouça, deixe o caso comigo, que eu vou ver-me livre dele.

Tento lembrar-me do que o americano veste e fico furiosa por não conseguir, eu, Tilo, que sempre me orgulhei de ser muito observadora. Furiosa também porque há bom senso no conselho de Haroun, que é o que a Velha também diria.

Um sahib como ele. Não como nós. Afasta-te, Tilo.

— Haroun, eu não sou nenhuma criança. Sei tomar conta de mim. Agradeço que não ofenda os meus clientes.

A minha voz é aguçada e cortante como unhas mal aparadas. É o som da recusa?

Haroun retrai-se. Cora até à raiz dos cabelos. Ferido, diz com uma voz formal: — Só falei assim porque estava preocupado. Mas vejo que fui longe de mais.

Abano a cabeça, exasperada.

— Haroun, não foi isso que eu quis dizer.

— Não, não, que direito tenho eu, um pobre homem, um motorista de táxi, de dar conselhos à senhora?

— Não se vá embora. Estou quase a acabar o seu pacote.

Ele abre a porta com um longo estalido.

— Não se preocupe comigo. Afinal sou apenas um kala admi, e não um branco como ele...

Eu sei que não devia. Mas...

— Haroun, está a comportar-se como uma criança — respondo.

Ele faz uma vénia, com um ar digno, e a sua silhueta destaca-se na noite que se abre à sua volta como um par de mandíbulas.

— Khuda hafiz, adeus. O mul ah já deve ter começado o serviço e eu não posso demorar-me mais.

A porta fecha-se com um clique, um som calmo e final, antes que eu possa retribuir-lhe o cumprimento, Khuda hafiz, que Alá esteja contigo.

Quando me volto de novo para o balcão, vejo-te, kalo jire vermelho-escuro, destinado ao Haroun, agora desfigurado pelo meu sangue, espalhado no balcão como uma mancha escura. Um silêncio mais acusador do que as palavras.

Observo-te por instantes e depois varro-te para o interior do meu pal oo. Ponho-te no caixote do lixo.

Um desperdício. Um desperdício imprudente e pecaminoso. E o que diria a Velha.

A tristeza incha dentro de mim com o seu cheiro a enxofre quente. A tristeza e outro sentimento que não me atrevo a olhar de perto: culpa ou talvez desespero.

Mais tarde, digo para mim própria. Tratarei disso mais tarde.

Mas ao dirigir-me para as traseiras da loja onde o meu americano está à espera, sei que mais tarde é como uma tampa assente num tacho com água a ferver, e lá dentro o vapor aumenta cada vez mais.

— Às vezes tenho uma dor — diz o americano. — Aqui.

Pega na minha mão e leva-a ao peito.

Tilo, ele sabe o que está a fazer?

Na minha mão, sinto o coração dele a bater. Curiosamente é uma batida firme, como uma gota de água que cai numa velha pedra. Em nada se parece com o adernar desenfreado no meu peito, como cavalos frenéticos que se precipitam para as paredes de uma gruta. Faço um esforço para ver a sua roupa. Sim, Haroun tem razão, a seda da camisa é suave e macia, as calças são escuras e elegantes, o casaco molda-se-lhe ao corpo, impecável. O brilho baço do couro nos pés e à cintura. E no dedo anelar, um diamante que faísca como uma fogueira branca. Mas logo as afasto do meu pensamento porque vejo que as suas roupas não têm qualquer relação com o que ele é na realidade. Retenho apenas o modo como a sua carne vibra na garganta, quente e brilhante, o modo como os seus olhos se enternecem quando os fito.

Estamos ao balcão, eu do lado de dentro e ele encostado ao vidro, e entre nós, as especiarias, como se fossem uma parede, a observar.

— O seu coração parece estar bem — obrigo-me a dizer.

Por baixo da camisa, a sua pele deve ser dourada como a luz de um candeeiro, e os pelos do peito crespos como relva.

Não. Confronto-me com uma imagem diferente, cujos contornos nítidos sei que são verdadeiros. O seu peito inocente, com pelos macios como a caneleira-brava aquecida pelo sol, de que nos servíamos na ilha para esculpir amuletos.

— Sim, é isso que dizem todos os médicos. Americano solitário, quero saber tudo a teu respeito.

Por que vais ao médico? Desde quando tens essa dor? Mas, quando tento olhar lá para dentro, vejo apenas o reflexo da minha face num lago prateado.

— Talvez que eles me queiram dizer que a dor está apenas na minha cabeça. Mas é mau para o negócio dizer isto em voz alta.

Os olhos dele riem-se para mim como que a dizer: “Está bem, dou-te o que quiseres, só um bocadinho.” O cabelo dele brilha, como a asa negra de um pássaro inundada de sol.

Estás a brincar comigo, americano, e eu estou encantada. Eu que nunca brinquei.

De repente, sinto-me leve como uma rapariga neste esqueleto de velha.

— Talvez precise de amor para curar o coração — digo, também a sorrir. Espanta-me a facilidade com que aprendo as regras deste jogo amoroso. — Talvez seja isso que provoca a dor.

Oh, Tilo, desavergonhada, o que é isso?

— Acredita mesmo nisso? — pergunta ele, agora muito sério. — Acredita que o amor pode curar as dores de coração?

O que havia de dizer, eu que não sou experiente no amor?

Mas, antes de tentar responder, ele ri-se e esquece a pergunta.

— Talvez tenha razão — diz ele. — Tem alguma coisa para mim?

Por instantes, sinto-me desapontada. Mas não, é preferível assim.

— Claro que tenho — digo-lhe, já com uma voz contida.

— Sempre, para todos. Um momento.

Ouço-o dizer atrás de mim: — Espere. Eu não quero só o que tem para os outros.

Quero...

Mas eu não paro.

No quarto interior, aproximo-me da raiz de lótus, sopeso a sua leveza na minha mão por um brevíssimo momento.

Por que não, Tilo? Já começaste a quebrar todas as regras.

Pouso-a com um suspiro. Raiz de lótus, padmamul o afrodisíaco que colhi no meio do lago da ilha, este não é o momento certo para ti.

Quando volto, ele olha para as minhas mãos vazias. Ergue o sobrolho.

Devia ter-lhe dado o que está à espera na caixa de ébano, debaixo do balcão, a noz dura de hing, assa-fétida, para devolver o equilíbrio à minha vida e o expulsar dela para sempre.

A vontade de mil especiarias pressiona-me. Inclino-me, estou quase a chegar lá, já sinto a caixa escura nos meus dedos, a assa-fétida granulosa com o seu cheiro acre a fumo.

Oh, especiarias, dêem-me algum tempo, apenas algum tempo.

Endireito-me, tiro um frasquinho castanho da prateleira de trás. Ponho-o em cima do balcão.

— Aqui está o churan — digo-lhe.

— Para o amor? — pergunta ele, a gracejar, mas também a sério.

— Para o rancor — respondo, o mais severamente que posso. — Também para a vida fácil. É disso que precisa. — Registo-o na caixa e meto-o num saco, e olho para a porta.

— É muito tarde — digo.

— Peço-lhe muita desculpa pelo incómodo — diz ele, mas não é verdade.

Os seus olhos, negros como a cor da água ao luar, chispam de divertimento.

Obrigam-me a pronunciar as palavras que eu não queria.

— Talvez da próxima vez eu tenha mais qualquer coisa para si.

— Da próxima vez — diz o meu americano. A sua voz é como um presente que ele oferece.

Só quando amanhece é que me lembro da faca.

Afasto a colcha enrolada, o que resta de um sonho de que não me lembro bem. A cambalear, corro para o balcão onde a deixei, embora receie que já seja demasiado tarde.

— Faca, fala comigo.

Na minha mão, a lâmina tem a cor cinzenta, monótona e implacável de uma coisa morta. A ponta está manchada de sangue. Quando a limpo, algumas lascas metálicas caem ao chão.

No espaço exíguo da cozinha, ponho a faca debaixo de água corrente. Faço uma pasta de lima e tamarindo enquanto repito as mantras purificadoras.

Quando desisto, os meus dedos estão enrugados por causa do ácido.

A mancha é agora nítida, com a forma de uma pêra ou talvez de uma lágrima. Com a forma de coisas que estão para vir.

Encosto a testa à parede fria de cimento. As imagens sucedem-se em catadupa nas minhas pálpebras. Uma mão-cheia de kalojire atirada para o caixote do lixo que cheira a sangue de mulher. O rosto de Haroun, tão jovem, tão desprotegido, e a noite que se estende por trás dele como uma mancha vermelho-escura. A Velha, os seus olhos tristes que tudo vêem.

Perdoe-me, Primeira Mãe.

Só palavras, rapariga. Como posso perdoar-te se não estás preparada para renunciar ao que te fez tropeçar? E não estás.

Isto é o que ela diria, numa voz como ramos partindo-se nas mãos de uma tempestade.

Não respondo à sua acusação.

Digo:

— Faca, não voltarei a esquecer-me de ti. Se quiseres sangue novo para afastar o antigo, estou pronta.

Ergo a faca e fecho os olhos, enterro-a nos meus dedos e espero pela dor como fogo-de-artifício no meu cérebro.

Nada.

Quando volto a olhar, a três centímetros da minha mão a faca estremece espetada na madeira do balcão. Inclinada. Por algum desejo oculto dentro de mim ou pela sua própria vontade?

Oh, Tilo, que tola foste ao pensar que a reparação seria tão fácil.

— Quero pedir-lhe uma coisa — diz Kwesi, entrando com um tubo de cartão debaixo do braço. — Não se importa que eu afixe uma coisa na montra da sua loja?

Sou apanhada de surpresa. Será permitido? Não tenho a certeza. Os indianos fazem-no constantemente, claro está. Basta ver. A todo o comprimento da montra, anúncios lustrosos de estrelas de cinema madhuri dixit em pessoa, bandas móveis de néon a convidarem para uma festa

DISCO-BHANGRA, POR CINCO DÓLARES APENAS, MANNY É O VOSSO DJ, CHAPATIS-FRESCOS E DHOKLA BHAVNABEN A PREÇOS MUITO RAZOÁVEIS, COSTUREIROS TAJ MAHAL, BLUSAS FEITAS DE UM DIA PARA O OUTRO.

LIGUE ESTE NÚMERO.

Mas Kwesi, um estranho?

— O que é? — pergunto, para ganhar tempo.

— É isto, veja.

Tira do tubo um cartaz vistoso, dourado e preto, e estende-o cuidadosamente em cima do balcão. Um homem fardado, de cinto e descalço, de punhos cerrados e perna afastada para o lado, pronto a dar um forte pontapé. E por baixo, em letras simples, o dojo único de kwesi e depois o endereço.

— Eu sabia que você era um guerreiro — digo, a sorrir. Ele sorri também.

— Um guerreiro. Creio que pode dizê-lo.

— Há muito tempo?

— Há uns bons quinze anos — responde. Repara no meu olhar intrigado. — Quer saber como isto começou?

E ainda antes de eu responder, ele começa a contar, apoiando confortavelmente os cotovelos no balcão. Kwesi, que adora uma boa história, que tem em si o dom de saber contá-las.

— Eu estava em apuros, nessa altura, metido na droga até ao pescoço, na passa, como lhe chamam. Vivia na corda bamba, fazia uma série de disparates para manter o vício. Foi assim que tive uma briga com o homem que viria a ser o meu sensei.

Desafiei-o para uma luta (tinha a mania que era um bom lutador nesse tempo) mas ele pôs-me fora de combate em menos de um minuto. No dia seguinte, fiz umas investigações e fui ao seu dojo depois das aulas, com uma arma, disposto a vingar-me. Ele abriu a porta e eu encostei-lhe a arma à cabeça. Mas ele não se assustou.

Disse: “Por que não entras? Acabei de fazer chá japonês, e depois podes matar-me.” Ele não estava a fingir, porque um macho como eu podia tê-lo atacado. Era mesmo verdade que não tinha medo. Fiquei tão admirado que larguei a arma e fui atrás dele. Uma coisa levou a outra e acabei por ficar lá durante seis anos. Acredita numa coisa destas?

“Mas nunca gostei daquele chá verde. Prefiro uma chávena de darjeeling bem forte.”

Rimo-nos, mas é um riso tenso, um riso que sabe como seria fácil transformar-se num choro. Um riso como este, quando o partilhamos, solta os nós do coração.

Enxugo os olhos e digo a Kwesi: — Pode pôr aqui o seu cartaz à vontade. Embora, para ser sincera, não me pareça que haja muita gente interessada.

Olhamos à volta. Duas mulheres de meia-idade, roliças, de sari, discutem os méritos das conservas Patak e Bedekar. Um velho sardarji de turbante branco traz para o balcão um frasco do “Verdadeiro Xarope de Eucalipto Nilgiris Excelente para a Tosse”,

para eu fazer a conta. Os filhos de alguém brincam à volta de uma lata de atta. Um homem novo de cabelos compridos, óculos Ray Ban e Levi's justas entra, mas deita a Kwesi um olhar reprovador e desconfiado e desaparece no corredor das lentilhas.

— Percebo — responde Kwesi secamente. Começa a enrolar o cartaz. — Hei-de encontrar outro sítio para isto.

Lamento tê-lo desapontado.

Procuro uma caixa grande de darjeeling preto por cortar, da melhor qualidade, e embrulho-a para lhe dar.

— Com os meus cumprimentos — digo. — Não, não, a história valeu mais do que isto. -

Acompanho-o à porta. — Volte quando quiser. Boa sorte para o seu dojo e para a sua vida.

Digo-o com sinceridade.

Um dia, de manhã, ele entra na loja com a lista da mãe e os cabelos espetados como cerdas de uma escova, que o tornam mais alto, a este adolescente que quase não reconheço. Mas depois apuro a vista e descubro que é Jagjít.

— Jagjit, como estás?

Ele dá meia-volta, já com os punhos cerrados. Depois vê-me e abre as mãos.

— Como é que sabe o meu nome?

Jagjit, solene, de T-shirt, calças de ganga Girbaud recortadas e atacadores soltos, o uniforme da jovem América, já a falar ao seu ritmo.

— Vieste à minha loja com a tua mãe umas três ou quatro vezes, talvez duas e meia, há três anos.

Ele encolhe os ombros e afasta-se, sem se lembrar, já perdeu o interesse.

— Não pode ter sido há tanto tempo. Só cheguei há dois anos.

— Há tão pouco tempo? — Finjo-me admirada. — Quem havia de dizer, ao olhar para ti.

Jagjit nem se incomoda a responder. Conhece as mulheres de idade, avós, tias, mães, sempre a dizerem não faças isto não faças aquilo. Não passes tanto tempo com os amigos. Não faltes mais à escola, já lá vão dois conselhos. Não saias tão tarde à noite, que não é seguro. Jagjit, foi para isto que te trouxemos para Amreekah?

Vejo-o encher o cesto depressa de mais e pousá-lo com estrondo em cima do balcão, apesar de só ter aviado ainda metade da lista. Vejo-o bater com o pé no chão porque tem onde ir.

— E agora as coisas vão melhor na escola?

Ele deita-me um olhar hostil.

— Quem lhe disse?

Não respondi. Jagjit, tão atarefado, sempre a lutar, sempre a exibir a dureza com um segundo rosto, a fitar-me nos olhos. Comigo não precisas de lutar.

Na boca, uma expressão antiga parecida com a timidez, que depois desaparece.

— Sim, a escola é porreira.

— Gostas de estudar?

Ele encolhe os ombros.

— Saio-me bem.

— E os outros rapazes, não te criam problemas?

Um sorriso fugidio, a mostrar uns dentes aguçados como buris. - Já ninguém me chateia. Arranjei amigos.

— Amigos?

Mas ainda antes de ele fazer um sinal afirmativo, vejo-lhos nos olhos, os rapazes de casacos de cetim azul bordado com aquele símbolo especial, boinas pretas e botas Karl Kani de cem dólares. Correntes douradas grossas e reluzentes, pulseiras com nomes gravados, um anel de diamantes no dedo mindinho.

“Sim, os rapazes crescidos”, diz Jagjit para si mesmo. “Com dezasseis anos e já guiam um Beamer topo de gama, um Cutty de setenta e dois, um Lotus Turbo.

Trazem no fundo das algibeiras maços de presidentes mortos — é o que mereces, malandro — notas de cem dólares e até uma ou duas das grandes — não há problema, com os diabos, há muito mais no sítio de onde estas vieram. E penduradas no braço, as raparigas, muitas raparigas, de olhos grandes e pintados.”

Rapazes que andam por aí, puxam uma boa fumaça, divertidos, e passam o cigarro a um miúdo que anda ali perto. E a boca dele abre-se, maravilhada. Por mim? Os meus amigos.

“Os rapazes crescidos que estavam do outro lado da escola a olhar, a olhar, e um dia aproximaram-se, expulsaram os outros e

disseram: "Desapareçam." Limparam-me, compraram-me uma Coca-Cola gelada naquela tarde tórrida e disseram: "Vamos tomar conta de ti."

“E desde então nunca mais tive chatices. Eles são como meus irmãos, são mais do que meus irmãos.”

Vejo-lhe os olhos a brilhar de gratidão, Jagjit sozinho, cujos pais se preocupam e trabalham de mais num país estranho para lhe dar ouvidos, Jagjit que ia para casa todos os dias, da América para uma casa tão embebida em pun-jabi, como é que eles podiam ajudar? Que retém o choro até os olhos ficarem vermelhos como estrelas sangrentas.

Jagjit recorda: “Levaram-me para uns sítios com eles. Compraram-me erva, roupas, sapatos, comida, relógios, jogos Nintendo, aparelhagem com colunas que fazem tremer as paredes, coisas que eu ainda nem sabia que queria. Davam-me ouvidos quando eu falava e não se riam.

“Ensinaram-me a lutar. Ensinaram-me quais são as zonas mais sensíveis e onde dói mais. Ensinaram-me a servir-me dos cotovelos, dos joelhos, dos pulsos, das botas, das chaves e, sim, da faca.

“E em troca, tão pouco. Leva este pacote aqui, deixa esta caixa ali. Guarda isto no teu cacifo por um dia. Fica à esquina de vigia.

“Quem é que precisa da mãe do pai da escola? Quando for mais crescido, talvez quando tiver catorze anos, ficarei sempre com eles. Usarei o mesmo casaco, trarei na algibeira a mesma navalha com a sua língua de cobra, verei o mesmo brilho assustado nos olhos das raparigas e os rapazes a correr.”

Dentro de mim, os pensamentos rodopiam como demónios de poeira, não consigo respirar.

Ó canela, que dás força, canela, que fazes amigos, o que fizemos?

“E um dia hão-de dar-mo, frio, negro, brilhante e cheio de poder na minha mão, pulsando como a vida, como a morte, o meu passaporte para a América a sério.”

Entrelaço os dedos para acabar com a tremura. Cravo-da-índia e cardamomo, que deitei ao vento para que haja compaixão, como é que isto aconteceu?

— Jagjit — digo eu, com os lábios gretados, com uma voz sem confiança.

Ele volta-se para mim com um olhar sonhador, sem ver.

— És um rapaz tão bonito, tão bem constituído, que dá gosto ver a uma velha. Tenho um tónico que te torna ainda mais forte e mais esperto, grátis. Espera só um minuto que eu vou buscá-lo.

Ele dá uma gargalhada de troça, um som que tenta ser de adulto e que me deixa desolada.

— Merda, não preciso de nenhum tónico indiano.

Jagjit afasta-se de mim, encaminha-se para a porta, para a torrente, para nunca mais voltar, por isso tenho de descer rapidamente ao seu passado e servir-me do que encontrar.

— Jaggi, mera raja beta.

Estremece ao ouvir o nome da infância, ao sentir o aroma dos cabelos da mãe numa época mais simples, a mão dela a acariciar-lhe as costas, a afastar os pesadelos para a noite cálida de Jul under, e por instantes apetece-lhe...

— Okay, mas despache-se. Já estou atrasado.

No quarto interior, encho um frasco de elixir de man-jisha para refrescar o sangue e purificá-lo. Digo uma prece, engolindo palavras porque ele já está à porta a gritar a alguém que está lá fora: — Espera aí, pá.

Dou-lhe aquilo e vejo-o atirá-lo para dentro do saco e dizer-me adeus à pressa.

Uma moto ronca direita à vida, e ele desaparece.

E eu fico só e volto, hirta, para trás do balcão. Aperto a cabeça dorida entre as mãos e pergunto a mim própria, desolada, o que correu mal. Pergunto a mim própria, vezes sem conta, foi ele, foram os pais, foi a América? Ou aquela outra pergunta tão demolidora que só a custo consigo formulá-la.

As especiarias são isso. O caminho. Que eu escolhi. Para. Me castigar.

GENGIBRE

Esta manhã, quando o avô de Geeta entrou na loja, sem o seu passo saltitante, não falou da neta. Mas todo o seu rosto perguntava já e quando.

Por isso, esta noite, preparo-me com gengibre para a minha primeira incursão na América.

Porque, como sabem, quando acordei neste país, a loja já estava à minha volta, com a sua concha dura e protectora. Também as especiarias me rodeavam, uma concha de aromas e de vozes. E aquela outra concha, o meu velho corpo a vincar-me com as suas rugas. Umas conchas dentro das outras, e lá no fundo o meu coração a adejar como um pássaro.

Hoje tenciono esticar as minhas asas, talvez quebrar estas conchas e elevar-me nos espaços infinitos do mundo exterior. Isso assusta-me um pouco. Tenho de admiti-lo.

E portanto apelo ao gengibre.

Raiz de sabedoria curtida pelo tempo, ada no teu esconderijo castanho, ajuda-me nesta minha procura. Sopeso a tua solidez salpicada na palma da minha mão. Lavo-te três vezes em água de tília. Corto-te em fatias finas e translúcidas como a cortina que separa o sonho do despertar.

Adrak gengibre, acompanha-me.

Deixo cair as fatias numa panela com água a ferver, vejo-as subir e descer, subir e descer, num lento rodopio. Como vidas apanhadas pela roda do karma. A minha cozinha enche-se de vapor, que se me cola às pálpebras e dificulta a visão. O vapor e aquele aroma silvestre como bambu colhido e mastigado que ficará impregnado no meu sari durante muito tempo.

Gengibre dourado usado pelo curandeiro Charak para reacender o fogo que arde lentamente no ventre, que o teu ardor percorra as minhas veias preguiçosas. Lá fora, a América atira-se às paredes da minha loja, chamando-a com uma voz feita de muitas línguas. Dá-me força para responder.

Espero muito tempo pela canção das especiarias, mas ela não vem.

Ah, Tilo, a forçares as regras e a esgueirares-te por entre elas, o que esperavas?

Deito o líquido, da cor do mais fino mel, numa chávena. Levo-a à boca. É cáustico como um golpe na garganta. Faz-me engasgar e tossir. Quando o engulo à força, queima-me as entranhas, rebelde. Quer sair. Mas eu obrigo-o a descer com toda a minha força de vontade.

Nunca tinha medido forças com uma especiaria. Nunca provocara o confronto entre a minha vontade e o dever. Lentamente, a resistência diminui, desaparece. Tilo, agora que estás no teu caminho, porquê esta tristeza, este desejo insensato de não vencer?

Sinto uma picada na garganta, a minha língua ágil afasta o arrependimento.

Mais tarde, Tilo. Mais tarde, haverá tempo. Tiro da panela as fatias descoradas pelo calor. Trinco-as, uma por uma, sinto as suas fibras nos dentes. O cimo do meu crânio está a destacar-se.

Quando a picada se desvanece, pronuncio palavras novas, faço gestos novos que me permitirão percorrer as ruas invisível, esse labirinto espiralado que envolve a loja. Na minha cabeça, pululam os projectos e as promessas. Geeta está à minha espera. Estou pronta, já vou.

Mas, primeiro, há a questão da roupa.

Quando cheguei à América, não me foi dado nada para usar lá fora, apenas os saris esgarçados, cor de marfim manchado, com os quais recebo os meus clientes.

Não posso censurar a Velha por isso. Ela só quis reduzir a tentação. Manter-me segura.

Mas agora tenho de me arranjar para a América.

E por isso, hoje, no brahma muhurta, o momento sagrado do brâmane em que a noite se transforma em dia, pego em sementes de papoila, khus khus que se me cola às mãos como areia molhada, e que eu esmago e enrolo com açúcar mascavado para fazer afim. Qpio, a especiaria da aparência.

Em seguida, pego-lhe fogo.

Apercebo-me de que as especiarias não estão comigo. Por três vezes a bola de khus khus estala e salta, por três vezes sou

obrigada a cantar para que as chamas voltem. E depois aquilo arde devidamente, libertando um cheiro acre e forte, repugnante. O fumo aloja-se-me na garganta e faz-me tossir até às lágrimas.

Mas estou a sair-me melhor, a submeter a vontade das especiarias à minha. Desta vez, a náusea é menor. E a culpa, que não encararei de frente.

É sempre assim quando penetramos no mundo proibido a que alguns chamam pecado? Dou o primeiro passo, a custo, sem fôlego. O segundo também faz doer, mas já não tanto. Com o terceiro a dor passa pelo nosso corpo como uma nuvem de chuva. Pouca falta para que nos não dê descanso, ou dor.

É essa a tua esperança, Tilo.

O fumo gira à minha volta, forma uma teia sobre a minha pele. As roupas ganham forma.

Tudo o que sei sobre as roupas americanas é o que tenho visto nos clientes.

Lampejos de quem passa. Teço com eles um casaco cinzento como o céu lá fora.

Uma blusa que mostra o pescoço. Calças de cor escura. E um chapéu de chuva, pois na obscuridade que antecede a luz matinal avisto lá fora os pingos escuros e prateados da chuva a cair.

Contudo, já sei que não posso aparecer a Geeta com estas roupas.

Os feitiços da aparência são difíceis de manejar, mesmo quando tudo corre bem. E

hoje, com as especiarias contra mim, sinto que o poder me foge até o meu cérebro ficar seco. E, por trás dele, a especiaria aguarda que a minha atenção falhe. Para que o feitiço se quebre e a liberte.

Afim, por que estás contra mim se não sou eu que estou a fazer isto?

O silêncio da especiaria parece uma pedra no meu coração, cinza na minha língua.

Através dele ouço o passado, a Velha a rir-se, amarga como o fel. Sei o que ela diria se aqui estivesse.

“Esse foi sempre o teu problema, Tilo, tu que julgas que sabes mais do que os outros, que resolves esquecer que os motivos mais nobres conduzem mais depressa à condenação. E os teus motivos

são tão elevados, ou ajudas a Geeta porque vês no seu amor proibido uma imagem do teu?"

As roupas, finas como o nevoeiro, começam a rasgar-se quando levo as mãos à cara. Sei que as especiarias não me ajudarão mais.

E portanto sou obrigada a passar ao plano seguinte.

Lá fora, a chuva é fria e agreste. Pica como agulhas quando fecho à chave a porta da loja. Na minha mão, o puxador escorrega, teimoso. As dobradiças colam-se, rebeldes. Os músculos da loja lutam com os meus. Tenho de pousar o embrulho, o presente que levo a Geeta, tenho de puxar, torcer e pontapear, até que por fim consigo fechar a porta. O som é seco como um tiro, terminal. Fico no degrau, a tremer. A humidade penetra-me nos ossos, instala-se como lodo. "Do lado errado", diz uma voz no interior do meu cérebro. Passo a mão pela porta, que me parece tão estranha à luz exterior, e sou atingida pela vertigem súbita dos que não têm casa.

"Voltarei assim que puder."

O rosto verde da porta está mudo como um escudo e igualmente duro. A minha promessa não o faz abrandar.

Talvez não me deixe entrar quando eu voltar...

Pára, Tilo, não sejas pessimista. Já tens motivos suficientes para te preocupar.

A atmosfera cheira a peles de animais molhados. Inspiro e encolho-me dentro do casaco. Não terei medo, digo a mim própria. Abro o chapéu-de-chuva, gigantesco como um cogumelo venenoso, por cima da minha cabeça.

Resoluta, desço a rua deserta, abrindo caminho por entre a chuva como vidraças embaciadas, até que avisto a tabuleta do SEARS, até que uma porta se abre sozinha como a entrada de uma gruta mágica, convidando-me a entrar.

Vocês que vagueiam pelo Saks e pelo Nordstrom, que fazem o vosso giro enfadonho pelo Neiman Marcus, percebem como adoro o anonimato no meu primeiro armazém americano, tão diferente da minha loja de especiarias? A suavidade das luzes de néon que incide sem fazer sombra nos soalhos lustrosos do Mop & Glo, nos carrinhos reluzentes que são empurrados por gente ofuscada. Como adoro as alas e alas de objectos empilhados, dobrados, pendurados

lá em cima, sem ninguém que diga “Não mexa” ou pergunte “O que deseja?” Loções de aloé para rejuvenescer e travessas de prata falsa mais brilhantes do que reais; canas de pesca e camisas de noite de chiffon, transparentes como o desejo; caçarolas Corning Ware e jogos de video do Japão; picadoras Cuisinart novas e tubos de depilador Neet; uma parede cheia de televisores a falarem para nós com rostos diferentes. A teimosia de saber que podemos pegar e levar, mesmo que não precisemos.

Sinto-me embriagada com isto. Eu que por momentos posso transformar-me numa velha vulgar a apalpar um tecido a espreitar um rótulo a experimentar uma cor junto da minha pele engelhada e sardenta.

Sem dar por isso, tenho o carrinho cheio. Um espelho. Um televisor a cores para poder penetrar no coração da América, no coração — espero — do meu americano solitário. Um estojo de maquilhagem com tudo lá dentro. Perfume de rosas e alfazema. Sapatos; vários pares, de diversas cores, os últimos vermelhos como malaguetas polidas, saltos altos como buris. Roupas e mais roupas: vestidos, calças, blusões, os mistérios intrincados e superficiais da roupa interior feminina americana. Por fim, um roupão de renda branca como gotas de chuva numa teia de aranha.

“Tilo, enlouqueceste, foi por isto que quebraste as regras do limite e entraste na América. Por isto.”

Aquela voz, cáustica como ácido a espalhar-se. A minha face arde. Primeira Mãe, penso, com um sentimento de culpa, e depois apercebo-me de que é a minha própria voz. E ainda me envergonho mais da minha frivolidade.

Abandono o carrinho na zona das tintas para o cabelo e levo só o que entendo que devo levar. Roupas para hoje ir ter com a Geeta. E o espelho, embora ainda não saiba dizer para que precisarei dele.

“Não Tilo, não leves esse objecto proibido, o mais perigoso de todos.”

Mas desta vez não ouço.

Olho para as mulheres que estão nas caixas, para os seus braços tristes e flácidos, para o seu cabelo pintado com as raízes à mostra. E para o seu olhar totalmente desinteressado que nos lê o

rosto, como o clarão vermelho que lê os objectos que elas fazem deslizar.

As mulheres da caixa que sonham com peles de marta compradas no Macy's, com os namorados do liceu que regressam, desta vez para ficar, com cruzeiros a Acapulco num iate de festa. Cujas bocas dizem já: “Em dinheiro ou com cartão?”; que dizem: “Se quiser que levem a casa, tem de pagar mais vinte dólares”; que dizem “Bom dia”. Esqueceram-se de mim. Porque dentro delas gira a Roda da Fortuna, bela como Vanna na sua mini semeada de estrelas e cada vez mais fina.

Oh, essa liberdade! Quase que as invejo.

Numa casa de banho pública que cheira a amoníaco, visto as minhas calças ridículas e o top de poliéster, abotoo o meu discreto casaco castanho até aos tornozelos. Ato os meus fortes sapatos castanhos, pego no meu chapéu-de-chuva castanho. Este ego vestido de novo, o eu e o não-eu, é feito de tiras castanhas, e só os seus olhos jovens e os seus cabelos cor de juta surpreendem. Ela tenta esboçar um sorriso hesitante que lhe devolve as rugas. Relaxa os músculos, e as roupas aparentes feitas de afim e de poder mental libertam-se-lhe da pele como fumo, nascem-lhe das mangas novas e vão pendurar-se em hieróglifos que ela não sabe ler.

Por instantes ela pergunta a si própria se não serão um aviso.

— Obrigada — diz a mulher à especiaria, e não se admira de não ter resposta. Guarda no bolso do casaco o recibo do espelho, que mais tarde alguém levará para a loja.

Por um momento, uma visão paira ao canto dos seus olhos: a extremidade gelada do mercúrio do espelho na palma da sua mão, o reflexo prateado do momento em que... Mas ela afasta-o. Geeta está à espera, e o avô também. Pega com cuidado no embrulho que trouxe da loja. Concentra-se de tal modo no que tem a fazer que nem sequer repara quando as portas automáticas abrem as suas goelas de ferro para a deixarem sair.

Lá fora, numa paragem de autocarro cheia de outras tiras castanhas, brancas e pretas, ela põe-se na fila, fica deliciada por ninguém ter levantado a cabeça, desconfiando da sua viagem pela atmosfera da América, tão nova e desajeitada.

Maravilhada, apalpa a gola do casaco, que é ainda melhor do que uma capa de prestidigitador.

E quando o autocarro chega ela precipita-se para ele como as outras pessoas, misturando-se de uma forma tão perfeita que quem estivesse do outro lado da rua não os distinguiria.

Vomitando fumo, o autocarro deixa-me em frente do escritório de Geeta e afasta-se.

Fico ali um pouco, de nariz no ar, a admirar aquela torre reluzente de vidro negro.

Nos rectângulos inferiores vejo, a tremer, um rosto.

O meu?

Aproximo-me para ver, mas ele desvanece-se, este rosto que nunca examinei. Até agora nunca senti o bater do coração. Assim que me afasto, ele reaparece a flutuar, com feições distantes e irreais, alongadas pelo mistério.

Feiticeira xamã curandeira, aproxima-te para remediares as coisas.

A recepcionista pensa de modo diferente.

— Quem? — Os lábios carmesim arredondam-se à volta do grão da palavra. — Tem entrevista marcada? Não?

Com a sua armadura de rímel, os olhos dela percorreram o meu casaco e as minhas botas modestas, o embrulho em papel de jornal que trago desde a loja das especiarias. O meu chapéu-de-chuva larga uma água escura, como se fizesse chichi na alcatifa dela. Está hirta, com ar reprovador.

— Nesse caso, lamento mas não posso ajudá-la.

Alisa a saia nas ancas com os dedos e as unhas carmesim e retoma a dactilografia.

Mas eu, Tilo, não transpus o limiar da América proibida, não me arrisquei a ser castigada pelas especiarias para voltar assim para trás, de mãos vazias.

Avanço até que fico mesmo em frente da secretária dela, que interrompe o trabalho e levanta a cabeça com um ar aborrecido e um lampejo de medo debaixo das pestanas pontiagudas.

— Tem de dizer à Geeta que eu estou aqui. É importante.

Os seus olhos dizem: “Velha louca”, dizem: “Talvez eu devesse chamar o segurança”, dizem por fim: “Com os diabos, para que hei-de intrometer-me?”

Carrega nos botões de uma máquina que tem em cima da secretária e diz com uma voz afectada: — Miss Bannerjee, está aqui uma pessoa para falar consigo. Uma mulher. Sim, creio que é indiana. Não, tenho a certeza de que não representa ninguém. Ela é... Bem...

diferente. Não, não disse o nome. Está bem, como quiser. — Depois, vira-se para mim. — Quarto andar, pergunte a alguém quando sair, o elevador à sua esquerda. Os olhos dela dizem: “Vai-te embora.”

— Você não perguntou — digo-lhe com delicadeza quando pego nas minhas coisas.

— O quê?

A palavra sobressaltou-a.

— O meu nome. E eu represento alguém. Por que julga que eu estaria aqui?

O gabinete de Geeta é um cubículo quadrado e sem janela, daqueles que se dão aos recém-chegados que não têm tempo para olhar para mais nada. Uma mesa metálica apinhada de pastas de arquivo e de fotocópias ocupa o espaço todo.

Sentada do outro lado da mesa, Geeta redige um relatório, mas não é bem assim porque o bloco está cheio de rabiscos. Do sítio onde estou, assemelham-se a rosas com espinhos enormes. Ela parece mais magra. Ou é apenas o fato escuro e austero que traz hoje, com as lapelas angulosas e cruzadas sobre o peito e o tecido azul cor de tinta que lhe rouba a cor do rosto? O seu ar adulto fá-la parecer ainda mais nova.

Da última vez que foi à minha loja vestia umas calças de ganga azuis. Uma T-shirt preta onde se lia: “Uxmal!” O cabelo apanhado numa trança grossa que lhe caía pelas costas, ondulado como água, quando ela se riu de qualquer coisa que a mãe disse. Estavam ambas a servir-se de passas, amêndoas e Elachdana branca e doce para prepararem as sobremesas do Ano Novo bengali.

Hoje, o seu olhar denota uma certa confusão quando ela tenta situar-me. E

desapontamento. Esperava outra pessoa qualquer, talvez a mãe como um milagre para dizer: “Estás perdoada.” Cerra os lábios, tentando que eles não tremam. Quem me dera poder dizer-lhe como é bela...

— Sente-se, por favor — diz ela por fim, esforçando-se por ser delicada. — Mas que surpresa. Está diferente.

E depois, sem poder conter-se por mais tempo: — Como soube onde eu trabalho? Alguém lhe pediu que viesse ver-me?

Faço um sinal afirmativo.

— A minha mãe.

Quando abano a cabeça ela pergunta, cheia de esperança: — Não foi o papá?

Oh, Geeta, minha ave canora, como gostaria de responder que sim, como gostaria de extrair o espinho que faz sangrar o teu coração de rosa. Mas sou obrigada a abanar a cabeça outra vez.

Encolhe os ombros.

— Já esperava que não.

— Foi o seu avô.

— Oh, ele. — A voz dela torna-se ácida agora. Ouço-lhe os pensamentos que lhe mordem e corroem o cérebro. “Foi ele que os virou contra mim com aquela conversa acerca das mulheres decentes e da vergonha da família. De outro modo, eles nunca teriam tido este comportamento tão pré-histórico. Sobretudo o papá. Se ele tivesse ficado na índia nada disto teria... “

— O seu avô gosta muito de si — digo eu, para estancar o veneno que lhe consome o coração.

— Ai gosta? — Geeta faz um gesto de enfado. — Ele não sabe o que significa essa palavra. Para ele tudo é controlo. Controla os meus pais, controla-me a mim. E, sempre que não consegue o que quer, diz: “O Ramu, manda-me para a terra. Prefiro morrer sozinho na índia.”

Ela imita exactamente o sotaque pesado do velho, com malícia. Isso choca-me.

Apesar disso, é preferível odiar por palavras a odiar em silêncio.

— Se não fossem as suas ideias medievais acerca dos casamentos arranjados, eu não teria sido obrigada a falar desta maneira à mamã e ao papá acerca do Juan. Tê-

lo-ia apresentado a eles com calma. Eles teriam oportunidade de o apreciar como pessoa e não como...

A voz dela fraqueja.

Sei o que devia dizer. A Velha ensinou-nos muitas vezes. O teu destino nasceu contigo, está ligado às estrelas do teu nascimento. Ninguém tem culpa disso.

Mas não é isto que ela precisa de ouvir, Geeta, para quem as velhas palavras já não se coadunam com a sua canção.

Especiarias sei que não tenho o direito de pedir, mas orientem-me.

Um vento quente fustiga as minhas palavras, desgastando-as. O tempo abate-se à nossa volta como gotas de chumbo.

O que hei-de fazer agora?

Então ela diz:

— Mas o que diabo julgava ele que a senhora podia fazer?

— Olha-me fixamente, de sobrolho carregado, como se tentasse recordar-se. Mas os seus olhos já não têm a crosta do ódio.

— Nada, de facto — apresso-me a dizer. — Apenas dizer-lhe que as palavras iradas como abelhas a zumbir escondem o mel que está por baixo. Apenas vê-la para poder voltar e dizer-lhes que não se preocupem muito porque você está bem.

— Não sei. — Um suspiro fez estremecer todo o seu corpo.

— Todas as noites tomo comprimidos e não consigo dormir. A Diana tem estado muito preocupada. Ela acha que eu devia ser ajudada, ir consultar um psiquiatra, talvez.

— A Diana?

— Oh, eu não fui viver com o Juan. Não podia fazer uma coisa dessas à mamã e ao papá. Sabia que isso seria muito mau para a nossa relação, porque eu ficaria muito tensa e tudo isso. Portanto, telefonei à Diana, que é a minha melhor amiga dos tempos da faculdade, e ela disse: “Claro, podes ficar em minha casa enquanto for preciso.”

O reconhecimento liberta-se dos meus pulmões crispados, e consigo voltar a respirar. Digo: — Geeta, você é uma rapariga muito

inteligente.

Ela tenta esconder o sorriso mas percebo que ficou satisfeita.

— Quer ver a fotografia dele? — pergunta ela, tendo o cuidado de limpar com a manga azul a moldura de estanho que tem em cima da secretária. Estende-ma.

O olhar determinado, os cabelos bem penteados como asas negras, uma boca que aprendeu a ser amável por ter crescido com muito pouco. O braço dele por cima dela com uma certa falta de jeito, como se ainda não estivesse habituado a tanta sorte.

— Ele também tem um ar muito inteligente — digo.

Então ela sorri abertamente.

— Ele é muito mais inteligente do que eu. Sabe que ele saiu do barrio, foi para a faculdade com uma bolsa e licenciou-se com dezoito valores? É tão modesto que nunca se ouviu falar dele. Sei que se o papá falar com ele verá que é uma pessoa maravilhosa.

— Talvez possa levá-lo à loja para eu o conhecer...

— Com certeza. Ele havia de gostar. Interessa-se verdadeiramente pela cultura indiana e sobretudo pela nossa comida. Às vezes cozinho quando vou ao apartamento dele. Como sabe, os mexicanos usam muitas das nossas especiarias na cozinha...

De súbito, cala-se. Geeta não é parva. Fixa-me com uns olhos negros como lagos onde flutua o meu rosto.

— Agora me lembro. O avô disseme uma vez que a senhora sabia fazer feitiços.

— Isso é conversa de pessoas idosas — riposto.

— Oh, não sei — diz ela. — O avô é bastante esperto em relação a certas coisas. -

Examina-me mais uma vez. — Está bem, não me importo. Tenho um bom pressentimento a seu respeito. Um dia destes vou ao seu encontro com o Juan, talvez na próxima semana. Eles também as têm na civilização dele, suponho que lhes chamam curanderas.

— Então, até para a semana — digo, levantando-me, com a minha tarefa quase concluída por agora, embora ainda haja muitos escolhos. — Tome, trouxe-lhe uma coisa.

Desembrulho o frasco de conserva de manga em óleo de mostarda ao qual acrescentei methi para ajudar à reconciliação, ada para dar mais coragem quando é preciso dizer que não e amchur para tomar a decisão certa.

Ela pega nele à luz e observa o seu brilho espesso e vermelho-dourado.

— Obrigada! É a minha conserva preferida. Mas sabe com certeza que é assim. — Os olhos dela cintilam, com malícia. — Disse algumas palavras mágicas?

— A magia está no seu coração — respondo. — Mas... a sério, agradeço-lhe que tenha vindo. Sinto-me muito melhor. Vou acompanhá-la lá abaixo.

No átrio, dá-me um abraço. Geeta desce da sua torre negra e reluzente e envolve-me com os seus braços leves como asas. Mete-me qualquer coisa na mão.

— Talvez lhes possa mostrar isto, sabe? Se eles forem à loja. E talvez lhes pudesse também dizer que não estamos a viver juntos. — A boca dela é uma rosa quente que desabrocha por instantes na minha face. — E aqui está o número do meu telefone...

Bem, caso seja preciso.

Um plano agita-se dentro de mim, um restolhar de asas. Dá-los-ei ao avô quando ele voltar à loja, o número do telefone e a fotografia, dir-lhe-ei o que há-de fazer.

Durante todo o caminho de regresso, no autocarro, os meus ombros brilham e ardem no sítio em que ela lhes tocou. A pele da minha cara, tostada no sítio em que ela soprou as palavras não pronunciadas do seu desejo: “Faça com que as pessoas de que eu mais gosto se estimem umas às outras.” Também os meus olhos ardem quando observo a fotografia dos dois amantes tão jovens, sorrindo com uma fé triste como se eu pudesse remediar tudo aquilo, eu, Tilo, que tenho mais problemas do que eles.

Ela está sentada junto de mim quando acordo na escuridão da loja, iluminada por um clarão esverdeado que não sei de onde vem e o aroma do óleo de hibisco com o qual ela nos deixava esfregar-lhe o cabelo de vez em quando. A Velha está sentada de pernas cruzadas, com as costas curvadas como se suportasse um peso

excessivo, a minha vida ou a dela, não sei qual. As cicatrizes das mãos brilham como linhas de fogo que se destacam da pele branca e cauterizada. Começo a recuar, mas depois paro. Porque no rosto dela não está a fúria que eu imaginava mas sim a tristeza. Uma tristeza profunda como uma nuvem de monção, como o fundo do mar. E no meu íntimo alguém torce e retorce um pano molhado até extrair as últimas gotas.

— Primeira Mãe — digo, estendendo a mão, mas não há nada para agarrar.

O seu espírito está ausente, como eu devia calcular. Peço desculpa outra vez, porque me lembro que, depois dessas viagens, ela se deitava numa enxerga na cabana das curas, cada vez durante mais tempo, com a respiração fraca, a pele flácida e escura debaixo dos olhos como se tivesse nódoas negras.

— Primeira Mãe, o que fiz é mau?

— Tilo. — A voz dela é baixa e ressoa como se estivesse numa gruta subterrânea. -

Tilo, minha filha, não devias ter feito uma coisa dessas.

— Mas, Mãe, como é que eu podia ajudar a Geeta, como é que eu podia ajudar o avô que veio fazer-me um pedido pela primeira vez na vida?

— Filha, a ajuda que tentas dar fora destas paredes protegidas não é certa, não o sabes? Mesmo aqui, já viste que nem tudo corre à medida dos teus desejos.

— Jagjit — sussurro, com uma voz dominada pelo fracasso.

— Sim. E haverá outros. Não te recordas da última lição?

Tento pensar, mas na minha mente há uma confusão de destroços cujas extremidades não se adaptam umas às outras.

— Afinal as Mestras não têm poder, são apenas receptáculos do cântico do vento. É a especiaria que decide, e a pessoa a quem ela é dada. Tens de aceitar que são elas que escolhem em conjunto e que podem encontrar a paz mesmo no fracasso.

— Primeira Mãe, eu...

— Mas quando retiras do passado o que é permitido e tocas no que não é, quando infringes as regras, aumentas a hipótese de falhar. As regras antigas, que mantêm o equilíbrio frágil do mundo,

que sempre existiram, antes de mim, antes das outras Velhas, até antes da Grande Mãe.

A sua voz aumenta e diminui de tom como se fosse fustigada por uma tempestade no mar.

Apetece-me perguntar tanta coisa. Eu que, na minha ingenuidade, julgara que ela existia desde o princípio. Quem foram as outras Velhas quem foi a Grande Mãe? E

essa pergunta nascia de uma curiosidade obscura e talvez de um desejo ainda mais obscuro que não consigo verbalizar.

Quem se seguirá quando partires?

Depois esqueço-me porque ela diz: — Não permitas que a América te seduza ao ponto de cometeres barbaridades inimagináveis. Sonhar com o amor, não despertes o “ódio” das especiarias.

Espantada, pergunto em voz baixa: — A Mãe sabe?

Ela não responde. A sua imagem começa a desvanecer-se, o brilho fosfórico enfraquece nas paredes da loja.

— Espere, Primeira Mãe...

— Filha, tive de lutar contra mim própria para vir dar-te este conselho — diz ela num sussurro por entre os lábios azulados como o ar. — Para a próxima, não serei capaz.

— Mãe, já que conhece o meu coração, responda a esta pergunta antes de se ir embora. O que acontece se uma Mestra quiser regressar à sua vida? O que farão as especiarias...

Mas ela partiu. As paredes estão frias e escuras de novo, e nem sequer sopra uma brisa que denuncie a sua presença. Nem um suspiro, nem um cheiro, nem o aroma do hibisco nos cabelos a pairar como o incenso. Só as especiarias observam, as especiarias mais fortes do que eu julgava, com o seu poder obscuro bem guardado.

As especiarias, que sugam todo o ar que há na loja até não ficar nenhum para mim, comunicando-me que isto não foi um sonho. Comunicando-me que ouviram tudo.

O tempo passa, o tempo passa. O Sol nasce, da cor do açafrão, e cai numa profusão de sindur vermelho-vivo. Empoleirados na árvore nua lá fora, pássaros de bico cor de funcho expandem a sua

dor. O céu está tão pesado que as nuvens negras como o kalojire arranham o cimo de uma torre no centro da cidade onde fui em tempos. Penso em Haroun, penso na mulher de Ahuja, penso em Geeta e no seu Juan. Limpo o pó das prateleiras da loja, empilho as embalagens e não percebo por que é que eles não vêm. Os automóveis fazem detonar os seus motores ao passar. Há tiros, há gritos, segue-se o lamento da ambulância e por fim as manchas no pavimento. “Jagjit, Jagjit”, grito dentro do meu coração. Mas lembro-me do rosto da Velha, lembro-me do seu aviso e nem sequer chego à janela para ver.

Talvez eu tenha apenas sonhado com tudo isto, oscilando através da noite entre o desejo e o não desejo. Talvez agora seja apenas a manhã seguinte, porque um camião pára à entrada e dois homens da marinha com rey e JOSÉ bordados a vermelho nas algibeiras das fardas batem à porta com força e gritam: — Entrega!

Ou é o karma, essa grande roda negra que, depois de estar em movimento, não pode parar?

Os homens dizem: “Onde quer isto?”; dizem “Assine aqui nesta linha, sabe inglês, não sabe?” Dizem, enxugando a testa: “Minha senhora, este trabalho é duro. Tem uma Coca-Cola ou, melhor ainda, uma cerveja fria?”

Dou-lhes sumo de manga gelado com folhas de hortelã a boiar para manter a frescura, para dar forças para todo o dia. Mordo o lábio à espera que me digam Gradas e Adeus e partam no seu camião, que ginga e gagueja quando passa por cima dos buracos. Por fim, o semáforo pisca-lhes o olho verde e fico só com a minha embalagem de cartão do Sears.

Tento cortar a fita, e uma voz dentro de mim grita: “Depressa depressa”, mas a minha faca não quer. A minha faca manchada por lágrimas acusadoras. Agita-se na minha mão, quer fugir. Duas, três vezes e quase me corto. Até que por fim ponho-a de lado e rasgo o cartão com os dedos. Procuro-o entre bolinhas de neve esponjosa e retiro as folhas de esferovite, estaladiças como sal marinho. Quanto tempo levo, com o coração agarrado às grades como um animal enjaulado, até que por fim pego na sua superfície dura e escorregadia com as minhas mãos e puxo até que ele aparece, a brilhar.

O meu espelho.

Todas as especiarias me observam ao mesmo tempo, respirando ao mesmo tempo, unidas na reprovação, perguntando em silêncio: “Porquê?”

Como se eu soubesse. Dentro de mim, é como se alguém caminhasse sobre a mais fina camada de gelo, sabendo que a todo o momento ela poderia quebrar-se, mas sem conseguir parar.

Aqui está uma pergunta que nunca me lembrei de fazer na ilha: Primeira Mãe, por que não é permitido? Qual o mal de nos vermos a nós próprias?

O sol da tarde é um clarão no meu espelho, enchendo a loja de um brilho tão ofuscante que até as especiarias são obrigadas a piscar os olhos.

Antes de voltarem a abri-los, já eu apanhei uma gravura de Krishna e das suas gopis e a pendurei na parede expectante, tendo o cuidado de cobri-la com uma dupatta.

Espelho, vidro proibido, espero que me contes o segredo acerca de mim própria.

Mas hoje não. Não é o momento adequado.

Por que não, Tilo, Mestra tola? Então para que o compraste?

A sua voz emerge do silêncio, um sobressalto. Uma pergunta cintila como um olho dentro de mim: “Por que estão elas a falar?” Depois, fecha-se em si própria, sombria e desconfiada.

Mas já me esqueci, graças à alegria que inunda todo o meu ser. Elas troçam, sim, estão aborrecidas, sim, mas mais uma vez falaram comigo, as minhas especiarias.

Ah, minhas amigas, há quanto tempo!

Quem sabe como e quando um espelho pode ser útil, digo-lhes, com uma voz leve como um beijo do vento num cardo flutuante.

Sinto que elas estão atentas, curiosas e graves, como a luz do Sol na minha pele.

Retêm o seu poder de incinerar. Esperam o julgamento.

Talvez a Velha estivesse enganada... Talvez não fosse demasiado tarde para nós, afinal...

Dentro do meu coração bravio e enjaulado repito vezes sem conta: “Especiarias, confiem em mim, dêem-me uma oportunidade.

Apesar da América, apesar do amor, a vossa Tilo não vos abandonará.”

PIMENTA EM GRÃO

— Esta. Quero esta — diz o americano.

— Tem a certeza? — pergunto, indecisa.

— Absoluta.

Sorrio com a ironia da situação. Tilo, ele está tão certo como tu estavas na ilha, e tão ignorante. Por isso, agora, tu, tal como a Velha, tens de assumir um papel cauteloso.

Estamos na zona dos aperitivos. O americano pega numa embalagem de chanachur onde se lê mistura de lij at. Muito picante!!!

— E é mesmo — digo. — Por que não experimenta uma das mais suaves? O que está a tentar provar?

Ele ri-se.

— A minha virilidade, evidentemente.

É segunda-feira. Oficialmente a loja está fechada. Porque segunda-feira é o dia do silêncio, o dia do feijão-branco, que é sagrado para a Lua. À segunda-feira vou para o quarto interior e sento-me na posição de lótus. Quando fecho os olhos, a ilha vem até mim, com os coqueiros a abanar, a luz suave do Sol a flutuar no mar crepuscular, o aroma da madressilva na atmosfera doce e pesada, tão real que tenho vontade de chorar. Ouço o grito agudo das águias-pesqueiras quando mergulham em busca de peixe salgado. Parece o som dos violinos.

A Velha também se aproxima de mim e, à sua volta, as novas raparigas que eu não conheço. Mas o brilho nas suas faces é-me tão doloroso como familiar. O brilho que diz: “Vamos mudar o mundo.”

À segunda-feira falo com a Velha. Porque a segunda-feira é o dia das mães, o dia em que elas devem saber tudo o que as filhas fazem. Mas ultimamente não lhe conto tudo.

Tal como não farei hoje.

Isto é o que aconteceu hoje. O americano solitário apareceu na loja. De dia. Pela primeira vez.

Qual a importância disto?, perguntam.

A noite, envolvida no seu fascinante lenço de estrelas, muitas vezes engana -

sobretudo quando queremos qualquer coisa assim mesmo. É só à luz imparcial do dia que somos obrigadas a aprender a realidade quotidiana dos homens.

Pressenti a sua vinda muito antes de ele se aproximar da porta fechada da loja, a olhar para a tabuleta encerrado. O seu corpo era um pilar de calor deslocando-se nas ruas agitadas, o seu andar era firme mas leve, como se não fosse cimento mas sim a pele da terra o que ele pisava.

Ah, o meu americano, a espera, dividido entre o medo e o desejo, disse eu para mim própria. Talvez eu veja agora que ele é apenas vulgar, afinal.

Lá fora, em silêncio, ele também me sentiu? Um pilar de gelo do outro lado da porta, e dentro de mim todas as antigas vozes a clamarem: “Não respondas.” A clamarem: “Esqueceste-te de que hoje é o dia consagrado à Primeira Mãe, aquele em que não podes falar com mais ninguém?”

Creio que ele as ouviu. Porque não bateu à porta. Voltou as costas, o meu americano, dando-me uma oportunidade. Mas, assim que ele recuou, eu abri a porta.

Só para ver. Foi isto que disse a mim própria.

Ele não disse nada. Nem uma palavra. Só a alegria nos olhos, a transmitir-me que vira qualquer coisa mais importante do que as minhas rugas.

O que vês na realidade?

Americano, estou a ganhar coragem para te fazer esta pergunta. Um dia destes.

E, pela primeira vez na minha mente, apercebo-me de uma agitação, como as algas no fundo do mar, quase invisível nas sombras de sal.

Um desejo. Ainda não consegui decifrá-lo. Percebi apenas que me incluía.

Eu, Tilo, que sempre fui aquela que satisfazia desejos, nunca a que era desejada.

A alegria colou-se também aos cantos da minha boca, embora nós, Mestras, não sejamos muito dadas ao sorriso.

Americano solitário, passaste no teste do dia. Não caíste na vulgaridade. Mas como hei-de descansar antes de descobrir esse teu desejo?

Empurro a porta para a abrir mais, esperando resistência. Mas ela abre-se facilmente, de par em par, como um braço acolhedor.

— Entre.

Nem as palavras se me colaram à garganta, como eu temia.

— Eu não queria incomodar — disse ele.

A porta fechou-se atrás de nós. Na atmosfera silenciosa e atenta da loja, a minha voz oscilava como uma campainha de vidro.

— Aqueles que gostamos de ver não nos incomodam.

Porém no meu íntimo havia uma pergunta que me arranhava como um grão de areia: “Especiarias, estão verdadeiramente comigo, ou isto é a vossa nova brincadeira?”

— Tenho de avisá-lo de uma coisa — digo, estendendo o chanachur ao meu americano.

Na minha cabeça: Não, Tilo, não faças isso, por que não deixar correr? Afinal foi ele que escolheu.

Tentação, suave como um leito de seda. Seria tão fácil deixar que o meu corpo mergulhasse nela.

Não. Americano solitário, mais tarde nunca poderás dizer que me servi da tua ignorância.

Por isso continuo.

— A especiaria que isso tem em maior quantidade é o kalo marich, a pimenta em grão.

— Sim?

Mas a atenção dele concentra-se na embalagem, que leva ao nariz. As especiarias fazem-no espirrar. Ele ri-se, abanando a cabeça e assobiando sem fazer barulho.

— A pimenta em grão, que tem a arte de extorquir os seus segredos.

— Então julga que eu tenho segredos.

Mostrando-se despreocupado, ele pega numa pitada do aperitivo e os bocadinhos caem-lhe por entre os dedos. Mete-a na boca.

— Sei que tem — respondo. — Porque também eu os tenho. Todos nós os temos.

Observo-o, sem saber se a especiaria resultará, agora que revelei o seu poder. É

um caminho novo o que percorro, e na minha frente tudo é um bosque espinhoso e um nevoeiro cerrado.

— Não estou a fazer bem, pois não? — pergunta ele, quando lhe volta a cair uma chuva fina de chana dos dedos, deixando-lhe o peitilho da camisa amarelo e castanho.

Não posso deixar de rir.

— Espere, vou fazer-lhe um cone como nós usamos na índia — digo.

Tiro uma folha de um velho jornal indiano de debaixo do balcão, onde as guardo.

Enrolo-a e encho-a.

— Deite um bocadinho na palma da mão. Quando já tiver prática, pode atirá-la ao ar e apanhá-la na boca, mas por agora leve a mão à boca.

— Sim, minha senhora — diz ele com uma humildade trocista.

Agora, o meu americano está sentado no balcão, a balouçar as pernas e a comer a mistura picante do seu cone de papel de jornal, como se sempre tivesse feito aquilo.

Está descalço. Tirou os sapatos à porta. Os sapatos, do cabedal mais macio, feitos à mão, e cujo lustro não vem da superfície mas do fundo. Uns sapatos que Haroun teria adorado e detestado.

— Por respeito. Como os indianos fazem — disse ele. — Não quando estão numa loja.

— Mas a senhora também está descalça.

Tantos meses, tanta gente a entrar e a sair, e só ele reparou. É um disparate sentir prazer como um formigueiro na planta dos meus pés poeirentos?

— Eu sou diferente — respondo.

— O que a faz pensar que não o sou também?

Faz aquele sorriso que eu estou a aprender a vigiar.

Os pés do meu americano são belos, concluo. (E o seu rosto? Ah, já perdi a distanciação necessária para discernir.) Mas os seus pés, de dedos esguios e sem pelos, com a curvatura necessária, com a planta cor de marfim mas não demasiado macia. Imagino-me com eles nas minhas mãos, a esfregá-los com a ponta do dedo...

Para, Tão.

Ele come com gosto. Os dentes brancos e fortes trituram os grãos fritos, os pauzinhos amarelos de sev, os amendoins picantes de pele vermelha.

— Hum, delicioso.

Mas está a sugar o ar, em pequenos tragos frescos, para reduzir o ardor da língua.

— É demasiado picante para a boca de um homem branco. Por isso é que lhe disse para experimentar outra coisa. Talvez queira um copo de água.

— É matar o sabor — diz ele. — Está a brincar?

E engole mais ar, mas está ausente. Há qualquer coisa que o distrai.

Pouco depois, diz: — Com que então julga que eu sou branco.

— É o que me parece, sem ter a intenção de o ofender.

Ele esboça um sorriso mas percebo que está a pensar noutra coisa. Não tento ler-lhe os pensamentos. Mesmo que pudesse. Quero que seja ele a dar-mos.

— Se me disser como se chama, talvez eu saiba o que é — digo.

— Então é assim tão fácil saber quem são os outros?

— Eu nunca disse que era fácil.

Ele come em silêncio até o chana desaparecer e abana a cabeça quando lhe ofereço mais. Desfaz o cone e alisa o papel em cima do balcão, como se tencionasse usá-lo em qualquer coisa importante. Tem um vinco pronunciado, de desagrado ou de dor, entre as sobrancelhas. Os seus olhos com pálpebras de falcão passam por mim para detectar qualquer coisa no ar que só ele vê.

A minha pergunta foi demasiado íntima, demasiado precoce?

Ele levanta-se, sacode o pó das calças com um gesto brusco, como se estivesse atrasado para ir a qualquer lado.

— Muito obrigado pelo aperitivo. É melhor ir andando. Quanto lhe devo?

— Foi um presente.

Espero que a minha voz não denuncie como estou ferida.

— Não posso continuar a permitir que faça uma coisa dessas — diz ele, austero, como se houvesse um muro entre nós. Põe uma nota de vinte dólares em cima do balcão e dirige-se para a porta.

Tilo, devias ter esperado. Agora perdeste-o.

Agarra no puxador da porta. Sinto a sua mão como se ela me apertasse o coração.

Pimenta em grão, onde estás agora que preciso de ti?

Ele faz rodar o puxador. Não te vás embora, por favor. Não és obrigado a dizer nada se não te apetecer. Fica mais um tempo ao pé de mim.

Mas não consigo pronunciar as palavras que aliviariam o meu coração tão carente.

Eu, que até agora dei presentes, a Mestra dos desejos.

Ele pára no limiar por um momento. Não sei o que pensa. Retenho a respiração que me arranha o peito, seca como garras.

Com um único gesto de irritação, ele fecha a porta. O estrondo faz-me estremecer.

Meu americano, o que te fez zangar?

— Que nome lhe hei-de dizer? Tive tantos.

O seu tom é ríspido e ofensivo, como um galo no poleiro. Não olha para mim.

Porém, sinto-me aliviada como um rio. Quando inspiro, o ar é doce como o mel na garganta. “Ele não se foi embora, ele não se foi embora.”

— Também eu tive mais do que um — digo eu. — Mas só um é o meu verdadeiro nome.

— Um verdadeiro nome. — Morde o lábio. Afasta uma madeixa de cabelo preto e acetinado. — Não sei se consigo dizer-lhe qual é. Talvez venha a saber.

E é assim que ele começa.

— Não estou admirado por você ter julgado que eu era branco — diz o americano. -

Durante muito tempo, enquanto crescia, também pensei o mesmo. Ou melhor, nem sequer pensava nisso, como a maior parte

das crianças. Limitava-me a aceitar a situação.

“O meu pai era um homem calmo, grande e vagaroso. Daqueles que, quando estão ao pé de nós, nos acalmam também, e a tranquilidade cobre-nos como se fosse um cobertor, até no bater do coração. Mais tarde interroguei-me se fora por esse motivo que a minha mãe casara com ele, esperando que sim.

“De todas as coisas a seu respeito, o que melhor recordo são as mãos. Grandes e calejadas do trabalho na refinaria de Richmond, com os nós dos dedos descarnados. Meias-luas de óleo entranhado nas unhas, por muito que ele as esfregasse com a escova que a mãe lhe comprara. Ele tinha a consciência disso, suponho. Que diferença ao pé das unhas cortadas e tratadas da minha mãe, sempre impecavelmente pintadas, fizesse ela o que fizesse em casa ou no jardim. Das raras vezes que tínhamos visitas, quase sempre pessoas que a mãe conhecera na igreja, ele enfiava as mãos nas algibeiras, onde elas ficavam enroladas como raízes até as visitas saírem.

“Mas à minha volta as suas mãos moviam-se com facilidade. Punha-me uma na cabeça quando eu lhe falava da escola ou de uma nova brincadeira, e isso era a coisa mais calma que eu sentia. Era como se ela me ouvisse. Quando eu estava magoado ou triste, à noite, sem qualquer motivo, ele sentava-se na minha cama e esfregava-me as costas, descrevendo círculos nas minhas omoplatas com o polegar calejado, até eu adormecer. Adorava o aroma que as suas mãos me deixavam no corpo e no cabelo. Um aroma antigo, paciente, como um pântano.”

A voz do meu americano é vítrea e pesada como o mel medicinal, as palavras captam a sua doçura acre e a memória das coisas perdidas. Abrem dentro de mim compartimentos que eu julgava fechados para sempre.

— Creio que o idolatrava, como as crianças idolatram os pais, sabe?

Não, americano. Não sei. Enquanto falas, recordo a minha infância, os meus pais a ralharem comigo, ou a tentarem fazê-lo, por qualquer coisa que eu fizera. Talvez por causa de um prato que atirara ao chão porque não gostava do sabor, talvez por uma briga que tivera com uma irmã, arranhando-lhe a cara, puxando-lhe os

cabelos. Vejo o dedo acusador do meu pai e a minha mãe a abanar a cabeça como se eu fosse um caso perdido. E como eu me zangava quando eles se atreviam a criticar-me, eu que era responsável por toda a riqueza deles, pelo modo como as pessoas os olhavam com respeito no mercado. Fitava-os com ar trocista até eles baixarem a cabeça e desviarem o olhar.

Hoje, porém, ao ouvir a voz do meu americano, vejo-os com outros olhos. Vejo medo e perplexidade nas curvaturas dos seus ombros. Nos seus olhos baixos, o desejo de serem bons pais, o desejo até de me amarem. Mas sem saberem como.

Percebo agora que são os olhos dos filhos perdidos e apetece-me chorar.

Talvez um dia, americano, eu consiga falar-te disto. Eu, Tilo, que até agora fui a ouvinte paciente, a que resolve os problemas dos outros.

Mas ele está a falar e eu tenho de afastar as minhas tristezas para dar atenção às suas palavras que esfregam a pele da noite com a sua súbita dureza. E é assim que me apercebo de que cheguei a um local de sofrimento.

— A minha mãe era... Diferente.

Mantenho o corpo hirto como madeira terra pedra, e sustenho a respiração até ele recomeçar. Acho a sua voz mais suave, as frases são cheias e formais como se se tratasse da história antiga de outra pessoa qualquer. Talvez só assim ele consiga contá-la.

— O que mais lembro dela era o facto de andar sempre a limpar, com um ar enérgico e irritado. Quando via sujidade em qualquer coisa, incluindo no papá e em mim, considerava-a uma afronta pessoal. Passava horas no tanque a lavar as fardas manchadas do papá, e todas as noites, quando ele tomava banho, esfregava-lhe as costas até ficarem vermelhas. Vivíamos numa casinha no extremo de uma povoação degradada, habitada sobretudo por operários e estivadores, homens que se sentavam no alpendre ao anoitecer, em camisola interior, a olhar para os relvados amarelos, emborcando garrafas de cerveja. Mas em nossa casa não era assim.

Tudo brilhava, o oleado amarelo-limão do chão da cozinha, o televisor na sua consola de nogueira falsa, as cortinas limpas e perfumadas com qualquer coisa que a mãe deitava na água. Os

talheres na mesa, e o seu olhar atento para se certificar de que eu me servia deles como devia.

“Ela não gostava dos miúdos da vizinhança, com as suas gargalhadas ruidosas, as suas pragas e as suas camisas de mangas demasiado curtas às quais eles limpavam o nariz. Mas era uma boa mãe, sabia que um rapaz precisava de amigos.

Deixava-me brincar com eles e uma vez levou-os lá a casa. Serviu-lhes sumo e bolachas que eles engoliram pouco à vontade, sentados na beira das cadeiras resplandecentes de verniz. Mas assim que eles saíram, ela obrigou-me a lavar... a cara, os braços, as pernas, tudo... várias vezes, como que para se certificar de que não restavam vestígios deles. Sentava-se à mesa comigo enquanto eu fazia os trabalhos da escola e, quando eu levantava a cabeça, havia uma expressão no seu rosto, um amor determinado e sofrido com o qual eu não sabia o que fazer.

“Cumpria um ritual todas as noites, antes de eu ir para a cama. Depois de eu vestir o pijama, ela humedecia-me o cabelo com água e penteava-me muito bem. Para que eu fosse ao encontro dos meus sonhos com bom aspecto, dizia, depositando-me um beijo na testa quando terminava. Talvez outros rapazes se impacientassem com estas coisas, mas eu não. Adorava a força e a subtileza com que ela fazia deslizar o pente pelo meu cabelo, o modo como cantarolava baixinho. Às vezes, quando me penteava, dizia que gostava que o meu cabelo fosse mais parecido com o do papá e não tão áspero e negro, sempre a cair-me na testa por muito que ela o penteasse.

Mas, no íntimo, eu estava satisfeito. Adorava o papá, mas o cabelo dele era fino e quebradiço, ruivo e com algumas peladas. Gostava que o meu cabelo saísse ao da mãe, embora fosse liso como um fio e o dela fosse encaracolado à volta da cara, muito bonito.”

Na atmosfera opaca da loja, os vultos ganham forma. Desejos antigos. Uma mulher tensa e pronta a libertar-se da vida e um rapaz a fitar a mãe com o mundo inteiro nos olhos.

Ele continua a falar, o meu americano, ou estou a viver o seu sonho no meu coração?

Compreenda isto, diz o vulto do rapaz. Não considere esta situação uma fantasia de adolescente. Eu estava convencido de que

a minha mãe era a mulher mais bela da criação. Porque era.

Por um momento vejo as outras mulheres que afloram os limites da vida dele, pendurando a roupa nos quintais contíguos aos dele. Bocas cheias de molas da roupa, barrigas inchadas, a pele flácida dos braços, do pescoço e dos seios. O suor que lhes cola a roupa às costas. Ou na escola, os professores de lábios finos, olhos vermelhos e cansados, agarrando com força nos ponteiros, no giz e nos apagadores. Coisas secas e mortas.

Mas ela. Os punhos de renda das camisas de noite, a ginástica da manhã, a espinha a curvar-se sem dificuldade, o cheiro a água-de-colónia que espalhava abundantemente no pescoço. As suas roupas eram poucas, mas sempre compradas em boas lojas. Os sapatos, de saltos altos e finos, faziam-lhe balouçar os vestidos à volta das pernas quando ela andava pela casa, como se estivesse num filme. Até o nome... nem Sue ou Mol y ou Edith como as mulheres da vizinhança, mas Celestina... que ela pronunciava alegremente, não permitindo que alguém usasse diminutivos.

Os cabelos dela estavam sempre bem lavados e espalhavam um halo de ondas negras cujo esplendor o rapaz associava ao dos santos das imagens sacras que as freiras lhe davam na catequese. Às vezes, prendia os caracóis atrás da cabeça, com travessas. De ouro, de prata, de madrepérola. Guardava-as numa caixinha de madeira esculpida e deixava-o brincar com elas e escolher um par para ela usar.

— Ela tratava-as tão bem que só alguns anos mais tarde é que eu soube que eram falsas — diz o americano. A palavra é um som duro, agressivo na sua boca. — É que as ondas do cabelo dela não eram naturais. No dia em que encontrei na garagem o frasco do produto para fazer a permanente, atrás de uma pilha de velhas revistas, fiquei tão zangado que nem consegui dirigir-lhe a palavra. — A voz dele treme de novo, a recordar, e depois dá lugar a uma gargalhada amarga. — O que não alterou a situação, porque nessa altura não conversávamos muito.

— Espere — disse eu, sem perceber a sua veemência. — Por que é que isso o aborrecia tanto? Na América, é vulgar as mulheres fazerem permanentes para encaracolarem o cabelo. Até eu sei que é assim.

— Porque nessa altura eu sabia o motivo que a levara a fazê-lo. Que a levava a fazer tudo o que eu admirava. A mentira de toda essa situação. À medida que eu ia crescendo — diz o americano — pensava que o meu pai era um rochedo. E a minha mãe era um rio a precipitar-se de uma altura enorme. Ou talvez fosse só mais tarde que eu os recordava assim. O poder silencioso dele e a beleza inquieta dela. E eu...

eu era o som da água a cair na pedra, que é único, que não precisa de ser comparado a mais nada. E eu nunca pensei quem era a minha gente nem de onde eu vinha.

"O meu pai ficara órfão, fora criado em lares miseráveis de parentes que não o queriam. Talvez fosse por isso que acreditou logo na minha mãe, uma empregada do restaurante à beira da estrada onde ele tomava o pequeno-almoço, quando ela lhe disse que a família tinha morrido. O facto de uma pessoa não ter família pareceu-lhe natural... e terrível. Talvez fosse isso que lhe deu coragem para declarar o seu amor a essa jovem fascinante, cujos cabelos lembravam cavalos selvagens, e com uma expressão no olhar que os lembrava também. E, pouco tempo depois de estar casada, ela começou também a acreditar nisso.

"Mas talvez ela já acreditasse antes. Talvez quando os deixou, quando fugiu deles sem sequer deixar um bilhete, Não me procurem, quando cortou o cabelo e fez a permanente, quando mudou o formato das sobrancelhas com pinças e pintou uma boca nova, quando arranjou um nome bonito e adequado como sempre desejara ter, talvez tenha sido como se tivesse morrido."

A loja está às escuras neste momento. Numa escuridão total. É uma noite sem lua e alguém partiu o candeeiro da rua lá fora, portanto os raios poeirentos de luz não atravessam as ripas das persianas fechadas. Ouço o meu americano e reparo como a escuridão altera o timbre das vozes, as torna mais profundas, as separa dos limites do corpo para flutuarem em liberdade.

Americano, como tecerei as tuas palavras flutuantes, qual a cor da especiaria com que as tingirei?

— Um dia quando eu tinha cerca de dez anos, ou talvez fosse mais novo, veio um homem a nossa casa — diz ele. — Era um dia

de trabalho e o papá estava no emprego. O homem trazia um casaco velho e roto debaixo do braço e umas calças de ganga que cheiravam a animais. Os cabelos, lisos e negros, chegavam-lhe aos ombros e tinham um aspecto vagamente familiar.

“Quando a mãe abriu a porta e o viu, a cara dela ficou cinzenta, da cor da borracha velha. Depois, o seu olhar endureceu, como o degrau de cimento onde ele se encontrava, com as botas cobertas de lama e de estrume. Ia a fechar a porta mas ele disse: "Ewie, Ewie", e quando olhei para ela percebi que ele a tratava pelo seu verdadeiro nome.”

A voz do americano retoma aquele timbre alto e maravilhado de quem revive um antigo sonho da infância.

— Ela mandou-me para a outra sala mas eu ouvia-lhe a voz, como um garfo que raspava um prato de folha: “Por que vieste cá arruinar a minha vida?” A minha mãe, que sempre falou correctamente, que me lavava a boca com sabão se eu dissesse há-des. Falava cada vez mais alto. “Devias ter vergonha, Ewie, de voltares as costas aos teus. Olha para ti, a imitares os brancos, a julgares-te muito fina e importante, e o teu filho nem sequer sabe quem é.” Furiosa, ela discute com ele em voz baixa para obrigá-lo a baixar o tom de voz e chama-lhe patife e inútil.

“Depois, ouvi apenas pedaços de conversa. Ele está a morrer. E depois? Ele está a morrer? Não lhe devo nada. Palavras proferidas numa língua que eu não entendia. E

por fim: "Merda, Ewie, prometi-lhe que te encontrava e te dizia. Fiz a minha parte.

Agora faz o que quiseres." A porta principal fechou-se com estrondo e tudo ficou em silêncio. Muito depois, ouví-a mexer-se lentamente, a tremer, a preparar o jantar, a tropeçar nas coisas como uma velha de sapatos de salto alto. Entrei na cozinha e ela deixou-me descascar as batatas. De vez em quando deitava-lhe um olhar à socapa, tentando ler-lhe a expressão, desejoso que ela dissesse qualquer coisa acerca do homem que viera a nossa casa. Mas não disse. E antes de o papá chegar a casa, foi lavar a cara, pintar os lábios e pôr um sorriso fresco.

“Foi a primeira vez que me apercebi de que havia uma faceta íntima que a minha mãe escondia de todos nós, até de mim, a quem amava mais do que qualquer outra pessoa.

“Na manhã seguinte, bem cedo, depois de o papá sair, ela enfiou-se no quarto e quando saiu vi que trazia o seu melhor vestido azul-marinho, com um casaco a condizer e botõezinhos de madrepérola de cima a baixo, e o colar de pérolas, que guardava num estojozinho de veludo e no qual não gostava que eu tocasse. "Anda", disse ela, "vamos sair." "E a escola?", perguntei, e a minha mãe, que nunca me deixara faltar às aulas, disse: "Não faz mal, vamos." Durante todo o caminho, no carro, não disse uma palavra, nem ralhou comigo por eu brincar com o rádio ou pôr a música muito alta. Uma ou duas vezes ia a perguntar-lhe aonde íamos, mas ela franziu levemente o sobrolho, como se escutasse qualquer coisa dentro de si própria, e eu não perguntei. A viagem demorou duas horas, sempre assim. E quando virámos numa rua estreita com casas com a tinta a cair, automóveis velhos e abandonados nos quintais, tufos de dente-de-leão e lixo caídos dos contentores, ela fez um pequeno ruído, como se qualquer coisa estivesse presa no seu peito, talvez o anzol que a puxara para aquele local.

“Parou o carro abruptamente e saiu, muito alta e direita, pegando-me na mão com tanta força que me doeu durante vários dias. Dirigiu-se a uma casinha de madeira que cheirava a mofo, como se alguém tivesse deixado roupa molhada dentro de uma máquina de lavar durante muito tempo, direita à cozinha, como se soubesse para onde ia. A cozinha estava cheia de homens e mulheres, alguns a beber de garrafas de vidro castanho, e quando lhes vi a cara pesada e achatada, o cabelo negro e fraco sobre a testa, foi como se tivesse olhado para um espelho convexo, daqueles que deformam as imagens. A minha mãe passou por eles como se não estivessem ali. O ruído dos saltos no oleado roto era um som preciso e confiante.

Mas ela tinha os dedos húmidos de suor agarrados aos meus, e percebi que sentia os olhos deles postos nos botões de madrepérola do vestido, e ouvia o sussurro que percorreu o aposento como o vento carregado de geada que mata a primeira fruta.”

O americano cala-se, como se se tivesse aproximado de um muro e não soubesse qual o caminho a seguir.

Olho-o de outra maneira, para o cabelo, para a cor da pele e para o formato dos ossos, tentando ver nele as pessoas que descreve. Mas continua a ser o meu americano, único, diferente dos outros.

— Por fim, entrámos num quarto estreito, pouco iluminado e com muita gente. Na cama, a um canto, estava um vulto esguio e teso como um pau, tapado com um cobertor. Quando os meus olhos se habituaram à penumbra, vi que era um homem.

Pareceu-me muito, muito velho. Alguém abanava um chocalho e cantava. Não percebia as palavras, mas sentia que nos envolviam como uma cobra, unindo-nos todos.

“Quando eles viram a minha mãe, fez-se silêncio, como um punho fechado que de súbito nos tivesse atingido o ouvido. Endireitaram o velho na cama, segurando-o para que não caísse.

“O velho ergueu a cabeça com tal esforço que eu senti os seus músculos do pescoço a estalarem e a retesarem-se. Abriu os olhos, e naquele quarto às escuras eles cintilavam como manchas de mica na parede de uma gruta. "Ewie", disse ele. A palavra saiu, nítida, como uma seta, não como eu esperava. Depois, ele disse: "O filho da Ewie." O apelo da sua voz envolveu-me como um abraço. Apeteceu-me logo ir ao seu encontro, embora sempre me tivesse mostrado acanhado com desconhecidos. Mas as mãos da minha mãe estavam nos meus ombros, tensas e inquietas como as patas de um passarinho assustado.”

O americano respira fundo como se tivesse saído a custo de um túnel comprido e sem ar. Depois abana a cabeça.

— Não posso acreditar que lhe contei tudo isto — diz, protegendo-se, como os homens fazem, atrás daquela palavrinha. — Livra! Esta pimenta é muito forte.

Meu americano, diz o que te apetece. Não é só a especiaria que quer ouvir, sou eu também. Esta é a minha convicção e a minha esperança.

Digo em voz alta: — Não é uma porcaria, é esse o termo. Bem o sabe.

Mas percebo que terei de esperar muito tempo, talvez para sempre, para saber o que aconteceu no quarto daquele moribundo.

Não lamento totalmente que ele se tenha calado. As suas palavras já encheram a loja, e a água jorra dos seus limites. Empurra-me com o seu peso opaco. Levarei algum tempo a descobrir quais as arestas que esta inundação limou entre nós.

Entretanto, apetece-me dizer-lhe que guardarei este momento da sua vida como uma centelha no meu coração. Mas de repente sinto-me intimidada, eu, Tilo, outrora tão impetuosa e atrevida. Como a Velha teria rido disto.

Só consigo dizer: — Sempre que lhe apetecer conversar, a minha porta está aberta para si.

Ele ri-se como antigamente, com uma gargalhada fácil e trocista. O seu braço varre as prateleiras.

— Tudo isto e ainda conselhos gratuitos. Mas que negócio!

Os seus olhos, porém, fixam os meus e há neles um clarão que diz: “Estou satisfeito.”

Um dia terás de dizer-me o que vês quando olhas para este vulto envolvido na pele rugosa de uma velha. Há alguma verdade a meu respeito que eu não saiba, ou trata-se apenas da tua própria fantasia?

À porta, ele pergunta: — Ainda quer saber como me chamo?

Reprimo o riso ao ouvir a pergunta. Americano solitário, ouves o meu coração a cantarolar simsimsim?

Mas obrigo-me a dizer o que a Velha me ensinou quando saí da ilha, como que um aviso.

— Só se você quiser. Porque um nome verdadeiro tem poder, e quando você o diz entrega esse poder nas mãos do seu ouvinte.

Por que te digo isto se não percebes?

— O meu nome verdadeiro é o que você quer saber? Bem. Talvez nem possa imaginar qual é.

— Como? — pergunto. E no meu íntimo: Tenho a certeza de que ele não o saberá fazer.

— Todos os outros me foram dados, mas este foi escolhido por mim.

Americano, mais uma vez me surpreendeste. Eu que julgava que tu, sendo do Ocidente e estando sempre habituado a escolher o teu

próprio caminho, assumirias essa escolha.

Ele hesita e depois diz: — O meu nome é Raven.

E faz um desenho no chão com o dedo do pé. Não olha para mim. Enlevada e divertida, vejo que o meu americano está um pouco embaraçado com o seu nome não americano.

— Mas é bonito — digo, saboreando o adejar das asas na minha boca, o aroma quente do céu a subir e a descer, do bosque escuro à noite, olho vivo, cauda emplumada feita de carvão e de fumo. — É adequado.

— Acha?

Um rápido lampejo de prazer, também rapidamente oculto, no olhar. Raven, que sente que se vulnerabilizou o suficiente por um dia.

— Como é que lá cheguei? — diz ele. — Ah, contar-lhe-ei essa história um dia destes.

Talvez.

Faço um sinal afirmativo, eu, Tilo, que por uma vez não me impaciento pelo facto de não saber. Confio nelas, nas histórias por contar que se estendem entre nós como filamentos de ouro batido. As suas histórias e as minhas. Não se perderão, ainda que não se contem.

— Raven, agora tenho de lhe dizer o meu nome. Acredita se eu lhe disser que você é o único homem na América, no mundo inteiro, a sabê-lo?

Algures o chão agita-se debaixo dos pés, abre-se de par em par. Algures um vulcão desperta e cospe fogo. O vento transforma-se em cinza.

Sim, dizem os olhos dele, do meu americano, que deixa cair a capa da solidão.

Estende a sua mão castanho-dourada e brilhante (algures uma mulher chora) e nela eu deposito o meu nome.

KALOJIRE

Raven foi-se embora, e a loja parece demasiado grande. O silêncio produz um tilintar distante nos meus ouvidos. Como velhas lâmpadas fluorescentes, penso... e fico admirada com o pensamento. Há algum tempo que reparo nisto: a minha mente a invocar impressões das quais não tenho experiência. Foram ultrapassadas por aquelas que atravessaram este lugar? São as recordações dele que se tornam minhas?

Vagueio pela loja, a limpar, embora tudo já esteja limpo, dou às mãos qualquer coisa para fazerem. O que quero verdadeiramente é tocar em tudo o que ele tocou. Estou esfomeada do pouco que posso ter. O aroma suave a sabonete da sua pele. O

último calor que se libertou das pontas dos seus dedos.

E é então que reparo no jornal que ele deixou estendido em cima do balcão. Pouso as mãos nele e fecho os olhos, espero que uma imagem me diga onde está o meu americano neste momento, talvez a conduzir na auto-estrada com as janelas abertas, o som de uma bateria no rádio e o aroma cortante e limpo de um oceano invisível, as especiarias no cabelo. O que está a pensar? Mas nada vem até mim.

Por isso, pouco depois, o que me resta senão abrir os olhos, dobrar o jornal e guardá-lo cuidadosamente debaixo da lata onde guardo os papéis usados?

É então que reparo no título. Delinquentes libertados. E, por baixo, a fotografia dos dois adolescentes brancos, mostrando os dentes com um sorriso triunfante. Nem a pouca nitidez da fotografia consegue disfarçar o seu ar emproado.

Por instantes sinto-me impelida por uma necessidade premente, por um peso instintivo naquele fosso interior onde se instalam os nossos medos. Tilo, descobre o que os levou afazer isso. Tilo, tens defazê-lo. Mas dobro o jornal e estremeço.

Nunca li um jornal, nem sequer os indianos que são enviados para a loja todas as semanas.

Não queres?, perguntarão vocês.

É claro que quero. Eu, Tilo, cuja curiosidade me levou tantas vezes a ultrapassar os limites impostos pela sabedoria. Às vezes encosto a cara ao papel. Um cheiro a metal aquecido liberta-se das pequenas letras negras.

Então afasto-me. Acho que já violei suficientemente as regras.

Foi isso que a Velha nos disse: — Os acontecimentos do mundo exterior não são da conta das Mestras. Se encherem a cabeça de frivolidades, o verdadeiro conhecimento perde-se, como grãos de ouro na areia. Concentrem-se apenas naquilo que vem ao vosso encontro, procurem apenas uma solução.

— Mas, Primeira Mãe, não será preferível eu saber o que se passa noutro lado qualquer, observar como é que essa vida que é posta a meu cargo se desenvencilha?

Ela suspira, impaciente, mas não é desagradável.

— Filha, os limites dessa vida estão muito para além do que tu ou eu podemos ver.

Volta-te para dentro, para o que precisas de saber. Aguarda que a especiaria adequada lhe dê um nome.

— Sim, Mãe.

Mas hoje quero perguntar, Primeira Mãe, alguma vez sentiste que os pensamentos se revolviam à tua volta como as ondas salgadas do mar, e uma voz, a dele, a chamar, como uma gaivota, e que tudo o resto se torna difuso e distante como sons submarinos?

Mãe, o que hei-de fazer? Todas as certezas da minha vida se desfazem como rochas durante um temporal, transformando-se em grãos de poeira que me picam nos olhos.

Sinto a cabeça tão pesada que tenho de encostá-la ao balcão onde o jornal ainda...

A visão açoita-me como uma chicotada nas pálpebras. Um jovem deitado numa cama, com tubos a sair do nariz e de debaixo dos braços. As ligaduras brancas confundem-se com a almofada do hospital. Só se distinguem certas zonas da pele, morena como a minha. Como a minha, pele indiana. Uma radiografia desloca-se num ecrã. Nada mais se mexe naquele quarto.

Excepto a cabeça dele.

Tilo, o que...

Nesse momento, sou engolida. Quando a dor me atinge, apercebo-me de que estou no início da história cujo fim leio nos títulos dos jornais.

Na mente dele, a noite está a cair, a luz pálida do sol é engolida pelas árvores, o parque da cidade escurece, quase deserto, e só alguns empregados de escritório que saíram mais tarde se juntam na paragem do autocarro a pensar em casa e em jantar. Ele corre a cortina vermelha, e as letras amarelo-vivas que dizem comida indiana Mohan misturam-se umas nas outras. Está um pouco atrasado mas o dia correu bem, quase tudo o que Veena cozinhou se vendeu, e tanta gente lhe disse: “Muito saboroso”, e trouxe amigos. Talvez tenha chegado o momento de contratar alguém para ajudar, de pôr outro carrinho do outro lado da cidade, junto dos complexos de escritórios. Tem a certeza de que Veena conseguiria arranjar uma amiga que a ajudasse na cozinha...

Depois, ouve os passos, as folhas caídas a quebrarem-se debaixo das botas, um som como vidro partido. Por que lhe parece tão alto?

Quando se volta, os dois rapazes estão muito perto. Sente-lhes o cheiro a sujo, a alho retardado. Pensa que os americanos têm um cheiro diferente dos indianos, mesmo os babus que trabalham em escritórios e que usam água-de-colónia e desodorizante. E então apercebe-se de que é o seu próprio suor, o seu medo súbito que está a cheirar.

Os rapazes têm o cabelo muito curto. No couro cabeludo, o cabelo eriçado tem um brilho branco como um osso, branco como o fulgor dos olhos. Devem ter quase vinte anos, não mais do que isso. Os blusões camuflados e justos deixam-nos pouco à vontade.

— Desculpem, já ia fechar — diz ele, a limpar a tampa do carrinho com uma toalha de papel, afastando as pedras que entalara debaixo das rodas. Seria indelicado começar a andar enquanto eles estavam ali? Dá um primeiro empurrão ao carrinho.

Com um movimento ágil, os jovens bloqueiam-lhe o caminho.

— O que te leva a pensar que queremos essa porcaria? — diz um deles.

O outro inclina-se para a frente. Com um movimento natural, elegante mesmo, deita ao chão um monte de folhas de papel.

Automaticamente, o indiano baixa-se para apanhá-las e é apanhado de surpresa.

Os olhos deles não se mexem, parecem poças de lama. E eu já devia ter desatado a correr.

A ponta da bota atinge-o debaixo do braço estendido, e um acesso de dor percorre-lhe o lado como ferro fundido, enquanto ele ouve um deles cuspir e dizer: — Filho da mãe de indiano, devias ter ficado no teu maldito país.

Contudo, a dor não foi tão forte como ele receava, nem tão intensa que ele não conseguisse apanhar a pedra e atirá-la ao jovem que está aos pontapés ao carrinho até este se partir e os kababs e as chamuças que Veena enrolou e recheou com tanto cuidado se espalharem por todo o lado no pavimento sujo. Ouve o som gratificante do embate, vê o jovem cair para trás, com uma expressão de surpresa que é quase cómica. O indiano sente-se bem apesar de lhe custar a respirar, e a zona iluminada do cérebro admite que possa ser uma costela. (Não sabe que, mais tarde, um advogado mostrará a nódoa negra provocada pela pedrada ao juiz e dirá que foi o indiano que começou tudo, e que os seus constituintes se limitaram a defender-se.) Acredita por instantes que pode fugir, talvez correr para a paragem do autocarro, para o clarão seguro do candeeiro, ao encontro dos utentes do passe (eles não vêem ou não ouvem o que se está a passar?) que estão à espera. E então que o segundo jovem cai sobre ele.

Até nesse momento, em que o indiano não consegue lembrar-se de muito mais (a cabeça levantada, os nós dos dedos envolvidos em metal, prontos a esmagar), a recordação da dor é nítida. Uma dor que lhe lembra constantemente o que se passou a seguir. (Um pontapé nas virilhas, a cara arrastada pelo chão.) Tantos tipos de dor, como fogo, como agulhas a picar, como martelos a partir. Mas, não. A dor que, em última análise, é apenas igual a si própria. (“Monte de esterco, patife, pedaço de merda, que isto te sirva de lição.”) Está convencido de que gritou a pedir socorro, mas só conseguiu pronunciar as velhas palavras bachao, bachao. Julga ter visto uma tatuagem vermelha num braço, o mesmo símbolo suástico que eles costumavam pintar nas paredes das casas da aldeia para dar boa sorte. Mas não podia ser (uma pancada na cabeça, tão forte

que os seus pensamentos estilhaçaram-se e deram origem a uma chuva de estrelas amarelas), com certeza que foi apenas o sangue nos olhos, os nervos em franja que lhe pregaram uma partida.

Na tranquilidade do quarto de hospital, a dor vai e vem pausadamente, como as ondas do mar. Agora ele já está habituado. Só queria que Veena ali estivesse, seria agradável poder agarrar-se à mão de alguém quando lá fora o céu ganha tons de púrpura como naquela noite, mas eles levaram-na para casa para descansar.

— Não te preocupes — dissera-me. — Se te preocupares, não melhoras. A situação fica por nossa conta. Tenta descansar. “Mas o que hei-de fazer às perguntas que chocalham no meu cérebro, voltarei a andar, como é que hei-de ganhar a vida agora, o olho direito está completamente destruido. A Veena tão jovem e tão bonita entregue assim a um marido aleijado e cheio de cicatrizes. E, vezes sem conta, aqueles dois haramis, a Polícia apanhou-os? Talvez estejam a apodrecer na cadeia.”

Meses depois, em casa, quando sabe da absolvição, solta um grito, um gemido, prolongado como o de um animal, bate com as muletas em tudo aquilo que está ao seu alcance. Louça, móveis, as fotografias do casamento que estão penduradas na parede. Destrói tudo, sem dar ouvidos a Veena, que lhe suplica que pare, afastando-a. Os vidros estilhaçados da janela, a aparelhagem estereofónica que lhe custara tantos meses de poupança partem-se como um osso sob os seus golpes. Até que Veena, a soluçar, vai chamar Ramcha-ran e o irmão à casa ao lado. “Acalma-te, bhaiya, acalma-te.” Mas ele atira-se aos dois homens, pronto a arranhar e a gritar com aquela voz não-humana que parece sair algures de trás dos olhos, do esquerdo que está vermelho e inchado e do direito que é agora um buraco negro e engelhado.

Até que por fim eles agarram-no por trás, obrigam-no a deitar-se e amarram-no à cama com dois saris de Veena. Então ele cala-se. Não diz nem mais uma palavra.

Nem naquele momento nem nas semanas seguintes, nem no avião da Air índia, quando por fim os vizinhos se juntam e arranjam dinheiro para o bilhete e os mandam, a ele e a Veena, para casa, porque nada mais têm a fazer neste país.

Ó Molhan, destruido de corpo e alma pela América, venho da tua casa, destroçada, dou comigo sentada no chão frio da loja. Doem-me as pernas e os braços como depois de uma doença prolongada, o meu sari está húmido de suor, e no meu coração não sei dizer onde começa a tua dor e acaba a minha. Porque a tua história é a história de todos aqueles que aprendi a amar neste país e que me preocupam.

Assim que consigo voltar a levantar-me, dirijo-me a cambalear para a lata dos jornais.

Tenho de saber.

Sim, lá vêm as histórias. Folheio páginas e páginas, volto anos e meses atrás e descubro-as lentamente. O homem que encontra as montras da mercearia apedrejadas, pega numa pedra para ler o bilhete carregado de ódio que está atado a ela. À porta da sua casa suburbana, crianças a soluçar pelo cão envenenado. A mulher com a dupatta rasgada nos ombros segue por uma rua da cidade, os adolescentes afastam-se a toda a velocidade no automóvel, às gargalhadas. O

homem que observa o seu motel destruído, fruto de uma vida de trabalho, o fumo encaracolando-se num hieróglifo onde se lê fogo posto.

Sei que há outras histórias, inúmeras histórias, por contar, por escrever, e que pairam amargas e escuras como nevoeiro na atmosfera da América.

Esta noite vou cortar mais kalo jire por todos aqueles que sofreram com a América.

Por todos eles e em especial por Haroun, que é uma ferida dentro de mim, cujo nome, quando o pronuncio, me corta o peito ao meio. Vou fechar a porta à chave e passar a noite a cortá-lo, na escuridão, a faca a subir e a descer, firme e prateada como um bafo sagrado. Para que, quando ele vier amanhã à noite (porque amanhã é terça-feira), eu lhe possa dar o embrulho e dizer: “Al ah ho Akbar, que estejas em segurança, nesta vida e sempre.” Como penitência, enquanto trabalho não pensarei uma só vez em Raven, eu, Tilo, que já fui tão indulgente para comigo própria.

Passarei a noite a purificar o ar com as minhas preces ciciadas pelos mutilados, por cada membro perdido, por cada língua

esmagada. Por cada coração silenciado.

O dia passa tão devagar que é como se eu estivesse debaixo de água, onde cada movimento é um esforço enorme. A luz parece difusa e esverdeada, filtrada. Através dela, os poucos clientes aproximam-se, indolentes, das prateleiras, depois voltam e encostam-se ao balcão com movimentos lânguidos. As suas perguntas são como bolhas minúsculas a rebentar-me nos ouvidos. Também os meus braços e as minhas pernas cedem, tornam-se escorregadios como algas, agitam-se ao som de um qualquer adagio submarino que só eles ouvem.

Só a minha mente funciona, mais furiosa e desesperada do que nunca.

Uma grande parte da vida de uma Mestra é espera, é inacção. Quem diria! Não eu, que queria todas as respostas de uma só vez, que queria o domínio imediato, como uma droga injectada nas veias.

Uma vez, a Velha disse: — Poder é fraqueza. Pensem nisto, Mestras.

Ela dizia muitas vezes coisas como estas: “Quanto maior for a felicidade, maior é a perda”; “Olhem para o Sol, chamem a escuridão aos vossos olhos.” Outras que já esqueci. Dava-nos uma manhã para meditarmos nelas.

As Mestras minhas irmãs trepavam aos rochedos de granito, à procura de um local sossegado. Algumas sentavam-se debaixo das banias ou à entrada de uma gruta.

Em silêncio, voltavam-se para dentro de si próprias, tentavam ver.

Mas eu, que não me interessava por enigmas, passava o tempo a brincar no mar, a perseguir peixes com as cores do arco-íris. Se por instantes me calava, se parava a olhar para a linha ondulante do horizonte era apenas à procura das minhas serpentes, esperançada.

De tarde, a Velha perguntava: — Mestras, perceberam?

Eu era sempre a primeira a abanar a cabeça.

— Tilo, nem sequer tentaste.

— Mas, Mãe, as outras tentaram e não perceberam — respondia eu, com descaramento.

— Ah, filha!

Mas, ansiosa por aprender o feitiço associado à especiaria seguinte, quase ignorava o tom desapontado da sua voz.

Hoje, Mãe, começo finalmente a perceber. Com pouca nitidez, nesta atmosfera que cheira a alcatrão e a fuligem. Poder é fraqueza.

Nesse momento entra Kwesi e sou salva do pensamento.

É um prazer ver Kwesi a fazer compras, concluo.

Os seus movimentos são precisos, não há um gesto supérfluo. O ângulo do braço quando ele pega num pacote, numa caixa. Os músculos das costas estendidos e tensos quando ele se inclina para pegar num saco. Os seus dedos manipulam os grãos das lentilhas, sabendo o que procuram, os ossos partidos e tratados, unidos na perfeição.

O corpo, à vontade no seu próprio espaço, não se apressa nem perde tempo.

Apercebo-me de que daria um bom professor, porque sabe o que significa ser ferido.

No meu íntimo, uma ideia desenrola-se como uma folha.

Kwesi põe as suas compras em cima do balcão. Hoje leva feijões, verdes como o musgo. Uma vagem seca de tamarindo. Um coco que o imagino a partir em dois com a mão, que se eleva como uma mancha acastanhada na atmosfera da sua cozinha.

— Vai fazer dal de coco e feijão — digo eu. — Está a tornar -se ambicioso, hem?

Ele faz um sinal afirmativo. O sorriso abranda, neste homem que não sabe sorrir senão quando lhe apetece, e ele não responde.

Faz-me lembrar Raven, como todas as coisas belas mo fazem lembrar agora. Sob a minha capa de felicidade há um receio: “Voltarei a vê-lo? Quando?” Nunca tenho a certeza. Presa a esta loja, só posso esperar e ter esperança.

— É para a minha senhora — diz Kwesi. — Gosto de fazer qualquer coisa de novo e de inesperado para ela, pelo menos uma vez. Acha que será muito difícil?

— Não, não — respondo. — Certifique-se apenas de que põe o feijão de molho com a devida antecedência, e não junte a pasta de tamarindo senão no fim.

Mas que bela ideia é esta, nova e inesperada. Quem me dera acatá-la para a minha própria vida.

Enquanto faço a conta, desejo boa sorte aos feijões, digo-lhe que não se esqueça de polvilhá-los com uma pitada de açúcar.

— Assim ficará doce e salgado, acre e picante, todos os sabores do amor, não é verdade?

Os seus olhos engelham-se num sorriso de concordância.

Se me fosse tão fácil dar felicidade a todos os que me procuram...

Tilo, sê honesta. Ele já se sentia feliz quando entrou. Não te estás a sair muito bem com aqueles que precisam verdadeiramente de felicidade, pois não?

Digo:

— Lembra-se de que queria afixar um cartaz da sua escola de karate aqui na loja?

Tenho pensado nisso.

— Sim?

— Não é má ideia. Nunca se sabe quem pode entrar e ver, quem pode querer aprender. Traz algum no carro?

Ajudo-o a afixá-lo mesmo junto da porta, aquele cartaz sobressalente e elegante em tons de negro e dourado para que ninguém o ignore.

Kwesi tem alguns cabelos grisalhos, como espirais prateadas.

— Diga-lhes que eu sou bom mas duro. No Dojo Único de Kwesi não se brinca.

— Dureza é do que eles precisam — respondo.

E aqui está o que eu não digo: Mas também és amável. Conheces a dureza das ruas, o seu apelo. Também tu ouviste o canto mortal da sereia, aquele que ela canta especialmente para os jovens. Talvez tenhas o poder de afastá-los dela, de obrigá-

los a ver como é bela a luz do Sol, a asa de um pássaro a voar, as gotas de chuva nos cabelos da pessoa que amas.

Ao despedir-me dele, envio um pensamento que procure nos becos degradados e escuros, nos armazéns abandonados, nas discotecas à beira-mar que já começam a fervilhar na noite cor de fogo. Que procure e que traga.

Mas é o avô de Geeta que empurra a porta, que pousa no balcão, com um gesto de derrota, a fotografia numa moldura de latão que eu lhe dei.

— Didi.

— Sim?

Ao ouvir a sua voz, tenho receio de fazer mais perguntas.

— Não estou a sair-me bem com o que me disse para fazer. Tal como me aconselhou, estou a preparar o terreno com todo o cuidado, dizendo à hora do jantar que a casa está muito silenciosa só com a nossa presença. Mas o Ramu não diz nada. Depois, digo-lhe que talvez nos tenhamos precipitado, que afinal ela é sangue do nosso sangue. E ele mantém-se calado. “Por que não lhe telefonas só uma vez?”, digo eu, “ou talvez a Sheela possa fazê-lo.” “Não”, diz ele, como se tivesse uma pedra dentro do peito. E quando eu pergunto: “Porque não, olha que compete aos mais velhos perdoarem aos mais novos”, ele empurra o prato e levanta-se da mesa.

— Disse-lhe que ela está a viver com a amiga e não com ojuan?

— Disse. No dia seguinte, meti-lhe o número do telefone dela na mão e disse: “Faz isto por mim, Ramu, faz as pazes com ela. A rapariga tem tido o cuidado de não cometer nenhuma imoralidade, de não te ofender. Por que não lhe dizes que volte para casa?” Ele deita-me um olhar frio como gelo. Diz: “Demos-lhe tudo o que ela queria. Esta foi a única coisa que lhe pedimos para não fazer, e ela fez.”

Prossegue:

— Digo-lhe: “Tenho estado a pensar, e se ela casar mesmo com esse rapaz mexicano, não é nenhuma desgraça, os tempos estão a mudar, os filhos de outros já fizeram o mesmo. Olha para o Jayanta, casado com aquela enfermeira branca, olha para a filha do Mitra, que lindos bebés que ela tem com aquela pele clara.” Ele responde: “Baba, mas que nova conversa é essa, se durante todo este tempo estava sempre a suspirar, a bater na testa e a dizer Ai que ela está a lançar kali à cara dos antepassados. Quem é que tem andado a dar-lhe maus conselhos?” Respondo-lhe: “Ouve lá, achas que não sei pensar pela minha própria cabeça? Se um homem é sensato, muda de ideias quando verifica que está errado.” Mas a'cara dele está

dura como um muro de tijolo. Diz: “Já ouvi o que tinha a ouvir. Quando ela saiu desta casa e bateu com a porta com tanto orgulho, saiu da minha vida.”

“Depois desta conversa, não consigo dormir durante a noite. Vejo que é mais fácil espetar um espinho no coração do que tirá-lo. Quem me dera nunca ter aberto a boca acerca da questão entre pai e filha.

“De madrugada, levanto-me e vou lá abaixo. Deixo a fotografia na mesinha a que ele se senta todas as manhãs a beber o seu chá e a ler o jornal. Talvez olhe para ela quando estiver sozinho e se lembre do tempo em que ela era pequena, talvez se lembre de tudo o que fez por ela. Talvez seja um pouco mais fácil afastar o seu orgulho de homem e ser um pai.

“Mas, quando lá volto mais tarde, depois de ele ter ido para o emprego, vejo a moldura virada ao contrário e caída no chão. Veja.”

Aponta, com o dedo a tremer.

Com um arrepio, vejo um rasgão, feito com a precisão de uma seta lançada, que atravessa a fotografia de um lado ao outro, a separar a Geeta do seu Juan.

Ando de um lado para o outro no quarto interior, passando a mão pelas prateleiras que guardam as especiarias do poder, esperando uma orientação. Mas as especiarias mantêm-se em silêncio e eu só posso apoiar-me no turbilhão da minha mente de mulher.

Tilo, o que há afazer?

E explico-lhe o que deve fazer.

À porta, digo: — Use o dom com cuidado. É seu por uma única vez. E lembre-se de que as cólicas serão difíceis de suportar.

Ele endireita os ombros, levanta a cabeça, o avô de Geeta, e reparo como ele é um homem pequeno, sempre o foi apesar das fanfarronices. Mas hoje há grandeza no seu olhar.

— Estou pronto para a pior das cólicas — responde ele com muita simplicidade e fecha a porta devagarinho.

Espero que todos os clientes saiam, que as traças voem junto da luz que entra pela porta e ouço o ruído suave dos seus corpos que chocam com a campânula de vidro.

Que a lua se bamboleie como um fantoche no meio da minha montra, com os seus fios invisíveis, e que os sons próprios das horas de ponta sejam engolidos por um terrível silêncio nocturno... e que passe muito tempo sobre a hora de fechar. E

depois não consigo esconder mais o medo frio e enrolado no meu peito: Haroun não virá. Agora, não. Talvez nunca mais.

Como hei-de melhorar a situação? Como hei-de ajudá-lo na escuridão que lhe estende a mão faminta?

A resposta chega com tanta rapidez e segurança que me surpreende, que me prova que já não sou a Tilo que saiu da ilha.

Tens de ir ter com ele. Sim, tens de ir mais uma vez ao encontro da América: E a Velha?

A voz conhece os meus pontos fracos. Sentas-te aqui, com as mãos no regaço, e deixas que ele seja destruído, diz ela. Isso é o que a Velha teria feito no teu lugar, teria querido.

Vejo o rosto dela, com as rugas vincadas na testa, aos cantos da boca, vejo-lhe o sorriso e o sobrolho carregado. Os olhos, ora sombrios e imóveis ora a chispar de ironia. De repente, ternos e determinados. “Uns olhos que, no auge da fúria, poderiam queimar-te a pele”, diziam as Mestras mais velhas quando nos contavam histórias.

Os momentos pululam aos meus pés, gastos e gelados. Não há respostas. Através das paredes, ouço o avô de Geeta, que deixei a atender os clientes. A sua voz recuperou um pouco da confiança perdida. “Garanto-lhe que o chana dal lhe dará energia, é melhor do que comprar tur. O seu marido recusa-se a comê-lo? Dê-lhe uma entaladela e misture-o com muita cebola frita e uma folha de dhania, e vai ver que ele melhora.”

Disfarce, penso. Prevaricação. Talvez ele tenha razão. É um truque desesperado para uma situação desesperada.

Procuro nas prateleiras até encontrar a embalagem bem apertada em cortiça, e ao lado está a pinça de pontas prateadas. Desenrolo-a com todo o cuidado para não lhe tocar. E vejo-a regressar à vida, kantak, a erva de espinhos negros, finos como cabelos e cuja picada pode ser venenosa.

Com a pinça corto três espinhos e deito-os no almofariz. Junto banha de manteiga e mel para neutralizar a picada, moo tudo e

encho um frasquinho com a mistura.

O avô de Geeta está ao balcão, aprumado como um militar, e os seus dedos tamborilam no vidro quando volto.

— Ah, didi, está a demorar-se muito. Não, não, não me importo, nem sequer estou impaciente, bem pelo contrário. Estou a pensar que é um bom sinal, que a senhora está a encontrar precisamente aquilo que nos pode ajudar.

— O senhor disse que faria fosse o que fosse pela Geeta, para reuni-la de novo à família. Tem a certeza?

Ele faz um sinal afirmativo.

— Então, aqui está, misture isto no seu arroz, ao jantar, e coma devagar. Ficará com a garganta a arder e mais tarde terá cólicas, talvez durante uns dias. Mas por uma hora terá uma língua de ouro.

— O que significa isso? — pergunta o avô de Geeta, mas pela sua expressão onde convivem a esperança e o medo vejo que conhece as histórias antigas.

— As pessoas acreditarão em tudo o que disser durante essa hora. E farão tudo o que lhes ordenar. Agora ouça.

Não posso afirmar o que ela quereria, mas sei o que teria feito. O que também eu deveria fazer.

Penso durante muito tempo antes de escolher o outro caminho, que me faz doer o corpo todo, como se tivesse os ossos deslocados.

Se me perguntassem por que procedo desta maneira não saberia responder. Só isto: eu, que tomei as mãos de Haroun nas minhas e senti a esperança a pulsar nelas, não posso deixar que a noite lance a sua rede escura sobre ele sem oferecer resistência. Será rebeldia, será compaixão? Talvez vocês saibam melhor do que eu, pois na minha opinião elas caminham lado a lado, e as suas extremidades sangrentas roçam uma na outra até ficar tudo de uma só cor.

Agora, porém, defronto-me com um problema mais imediato: tenho de encontrar Haroun. Não tenho a morada, e, quando envio um apelo em pensamento, ele é devolvido à minha mente como se eu estivesse rodeada por um muro de pedra impenetrável. A minha cabeça lateja com o impacte, com a pergunta que não consigo afastar.

Tilo, os teus poderes estão a abandonar-te?

A pouco e pouco, o latejar vai forjando uma palavra: telefone. Forma-se uma imagem por trás das minhas pálpebras, e embora eu nunca tenha visto nenhum na vida real, sei o que é: um telefone envolvido no seu cubículo de vidro, uma caixa rectangular a brilhar à luz do candeeiro, com o cabo de aço enrolado e cintilante como o corpo esguio e rugoso de um réptil pré-histórico, de cabeça negra, dura e bulbosa. De onde vem esta recordação? Não faço ideia. Mas sei que tenho de levar moedas para alimentar a fenda bucal da máquina.

Procuro o meu saco de plástico do Sears e retiro uma folha de papel com um número (também tenho de telefonar à Geeta). Preparo-me para enfrentar o olhar fixo das especiarias e fecho a porta atrás de mim. (Mas, por que não há olhares reprovadores? Por que é que a porta não se solta teimosamente das minhas mãos?) Não me admiro por os meus pés seguirem sem fraquejar os desvios e as esquinas das ruas que me levarão à cabina telefónica.

Faço o telefonema fácil em primeiro lugar. O de Geeta, servindo-me do número que ela me deu naquele dia, cheia de esperança, no alto da sua torre negra e reluzente.

E, quando ouço a réplica da sua voz fina e metálica através da máquina, sei do que se trata. Sei que tenho de esperar pelo sinal sonoro e depois dizer-lhe com clareza, devagar, que vá à loja, sozinha, depois de amanhã, às sete horas da noite, quando a luz do Sol e da Lua se misturarem sobre os nossos anseios, e talvez tudo seja possível.

Agora é a vez de Haroun. Mas não tenho o número dele, nem sei onde vive. Noutros tempos, poderia ter adivinhado com facilidade. Mas agora, quando começo a entoar a canção da descoberta, gaguejo e paro. Eu, Tilo, de quem a Velha disse uma vez que o papagaio, o pássaro da memória, devia viver na minha garganta. Demasiado tarde, começo a ver o preço que paguei por cada passo que dei na América. Dentro de mim, uma voz exclama: “O que mais se terá perdido?”

Agora não tenho tempo para me preocupar com este pensamento. Tenho de procurar na lista telefónica de capa metálica

que está pendurada na parede da cabina e rezar.

Não encontro o nome dele.

A cabina está cheia de desejos desfeitos, dos inúmeros desesperos de todos aqueles que levantaram este auscultador tentando contactar através de quilómetros de fio. Encosto a cabeça à parede. Choraria se soubesse que chorar me ajudava.

Tilo, a tua magia está fragilizada devido à tua obstinação. A culpa é só tua.

Também não há tempo para censuras. No meu íntimo, os minutos passam a voar e chocam com as paredes do meu peito, caindo de costas, atordoados.

Tens de servir-te do que tens, dos teus frágeis poderes mortais, da tua memória imperfeita. Da dor do teu coração.

Concentro-me naquela primeira noite na loja, quando Haroun enumerava as histórias dos amigos que eu ajudara. Fecho os olhos com força até sentir o aroma do sândalo na sua mão. Até sentir a pressão dos seus lábios maduros na minha mão. Ah, é duro ver o seu rosto, cheio de confiança. Haroun está num palco feito de sonhos, iluminado por um holofote prestes a apagar-se.

Por fim, nasce um nome da dor: Najib Mokhtar. Agarro-me a ele como se fosse uma jangada em águas revoltas, ou talvez apenas uma tira de relva. Espero que ele não tenha nascido do desespero da minha vontade.

Mas vejo — aqui.está ele na lista telefónica — as letras pequenas e negras como esqueletos de formigas espalmados na folha, mas suficientemente claras. Engulo as perguntas que me enchem a boca. E se for o Najib errado? E se ele não souber onde vive o Haroun? E se ele não disser? E se e se e se, e ligo.

Trrim, Trrim, ondas de sinais sonoros que ecoam, comigo no meio, e quando estou quase a desistir ouço uma voz de mulher.

— Está?

Pronunciada à moda indiana. A palavra fica suspensa no ar, hesitante, interrogadora.

— Procuro o Haroun. Sabe onde posso encontrá-lo?

No momento em que pronuncio estas palavras, apercebo-me de que errei. Sinto a desconfiança dela, como a corrente eléctrica que percorre os fios. O seu medo.

Serviços de Imigração? Credores? Antigos inimigos da terra natal que o perseguem do outro lado do mar? Os dedos dela apertam o auscultador, prontos a desligar.

— Sou uma amiga — apresso-me a acrescentar.

Ela não se convence, apercebo-me disso pelas suas frases curtas.

— Não conheço nenhum Haroun. Não vive aqui ninguém com esse nome.

— Espere, não desligue. Sou da mercearia indiana, sabe? Do Bazar das Especiarias, a seguir ao hotel que ardeu em Esperanza Street. Ajudei o seu marido uma vez, há muito tempo.

Apenas o som da sua escuta, da sua respiração refreada e relutante em acreditar.

— Tem de ajudar-me. Tenho uma coisa para dar ao Haroun, uma coisa para o proteger de... — Procuro uma frase que ela entenda, uma história que lhe tenham contado em pequena — .. .dos espíritos maus.

— Os espíritos maus — repete ela em voz baixa. Sabe o que são. Podem destruir o nosso nome, a nossa vida.

— Sim. Por isso é que tem de me dizer onde ele está.

Ela pensa. Na cabeça dela ouço o aviso do marido: “Mulher, se abrires a boca e disseres uma palavra acerca disso, farei com que te arrependas de ter nascido.”

— Por favor. Não lhe farei mal nenhum.

Ficamos ambas à espera. Entre nós, aquele momento estende-se, tenso como aço.

Depois, ela diz: — Vou dizer-lhe. Ele não tem telefone, mas vou dizer-lhe como pode ir a casa dele e quando pode encontrá-lo.

Dá-me nomes de ruas e de parques que anoto no verso da pequena folha de papel onde escrevi o nome da empresa em que Geeta trabalha. Escolas dos arredores, bombas de gasolina, esquadras da Polícia. Tome este autocarro e depois aquele, volte aqui à direita, depois volte à esquerda duas vezes, passe pelo centro de massagens e pelo terreno cheio de automóveis para a sucata, suba a escada frágil até ao apartamento de cima. Vá cedo, às oito da manhã, o mais tardar. Ele sai pouco depois do namaaz da manhã e volta a casa apenas durante dez minutos, ao anoitecer.

Depois vai trabalhar com o táxi, às vezes toda a noite, porque é nessa altura que recebe as melhores gorjetas.

— Shukriyah — digo eu. — Muito obrigada. Irei lá amanhã de manhã bem cedo, antes de abrir a loja.

A caminho de casa, mergulhada numa atmosfera cheia de fumo, evito as sombras e o que é pior do que as sombras e não tiro os olhos da Lua, branca como um osso.

Ensaio tudo o que direi a Haroun, desculpas, afecto e aviso contra o pesadelo que é o reverso do seu sonho de imigrante. Ah, vamos discutir, eu sei. Ele vai zangar-se e agitar as mãos em espirais de fúria, mas por fim dirá: “Está bem, ladyjaan, só para a fazer feliz farei o que diz.”

Sorrio ao pensar nisso enquanto abro a porta.

Depois vejo aquilo, um pequeno rectângulo branco como o sari de uma viúva ou de um asceta, apanhado em flagrante como se alguém tivesse fechado a porta depressa de mais.

Sinto um nó na garganta que não me deixa respirar. A Primeira Mãe? Começo a gritar.

Depois vejo que se trata apenas de uma mensagem.

Abro-a, e quando as minhas mãos deixam de tremer, leio as letras grandes e arredondadas.

Vim cá para a ver, mas você não estava. Não sabia que saía da loja, mas agora que sei, sinto-me mais à vontade para lhe pedir isto. Amanhã quer ir comigo à cidade, partilhar comigo os sítios que adoro? Virei buscá-la cedo e trá-la-ei à noite.

Por favor, diga que sim.

O meu Raven, penso, e como qualquer mulher apaixonada encosto a cara ao papel onde esteve a sua mão. “Sim, sim. Amanhã será o nosso dia de prazer”, digo em voz baixa. Já sinto o aroma da atmosfera salgada e envolvente da City, que imaginei durante tanto tempo, sinto os seus declives nos meus pés.

Mas depois vêm os pensamentos. E os olhares de censura e de curiosidade quando virem o meu belo americano com esta mulher de pele escura e flácida?

E (Oh, a frivolidade feminina?) não tenho nada para vestir.

E o Haroun?, pergunta a voz atormentada.

Guardo as moradas numa pequena pasta de couro que retiro da vitrina dos presentes. “Não o abandonarei”, respondo. Resolvo não dar demasiada atenção a quaisquer dúvidas que pairem dentro de mim. “Não sei distinguir o dever do prazer?

Amanhã, a primeira coisa que farei será pedir ao Raven que me leve junto dele.”

NEEM

Não consigo sentar-me durante toda a noite. Ando de um lado para o outro na loja, de trás para a frente, da frente para trás, a pensar no que me ficará melhor. Não espero ficar bela, mas talvez um pouco mais nova, para que os olhares não sejam tão desagradáveis.

Tilo, desde quando é que te importas com o que os outros dizem?

Não é por mim. Mas por ele, que quero proteger da troça do mundo.

Numa tigela, misturo leite fervido e folhas de neem em pó, que afastam as doenças.

Com a pasta, esfrego o pescoço, as maçãs do rosto e a zona por baixo dos olhos.

Esfrego o cabelo com polpa de ritha embebida em água e deixo a papa na cabeça.

Lavo o meu fato americano no lava-louça com uma barra de sabão Sunlight a cheirar a produtos químicos. A noite passa, cada minuto cai como uma gota de água da roupa pendurada. O pó de neem seca e repuxa-me a pele. Tenho comichão no couro cabeludo. Madeixas de cabelo embebidas em ritha picam-me a cara.

Porém, depois de ter tomado banho e de me ter enxugado, sinto a mesma pele enrugada, os mesmos caracóis no pescoço, ásperos e grisalhos como a juta com que as mulheres fazem sacos.

Oh, Mestra, o que julgavas? A voz das especiarias parece água a saltar, uma gargalhada fresca que dança sobre a minha tristeza. Se pretendes uma verdadeira mudança, deves usar-nos de um modo diferente, deves invocar os nossos poderes.

Sabes quais são as palavras.

Especiarias, o que estão a dizer? Os meus feitiços não me foram concedidos para meu uso.

Para ti, para ele, onde separas os desejos? A voz delas é um encolher de ombros, como se isto fosse uma ninharia.

Eu, que sei que não é, fico espantada. Por que é que elas dizem isto, elas que sabem muito melhor do que eu o que está certo e o

que está errado?

O canto vem agora do quarto interior. Anda, Tilo, serve-te de nós, oferecemo-nos alegremente a ti, que nos foste tão fiel. Raiz de lótus e abhrak, amlaki e acima de tudo makara-dwaj, o rei das especiarias, estamos às tuas ordens. Serve-te de nós para o amor, para a beleza, para tua alegria, porque épara isso que fomos feitas.

O cântico é como se eu tivesse pequenos anzóis agarra dos à pele, a puxarem-me.

Anda, Tilo, anda. A minha cabeça está cheia de imagens, da Tilo que eu podia ser, do rosto de Raven quando ele vê. Os nossos corpos unidos, flexíveis e entrelaçados no êxtase.

Começo a dirigir-me para o quarto interior. O cântico é rouco e as sílabas penetram no meu corpo e fazem-me cócegas.

Tenho agora a mão na porta, sinto o seu pulsar na madeira que é mole como a água. Todas as moléculas do Universo se dissolvem e reúnem em novas formas.

Depois, com a rapidez de um relâmpago, percebo que estão a levar-me ao engano.

A quebrar a promessa mais sagrada, a condenar-me sem remissão.

Ó especiarias, que durante todos estes anos foram a minha única razão de viver, não me castiguem com a tentação. Eu, Tilo, que ainda vos trago no coração. Não me hostilizem, não me façam resvalar para onde eu possa mais tarde vir a odiar-nos, a vocês e a mim.

Silêncio.

Depois: Assim seja por agora. Somos pacientes. Sabemos que em breve virás ter connosco. Assim que ouvires o nosso cântico, que regulares os ritmos do desejo cujo assento é bem no fundo do corpo, não poderás resistir.

Ó especiarias, digo eu, aproximando o meu corpo hirto do chão duro, onde ficarei a noite inteira sem dormir. A minha voz está cansada de tentativas de persuasão, tingida pela dúvida. Não posso gostar de vocês e dele ao mesmo tempo. Por que tenho de escolher?

As especiarias não respondem.

À janela, a manhã é como uma laranja aberta, macia, sumarenta e doce. Mas, na minha pele, avoluma as rugas, faz sobressair as veias. Vesti o meu fato castanho, triste como folhas mortas, e quase desejo que Raven não venha.

Mas lá está ele, e mais uma vez com aquele olhar satisfeito, como se tivesse retirado a minha camada de pele e visse o que há por baixo. Pega-me na mão, e na minha face espantada os seus lábios são macios e duros.

— Vem? Não tinha a certeza. Passei a maior parte da noite acordado, a pensar.

— Também eu — respondi, sorrindo.

O meu coração levou a melhor ao meu corpo, e juntos pulsam de alegria. Raven, que não sabe, que eu não quero que saiba o preço que terei de pagar por este passeio e a satisfação com que o pagarei.

Isto é que é o amor?

— Olhe. Trouxe-lhe uma coisa — diz ele, abrindo um embrulho.

Espalha-se pelo balcão, fino como uma teia de aranha, reluzente como o orvalho.

Quando pego nele é comprido e solto até aos pés, e branco como a aurora. O

vestido mais belo que já vi.

Pouso-o.

Primeira Mãe, que nos avisaste, quando olhávamos, desoladas, para os nossos corpos deformados pela idade por entre o fogo de Shampati, previste este momento? Sinto-me devastada pelo arrependimento.

— Não posso usá-lo — digo.

— Porquê?

— É demasiado vaporoso. É o vestido de uma jovem.

— Não — diz ele. — É o vestido de uma bela mulher. E você é essa mulher.

Ele passa um dedo leve como uma asa pela minha face. As especiarias observam atentamente, ocultando os seus pensamentos. Atentas à minha respiração entrecortada.

— Como pode dizer uma coisa dessas, Raven?

A minha voz arrasta as lágrimas. Afasto a raiva dos meus olhos, chamo-o para junto da janela, para a luz implacável.

Dentro de mim, uma voz implora: “Deixa estar.” Não. Se vou perdê:lo, que seja agora. Antes que a farpa insidiosa do amor se enterre mais no meu coração.

— Não percebe? — respondo eu, a chorar. — Eu sou feia. Feia e velha. Aquele vestido em mim provocaria a troça. E você e eu juntos, também isso provocaria a troça.

— Chiu. Chiu — diz ele.

Depois abraça-me e os seus lábios no meu cabelo incutem confiança. Enterro a minha face no seu peito, na suavidade de uma camisa branca que cheira a lavado como o vento. A sua pele está quente como madeira polida.

Como hei-de explicar-vos como é, a vocês que já foram abraçadas por tantos homens que nem sequer se lembram como tudo começou?

Todavia, eu nunca fora abraçada. Nem pelo meu pai nem pela minha mãe. Nem pelas Mestras minhas irmãs. Nem sequer pela Velha, não desta maneira, com os corações colados um ao outro. Eu, Tilo, a criança que nunca podia chorar, a mulher que nunca haveria de chorar. Sorrio por entre as lágrimas quando o aroma da sua pele me enche e o seu bafo quente pousa nas minhas pálpebras. Os meus ossos derretem-se com este desejo de ser abraçada, eu que nunca julgara desejar a protecção dos braços de um homem.

Os seus polegares esfregam-me as omoplatas.

— Tilo, querida Tilo.

Até o meu nome ganha uma nova textura na sua boca, as vogais tornam-se mais curtas e nítidas e as consoantes mais definidas. Meu americano, estás a reformular-me de todas as maneiras.

— Ponha o vestido — diz ele. Tapa-me a boca com a mão para calar os protestos. — Eu sei que este seu corpo não é o verdadeiro.

Os meus lábios querem descansar em silêncio na curva firme dos seus dedos, na platina fresca de um anel, nas linhas das mãos que indicam o seu futuro e o meu. Se eu soubesse lê-las...

Mas recuo. Tenho de fazer a pergunta.

— Como é que sabe? Você, que disse que não era fácil conhecermos o nosso verdadeiro eu.

Ele sorri.

— Talvez nos vejamos melhor uns aos outros do que a nós próprios.

Pousa o vestido nos meus braços, empurra-me para o quarto interior. -Mas...

— Querida desconfiada e teimosa. Vou contar-lhe. Hoje vou contar-lhe tudo. Mas tenho de fazê-lo no sítio adequado, onde a névoa e a atmosfera se misturam no oceano. Onde é mais fácil fazer confissões... e talvez mais fácil perdoar. Onde iremos assim que estiver pronta.

O meu americano guia um automóvel que é comprido, baixo e cor de rubi, com uma pele tão brilhante e macia que nem o vento consegue alterá-la. Lá dentro, cheira a gardénia e a jasmim, caro e sedutor e todo ele feminino, o que me leva a interrogar-me com uma ponta de ciúme: “Quem?” O banco adapta-se ao meu corpo, maleável como a palma de uma mão (quantas outras mulheres terá ele acolhido desta maneira?), e quando me recosto vejo, a flutuarem por cima do tejadilho de vidro, nuvens que parecem sorrisos de compaixão.

Tilo, esqueceste que não tens direito a este homem, quer ao seu passado quer ao seu presente?

Porém, não posso agarrar-me à dúvida, ao ódio ou à tristeza. O meu vestido instalou-se à minha volta como as pétalas de uma flor de lótus branca, e pela janela a mão quente e permissiva do sol acaricia-me a face. O carro desloca-se como qualquer animal selvagem, com o mesmo silêncio e a mesma rapidez. O mostrador do relógio na torre da margem diz que são sete e meia. São boas horas de ir ao encontro de Haroun.

— Está bem — diz ele. — Onde é que fica esse sítio por onde quer passar em primeiro lugar?

Lembro-me dos nomes de quase todas as ruas, e o meu cérebro passa-os a ele.

El is, Ventura e uma chamada Mal-colm X Lane. O carro desliza por becos onde o lixo se amontoa no pavimento, e homens e mulheres de cabelos emaranhados olham-nos dos portais onde

passaram a noite. Alinhados a seus pés, como um muro de protecção, vêem-se sacos de plástico com as suas vidas lá dentro.

— Tem a certeza de que é este o local?

— Tenho. — De repente, tenho dúvidas. — Espere, tenho o endereço aqui na minha mala.

Contudo, o papel onde o escrevi desapareceu. Retiro a embalagem de kalojire e viro-a ao contrário. Só uma lanugem de fios de linho sai, como se troçasse de mim.

— Eu sei que o pus aqui.

As palavras saem-me da boca aos solavancos.

— Veja outra vez. Onde podia ir...

Um pensamento trespassa-me como uma seringa, e sou obrigada a inclinar-me e a tapar os olhos com as mãos. Especiarias, por acaso...

— Talvez o tenha deixado na loja — diz Raven. — Quer que voltemos atrás para ver?

Abano a cabeça. Malditas especiarias, foi por isso que se mostraram tão amáveis, para me distraírem e depois me castigarem por isso, quando eu menos esperava?

— Você está mesmo aborrecida. Isso é assim tão importante?

— Trata-se da vida de um homem que tomei ao meu cuidado — respondo.

— Deixe-me ver.

Pára o carro, inclina-se sobre os meus pés e levanta o tapete. Olha à volta com cuidado. Parece que se passa muito tempo. Demasiado tempo. Apetece-me dizer-lhe que não vale a pena, mas não tenho coragem de falar.

— Espere, é isto?

O meu papel, feito numa bola com as pontas rasgadas. Mas continua legível.

Especiarias, mas que jogo cruel é este? O gato e o rato?

— Não sei como ele foi aí parar — diz Raven.

Guardo o que sei só para mim e leio em voz alta o nome do local. Com as pontas dos dedos agarro-me com força ao tablier como se desse modo o carro andasse mais depressa.

Raven olha para mim de soslaio e depois carrega no acelerador com um movimento fluido. O carro salta para a rua e descreve as

curvas com um ruído suave, como se também ele sentisse a ansiedade que me corre nas veias. Chegamos mais depressa do que eu julgava. Saio à pressa, deixo a porta aberta atrás de mim e subo as escadas escuras e manchadas até ao cimo. Bato à porta, chamando o seu nome, torno a bater até me doerem as mãos, com uma voz rouca e tremente, como os meus ossos.

Ouço um ruído atrás de mim. Volto-me tão depressa que fico com a cabeça à roda.

Um estalido na porta da casa em frente, dois olhos como velas negras, a voz suave de uma mulher com sotaque: — Woh admi, ele já saiu há cinco ou seis minutos.

Tilo, se não tivesses perdido tempo a conversar, a vestir esse vestido tolo...

Deixo-me cair no último degrau e agarro-me ao corrimão.

A mulher vem ao meu encontro, preocupada.

— Sente-se bem? Quer um copo de água?

— Por favor, não se incomode. Só preciso de ficar uns minutos sozinha — respondo, voltando-lhe as costas e concentrando-me no sangue que me entoa ao ouvido, junto das pálpebras cerradas, o seu cântico de arrependimento. “Ah Haroun Haroun Haroun.”

O tempo arrasta-se. Estou aqui sentada... não sei há quanto tempo. Depois, as mãos dele agarram as minhas e ajudam-me a levantar.

— Tilo, agora não há remédio. Ouça, passamos por aqui quando voltarmos, à hora que você quiser.

Olho para ele. Tem uma ruga pequena e vincada entre as sobrancelhas. Os seus olhos parecem-me mais escuros, como se compreendessem aquilo de que ele se afastou até agora: como sentir a dor dos outros, como desejar por um breve instante (ah, mas que chega para nos modificar para sempre) com todos os músculos, todos os ossos, todo o pulsar do cérebro, que esta dor se vá embora?

É um rosto no qual se pode confiar, concluo.

Mesmo assim, pergunto:

— Antes do pôr do Sol?

— Prometo. Agora faz-me uma coisa?

Respondo com um sim pensativo, eu, Tilo, tão experiente na satisfação dos desejos.

Depois acrescento, à cautela: — Se puder.

— Fique bem-disposta, sim? Pelo menos até regressarmos. Não digo nada. Olho para a porta de Haroun e lembro-me da expressão que detectei no seu rosto fechado.

— Por favor, preciso que esteja bem-disposta — diz Raven, apertando as suas mãos nas minhas.

Ah, americano, como sabes tocar bem as cordas da minha mente. Sabes que te darei o que tenho relutância em dar a mim própria. E todas as mulheres são assim.

— Está bem — respondo, e sinto que ele abranda, o peso que tinha dentro de mim.

Descemos as escadas. Atrás de nós, no patamar escuro, fica, a pairar, o peso do meu coração (mas agora não vou pensar nisso), a espera do anoitecer, do meu regresso.

Ele enche um copo, amarelo-suave como o céu que nos protege, e estende-mo. Por instantes, contento-me apenas em observar. Há certas pessoas que põem muita elegância nos seus actos mais simples e mais impensados. É um enigma para mim, eu que nunca fui elegante, mesmo nos meus tempos de juventude.

Quando bebo (estou a quebrar outra regra das Mestras), o vinho percorre-me o corpo, frio e depois quente, como pontos de luz que se reúnem no pequeno espaço por trás das pálpebras e que começam a tremeluzir. Ele pega no copo, vira-o e bebe, e os seus lábios estão agora onde estiveram os meus há pouco. Observa-me.

Na minha boca, a doçura, o medo e a expectativa. Sinto-me frívola, sem amarras.

Será do vinho, ou dele?

Hoje estou de férias, concluo, tal como os turistas que borboleteiam à nossa volta onde quer que paremos.

Fisherman's Wharf, Twin Peaks, a Ponte de Golden Gate. Em férias de mim própria.

Hoje, com o mar como folha de ouro que se estende até à linha do horizonte, trazendo lágrimas.

Não concordam que até eu tenho direito a um dia como este, uma vez na vida?

É este local onde Raven se ajoelhou no chão, sem se importar com as calças Bil Blass, e preparou o nosso almoço: um pão de cacete do tamanho do seu braço, pedaços de queijo espesso e esbranquiçado, uma taça de madeira cheia de morangos que parecem beijos. Tudo isto é exotismo para mim, embora quando lho digo ele se ria e diga que não, e a situação seja de facto bastante natural. Sei que ele fala verdade. Todavia, quando pego num morango, vejo-o apenas como uma pedra preciosa vermelha e perfeita com curvas luminosas, e quando o trinco sinto-me invadida por uma fragrância inocente e paradisíaca. E de repente lembro-me que é assim que Raven deve ver as coisas que fazem parte do meu quotidiano: cominhos, coentros, cravo-da-índia, chana dal — e uma tristeza breve, suave e inexplicável paira sobre mim.

Pára, Tilo, porque hoje também estás de férias dos teus pensamentos.

E concentro-me neste local, com as ondas do Pacífico a desfazerem-se algures por baixo de nós, os gritos das gaivotas que rodopiam no céu, este local que recordarei como nenhum outro. Onde me recosto e sou, por um momento, elegante como qualquer imperatriz (sim, eu), encostada a um cipreste inclinado por cem anos de vento, e contemplo as ruínas manchadas de sal de um balneário que, com a água por fundo, parece uma miragem.

— Construído por um sonhador louco — esclarece Raven.

— Como eu — digo, sorrindo.

— E eu — acrescenta ele, também a sorrir.

— Com que sonha, Raven?

Por instantes, ele hesita. A timidez varre o seu rosto como a sombra de uma asa, essa expressão tão rara num homem. Segue-se uma expressão diferente, e quando a leio há qualquer coisa dentro de mim que começa a tremer. Porque diz: nunca mais terei segredos para ti.

É disto que tenho estado à espera, desde que o conheci naquela tarde envolvida em pó de diamante. E no entanto...

Raven, não estranhes que eu tenha medo, eu, Tilo, que tenho sido a guardiã dos segredos de tantos homens e mulheres. Mas receio que, ao saber qual é o teu desejo, te tornes igual aos outros

que vêm à minha loja. Dar-te-ei o que desejas e, ao fazê-lo, arranco-te do meu coração.

Talvez seja melhor assim. O meu coração que mais uma vez pertencerá inteiramente às especiarias.

Quando penso nisto, a minha mente apressa-se, frenética, à procura de um plano para estancar as tuas palavras. Mas já estás a falar, e os sons transformam-se em poeira dourada nesta atmosfera com borrifos de sal.

— Sonho com o paraíso terrestre.

O paraíso terrestre. As palavras devolvem-me à minha ilha vulcânica, com o mar verde a enrolar-se à sua volta e a sombra frondosa dos coqueiros ondulantes. Sinto os grãos de areia quentes entre os dedos dos pés, e o seu brilho prateado e intenso nos meus olhos faz-me chorar lágrimas que não posso verter.

Raven, se soubesses...

Mas ele diz:

— No cimo das montanhas cobertas de pinheiros e de eucaliptos, o aroma húmido da madeira, da casca e das pinhas, um riacho com uma água tão fresca e pura que é como se nunca tivéssemos bebido outra.

Meu americano, mais uma vez vejo como estamos em mundos diferentes, mesmo nos nossos sonhos.

Ele continua:

— A Natureza una, bela e agreste. Onde poderíamos reviver, os tempos primordiais, junto do urso que abre a boca para a sorveira-brava, do antílope que ergue o pescoço, à escuta. Do leão da montanha que salta sobre a sua presa. No céu esbranquiçado, pássaros negros voam em círculo. E não há homens nem mulheres.

Excepto...

Deito-lhe um olhar interrogador.

— Vou contar-lhe — acrescenta Raven, empurrando a cortina iridescente dos cabelos. -

Mas tenho de começar pelo princípio, pelo meu sonho e pela minha guerra.

Estás em guerra, Raven, com as tuas mãos seguras e suaves, a tua boca tão cheia de dádiva? Não consigo imaginar.

E, quando penso nisto, uma mancha escura esconde o Sol. Um bando de corvos, cujas asas são da cor das folhas do neem, passa por cima de nós. Os seus gritos lúgubres parecem premonitórios.

Há um lago de sombras aos cantos da boca tensa de Raven. O seu rosto é todo ângulos e reentrâncias, a suavidade desapareceu. Por instantes, é um rosto capaz de tudo.

Tilo, quão pouco sabes acerca deste homem. E, no entanto, por ele arriscas tudo.

Não é o cúmulo da loucura?

Sinto um grande zumbido, como bombardeiros, na cabeça. Que abafa as palavras de Raven. Mas já sei o nome do local a que ele se refere.

O quarto do moribundo.

— Imagina-nos naquele lugar sombrio? — diz Raven. — A minha mãe com as mãos nos meus ombros, para me proteger, o velho com o seu corpo decadente e o seu coração cruel? E eu, um rapaz de fato domingueiro, apanhado na animosidade que chispa entre eles como uma descarga eléctrica.

“O velho disse: "Ewie, deixa o rapaz comigo." E quando o corpo da minha mãe se endireitou e ela disse que não, ele pediu: "Por favor, só um bocadinho." Havia poder naquela voz suplicante, tanto que não sei como ela lhe resistiu. E um desamparo que me tocou, o tom dilacerado de um homem que não estava habituado a pedir favores.

“Mas a minha mãe olhou para o escuro como se não tivesse ouvido. Não. Como se já tivesse ouvido aquilo demasiadas vezes. E, pela primeira vez, o seu rosto pareceu-me duro, desconfiado e feio.

“Creio que o velho também percebeu. A voz dele alterou-se, tornou-se dura como pedra e formal. E embora não fosse alta ribombava nas paredes do quarto como uma queda-d'água. "Nesta", disse ele, "esperava não te dizer isto mas agora direi.

Peço-te isto como forma de pagamento por todos aqueles anos em que viveste comigo, por tudo o que te dei e que deitaste fora quando partiste."

“Foi assim que fiquei a saber o que ele era a ela, e a mim.

“"Só quero", disse ele, "que o rapaz tenha oportunidade de escolher o rumo da sua vida. Tal como tu tiveste."

“"Ele é demasiado novo para ser forçado a escolher", disse a minha mãe com uma voz sufocada. Eu sentia o medo a apertar-lhe a garganta. A minha mãe está com medo, pensei, admirado, porque nunca imaginara que isso fosse possível.

“"Quando optaste por não seguir os hábitos antigos, eu obriguei-te?", perguntou o velho, fazendo uma pausa entre as palavras como se cada uma fosse um monte que ele tinha de subir. "Não. Deixei-te partir, embora fosse como se me tivessem rasgado o peito. Bem sabes que eu nunca seria capaz de magoar o teu filho."

“Em silêncio, sentia à minha volta a respiração atenta das pessoas. O quarto enchia-se e esvaziava-se, como um pulmão.

“"Muito bem", disse ela por fim, tirando as mãos do meu ombro. Pode falar com ele.

Mas eu fico no quarto."“

— Quando a minha mãe se afastou de mim, foi como se levasse toda a luz com ela -

diz Raven.

“Não, deixe-me repetir. O que foi com ela foi a luz de todos os dias, com a qual executamos as nossas tarefas diárias e nos conhecemos a nós próprios. Mas não foi a escuridão que ficou, foi apenas um outro tipo de luz, uma luz vermelha e trémula que só nos permitia ver se tivéssemos outros olhos. E palavras. O quarto estava cheio de palavras, só que precisavam de ouvidos diferentes dos que eu tinha para as ouvir.

“O velho não se mexeu nem falou. Mas senti o seu apelo nos braços e nas pernas, no peito. Um apelo caloroso, como se ele e eu fôssemos feitos da mesma matéria, terra, água ou rocha e, agora que estávamos juntos, ela apelasse aos seus.

“Aproximei-me dele, sentindo-me ao mesmo tempo impelido para trás. Para a minha mãe. Ela desejava ardentemente afastar-me dessa parte da sua vida que substituíra pelos móveis reluzentes e pelas belas cortinas floridas, apesar de eu adivinhar que não eram essas coisas que ela queria mas apenas a oportunidade de ser vulgar e americana. “Compreende isto?”

Raven, em cujo olhar vejo a recordação desesperada dos desejos da tua mãe, compreendo melhor do que julgas. Eu, Tilo, que em criança queria tanto ser diferente, que agora, na idade adulta, anseio pela vida vulgar na cozinha e no quarto, pelo pão fresco, por um papagaio na gaiola que me trate pelo nome, pelas brigas amorosas e pelas pequenas alegrias da reconciliação.

Oh, ironia do desejo, sempre atento ao bruxulear líquido para além da duna mais distante. Às vezes descobre que ele não é diferente da areia ressequida na qual passámos dias, meses, anos à espera.

Tilo, aqui está a pergunta em que deves pensar, mesmo quando a história de Raven te arrasta para um poço encantado onde os viajantes incautos se afogam: alguém sabe verdadeiramente o que quer? A mãe de Raven sabia? E tu? Tu que pediste uma vez para ser Mestra, alguma vez serás feliz se fores apenas uma mulher?

— Eu aproximava-me a pouco e pouco, sem saber, e a cada passo o apelo dele se tornava mais forte e o dela mais fraco — diz Raven. — Até que me encontrei mesmo em frente dele e ouvi por fim as palavras transformadas numa canção que me aconchegava o pescoço como a pele de um animal vivo. Não percebia a língua, mas o significado era bastante claro. Bem-vindo, dizia, bem-vindo finalmente. Esperámos tanto tempo.

“O velho estendeu-me as mãos e quando pus as minhas nas dele senti que eram macias apesar dos calos. Fizeram -me lembrar as mãos do meu pai. Mas estas eram frias, só ossos, com pregas de pele manchada que se acumulavam nos pulsos. Não havia nada de belo nelas, nada que explicasse por que razão me sentia eu assim tão feliz de repente.

“Agarraram-me com uma força que eu não esperava, e depois o quarto encheu-se de imagens vivas: um grupo de homens e mulheres à beira de um rio, a colher raízes sob um sol abrasador, a cortar ramos para fazer cestos. Inclinados sobre corpos doentes, agitando as mãos de tal modo que deixavam no ar pequenos rastos de luz. Sentados junto de uma fogueira nocturna entoando canções de bem-estar, espalhando grãos de milho que chispavam ao arder.

“Lentamente, percebi que ele me mostrava como fora a sua vida e as vidas daqueles que o tinham antecedido e que lhe tinham

transmitido o poder. Senti-lhes as dores nas costas, a alegria a pulsar no peito, como cascos de cavalo, quando um homem dado como morto abria os olhos. Percebi que, se eu quisesse aquela vida, ela seria minha."

Sinto que a minha respiração se acelera à medida que ouço esta história. É terrível e excitante verificar os paralelismos entre as nossas vidas, e as diferenças. Pensar que também Raven tem uma herança de poder. Não saber por que razão ele veio ao meu encontro. E ter esperança.

Ah, meu americano, talvez por fim tenha encontrado alguém com quem possa partilhar o que é a vida de uma Mestra, esse fardo belo e terrível.

— Fiquei ali, assustado, sem saber o que fazer — diz Raven. — Mas a pouco e pouco percebi que a pele junto dos seus olhos era castanha, enrugada e complacente, como a casca de uma árvore, que os seus olhos brilhavam como pequenas fogueiras. "O meu bisavô", pensei, e as palavras pareceram-me um bálsamo fresco numa pele febril.

"Depois vi-as por trás da cabeça dele, as outras caras que se prolongavam até à parede, como quando nos encontramos entre dois espelhos. As caras deslocavam-se, as feições misturavam-se de tal modo que eram e não eram a cara do meu bisavô, eram e não eram a minha. Depois ele levou a mão ao peito e tirou qualquer coisa. "O seu coração", pensei, e durante um momento de horror imaginei que mo daria, vermelho e sangrento, ainda a bater desordenadamente.

"Mas era um pássaro, grande e belo, negro como carvão, reluzente como óleo, que se mantinha imóvel nas suas velhas mãos e que me observava com uns olhos vermelhos."

Raven faz um sinal afirmativo para responder à pergunta que eu não fiz.

— Sim, um corvo.

"Senti o som dos tambores à minha volta e as notas agudas e cheias de ar de uma flauta. O meu bisavô estendeu-me o corvo e eu estendi também os braços. Depois as molduras de outras fotografias a mostrar o passado: eu a jogar basebol com os amigos à esquina do quarteirão, sentado à mesa a fazer os trabalhos da escola com o

meu pai, na mercearia com a minha mãe, a empurrar o carrinho até à caixa e ela com um sorriso que lembrava gotas de orvalho ao sol. Sabia que era a minha vida que eu estava a ver, aquela a que renunciara antes de poder acatar a outra. Senti de novo o cheiro húmido a flores do hálito da minha mãe quando ela me beijou na testa.

Senti-lhe o medo nas pontas dos dedos antes de ela me deixar ir, e sabia que se decidisse seguir o caminho da gente do meu bisavô as coisas nunca mais seriam as mesmas entre mim e ela. Fiquei deprimido com o peso do terrível desgosto que lhe daria, e de repente vacilei.

“O que teria decidido? Não sei. Tenho revivido a cena vezes sem conta na minha mente, tentando perceber o que teria acontecido.”

Ele faz uma pausa e olha para mim com uma esperança súbita no olhar. Mas eu não sei mover-me no reino das hipóteses perdidas e sou obrigada a abanar a cabeça.

Sinto a respiração dele entre nós, pesada, compacta.

— Continuo a dizer a mim próprio que é o passado, que devo libertar-me dele. Mas você sabe como é. É muito mais fácil sermos sensatos aqui em cima — bate na cabeça — do que aqui.

Leva a mão ao peito e esfrega-o distraidamente, como se aliviasse uma velha ferida.

Raven, esta noite deitarei no parapeito da minha janela amritanjan, um unguento frio como o fogo e quente como o gelo. Que afasta a dor e — o que às vezes é pior — a recordação da dor que nós, humanos, não conseguimos deixar de guardar para nós próprios.

— No momento da minha decisão — diz ele -, foi isto que aconteceu. Do fundo do quarto, a minha mãe disse, com uma voz suave mas ansiosa, com aquela voz especial que guardava para os momentos em que eu me preparava para fazer qualquer coisa verdadeiramente perigosa: “Não.” É possível que ela não tencionasse falar, porque quando me virei ela tapava a boca com a mão. Mas o mal estava feito.

“Ao ouvi-la, recuei instintivamente. Foi um pequeno movimento, mas foi o suficiente.

O pássaro soltou um grito enorme e elevou-se no ar. Senti o vento provocado pelo bater das suas asas. Subiu na vertical. Fiquei aterrorizado, não fosse ele esmagar-se contra o tecto e ferir-se, mas atravessou-o como se fosse água e desapareceu.

Só uma pena caiu lentamente e veio pousar nas minhas mãos. Toquei-lhe e era muito macia. Depois dissolveu-se na palma da minha mão.

“Quando levantei a cabeça, o meu bisavô caíra de bruços. Vieram dois homens a correr, depois abanaram a cabeça e deitaram-no de costas. Um lamento elevou-se de todos aqueles que rodeavam a cama, mas o sentimento de culpa deixou-me sem palavras. E o desespero, quando me lembrei da sua expressão bondosa, e daquela pena sedosa que me acariciou a mão.

“A minha mãe empurrava-me para a porta, dizendo: "Anda, vamos embora, temos de nos ir embora." Eu ofereci resistência. Apesar de assustado, pois não havia dúvida de que fora eu que o matara, senti que tinha de aproximar-me do velho, pegar-lhe nas mãos pela última vez. Mas nada pude contra a força adulta da minha mãe.”

Raven olha para mim sem me ver.

— Foi a primeira vez que odiei verdadeiramente a minha mãe — diz ele.

Vejo a recordação desse ódio nos seus olhos. É uma emoção estranha, não o ódio selvagem e tempestuoso que esperaríamos que uma criança sentisse, mas era como se ele tivesse sido empurrado para um lago gelado e agora, depois de vir à superfície, visse tudo a uma luz diferente, deliberada e fria.

— Não ofereci mais resistência, percebi que não valia a pena. Estendi os braços e agarrei-me ao colar dela. Este partiu-se com um estalido tão forte que esperei que toda a gente se virasse para ver, mas é claro que a intensidade do som fora apenas na minha cabeça. A minha mãe foi apanhada de surpresa e levou a mão ao pescoço. As pérolas voaram em todas as direcções, atingindo o soalho e as paredes com um ruído desagradável.

“"Obrigou-me a ofender o meu bisavô", disse eu. "Ele morreu por causa do que nós fizemos."

“E depois virei-lhe as costas e dirigi-me para a porta. Havia pérolas debaixo dos meus sapatos, saliências suaves e escorregadias. Continuei a andar, tentando esmagá-las, mas elas espalharam-se. E, quando olhei para trás, o soalho escuro parecia salpicado de lágrimas de gelo.

“Ao ouvir as minhas palavras, a minha mãe teve um calafrio e, quando se recompôs, vi que o seu rosto estava diferente, mais solto, como se os músculos se tivessem cansado de repente de tentar. Havia uma parte de mim que queria parar, mas a outra, a do ódio recente, obrigou-me a continuar.

“"Ele ia dar-me qualquer coisa verdadeiramente especial e a senhora afastou-me", disse eu.

“Às vezes começo a pensar. Se eu não tivesse pronunciado aquelas palavras, a minha mãe teria dito uma coisa diferente... "Eu não queria gritar daquela maneira, filho, aconteceu." Mas talvez não. A ira é sempre mais fácil do que a desculpa, não é verdade?”

— Sim. Sim, para todos nós — respondi.

— Foi o que ela disse, com uma voz tão nítida e razoável que só eu, que a conhecia tão bem, me apercebi da fúria que lhe estava subjacente: “Ele estava a morrer, de qualquer modo. Não tivemos culpa. Só lamento que estivesses aqui quando isto aconteceu. Esse foi o meu erro. Nunca devia ter permitido que aquele idiota me falasse em voltar. E quanto a essa coisa especial, não deixes que o falatório que houve naquele quarto te confunda.

“Naquele momento estávamos no alpendre, onde se juntara mais gente. Homens de pescoço forte com calças de ganga endurecidas pela sujidade, uns a beber, outros a mastigar pão frito embebido em molho que tiravam de embalagens de papel. As mulheres estavam sentadas como pilares, de ancas e coxas pesadas. Se pensaram qualquer coisa a nosso respeito, uma mulher elegante e com botões de madrepérola e um rapaz de fato, se ouviram as palavras que trocámos, refugiaram-se atrás dos seus rostos impassíveis. Quando passámos, uma das mulheres levantou a ponta do vestido para assoar o nariz de uma criança.

“A minha mãe parou. "É disto, disto que quero afastar-te", disse ela, e eu não sabia se ela se referia a toda a cena ou àquela perna

peluda de mulher, tão exposta, descuidada e feia com as suas pregas de carne e de gordura.

“"Tem cautela", disse a minha mãe, em cuja voz se percebia claramente a repugnância. "Não te esqueças. A tua vida seria assim se tu, ou eu, tivéssemos feito o que ele queria."

“E depois entrámos no carro.”

Agora o Sol baixou sobre o Pacífico, uma gigantesca laranja ardente gulabjamun que as ondas lambem. Raven e eu guardamos o que resta do nosso piquenique.

Observo as suas costas enquanto ele atira os últimos bocados de pão às gaivotas, o porte firme dos ombros e das ancas, pois foi duro para ele retirar a sua história de onde a enterrara, devolvendo-lhe a vida e o poder através das palavras. Apetece-me tanto dizer-lhe como esta história me encheu de tristeza e de admiração, como me sinto honrada por ele ma ter contado, como, ao ouvi-la, retive uma parte da dor no meu coração, para conservar e entender e curar, espero.

Mas sinto que ele não está disponível para me ouvir dizer estas coisas.

Além disso, a história ainda não acabou.

Agora Raven volta-se para mim com um sorriso determinado.

— Já chega de passado — diz ele, como se a tivesse empurrado à força para o lugar que lhe compete, longe do presente. Como se tal coisa fosse possível. — Vamos até à praia? Ainda temos tempo de dar um passeio à beira-mar antes de voltarmos. Se quiser.

— Sim, quero — respondo.

E no meu íntimo, a par da tristeza e do desejo de consolá-lo, pois é esse o paradoxo do coração, uma esperança egoísta de que me envergonho: talvez se eu procurar.

Se eu chamar. As cobras.

Uma esperança não assente na razão só traz desapontamento. Era o que diria a Primeira Mãe.

Mas não consigo resistir. Há qualquer coisa no ar, uma sensação de bênção, dádivas imerecidas a flutuar na poeira dourada dos raios de sol. Se as cobras viessem de novo ao meu encontro, seria hoje.

Mesmo no fim. Vou chamá-las antes de regressarmos.

Caminhamos na areia fria e salpicada, que cede ao nosso peso, que se molda à volta dos tornozelos.

Ah, oceano, passou-se tanto tempo. Cada passo é uma recordação, como se caminhássemos sobre ossadas. Como aquela velha história da rapariga que queria ser a melhor bailarina do mundo. Sim, disse a feiticeira, mas sempre que puseres um pé no chão é como se as facas te dilacerassem. Se conseguires suportar a dor, o teu desejo será satisfeito.

Primeira Mãe, quem havia de imaginar que os borrifos de sal nos meus lábios enquanto caminho ao lado do homem que não devo amar me fariam sentir a falta daquela época mais simples em que tomavas todas as decisões por mim?

— Há momentos nas nossas vidas que decerto conhece — diz Raven. — Uns raros momentos em que nos é dada a oportunidade de reparar o que danificámos num acesso de fúria impensado. Eu tive um desses momentos e desperdicei-o.

Percorremos a praia mais uma vez, seguindo as nossas próprias pisadas. O ar do mar é como uma droga que me estimula os sentidos. Estou ciente de tudo com a precisão de um estilete: o modo como as gotas de água se detêm por instantes no ar, quando uma onda se desfaz contra a rocha, as florinhas cor-de-rosa que crescem nas fendas dos rochedos, onde não esperaríamos que crescesse fosse o que fosse, e acima de tudo o arrependimento na voz de Raven quando ele se deixa levar pela ressaca da memória.

— Naquele dia, quando íamos para casa, o carro parou num sinal vermelho. A minha mãe tirou as mãos do volante para esfregar os olhos cansados. Reparei no contorno do pescoço e da garganta, tão nu e frágil. Abraça-a, trata-a por aquele nome mágico da infância, mamã, que em tempos remediou tudo. Não serão necessárias mais palavras, de desculpa ou de censura. Deixa que a tua pele fale com a dela quando encostares a tua face no seu colo, aspira essa fragrância que sempre conheceste.

“Mas houve qualquer coisa que me manteve agarrado ao banco, imóvel, teimoso como uma pedra. Talvez fosse aquela sensação que temos algures, quando o processo está em marcha, de que

somos independentes dos nossos pais e temos de acarretar com o fardo das nossas próprias vidas, dos nossos próprios desgostos.

Ou talvez fosse uma coisa mais simples, um rancor infantil: Ela que sofra como eu estou a sofrer. E depois o sinal mudou e ela continuou a guiar."

Vejo-os dentro do carro, a mãe e o filho, unidos pelos laços de sangue, que são os mais íntimos e os mais dolorosos. Sinto na garganta a força dorida das palavras obstruídas pelas suas. Sei que, por cada quilómetro que percorrermos, será mais difícil pronunciá-las. Porque cada vez elas se afastam mais daquele breve momento de graça que lhes foi concedido. Mesmo quando a respiração de ambos se mistura, mesmo quando o cotovelo dela roça no dele ao mexer na alavanca das mudanças.

Até que a distância entre eles se torna demasiado vasta para um ser humano atravessar.

— Depois desse dia, tornei-me uma pessoa diferente — diz Raven. — O meu mundo era como um saco virado ao contrário, do qual tinham caído todas as certezas.

"Podíamos estar a fazer qualquer coisa vulgar, talvez a mãe me levasse ao dentista ou estivéssemos no armazém a escolher roupa para levar para a escola. Eu levantava a cabeça para fazer um comentário e de repente a recordação daquele quarto escuro tapava-me os olhos como se fosse uma película, alterando tudo.

Olhava estupidamente para as Levi's que desejava há meses, ou para o letreiro na sala do consultório onde se lia não tens de lavar os dentes todos, só aqueles que queres conservar, e que eu achara tão engraçado da última vez que lá fora. Mas agora não significava nada."

O medo invade-me como uma onda escura ao ouvir Raven. Se uma simples estocada da vida o deixava tão desolado, como não me sentiria eu. Eu, Tilo, que renunciara a tudo para ser Mestra. Como havia de aguentar se as especiarias me abandonassem?

E, Tilo, ao fazeres o que hoje fizeste, não estás a impeli-las para esse abandono?

Quero que Raven se cale. Apetece-me dizer: "Basta, leve-me para a minha loja."

Mas agora estou demasiado embrenhada na sua história. Além disso, Haroun está à espera.

Amanhã, digo eu às especiarias, tentando acreditar na minha promessa. De amanhã em diante, serei obediente.

Por cima de nós, o grito das gaivotas parece uma gargalhada roufenha.

— A minha mãe também se tornara uma pessoa diferente. Qualquer coisa a abandonou naquele dia no carro, uma certa determinação, uma certa energia, que talvez tivesse perdido quando pronunciou aquele fatídico não. Continuou a fazer as mesmas coisas. A nossa casa continuava meticulosamente limpa e cuidada, mas não com a mesma convicção. Antes parecia-me saudável, o rádio estava sempre ligado em nossa casa, e depois, quando eu chegava a casa da escola, encontrava-a sentada à janela, em silêncio, a olhar para o lote vazio do outro lado da rua, cheio de ervas altas e ondulantes. Talvez o regresso ao local onde a sua vida começara lhe tivesse provado que de certo modo ela não lhe escapara, pelo menos no seu coração, que é o único sítio importante.

“Mas só pensei em tudo isto muito mais tarde. Naquele tempo olhava para aquela sua expressão indistinta antes de ela ir preparar-me o lanche, tornando-se de novo dona de casa e mãe, e eu pensava: "Sentimento de culpa." E com a crueldade que talvez só as crianças têm para com os pais, pensava: "É bem feito. Ela merece." E pensava como havia de castigá-la ainda mais.

“Uma das formas de o fazer era observá-la. Estar sentado a olhar para ela enquanto fazia os seus trabalhos domésticos: limpar o chão, limpar o pó dos móveis. Mas, enquanto que antes havia graciosidade nos seus movimentos, agora havia esforço.

O esforço para ser bem diferente das mulheres que deixara para trás, das mulheres de cabelos ensebados, com um rancho de filhos a puxar-lhes os vestidos desbotados, a chorar. Mulheres que tinham perdido o controlo do seu corpo e da sua vida, tal como ela estava determinada a nunca fazer. Fingia-me embrenhado nos trabalhos da escola mas observava-a a ajudar o meu pai a fazer as contas, manipulando a calculadora com os seus dedos ágeis. Sentava-me num canto da sala com um livro e observava-a a deitar chá em

chávenas do serviço para as amigas da igreja, a servir pão-de-ló feito em casa, como se o tivesse feito durante toda a vida. E eu esperava que a máscara caísse, que os músculos se relaxassem, que as suas feições denunciassem o aborrecimento. Mas é claro que isso nunca aconteceu.

“Mas posso afirmar que a situação a deixava pouco à vontade. Se estávamos sós, ela perguntava: "O que se passa contigo? Não tens mais nada que fazer?" E quando eu abanava a cabeça, o olhar dela turvava-se... com uma sensação de culpa, pensava eu, embora nunca me tenha ocorrido que talvez se tratasse apenas de desespero, e muitas vezes ela saía da sala. Na presença de outras pessoas, deitava-me um olhar silencioso e suplicante, por favor, sai, e quando eu o ignorava ela alterava-se de tal maneira que às vezes dizia coisas que não devia ou entornava o chá.

“As amigas diziam: "Mas que filho tão sossegado e tão bem-educado que tens", Celestina, "que sorte, quem me dera que os meus fossem assim." E eu baixava a cabeça com modéstia e esboçava um sorriso gentil, mas olhava para ela de soslaio.

Eu sabia que ela sabia o que eu lhe perguntava sem palavras: O que diriam as suas amigas se soubessem de onde veio, quem éna realidade? O que pensaria o papá?”

Raven contempla-me com um sorriso magoado.

— Pertencendo à cultura indiana, talvez nem imagine que seja possível comportarmo-nos desta maneira para com os nossos pais.

Sorrio com a dupla ironia da situação. Meu americano, como mitificaste o meu país e o meu povo. E acima de tudo eu, que nunca fui uma filha cumpridora, não para com os pais que me deram a vida, não para com a Velha. Eu que só criava problemas para onde quer que fosse. Chegará o dia em que te contarei isto?

— A cultura indiana não é bem o que julga — respondi, eludindo o comentário.

— Mas, diga-me a verdade, não está a pensar como devo ter sido insuportável, deplorável, anormal, como filho? E tem razão, fui.

Apetece-me dizer-lhe: Não me compete julgar-te, nem é esse o meu desejo. Como Mestra de Especiarias, não o devo fazer. Como mulher tão imperfeita como tu, não o posso fazer. Além disso, já fizeste o teu próprio julgamento, ao longo dos anos.

Mas posso apenas pousar a mão no seu braço e dizer: — Raven, é demasiado severo para consigo próprio.

Ele encolhe os ombros e vejo que pensa de outra maneira.

— A minha mãe era uma mulher controlada — prossegue ele. — Não dada a explosões de raiva, mas de vez em quando eu fazia-a perder a paciência. Sentia um misto de satisfação e de amargura quando ela se irritava comigo, em silêncio a princípio, e depois falando cada vez mais alto quando eu fazia uma cara indiferente, até que por fim ela gritava: “Não sei por que te portas assim, não sei o que te hei-de fazer!”

Calava-se sempre antes que fizesse um comentário cruel... e já nessa altura eu a admirava por isso, embora com relutância. Mas depois enfiava-me na casa de banho e via-me ao espelho. Passava as mãos pelo cabelo, que cada dia me parecia mais áspero. Tocava nos ossos rudes da face. Vomitava as palavras que deviam existir no subconsciente dela: O que mais posso esperar de ti, meu índio que não presta para nada?

“Passaram-se tantos anos e continuo a ouvir na sua voz os resíduos dessa amargura, desse ódio por si própria, que deve ser o pior de todos.”

— Mas por que se convenceu de que ela pensava assim? — perguntei. — Por aquilo que me contou, ela não parecia ser do género de...

— Sim, às vezes, convencia-me disso. Vinha-me à cabeça uma recordação antiga, enrolado debaixo de uma manta, num dia de chuva, enquanto ela me lia um livro, ou quando eu estava doente e ela passava a noite inteira a pôr-me gelo na testa.

Convencia-me de que estava enganado, de que estava a exagerar. Depois lembrava-me do dia em frente daquela casa de madeira a cheirar a cobertores mal lavados e a fraldas sujas. Lembrava-me da repugnância na sua voz quando me disse para ter cuidado. Repugnância pelos homens que comiam pão frito com molho que lhes escorria pelo queixo, pelas mulheres que inclinavam a cabeça para trás pela força do hábito de beberem pelas garrafas. Mas também por ela própria, pela parte que lhes pertencia e sempre pertenceria, por muito bem que ela a escondesse.

“E se ela se odiava assim, quais eram as minhas hipóteses?, pensava eu.

“Se tivéssemos conseguido conversar uma só vez acerca daquele dia, se tivéssemos discutido abertamente por causa dele, talvez as coisas se tivessem recomposto. Mas ela não conseguia. O passado estava demasiado entranhado nela, como a ponta de uma seta quebrada. Vivíamos com ele, transportando-o com cuidado, mas sem lhe tocarmos, porque isso poderia reactivá-lo e atingir-nos o coração dessa vez.

“Agora percebo, mas naquele tempo era jovem, e ela era a adulta de quem eu sempre dependera. Por isso esperei que ela desse o primeiro passo. Esperei, esperei, magoado, confuso e furioso, e depois era demasiado tarde.”

Observo-o à luz dos últimos raios de sol, quando pára a olhar para o oceano, com os olhos semicerrados para se protegerem do clarão dourado. Foi um longo caminho desde aquele pedaço de espelho de casa de banho até este mar que se abre para o céu. É tal o seu aprumo que ao vê-lo ninguém pensaria naquelas velhas palavras a seu respeito. Magoado, confuso e furioso. Mas elas ainda lá estão, cravadas, e eu tenho de encontrá-las e deitá-las cá para fora. Contudo, não posso... só quando ele me contar todo o seu desgosto. E por isso, contrafeita, vejo-me obrigada a tactear.

— E que mais, Raven, que mais o enfureceu tanto?

Por instantes, mantém o silêncio, e convenço-me de que ele vai negar. Depois, responde, tão baixinho que mal consigo ouvi-lo: — O pássaro.

— Sim, aquele belo pássaro negro que afugentei quando a minha mãe disse não, que desapareceu no céu com uns olhos tristes como rubis, com o seu grito mais do que humano. De vez em quando sonhava com ele e, quando acordava, sentia um formigueiro na palma da mão, no sítio em que a pena se fundira com ela. E voltava a lembrar-me do contacto das mãos do meu bisavô nas minhas.

“Nesse momento, enfurecía-me mais do que nunca com a minha mãe, embora à boa maneira infantil me incluísse nessa fúria. Dizia a mim próprio que ela me obrigara a perder aquele pássaro e tudo aquilo que ele poderia ter-me dado. No momento seguinte,

recriminava-me por não ter sido suficientemente rápido para fazer qualquer coisa. Por que não o agarrei? Por que não gritei um sim para contrariar o seu não? E

depois lembrava-me do poder que sentira junto daquela cama, uma espantosa onda de calor como sentimos quando abrimos de repente a porta de um forno. Sentia, de certo modo, embora não conseguisse explicá-lo a ninguém por palavras, nem mesmo a mim próprio, que aquele poder neutralizava tudo o que a minha mãe me assinalara com tanta repugnância. Era uma verdade mais real do que a imundície, a pobreza e o álcool. Ela sabia-o, e contudo afastara-a para que eu nunca mais me aproximasse dela.

“Foi então que comecei a fazer os maiores disparates.

“Comecei a faltar às aulas e a andar com más companhias. Envolvia-me em brigas e descobri que gostava delas, a sensação de concentrar toda a minha força num punho fechado, o estalido quando ele rasgava a carne. O cheiro do sangue que é inigualável, a dor nas mãos que me fazia esquecer um pouco a outra dor interior.

“A minha mãe foi chamada ao gabinete do director. Ouviu em silêncio e depois, dentro do carro que estava estacionado no parque da escola, escondeu o rosto nas mãos e disse (deixara de gritar quando descobrira que era isso que eu queria): "Não suporto mais isto. Vou contar ao teu pai." Mas nunca o fez.”

— O seu pai — digo eu, lembrando-me do homem tranquilo cujas mãos pareciam uma floresta -, o que pensava ele de tudo isso?

Estamos quase no extremo da praia naquele momento, e a água dourada envolve afloramentos de rocha negra. O grito pesaroso e lúgubre das focas enche o ar.

Raven suspira e recomeça.

— O meu pai era a verdadeira vítima da guerra silenciosa que se travava entre mim e a minha mãe. Sempre que estava em casa, tínhamos o cuidado de ser simpáticos um para o outro; era o nosso pacto sem palavras, a única coisa que tínhamos em comum, o nosso amor por ele. Portanto conversávamos normalmente, sorríamos, fazíamos os nossos trabalhos caseiros em conjunto, até discutíamos por causa deles como era costume. Mas ele não se

deixava enganar. Era como se ouvisse as palavras de ódio não pronunciadas que eu lhe atirava, uma por uma. Iam-lhe direitas ao coração e perfuravam-no, até não restarem senão buracos. Ele ia todos os dias para o emprego, parecia uma peneira através da qual se escoava o seu desejo de viver.

“O mais triste é que ele tentava fazer-nos felizes. Levávamos a sítios especiais no fim-de-semana, a andar de barco no lago, ao rodeo em Cow Palace. Ao cinema.

íamos no camião dele, os três muito juntos, a minha mãe muito bem vestida e sentada entre os seus dois homens, como ela dizia. As pessoas que nos viam passar na estrada deviam pensar que éramos uma família perfeita. O meu pai contava uma anedota, fraca, em geral, as anedotas não eram o forte do papá, e nós ríamo-nos a valer, mais do que a anedota merecia, mais do que antes. Mas as nossas gargalhadas soavam a falso na cabina do camião. O papá olhava para nós e havia uma tristeza consciente no seu olhar, tão grande que eu poderia afogar-me nela. Mas como podia eu dizer-lhe o que me dilacerava sem trair a minha mãe? E, por muita raiva que sentisse por ela, não podia fazer uma coisa dessas.

“Então faltou-nos o tempo.

“Lembro-me daquela tarde como se estivesse a vê-la. Cheguei da escola e a mãe fizera biscoitos de chocolate. Eu adorava biscoitos de chocolate. Estava sempre a pedír-lhe que mos fizesse quando era pequeno. Mas naquele dia fiquei furioso. Ela julgava que podia redimir-se de me ter estragado a vida fazendo um punhado de biscoitos? Não lhes toquei, embora estivesse a morrer de fome. Fiz uma sanduíche, bebi o leite e deitei-me na cama cheio de pena de mim próprio. Toda a casa cheirava a chocolate, revolvendo-me o estômago. Não ouvi o telefone tocar.

Pensava em fugir de casa, em preocupar a minha mãe. Depois ela bateu à porta. Fui abri-la, pronto a dizer qualquer coisa desagradável.

“Ela estava ali, com as chaves do carro na mão. “"Temos de ir ao hospital", disse ela, com uma cara cor de cinza. "Houve uma explosão na refinaria."

“Agarrámo-nos um ao outro, a tremer. Apesar do medo que me corria nas veias deixando-me a cabeça à roda, lembro-me de estar

à espera que aquilo acontecesse, como nos filmes. A tragédia que nos uniria. Mas não uniu. Nem nessa altura, nem mais tarde quando nos sentámos junto da cama onde ele estava deitado ainda com as ligaduras, drogado ao máximo com analgésicos, que era tudo o que os médicos podiam fazer por ele. Devia ter muitas dores, porque estremecia um pouco cada vez que inspirava. Mas, quando morreu, daí a umas horas, tudo se passou tranquilamente, a respiração parou, tal como morrem as almas abençoadas, segundo li mais tarde num texto budista. A sua morte foi igual à sua vida, nem sequer os mais íntimos souberam verdadeiramente o que ele sofreu.

"Quando a mãe percebeu que ele morrera, desatou a chorar, feia, com soluços que faziam estremecer todo o seu corpo. Chorou como se a sua vida tivesse acabado, e de certo modo era verdade. Porque a única pessoa íntima que acreditava no ego que ela criara com tanto cuidado desaparecera.

"Consegui dominar-me, de certo modo, não acreditava que ele tivesse mesmo morrido, e disse a mim próprio que trataria disso mais tarde, a sós. Naquele momento tinha de cuidar da minha mãe. Abracei-a e tentei sentir o que ela devia estar a sentir para saber como havia de consolá-la. E sabe uma coisa?"

Tenho medo de enfrentar os seus olhos enevoados.

— Não senti nada. Nada. Ali onde estava, abraçado à minha mãe chorosa e viúva, calculando tudo o que devia sentir: pena, remorso, espírito protector e amor... — Sim, isso acima de tudo... Não senti nada. Abracei-a porque era o que eu devia fazer, mas por dentro sentia-me desligado, totalmente distante, como se alguém tivesse pegado num grande cutelo e tivesse cortado todos os laços existentes entre mim e ela... Não, entre ela e toda a espécie humana.

— Foi só o choque — digo. As minhas palavras parecem fracas, até aos meus próprios ouvidos.

— Se foi, não desapareceu, nem sequer nas semanas ou nos meses seguintes, ou quando fui para a faculdade. Às vezes ainda o sinto. — E esfregava de novo o peito, o meu americano, cujos olhos vazios parecem buracos no céu nocturno. — Sabe, Tilo, qual é a coisa mais triste do mundo? É abraçarmos uma pessoa que

amámos tanto, que só o facto de pensarmos nela provocava um clarão dentro de nós, e sentirmos...

— não, não é ódio, até isso é qualquer coisa... Sentirmos esta enorme frieza cá dentro, e sabermos que podemos continuar a abraçá-la ou largá-la e afastarmo-nos, porque isso seria indiferente.

— Oh, Raven! — exclamo, e impulsivamente viro-me para o rapaz que ele foi e dou-lhe um beijo de compaixão na face. Porque me parece que ele tem razão: de todas as coisas, esta deve ser a pior. Embora eu não saiba, porque tantas vezes deixei os velhos pelos novos, pouco me importando com o que ficava para trás. Eu que chegara a acreditar que os compartimentos vazios do coração fazem parte da condição humana tal como o nosso desejo de os preencher. Até agora.

Penso nisto, e é como se o meu peito fosse espremido entre os rolos de que as lavadeiras se servem para secar a roupa. Pela primeira vez, admito que estou a entregar-me ao amor. Não ao culto que prestei à Velha, não ao respeito que tenho pelas especiarias. Mas ao amor humano, no seu conjunto, no que ele tem de dádiva, de exigência, de amuo e de veemência. Assusta-me, esse risco.

E percebo que o risco não está no que sempre temi, na fúria das especiarias, na sua deserção. O verdadeiro risco está no facto de eu ir perder este amor. E depois como irei suportar a situação, eu, Tilo, que sei agora que não sou tão invulnerável como julgava?

Quero afastar-me de Raven para pensar nisto, mas não é a sua face mas sim a sua boca que está encostada à minha, e não é o rapaz mas sim o homem que me abraça, e não é um beijo de compaixão mas sim um de necessidade mútua... aquele que trocamos. Beijamo-nos aqui à beira-mar, antes de a noite cair sobre nós, o nosso primeiro beijo, a língua dele, doce e rija na minha boca, uma surpresa (é isto que as pessoas fazem?), o meu estômago para baixo e para cima, como se eu fosse a correr e tivesse caído numa vala profunda da estrada. Até me esqueci da vergonha que tenho deste corpo e desejo, sim, como qualquer mulher, que isto nunca acabe.

Depois ouço uma gargalhada. Nítida e sonora, como uma campainha trocista que me chama de novo ao que eu sou.

E, sem olhar, sei quem é.

Sim, duas delas, uma que se inclina ligeiramente no braço do acompanhante, e outra, de pernas compridas e calças largas de seda, a sair de um automóvel preto, baixo e lustroso, com o brilho do ouro nas jantes. Todas prata e diamantes, estas raparigas das buganvílias, de cabelos ao vento, inspiram aromas cujos nomes a atmosfera sombria traz até mim. Obsession. Poison. Giorgio Red. Vestidos pretos subidos como que por magia, uma abertura ao longo de uma coxa. Veludo fofo e macio. Os seus corpos castanho-dourados, quentes e a zumbir como o motor de um automóvel, prontos para a aventura, para as distâncias.

O que estão a fazer aqui estas raparigas que vi pela última vez na minha loja, a comprar açafrão e pistácios?

— A comida não é grande coisa, mas adoro a vista — diz uma mulher.

Reparo nele pela primeira vez, no restaurante encravado nas rochas e da mesma cor, no letreiro discreto, nos vidros reluzentes a que se seguem mais vidros reluzentes e, do outro lado, no mar que se oferece como um tabuleiro de ouro.

— Sim, a vista — diz a outra mulher, e por instantes olha de frente para mim por baixo das pálpebras pintadas. Os lábios cor de uva-do-monte brilham. Esboçam uma espécie de sorriso.

Apercebo-me de que ainda estou nos braços de Raven e afasto-me.

O companheiro, um homem branco, diz qualquer coisa em voz baixa.

A mulher não é tão discreta.

— Há pessoas... — diz ela. — Creio que gostos não se discutem.

E olha para Raven.

Sinto um calor atrás dos olhos, minúsculas explosões de vermelho. A outra mulher ri-se de novo, inclinando-se para o homem, que a agarra pela cintura esguia coberta de lamé. Reparo, furiosa, na linha encantadora do pescoço dela, nos seios.

— Sabes como é, as pessoas deixam-se levar por toda a espécie de bizarrias.

— E aquele vestido — diz a amiga. — Viste aquele vestido?

— É patético, não é? — diz a outra. — O que certas mulheres fazem para parecerem novas.

O homem olha para nós de esguelha, enfadado, como se já tivesse visto pior. Como se o espectáculo não justificasse a perda do seu tempo.

— É melhor despacharmo-nos, se quisermos chegar a horas ao teatro — diz ele.

A porta do restaurante fecha-se atrás deles. Sinto o meu corpo a latejar, desde a planta dos pés. É uma coisa que se prolonga como ondas. Cor de lama a ferver.

É bem-vindo. Daqui a pouco, sai-me pela boca sob a forma de antigas palavras (onde as aprendi?), queimando as raparigas das buganvílias ao ponto de as deixar irreconhecíveis.

Mas.

— Não lhes dê importância — diz Raven. — Elas não são importantes. — Segura-me no braço com força, como se soubesse o que tenciono fazer. Acrescenta com veemência: — Minha querida, elas não a conhecem, não sabem quem é. Não percebem nada acerca de nós. Não deixe que nos estraguem a tarde.

Não me larga até que o latejar abrande.

Porém, a tarde está estragada. Dirigimo-nos para o carro em silêncio e, quando Raven tenta pôr-me o braço no ombro, eu afasto-me. Ele não o volta a tentar. Nem retoma a sua história. Em silêncio, atravessamos a ponte, e quando olho para trás vejo que o nevoeiro ofuscou as luzes da cidade que parecem pirilampos moribundos.

Raven pára o carro em frente da casa de Haroun, e fica à espera com o motor a trabalhar. Como não digo nada excepto um lacónico “Obrigada”, ele responde: “Apareço amanhã.”

— Estarei ocupada.

Desço, hirta, desajeitada e furiosa com isso, recordando o movimento dourado das pernas jovens cobertas de nylon.

— No dia seguinte, então.

— Também estarei ocupada.

Tilo ingrata, diz uma voz no meio do turbilhão da minha cabeça. O que fez ele?

— Apareço de qualquer maneira — diz ele. — Dê-me a sua mão.

Como não o faço, ele pega nela e beija-a. Dobra-me os dedos por cima dela.

— Querida Tilo.

Há ternura na sua voz mas também uma ponta de ironia.

— E eu a julgar que a Tilo é que era sensata.

Enquanto subo as escadas, tento conservar o calor dos seus lábios na minha mão.

Apetece-me sorrir.

Depois, lembro-me daquilo que as raparigas das buganvílias me tiraram e enfureço-me com tudo isto.

As cobras. É a minha única oportunidade de as ver.

MALAGUETA VERMELHA

A porta do apartamento de Haroun parece-me insegura como uma casca quando lhe toco. Vazio como uma concha. Ainda antes de bater, sei que não está ninguém.

Onde poderá ele estar? Desencontrei-me dele mais uma vez? Mas agora não estou atrasada. Talvez ele esteja no namaaz e não responda se não...

Espero um pouco e volto a tentar. Primeiro, cortês e controlada, por consideração pelos vizinhos. Depois bato com força, com a palma da mão, sentindo o estalido forte da madeira nos ossos das mãos, que o chamam.

Atrás de mim, ela está à porta, com um halo de luz que vem lá de dentro, e diz em voz baixa: — Ele hoje ainda não veio. Não quer entrar e tomar um chá quente até ele chegar?

Os olhos dela são grandes e luminosos como um lago ao luar, e a sua face foi esculpida na mais macia pedra de sabão. Como é que não reparei nela mais cedo?

Mas o meu corpo anseia por fazer uma pergunta que não será ignorada. Por que chega ele tarde, por que chega tarde todos os dias?

— Entre, khala, só estou eu em casa.

— Agradeço, mas tenho de esperar aqui fora — respondo, como se tivesse serradura nos lábios.

— Então, espere um minuto — diz ela.

Volta com um copo de aço inoxidável a fumegar, embrulhado num pano da louça bordado. Bagas cor de púrpura, folhas verdes e sedosas. Apesar da minha preocupação, reparo nos pontos pequenos e perfeitos.

Bebo o chá. É forte e está temperado com cravo-da-índia. Dá-me alento, torna a espera um pouco mais fácil.

A mulher — chama-se Hameeda — pergunta se pode sentar-se ao meu lado. Tem algum tempo disponível. Shamsur levou Latifa para lhe comprar um presente de aniversário. Pediram-lhe que fosse também, mas ela tinha que fazer em casa. Além disso, é preferível que eles saiam sem ela. Acha sempre que Shamsur

compra a menina com coisas demasiado caras, e depois têm uma discussão mesmo ali na loja.

Agrada-me a companhia dela, a maneira natural de falar, os gestos bonitos das mãos enquanto fala. A música aquática das pulseiras. Depois de amanhã, Latifa faz seis anos, eles vão dar uma pequena festa, duas ou três crianças da turma de Latifa e alguns vizinhos indianos. Haroun também foi convidado, mas é muito delicado, muito tímido, e é provável que passe por lá antes e deixe um presente. Mais tarde, ela dirá a Latifa que lhe leve um prato de comida.

— Ele é tão envergonhado com as mulheres que mal me fala. Se nos encontramos nas escadas, ele só diz Salaam Alekum e desce a correr, sem me olhar nos olhos e sem esperar pela minha resposta.

Este é um novo Haroun.

— Creio que ele não sabe como é bonito. Quem sabe? Talvez não se importe. O

cabelo sempre caído na testa! Se se desse ao trabalho, podia...

Sinto na voz de Hameeda um perigo que, se não for acautelado, poderá conduzir a uma ruptura familiar.

— E o seu marido? Também gosta do Haroun? — pergunto, num tom severo.

— Khala!

Cora com a minha suposição mas há também riso na sua voz.

— O Shamsur não é meu marido, é meu irmão.

— Então onde está o seu marido?

Ela baixa a cabeça. A dor cai-lhe sobre o rosto como um véu.

Arrependo-me das minhas palavras, eu, Tilo, que não deveria dar ouvidos a certos mexericos da aldeia.

— Desculpe a minha pergunta — apresso-me a dizer. — Este chá é muito bom. Que especiarias é que lhe pôs?

— Não, não — diz Hameeda. — Não faz mal. Consigo sinto-me à vontade para falar, não sei porquê. O homem que foi meu marido deu-me o talaq há um ano e meio, na índia. Porque eu não tive filhos varões. Além disso, vira outra rapariga, mais nova e mais bonita. E o pai dela tinha uma fábrica de sapatos na nossa vila. Que melhor combinação podia haver?

Por instantes, há amargura na sua voz.

— Mas garanto-lhe que sou mais feliz do que muitas outras mulheres a quem isto acontece, porque tenho um bom irmão. O Shamsur, quando soube o que tinha acontecido, tirou um mês de licença alegando que havia uma emergência na família.

Nessa altura, era o cozinheiro-chefe do Mumtaj Palace. Conhece o Mumtaj Palace?

É um restaurante muito fino, ele já me levou lá três ou quatro vezes, a mim e à Latifa. Mas chegou à índia e fez um grande alarido até conseguir um acordo de divórcio, pôs o dinheiro a render em meu nome e depois arranjou-me um visto temporário para vir cá de visita. Quando cá cheguei, perguntou-me: “Bahen, por que não ficas comigo e não vais para a escola, arranjas um bom emprego, refazes a tua vida? Além disso, aqui ninguém chamará nomes à tua Latifa porque o pai a expulsou de casa, ninguém a lamentará.”

Prossegue:

— Tinha um certo medo deste novo país mas por fim concordei. E agora estou na turma dos adultos, Angrezi, sem pagar nada, a aprender a ler e a escrever americano. Talvez a seguir vá estudar computadores na escola da comunidade. Por que não?

— Por que não? — repito, e ao olhar para ela o meu coração ilumina-se um pouco, como uma estrela.

— Sabe, khala, o que dizem é verdade. Alá ajuda aqueles que fazem bem aos outros.

O patrão do Shamsur vai abrir um restaurante maior e o Shamsur será o gerente.

Agora temos dinheiro para nos mudarmos para um apartamento melhor, mas eu disselhe: “Bhaijaan, por que precisamos de mais luxo, se estamos aqui tão bem com uns vizinhos tão simpáticos?”

Vejo-a corar até à raiz dos cabelos enquanto fala. Olha involuntariamente para a porta de Haroun. E de todo o coração desejo que aconteça a ambos o que ela deseja.

Agora é tarde e está frio, de tal modo que perdi a noção das horas. Tenho as pernas entorpecidas de estar sentada nos degraus de madeira. Shamsur e Latifa chegaram há muito e Hameeda foi para dentro servir o jantar. Voltou com comida para mim, mas eu não consegui engolir, com o nó que tenho na garganta.

“Haroun, onde estás?”

— Por favor, khala, venha sentar-se lá dentro, no sofá. Aqui vai apanhar jukham.

Deixarei a porta aberta e assim senti-lo-á chegar.

— Não, Hameeda, tem de ser assim.

Não lhe disse que esperava que a minha dor fosse uma expiação, uma protecção para Haroun. Mas talvez ela percebesse porque não voltou a insistir. Acrescentou apenas: — Bata à porta se precisar de alguma coisa. Eu tenho o sono leve.

Os sons invisíveis da noite não me são desconhecidos. Mas hoje assumiram uma singularidade, uma claridade peculiar e terrível. Ouço passos como se pisassem uma bigorna incandescente, um pavimento de madeira. As sirenes penetram-me nos ossos do crânio como saca-rolhas. Um grito (humano ou animal?) chega até mim, uma faca atirada. Até as estrelas palpitam de uma forma irregular, como corações apressados.

Ouço então passos desajeitados de alguém que sobe, como um elefante louco atirando-se para um monte de pedras. Não. São os sons de um homem que vi uma vez na minha aldeia, naquela outra vida de há muito, a chocar com uma parede, com a garrafa a cair-lhe da mão. O vidro castanho a estilhaçar-se, a efervescência da espuma, o cheiro amarelo e fermentado a espalhar-se pela rua, a escurecer o pavimento.

Haroun. Está embriagado.

Atordoada pela fúria que é própria do alívio, preparo já as palavras de censura: “Sabe como eu estava preocupada? Olhe para as horas, que vergonha, foi para isto que perdi o meu tempo aqui sentada ao frio? Nunca esperei isto de si, e que bom muçulmano que você me saiu também.” Na minha mente, estou já a preparar-lhe café amargo com os grãos lá dentro, fervido com amêndoas para limpar a cabeça e o coração.

É então que ele dobra a esquina da escada e eu vejo.

Na testa, na cara dele. Vermelho-vivo como carbúnculo.

O sangue dele.

Ao ouvir-me tocar à porta, Hameeda abre-a tão depressa que dir-se-ia estar também à espera. Olha para mim e depois para o

sítio onde Haroun está caído nas escadas, enrolado como um casaco velho, e abafa um grito: “Alá, não.” Corre a buscar um pano e água quente. Acorda o irmão. Mais eficiente do que eu, retira as chaves da mão de Haroun. Abre a porta para que o levemos para o seu quarto de celibatário, de paredes caiadas e nuas, excepto duas fotografias para as quais ele olhava ao acordar. Uma passagem do Alcorão em escrita urdu, exuberante e curvilínea, e um Lamborghini prateado. Oh, meu Haroun.

— Khala, não há tempo para chorar agora — diz Hameeda, esta rapariga magra que é muito mais forte do que eu imaginava. — Segure-lhe na cabeça assim. E, bhaijaan, vai telefonar a pedir socorro.

— Para o hospital? — pergunta Shamsur, um homem ligeiramente curvado, de olhos doces e ainda estremunhados pelo sono e pelo choque.

— Não, não, quem sabe a quem iriam comunicar, à Polícia e sabe-se lá mais a quem, a toda a espécie de jhamela. Ele podia não querer. Telefona antes ao Rahman-ítítí.

O tempo parece voar (ou será a minha mente?), porque o Rahmm-saab já cá está, um homem garboso, de bigode, com um roupão de veludo castanho e chinelos a condizer. Abre uma mala de médico preta e gasta e explica-me que era cirurgião em Lahora, no hospital militar, antes de vir para aqui.

— Tenciono ser um grande médico em phoren — diz ele enquanto examina primorosamente a ferida na cabeça que Hameeda limpou. — Mas as autoridades dizem: faça este exame, e este, e mais este, e um exame oral, também. Na sala de exame não percebo o taan taan toon toon do sotaque americano, e por isso agora estou à frente da minha própria bomba de gasolina. Quem pode dizer se estou pior ou melhor?

Dá uma injecção a Haroun, espera que o anestésico faça efeito, que ele deixe de gemer.

— Mas continuo a gostar muito de ser médico e por isso ajudo os meus amigos. As coisas que eu vejo, as coisas que tenho de fazer! Felizmente não tenho problemas em comprar medicamentos por fora.

Sorri enquanto sutura o corte, dá-lhe mais duas injecções, fornece indicações a Hameeda acerca dos comprimidos que deixa e mete discretamente na algibeira as notas que Shamsur lhe entregou.

— É bom para eles e bom para mim, não é verdade? Não se preocupem muito com este belo jovem. A sorte esteve do seu lado desta vez. Para a próxima, quem sabe?

Parece que se serviram de uma barra de ferro. Podiam ter-lhe fracturado o crânio como se fosse a concha de um caracol. Telefonem-me se a febre subir a mais de quarenta.

Ouço-o dar palpites sobre a bolsa a Shamsur enquanto desce as escadas.

Agora estamos só os dois no quarto. Hameeda não queria ir-se embora mas eu aconselhei-a a ir dormir.

— Ele vai precisar mais de si amanhã quando eu me for embora — disse eu.

Ela concordou e saiu, esta rapariga inteligente, com olhos de corça, que não faz perguntas, embora decerto gostasse de saber quem sou eu e por que estou aqui.

Hameeda que, espero, vai curar a ferida de Haroun com o bálsamo das suas mãos.

Mas como velará pela segurança dele?

Ponho a mão na testa de Haroun, desejando que a dor suba, que passe da sua pele para a minha. Tem os olhos fechados, está a dormir ou inconsciente, não sei. Os movimentos do peito são tão fracos que, de vez em quando, aproximo a minha mão das narinas dele para verificar se está a respirar. Está pálido e rígido, em contraste com as ligaduras. “Falhaste”, diz a sua boca silenciosa.

Sim, Haroun, falhei. Eu, Tilo, retida por proibições tímidas, distraída pelos meus próprios desejos.

Junto as mãos e concentro nelas toda a minha atenção.

“Fogo, vem.”

Mas ele abre os olhos a custo. Por instantes percorre o quarto com o olhar, em pânico, sem o reconhecer. A minha boca sabe a cinza e o meu corpo está quente e rígido dentro da sua própria pele. Depois Haroun diz “Ladyjaan” com um sorriso tão satisfeito que o

meu coração se abre como uma romã. Antes de eu responder ele adormece de novo.

Aproximo-me da janela onde, na Dhruva que precede a aurora, a estrela da determinação me observa com o seu brilho fixo.

Dhruvastar, prometo que não voltarei a falhar. Trarei a Haroun aquilo que o deixará em segurança, seja qual for o preço.

Tiro a embalagem de kalo jire que trouxe com tanto cuidado durante todo o dia.

Despejo-a na palma da mão. Vejo-o brilhar momentaneamente à luz húmida das estrelas e depois lanço-o sobre a cidade adormecida.

Kalo jire, mais uma vez desperdiçado, que desculpa te posso apresentar? Só posso dizer o que já sabes. É demasiado tarde para exerceres o teu poder. Agora, só uma especiaria pode ajudar Haroun.

O que teriam visto se, esta manhã, tivessem ficado à espera à porta da loja? À primeira luz pardacenta do dia, uma mulher curvada, de xaile cinzento, carregando o peso da sua nova promessa para juntar a tudo o resto, à culpa e ao desgosto.

Cansada. Está tão cansada! Os seus dedos procuram manipular o puxador, mas falham. O medo pica-a como uma urtiga venenosa: a loja opõe-se a que ela volte a entrar? Roda o puxador mais uma vez, cede ao peso do corpo. Empurra. E, vejam, a porta abre-se, de repente, por troça ou por magia, quase a derrubando.

Há qualquer coisa diferente no quarto, ela apercebe-se disso imediatamente.

Qualquer coisa a mais ou a menos, que lhe retira o equilíbrio. A preocupação aloja-se-lhe na garganta.

Quem esteve ali e porquê?

Depois, vê aquilo aos seus pés (como se pode ter esquecido, por um momento que fosse?), libertando um brilho fosforescente e gélido. Alúmen.

Pega no cubo e admira-se que ele, tão pequeno e inocente, se instale tão bem na palma da sua mão, o alúmen purificador. Mas se for usado indevidamente pode causar a morte. Ou, pior do que isso,

a morte em vida que aprisiona a vontade e o desejo no interior de um corpo transformado em pedra.

Alúmen phatkiri, que mensagem me trazes hoje?

Passa os dedos pela sua superfície macia ao pensar nisto. Depois, sente a imagem rugosa que lhe nasce da mão. Assumindo uma forma inexorável. E de repente. Não há ar. Para respirar. O quarto contrai-se à sua volta como uma rede içada, com veios azuis e vermelhos para onde quer que ela se volte. Ou são apenas os seus olhos?

Volta a passar a mão pelo cubo. Uma, duas vezes. Não há dúvida. Ele está ali, nítido como o trovão, claro como o relâmpago, o contorno do pássaro de fogo tal como ela o viu mais de cem vezes na ilha, mas desta vez virado ao contrário pois não nasce das chamas. Está de cabeça para baixo, a mergulhar.

— O fogo de Shampati manda-me regressar — segreda a mulher, recordando as lições recebidas na casa-mãe. A sua voz é velha e sem esperança. Ela sabe que não há nada a negociar. Não há espaço para a recusa. Restam-lhe apenas três noites.

Fecho a porta da loja com as mãos firmes, como se na minha cabeça não se desencadeasse uma tempestade de areia que açoita e faz rodopiar tudo à sua volta.

Mantenho o letreiro encerrado na porta.

Pensa, Tilo, pensa.

Faltam apenas setenta e duas horas, os momentos esvaem-se-me pelas palmas das mãos como água prateada, cada vez mais depressa.

Isso, não. Pensa nos casos que tens de concluir, um por um, que tens de ajudar antes de...

Antes de fazer o que nunca julguei que voltaria a fazer na vida: acender o fogo de Shampati e entrar nele. Mas desta vez sem o olhar protector da Velha. Eu, Tilo, que violei tantas regras que não sei o que as especiarias...

Pára, Tilo. Pensa numa coisa de cada vez e em ti em último lugar. Pensa em Haroun.

Fecha os olhos, para que o ritmo da respiração abrande, pronuncia as palavras da recriação. E lá está ele.

Haroun, num arrabalde que não conhece bem, num arrabalde distante com prédios que rastejam na escuridão, no nevoeiro nocturno espesso como a voz no banco de trás que lhe diz para virar à esquerda e depois à direita. Haroun ao volante do seu táxi amarelo como um girassol, um amarelo tão frágil nesta rua de armazéns, de luzes difusas que tingem de castanho as manchas e as poças. Haroun a pensar: “Mas não vive aqui ninguém, eu devia ter recusado este serviço, mas ele deu-me uma gorjeta de vinte dólares logo à cabeça.”

— Pare — diz o homem no banco de trás, e Haroun, que sente mais qualquer coisa na voz, vira-se e vê o braço erguido, o revólver, um objecto preto inclinado. Desata a gritar: “Não, não faça isso, pode levar o dinheiro.” Mas cai-lhe uma chuva de estrelas, quentes, prateadas e cortantes dentro dos olhos, da boca, do nariz. Sente as mãos que lhe vasculham os bolsos e abrem o porta-luvas, e uma voz a gritar:

“Anda, pá, vamos pirar-nos.” Ouve-se o motor de um carro ali perto, não, é uma moto, em cujo rúido ele cai, cai, cai.

E eu também estou a cair, na raiva a que não pude entregar-me até este momento.

Uma raiva que me queima a garganta, uma raiva rubra como o brilho lento do carvão, como o coração de um vulcão a explodir, como o aroma das malaguetas tostadas que irritam os olhos e que me dizem o que tenho a fazer.

No quarto interior não preciso de acender a luz. Nem de abrir os olhos. As minhas mãos levam-me para onde quero.

O frasco de malaguetas vermelhas está surpreendentemente leve. Pego nele e hesito.

Tilo, como sabes, a partir deste ponto não será possível voltar atrás.

Dúvidas e mais dúvidas enchem-me o peito, arranhando, desejosas de se libertarem. Mas penso no rosto de Haroun e, atrás dele, Mohan, com o seu olho cego, e atrás dele todos os outros, uma fila de injustiça que ultrapassa os limites da eternidade.

O selo é mais fácil de quebrar do que eu julgava. Consigo abrir a embalagem, sinto o atrito das vagens na minha pele e o chocalhar impaciente das sementes.

Oh, Ianka, que esperou tanto tempo por um momento como este, despejo-vos num pedaço de seda branca, todas excepto uma que deixo no fundo do frasco. Para mim, pois em breve precisarei também de ti. Ato as pontas do pano com um nó cego que não pode ser desfeito, que terá de ser cortado. Pego no embrulho e sento-me virada para leste, onde nascem as tempestades. Começo a entoar o cântico da transformação.

A princípio, o cântico chega devagar, ao longo do chão, e depois ganha velocidade e força. Ergue-me tão alto que o sol me trespassa a pele com o seu tridente. São as nuvens, é o murmúrio da chuva. Deixa-me cair no fundo do mar onde peixes cegos da cor do lodo comem em silêncio.

O cântico parece um túnel que vou a percorrer, e de repente, ao fundo, um rosto inesperado.

A Velha.

O cântico enrola-se como fumo, fica a pairar, imóvel, e dá-me tempo para perguntar: — Primeira Mãe, o que...

— Tilo, não devias ter partido o frasco vermelho...

— Mãe, chegara o momento.

— ...não devias ter libertado o seu poder nesta cidade que já tem tanto ódio.

— Mas, Mãe, o ódio das malaguetas é puro, impessoal. A sua destruição é purificadora, como a dança de Xiva. Não foi isto que nos disseste?

Ela limita-se a responder: — Há melhores maneiras de ajudares aqueles que te procuram.

— Não havia outra maneira — respondo, exasperada.

— Acredite em mim. Este país, este povo, aquilo em que se tornaram, o que fizeram a... Ah, embalada no berço seguro da sua ilha, como pode entender?

Vejo então que ela não me ouve. Também vejo as novas rugas na sua face, da idade e da preocupação. A doença incha-lhe a pele por baixo dos olhos.

— Tilo, o tempo é escasso, deixa-me dizer-te o que já devia ter-te dito. Quem eu era antes de ser Primeira Mãe. Era uma Mestra como tu. Rebelde como tu...

O cântico está inquieto, eleva-se outra vez, e eu, que me liguei a ele, tenho de segui-lo.

— .. .mandada chamar como tu. Também eu fui obrigada a atirar-me para a fogueira de Shampati pela segunda vez. — Ergue as mãos brancas e queimadas para me mostrar.

— Mas não morri.

Sou puxada cada vez mais depressa, o vento é um lamento aos meus ouvidos. -

Pára! -grito.

Tenho tanta coisa a pedir-lhe. Mas agora o canto é rei e senhor.

Muito ao longe, quase a desaparecer, ouço-a dizer: — Talvez sejas também autorizada a sobreviver. Recorrerei aos meus últimos poderes para interceder a teu favor. Para que voltes para a ilha. Tilo, a próxima Mãe das Mestras.

Abro os olhos sem saber onde estou ou para onde vou. À minha volta tudo é silêncio, não há formas, não há cores, o cântico desapareceu, resta o ar. A única coisa de que me lembro é da voz da Velha, da promessa que ela encerrava mas também da dúvida.

As perguntas atacam-me como moscardos. Eu, Tilo, a nova Velha? É possível? É

isso que eu quero? Nem consigo imaginar. Esse poder, esse poder derradeiro, o meu.

Depois, o peso nas minhas mãos devolve-me o presente.

O embrulho está diferente, mais pesado. Achatado e duro. Um brilho suave através do pano. No que quer que seja que as malaguetas se tenham transformado, adaptam-se firmemente à minha mão como se tivessem sido feitas para ela. Através do pano sinto a forma cilíndrica, a curva metálica em forma de vírgula que um dedo poderia apertar com tanta facilidade. A minha respiração acelera-se.

Por momentos sinto-me tentada. Mas não. Só o Haroun é que deve abrir o embrulho.

Além disso já sei, pelo bater do meu coração (oh presunção, oh compaixão e terror), o que as especiarias reservaram para Haroun como remédio final.

Sento-me, atordoada, a escutar o meu coração, o seu palpitar urgente e irregular, e depois percebo. Não é só o meu coração que está a bater, mas alguém à porta.

Levanto-me, obrigando as minhas pernas entorpecidas a reagir, e fico admirada ao ver que já anoiteceu.

Tilo, passou-se um dia.

Lá fora Geeta está à espera, com uma mancha negra de preocupação ao canto dos olhos, como se os tivesse pintado a correr.

— Bati, bati, mas ninguém respondeu. Depois reparei no letreiro e pensei que me tinha enganado no dia. Já me ia embora.

Pego-lhe na mão. A queimadura do ferro incandescente, a picada da agulha envenenada, não sinto nada. Foi até onde consegui chegar pela primeira vez, a mulher de Ahuja, há tanto tempo que não a vejo... Ah, mas ainda não posso pensar nela.

Esta mudança, é boa ou má, já não sei avaliar.

— Ainda bem que não te foste embora — digo. Levo-a para o quarto interior. Antes de lhe contar o meu plano, ouço mais alguém à porta, a bater com impaciência. — Sê igual a ti própria — digo em voz baixa, ao fechar a porta.

É tudo o que podes fazer, e eu.

Mas no meu íntimo rezo às especiarias. Ao imprevisível coração humano.

— Ele está mesmo doente — diz o pai de Geeta.

Encosta-se em peso ao balcão, de mãos crispadas como se a dor estivesse também dentro dele, um homem gordo que noutra altura teria uma cara satisfeita, com as rugas ondulantes do humor à volta de uma boca amável. Um homem que só queria ser feliz na sua casa, com o pai e a filha. Será pedir muito?

— Baba, sabe como é. A vomitar, vergado pelas cólicas. É teimoso como sempre. — O homem abana a cabeça. -Não quer que eu o leve às Urgências. Diz: “Ramu, pela alma da tua mãe, suplico-te, não me obrigues a ir àqueles médicos firingi, quem sabe as drogas que me darão, que me estragam o corpo e o espírito. Vai antes à senhora idosa do Bazar das Especiarias, ela é boa nessas coisas, e saberá o que há-de fazer.” Não sei por que lhe dei ouvidos. Ele devia estar no hospital neste preciso momento.

Olha-me como se a culpa de tudo aquilo fosse minha.

Não sabe que é, de certo modo.

— Posso ajudá-lo — digo, mais confiante por palavras do que por pensamentos.

Ele mostra-se tenso, ainda não disposto a acreditar.

— Nunca julguei que diria isso, mas a vida não passa de um rol de problemas. Se soubesse as coisas que aconteceram neste último mês.

Ah, Ramu, mas eu sei. Ele suspira.

— Estou farto, garanto-lhe.

— Não o censuro. Às vezes também me sinto assim — respondo, eu que aprendi à minha custa o que são os problemas humanos.

Ele agita-se, inquieto. Basta de frivolidades.

— Bem, o que me pode dar?

— Está no armazém — digo eu. — Terá de ajudar-me.

— Está bem, está bem.

No íntimo, abana a cabeça e pensa: “Mas que disparate. Devia ter ido à farmácia.”

— Desculpe, não tenho luz aqui. Vá à frente com essa lanterna. Procure ao canto -

digo eu.

— Como é?

— Verá. A sério.

O clarão oval sobe e desce, alonga-se e intensifica-se, percorre o chão e a parede.

Para.

Ouço a respiração cortante como pedaços de gelo, dele e dela.

Fecho a porta.

No balcão, fecho os olhos com força. Tilo, concentra-te. Espero que, em casa, na sua cama, o velho também esteja a enviar o poder da sua mente ao encontro do meu, para ajudar.

Kantak, espinho com o qual se removem outros espinhos, como será? A vala do ódio onde é tão fácil ficarmos? A máscara da justiça que tão bem se adapta à cara?

Com as mãos a tremer, acendo um pau de incenso do mais raro kasturi, a fragrância que o veado selvagem procura

desesperadamente na floresta, sem saber que a traz no próprio umbigo.

Palavras difíceis de pronunciar: Enganei-me. Quase tão difíceis, às vezes, como Amor.

Pai e filha aqui dentro há tanto tempo, o que estão a fazer, conseguem superar a dor do abismo que cavaram entre as vossas duas vidas, tocar no bafo um do outro?

O som da porta a abrir-se de repente parece uma bofetada. Ele sai. Sozinho.

Sustenho a respiração, tento ver o que se passa atrás dele.

O que ele lhe fez.

Os olhos vermelhos são fendas. A boca. A voz fina e aguda, a lâmina de uma faca.

— Minha senhora, julgava que um truque barato como este resultaria? É assim tão fácil erguer as paredes de uma casa que uma filha ingrata derrubou?

O odor do incenso, demasiado doce, sufoca-me. Tento empurrá-lo para o quarto interior mas ele agarra-me.

Vem-me à cabeça um pensamento, leve como sementes de erva. “Ele também vai bater-me.” Quase desejava que o fizesse.

Depois abraça-me, a rir, e atrás dele, a porta, ela ri-se também por entre as lágrimas.

— Desculpe, avó — diz ele. — Não pude deixar de lhe pregar a mesma partida que me pregaram, a senhora e o baba. Mas estou contente.

E ela: não há palavras, mas uma face húmida encostada à minha, que diz mais do que muitas páginas.

As minhas mãos ainda estão a tremer e também o meu riso quando digo: — Não façam isso ao coração de uma velha. Mais um minuto e teriam de levar-me ao hospital.

— Baba, nunca julguei que ele fosse tão bom actor.

— A dor é real — digo, enchendo uma garrafa com água de funcho. Misturo feno-grego e sementes de aneto silvestre e misturo bem. — Dêem-lhe isto de hora a hora até as cólicas desaparecerem.

E à porta lembro-lhes: — Ele fez isto por vós, sabem?

— Sim — responde o pai de Geeta, abraçado à filha, perdida e reencontrada. Baixa a cabeça.

— Lembrem-se disso quando ele vos irritar de novo com a sua conversa, tenho a certeza de que será muito em breve.

Pai e filha sorriem.

— Não nos esqueceremos — responde Geeta. Fica para trás e acrescenta em voz baixa: — Não falámos do Juan, não quis estragar aquele momento, mas para a semana falarei. Voltarei cá para lhe contar como foi.

Através de um véu de incenso, digo-lhe adeus da porta. Não lhe digo que já não estarei aqui.

Esta manhã, a segunda de três, tenho muito que fazer. Latas para arredar, prateleiras para esvaziar, sacas e vasilhas para arrastar até à porta. Letreiros para escrever. Mas, de vez em quando, vou à janela. E fico a olhar. A árvore solitária sufocada pela poeira, a estreita faixa de céu sem cor. Os prédios vestidos de graffiti, os autocarros a vomitarem fumo, os becos a cheirarem a ervas daninhas. Os jovens às esquinas ou a guiarem devagar, com música a explodir nas suas máquinas. Por que se tornou de repente tudo tão intenso? Por que me sinto destroçada ao pensar que todos ficarão aqui, excepto eu? Porquê se posso ter mais poder do que imaginei, a ilha inteira, gerações de Mestras para comandar? E as especiarias, minhas mais do que nunca?

Que pensamento é este que vem dos abismos da consciência? Apercebo-me de que tenho pensado nisso sem palavras há muito tempo.

Tilo, e se recusares?

Recusar. Recusar. As palavras fazem eco na minha mente, como ondas sonoras que se abrem. Círculos de hipóteses, uns atrás dos outros.

Depois, lembro-me das palavras da Velha. “Não há alternativa. Uma Mestra que seja chamada e que não volte de sua livre vontade será levada à força. O fogo de Shampatí abre a boca e tudo à sua volta é devorado.”

Pela janela poeirenta vejo uma mulher de kameez vermelho, a sair de um velho Chevy, a tirar uma criança de um banco, a gritar aos filhos: “Despachem-se, tenho outras coisas para fazer.” Por

cima do ombro dela, o petiz olha para mim sem pestanejar, com a cabeça encaracolada aureolada pelo sol matinal. As tranças oleadas da rapariga brilham quando ela, do limiar da porta, me oferece um sorriso, desdentado.

É como se me dessem um primeiro murro no peito, o amor que lhes tenho, até à mãe, que resmunga suficientemente alto para eu ouvir que os meus dais são muito caros, por que não os vendo ao mesmo preço das Mercearias Mangal?

É estranho como podemos ter tantos afectos. É estranho como eles nascem em nós sem motivo. Até eu, uma estreante nesta matéria, já o sei.

Sinto que os seus nomes me atravessam, como bolhas de luz, toda essa gente a que me afeiçoei de maneiras opostas. Raven e a Primeira Mãe, Haroun e Geeta e o avô dela também. Kwesi. Jagjit. A mulher de Ahuja.

Ah, Lalita, como suporto não voltar a ver-te? E Jagjit, apanhado nas garras douradas da América, como...

Mas para bem deles tenho de partir.

— Ouça, leve todo o dal que quiser, de graça — digo à mulher do kameez vermelho.

Ela deita-me um olhar desconfiado, certa de que se trata de alguma partida.

— Para quê?

— Para nada.

— Ninguém dá nada sem um motivo.

— Então leve-o porque hoje está um dia de sol, leve-o porque os seus filhos são bonitos, leve-o porque eu vou abandonar o negócio e tenho de fechar esta loja amanhã.

Muito depois de ela se ter ido embora com os sacos, olho lá para fora. A atmosfera parece estar carregada de impressões, como acontece quando fechamos os olhos depois de termos olhado para o Sol. Luminosos e palpitantes, os contornos das pessoas que em tempos fizeram este caminho.

Atmosfera, conservarás a minha forma depois de eu partir?

— O que é isto? — pergunta Raven ao entrar.

Pus letreiros nas montras.

A MAIOR BAIXA DE PREÇOS DO ANO, OS MELHORES SALDOS DA CIDADE. LIQUIDAÇÃO TOTAL.

— Ora, apenas um costume indiano, no fim do ano.

— Não sabia que o ano indiano acabava nesta altura.

— Para alguns de nós acaba — respondo, e engulo as lágrimas que tenho na garganta.

Sem ele ver, escondo debaixo do balcão o letreiro que acabei de fazer, o que afixarei amanhã.

ESTABELECIMENTO PRESTES A ENCERRAR. ÚLTIMO DIA.

Virá outra Mestra, dentro de pouco tempo, que porá aqui outro letreiro, NOVA gerência? Quem será? Raven também virá ter com ela e...

Não sejas parva, Tilo. Nada disso interessa no sítio para onde vais (mas onde é?).

Raven aguarda pacientemente que eu lhe preste atenção. Reparo que vem de calças de ganga. Uma camisa de algodão branco, liso, como o Sol ao meio-dia.

Confunde-me, na sua simplicidade.

— Vim contar-lhe o resto da minha história. Se tiver tempo.

— O melhor que há — respondo. E ele começa.

— A morte do meu pai libertou-me de todas as amarras, de todas as atenções. Eu era como um barco à solta, a balouçar num mar cheio de tesouros e tempestades e monstros marinhos, e quem sabia onde iria parar?

“Já se sentiu assim, Tilo? Então sabe como este sentimento é solitário, e perigoso.

Pode transformar homens em assassinos, ou em santos.

“Não tinha ninguém a quem amar, pois, de maneiras diferentes, o meu pai e a minha mãe estavam perdidos para mim, e o meu avô, também, embora eu tivesse o cuidado de não pensar nele. E portanto parecia que as leis do mundo já não se me aplicavam. As opiniões dos outros não tinham significado. Sentia-me leve e poroso, como se pudesse transformar-me naquilo que me apetecesse, se encontrasse qualquer coisa que valesse a pena, ou desaparecer sem deixar rasto.

“Passei muito tempo sozinho, na cama, a olhar para o tecto, a imaginar vidas possíveis. A minha existência de então, ir às aulas de vez em quando, envolver-me em lutas, organizar festas com os colegas, sentar-me a jantar com a minha mãe, engolir garfadas de silêncio, não me satisfazia. Não tinha rumo, intensidade. Poder.

“Deitado no meu quarto enquanto lá fora o mundo passava a correr, lembrei-me de que só havia uma coisa no mundo que valia a pena. O poder. Fora o que o meu bisavô me oferecera naquele quarto de moribundo. Fora o que a minha mãe me tirara. E embora não pudesse reviver aquele momento, aquele poder, havia outros tipos de poder no mundo. Precisava de encontrar aquele que fosse o indicado para mim.

“Brinquei com pensamentos muito diferentes: integrar-me num gang, partir com o Peace Corps, ingressar no exército. Voltar àquela casa de madeira para encontrar alguém que conhecesse os caminhos do meu bisavô. Mas por fim não escolhi nenhum. Por fim, entrei na faculdade de Economia.

“Está a rir? Eu sabia que o faria. Mas foi disto que me lembrei quando estava deitado, a pensar: o dinheiro era o centro do mundo, pelo menos daquele em que eu vivia. Dinheiro era poder. Com dinheiro, eu podia refazer tudo, não como a minha pobre mãe se esforçava por fazer, mas totalmente, suavemente, imediatamente e para sempre.

“Na maioria das coisas, eu tinha razão.

“As finanças não eram problema. O meu pai tinha um seguro de vida, mas eu sabia que tinha de trabalhar muito e mudar de hábitos, concluir os estudos, deixar de andar na vadiagem com os outros, coisas desse género. Mas foi menos difícil do que eu julgava. Descobri uma dureza inesperada em mim próprio, um impulso, qualquer coisa que afastou tudo o que me poderia deter, qualquer coisa que não se importava de abrir caminho fosse por onde fosse. Talvez fosse um atributo que eu herdara da minha mãe, mas que ao passar cristalizara, tornando-se mais impenetrável.

“Os meus dias tornaram-se silenciosos, submarinos, enquanto eu preparava o futuro. As pessoas afastavam-se de mim e eu deixava-as partir, alegremente. Os amigos que troçavam de mim ou que me incitavam a lutar, os professores que falavam de mim em

segredo, espantados, na sala do pessoal docente, até a minha mãe que me observava, reconhecida, mas sem perceber. Eram meras distracções, pequenas ondas numa superfície distante que tinham pouco a ver com a minha vida.

Viria a sentir o mesmo pelos meus colegas de faculdade.

“Foi isto que descobri a meu respeito na faculdade: eu compreendia o dinheiro sem qualquer esforço, a sua estranha lógica. Como surgia, como crescia, as suas idas e vindas. Deliciava-me com a sua linguagem secreta. Tinha um faro especial para investimentos, e até naqueles primeiros tempos, era ainda estudante, quando comecei a experimentar o mercado, sabia exactamente o que havia de comprar e quando havia de vender.”

— E isso trouxe-lhe o poder com que sonhou?

O meu americano olha para as linhas das minhas mãos e depois para os meus olhos.

— Trouxe-me poder, sim. E uma... solidez. Percebi por que motivo é que, nas velhas histórias, os gigantes estavam sempre a contar o seu ouro. Isso garantia-lhes que eram reais. Existe uma atracção no poder que advém do dinheiro, a sensação de que podemos pegar e examinar, escolher ou pôr de lado tudo o que há no mundo, como fazemos com a fruta. E não imagina a quantidade de coisas que pode comprar, e de pessoas, também. Estaria a mentir se lhe dissesse que isso não me agradou.

“Desde o princípio, resolvi que havia de divertir-me com o meu dinheiro. Rodeei-me de todas as coisas que julgava virem a proporcionar-me esse divertimento. Talvez as considere infantis, já que provém de uma civilização menos materialista.”

Deixo passar. Noutra altura, Raven, creio, falaremos disso. (Mas Tilo, Mestra por mais algumas horas, quando será?) — Percebo agora que eram fantasias de um pobre rapaz acerca da vida dos ricos, retiradas das revistas de luxo e dos espectáculos de televisão. Iates, apartamentos, Porsches, roupa interior Gucci, férias na Riviera ou em Las Vegas. Todos os estereótipos. As pessoas que sempre tinham sido ricas talvez gastassem o dinheiro de uma forma muito diferente. Mas eu não me ralava, e nenhum dos meus novos

amigos (se é que lhes podemos chamar amigos) que se aproximaram de mim parecia ser importante.

— E a sua mãe?

Um silêncio penetrante, como se houvesse um pedaço de vidro entre nós. Depois, Raven diz: — Quando ganhei o primeiro milhão, enviei à minha mãe um cheque de cem mil dólares. Foi a primeira vez que lhe escrevi depois de ter saído de casa. Oh, ela escrevia-me, não muitas vezes, mas com regularidade, a contar-me o que andava a fazer. Nada de empolgante: bazares da igreja, plantar pétúnias na Primavera, mandar pintar a casa, coisas desse género. Passado algum tempo, as cartas chegavam e eu não as abria. As vezes perdiam-se antes de eu as ler. Eu nunca respondia.

“Para quê, perguntava a mim próprio. Já não havia nada entre nós. Mas creio que não fui muito honesto comigo mesmo. No meu íntimo, queria mostrar-lhe que fizera o que ela queria melhor do que ela. Num mundo com o qual ela nem sonhava. Foi por isso que lhe mandei o cheque, e com uma fotografia minha e um grupo de amigos, incluindo a minha namorada mais recente, numa casa de praia que eu comprara há pouco tempo em Malibu. Seria o último castigo.”

Raven solta uma gargalhada rude.

— Bem, a carta foi devolvida com um carimbo vermelho, onde se lia que não tinham encontrado ninguém para a receber. E não consegui lembrar-me quando recebera a última carta dela.

“Dois anos mais tarde, depois de outras coisas que se passaram, fui visitar o sítio onde vivera, uma coisa que nunca julgara voltar a fazer. Uma família mexicana vivia na nossa casa. Disseram-me que já lá estavam há bastante tempo. Não, não sabiam para onde se mudara a mulher que lhes vendera a casa.

“Nunca a encontrei, embora tentasse. Procurei ali à volta, perguntei às senhoras da igreja, cheguei a contratar um detective durante algum tempo. Pensei em ir ter com a família dela, não sabia ao certo onde era, mas podia ter descoberto. Mas não consegui. Sabe como certas fobias da infância podem controlar a nossa vida.

Convenci-me, portanto, de que eles sabiam tanto como eu.”

Ah, Raven. Pergunto a mim própria se continuas a procurá-la em todas as mulheres, a mãe perdida. Bela para sempre, jovem para

sempre.

— Precisava de dizer-lhe tantas coisas — diz Raven. — Que lamentava a minha frieza, que compreendia, pelo menos em parte, por que motivo ela saíra de casa e negara o que era.

Suspira.

— Queria dizer-lhe: “Vamos tentar perdoar um ao outro e recomeçar.” E acima de tudo queria falar-lhe do meu sonho. Porque talvez ela soubesse o que significava.

Afinal, o avô ensinara-a, e essas coisas não se esquecem, mesmo que tentemos.

— Que sonho? — pergunto.

Tenho a boca seca. Tilo, é isso, diz o meu coração a palpitar.

Mas Raven continua como se não tivesse ouvido.

— De certo modo, as coisas mudaram quando a carta me foi devolvida. Sem a minha mãe a quem a mostrar, a minha vida dourada parecia perder uma parte do brilho. Às vezes, de manhã, deitado na cama ao lado de uma namorada adormecida, sentia-me aborrecido, ligeiramente, como os primeiros sinais da idade nos nossos músculos. Aquilo assustou-me.

“Para combater esse tédio, comecei a correr riscos. Primeiro, no mercado, mas não conseguia perder. Tudo aquilo em que eu tocava subia cada vez mais, e o entusiasmo desaparecia. Voltei-me então para as coisas físicas: canoagem, pára-quedismo. Cheguei a descer o Amazonas. Mas também não me satisfez. Havia alguns momentos em que a adrenalina afluía, mas seguia-se uma irritação e um cansaço a que se juntava uma pergunta: O que diabo estou aqui afazer? “Depois, um dos meus amigos trouxe os cogumelos.

“Nunca tinha tomado drogas. Não estou a fingir-me virtuoso: não tinha nada contra o facto de as distribuir em festas. Mas olhava de soslaio para as pessoas que as consumiam. Considerava-as fracas. Era desagradável assistir à sua derrocada, vê-

las arrastarem-se durante o resto da vida. O modo como se comportavam quando a necessidade as atacava. E, dissessem o que dissessem, nunca conheci uma única que se tivesse viciado por opção. Agora que eu estava livre (ou pelo menos era o que eu

julgava) de todos aqueles em que me apoiara, não ia criar uma nova dependência para ter alguns momentos de prazer duvidoso.

“Mas os cogumelos eram diferentes, argumentava o meu amigo. Eram potentes e sagrados, não eram uma droga comercial. Não se compravam a um traficante, nem por amor nem por dinheiro. Ele conseguira arranjar aqueles só porque tinha a sorte de ter um amigo, um índio que vivia na Guatemala, onde eles eram usados em cerimónias especiais para que as pessoas entrassem em transe.

“"Nem vais acreditar nas visões", dizia o meu amigo. "É como se tivesses morrido e fosses para o céu, mas para melhor. Ecstasy, LSD, nenhuma faz isto. E são seguros. Seguros como o leite materno."

“Fiquei intrigado. Não tinha muita confiança nas capacidades, éticas ou mentais, desse amigo. Contudo, aquela conversa acerca de visões e de índios atingiu a minha parte mais vulnerável, que eu tentava acreditar que já não existia.

“Mantivera um interesse sub-reptício pelos índios durante os meus tempos da faculdade. Sempre que havia um acontecimento que os envolvesse, eu ficava sentado na última fila, a observar. Rapazes e raparigas determinados, impecavelmente vestidos e formais, falavam-nos da importância do Native American Rights Fund ou descreviam o trabalho que estava a ser desenvolvido pela United American Tribal Youth. Eu apreciava as suas causas e admirava-lhes a energia mas, por muito que me esforçasse, não me identificava com eles, pelo menos visceralmente, como me sentira no alpendre do meu bisavô. E, apesar de todos os conhecimentos da tradição e da história, as suas vidas pareciam tão monótonas e tão desprovidas de mistério como a minha.

“E por isso tive um sobressalto quando o meu amigo me entregou os cogumelos.

“Não o demonstrei, evidentemente. Nessa altura era um mestre a esconder o que sentia. Descobrira que essa era uma componente importante do poder. Atirei o embrulho dos cogumelos para uma gaveta, pronunciei umas palavras superficiais de agradecimento, dei-lhe algum dinheiro que provocou grandes protestos e esperei que ele saísse. Mas, assim que a porta se fechou, desembrulhei-os. Eram negros e engelhados, com uma textura semelhante à da

borracha. Senti um entusiasmo estranho ao olhar para eles, a sensação de que talvez estivesse de novo à porta que ligava dois mundos, como acontecera quando o meu bisavô morrera.”

A respiração de Raven acelera-se ao recordar essa época.

Quanto à minha, receia o que está para vir. Conheço estas substâncias. A Velha falou-nos delas muitas vezes: “Filhas, eles mostram-vos o que é proibido e, ao fazê-

lo, destroem-vos a mente.”

— O meu amigo dissera-me que era preferível fazer a experiência à noite, mas eu não consegui conter-me. Pus o primeiro na boca e mastiguei. Foi a pior coisa que jamais provei. Ele tinha-me avisado, não há bela sem senão, mas eu não esperava...

Amargo não é o termo indicado para aquela abjecção. Tive de recorrer a toda a minha força de vontade para não o cuspir. “Depois fiquei à espera.

“"Quinze minutos no máximo", dissera o meu amigo, "e ficas a pairar", mas nada aconteceu.

“Meia hora depois, mastiguei outro cogumelo: pareceu-me menos repugnante dessa vez. Creio que é da natureza da repetição. Passada outra meia hora, comi mais dois.

“Nada.

“Fiquei furioso por ter sido enganado. Fui à casa de banho lavar a boca. Preparei-me para telefonar ao meu amigo, digamos ex-amigo, e dizer-lhe meia dúzia de coisas.

Se ele se mostrasse relutante em devolver-me o dinheiro, estava disposto a telefonar a uns certos cavalheiros que me haviam oferecido os seus serviços em situações incómodas deste género. Está escandalizada? Eu avisei-a de que não esconderia nada. Esse era o lado negro da vida de poder que eu levava. Ficará muito mal impressionada a meu respeito se eu lhe disser que o considerava tão atraente como o outro?”

Abano a cabeça, eu, Tilo, que sei mais do que o suficiente acerca do apelo das trevas.

— Refresquei a cara e olhei para o espelho. E vi, não, nada de horripilante como poderia esperar, a cabeça de um monstro, ou alguém com cobras a sairem-lhe da boca. E no entanto aquilo era horripilante.

— O quê?

— Apenas eu próprio. Mas, quando olhei para os meus olhos, eles estavam mortos.

Olhos sem vida que me fitavam. Apercebi-me então de que a minha vida fora um desperdício total.

— Porquê um desperdício, Raven?

— Porque desde que me lembrava de ser adulto, não fizera ninguém verdadeiramente feliz, nem eu próprio.

Americano, a verdade do que dizes quase me atinge. A luz desse clarão, tenho de reexaminar a minha própria vida. Eu, que me orgulho de ter satisfeito os desejos de tanta gente, até que ponto os fiz felizes? Até que ponto fui feliz?

Raven prossegue:

— Os meus olhos mostraram-me o meu coração e também ele estava morto. De que valia, então, manter este corpo, este saco de excrementos, vivo? Procurei qualquer coisa que acabasse com ele. Não havia nada na casa de banho, e fui à cozinha buscar uma faca.

“No caminho, começaram as cólicas. Dobrei-me com dores, a vomitar. Vomitei até não ficar nada, até sentir que expeliria as entranhas. Entre os vómitos, lembro-me de ter pensado "Pelo menos não tens de matar-te, que isto encarregar-se-á de o fazer".

Perguntei a mim próprio se o meu "amigo" sabia que isto iria acontecer e fizera de propósito. E depois perdi os sentidos.

“Acordei no hospital. A minha governanta encontrara-me na manhã seguinte e chamara a ambulância. Fizeram-me uma lavagem ao estômago, mas foi demasiado tarde. Vomitara uma parte do veneno, mas a outra espalhara-se pelo organismo.

Tinha sorte em estar vivo, disseram eles. A ironia da situação obrigou-me a sorrir.

Fiquei em observação.

“Tinha acessos de febre e de suor que alternavam com arrepios violentos. As palmas das mãos estavam frias e húmidas e a garganta seca como areia. Essa era a parte pior. Não podia beber nada porque os médicos receavam que os vómitos recomeçassem. Puseram-me a soro mas isso não resolveu o problema da sede.

Não conseguia deixar de pensar em água, água em copos grandes e frios, água em jarros e baldes, tanques cheios de água

que eu pudesse apanhar na concha das mãos e beber, beber. “Foi nessa noite de sede que tive o sonho. “Estava num monte de cinzas rodeado por um lago de fogo e um vento quente açoitava-me. Tinha resíduos de cinza na boca, no nariz e na garganta. Por todo o lado cheirava a carne queimada. A sede era pior do que nunca. Eu estava literalmente a arder, pois quando olhei para o meu corpo ele estava empolado e cheio de bolhas, como o do meu pai por baixo das ligaduras. As dores eram tão fortes que não conseguia suportá-las. "Ajudem-me", gritava eu com os lábios gretados. "Ajudem-me." Mas ninguém se aproximou de mim, que me afastara intimamente da raça humana e me vangloriava disso. Sabia que só me restava uma solução. A morte. E então atirei-me do cimo do monte para o lago ardente, e ao cair perguntei a mim próprio: "E se eu não morrer, se continuar a arder?"

“Foi então que apareceu o corvo.

“Não sei de onde veio, mas desceu rapidamente e apanhou-me nas suas asas.

Estava mais belo do que nunca e as penas negras de tons azulados brilhavam, esplendorosas, com o bater das asas. Quando se elevou na atmosfera, a deslocação do ar na minha face afastou o cheiro a carne queimada. Ah, era a melhor coisa que me podia ter acontecido. O seu crocitar era música nos meus ouvidos, dissonante mas não desagradável, e enchia-me de força. Apercebi-me de que ele me dava o seu nome. Fechei os olhos, absorvi-o, e a sede desapareceu.

“Quando abri os olhos, o corvo desaparecera, e eu estava no local de que lhe falei.

Eucaliptos e pinheiros, codornizes da Califórnia, veados. Penhascos e ravinas cheios de água doce que eu bebi sem necessidade. Um sítio selvagem e húmido, para fazer exercício, fortalecer-me e purificar-me. Um sítio sem gente que o danificasse. Depois acordei.

“Não sei ao certo o que significa o sonho. Talvez a minha mãe mo tivesse explicado.

E você?”

Mas eu não sei.

— É um sítio real — diz Raven. — Tenho a certeza disso. É o sítio onde reside a felicidade. Creio que foi isso que o pássaro veio dizer-me. Que deixasse de desperdiçar a vida com trivialidades e o descobrisse. Que voltasse aos caminhos antigos, aos caminhos da terra antes de estar destruída. Ao paraíso terrestre.

"Mas eu não sei como hei-de lá chegar. Fui várias vezes ao deserto, com guias, e mais tarde sozinho. Descobri uma série de locais belos e solitários, mas nenhum me emocionou como o local do meu sonho.

"A pouco e pouco perdi o ânimo e convenci-me de que fora uma alucinação provocada pela febre. Resignei-me a viver, se é que lhe posso chamar viver, num mundo do qual a magia desaparecera."

Raven debruça-se agora no balcão e põe a mão por cima da minha. Na sua respiração alterada, sinto-o chegar, denso, vivo e assustador, o cerne da história, a razão de ser.

— Mas ultimamente tenho sonhado outra vez. De cada vez o sonho é mais nítido. O

corvo também. Descreve círculos no céu. Quando acordo, tenho uma sensação de calor, como se aquele sol límpido estivesse dentro do meu peito, a crescer. Como se eu tivesse uma oportunidade de saber, de viver, de descobrir quem sou na realidade.

"Sabe quando começaram os sonhos?"

— Não. — A palavra é como um sussurro na minha garganta. Mas sei como queria que fosse a resposta.

— Sim — diz Raven, que lê o meu coração. — Quando alguém me disse: "Há uma mulher em Oakland, vai ter com ela. Não é o que parece. Consegue fazer coisas."

Depois dos cogumelos, não me podia dar ao luxo de acreditar. Mas num repente vim à loja numa sexta-feira à tarde. E conheci-a.

"Nos últimos sonhos você está junto de mim, você e eu naquele local perfeito. Só que você tem um aspecto diferente, é como é, debaixo dessa pele."

Raven passa uma unha pelo meu braço, como fogo.

Deixo-me envolver pelas suas palavras. Por que não?, pergunto teimosamente a mim própria. Por que há-de ser impossível?

— Quero tentar mais uma vez. Agora com uma companheira que veja com mais clareza do que eu. — Nos seus olhos profundos há

uma súplica, mas também um desafio. — Vem comigo, Tilo? Ajuda-me a encontrar o paraíso terrestre?

Ainda estou a pensar na resposta, no que quero dizer, no que devo dizer, quando tocam à campainha. Olho e lá estão elas, três raparigas das buganvílias, ainda mais bonitas e mais novas, hilariantes, sorridentes, a agitar as pestanas. As minissaias mostram umas pernas esguias e bronzeadas, macias como manteiga de coco. Os lábios são escuros e frementes. Atiram para trás os cabelos ondulados, olham à volta e riem-se de novo, como se não acreditassem que estão aqui, que estão a fazer isto.

Parece nunca terem preparado uma refeição (uma refeição indiana não prepararam com certeza) na sua vida.

Uma delas afasta-se das amigas e avança: Traz uma blusa de seda fina através da qual se distingue um soutien de renda. Nos olhos, uma sombra bege e cintilante.

Cheira a rosas. Brincos minúsculos de diamantes, em forma de coração, um pendente a condizer, que sobe e desce na concavidade da garganta.

O efeito é encantador, até eu o admiro. A avaliar pela expressão do olhar, Raven concorda.

— Desculpe, fala inglês? Estamos a preparar uns petiscos, no escritório, e cada uma tem de levar qualquer coisa étnica, sabe, que pertença à nossa cultura, que seja feita por nós. Não temos nenhuma pista. — Esboça um sorriso ingénuo. — Pode dar-nos uma ajuda?

Essa palavra, ajuda. Não posso ficar amarrada a ela. Ponho de lado o aborrecimento para pensar. É um desafio encontrar um prato que seja suficientemente simples para que elas não o estraguem.

— Talvez um pulao de legumes — digo eu, por fim.

Explico-lhe como se faz: mede-se a água e deixa-se ferver, põe-se o basmati de molho apenas o tempo indispensável, polvilha-se com kesar, juntam-se as ervilhas, os cajus torrados e cebolas fritas para guarnecer. Faço uma lista das especiarias: cravo-da-índia, cardamomo, canela e uma pitada de açúcar. Banha de manteiga.

Talvez um pouco de pimenta-preta.

Ela mostra-se um pouco hesitante, mas está determinada. Toma muitos apontamentos num pequeno bloco dourado com um lápis a condizer. As amigas sufocam o riso e espreitam por cima do ombro dela.

Digo-lhes onde podem encontrar os ingredientes. Vejo-as encaminharem-se para as traseiras da loja, todas elas bamboleios e movimentos ondulantes. Raven também as observa. Com agrado, creio. Sinto uma picada no peito, como a ponta de um alfinete.

— É espantoso que as mulheres consigam equilibrar-se em saltos que não são mais largos do que o bico de um lápis — diz ele.

— Nem todas — replico, num tom insidioso.

Ele sorri e aperta-me a mão.

— Ouça... Sabe fazer coisas que aquelas raparigas não conseguiriam aprender num século.

As picadas começam a desaparecer.

— É autêntica como elas nunca serão — acrescenta. Autêntica. Uma palavra curiosa.

— O que quer dizer com isso? — pergunto.

— Real, percebe? Uma verdadeira indiana.

Sei que ele pretende dirigir-me um cumprimento. No entanto, aborrece-me. Raven, apesar das gargalhadas nervosas, dos lábios pintados e das rendas, as raparigas das buganvílias são, à sua maneira, tão indianas como eu. E ninguém pode afirmar qual de nós é mais real.

Vou a dizer-lhe isto quando uma delas me chama: — Por favor, não conseguimos encontrar o cardamomo.

— É que não sabemos como é — diz outra.

Riem-se daquele humor delicioso, como se se pudesse esperar que elas tivessem conhecimentos tão misteriosos. Faço menção de ir ao seu encontro, mas Raven diz: — Deixe, que eu vou lá buscar.

Desaparece atrás das prateleiras, durante muito tempo, parece-me. Mais gargalhadas que adejam pela loja, como bandos de andorinhas. Espeto a unha do polegar no tampo do balcão, para me obrigar a não ir atrás dele.

Por fim, voltam. Raven traz sacos e saquinhos. Latas. Compraram comida suficiente para alimentar todos os colegas do escritório durante dez dias.

— Você ajudou-nos tanto — diz uma delas. Olha para Raven por baixo das pestanas. -

Os papads estaladiços e o néctar de manga vão combinar bem com o pulao.

— Sim, e foi uma grande ideia comprarmos mais para podermos praticar em casa antes da festa — diz outra, esmerando-se no sorriso.

A terceira rapariga das buganvílias, a da blusa de seda, põe a mão no braço de Raven. Brilhantes como os de um melro, os seus olhos pousam na face dele, na cintura fina, nos músculos firmes dos braços e das coxas.

— Quem sabe se você não quer vir connosco para provar o que vamos fazer. Para nos dizer se fizemos bem — diz ela.

— Não, não — responde Raven.

Contudo, sorri, bastante à vontade com toda esta atenção. Pela sua reacção, percebo que muitas mulheres bonitas lhe fizeram este convite, e sabe-se lá de quantas o aceitou.

Ignorando o ardor que sinto na cabeça, ele aponta para mim: — Ela é que é a especialista, é com ela que devem falar.

A rapariga do soutien de renda ignora a sugestão dele, pestanejando.

— Aqui tem o meu cartão — diz ela a sorrir, escrevendo qualquer coisa no verso e enfiando-o na mão dele. Apercebo-me de que os seus dedos roçam os dele, indolentes, deliberadamente. — Telefone-me se mudar de ideias.

O ardor dá lugar a uma explosão. Quando o vapor assenta, vejo com clareza o que vou fazer.

Ele ajuda-as a levar o saco das compras. Fecha-lhes a porta do carro com solicitude e despede-se com um último aceno amigável.

Raven, não és diferente dos outros homens, atraídos por um pé bem arqueado, pela curva de uma anca, pelo brilho de um diamante no pescoço sedoso de uma mulher.

Neste momento, inclina-se no balcão como se não tivesse havido qualquer interrupção e pega-me de novo nas mãos.

— Tilo, minha querida, o que diz?

Afasto as minhas mãos das suas. Ocupo-as a trabalhar, a dobrar, a arrumar, a limpar o pó.

— Tilo, responda-me.

— Volte amanhã à noite — respondo. — Depois de a loja fechar. Nessa altura dou-lhe a resposta.

Vejo-o encaminhar-se para a porta. O passo saltitante, o brilho suave do cabelo, o fluir do rio dourado que é o seu corpo por baixo da roupa. Estou destroçada.

Oh, meu americano, se é a juventude e a beleza que queres, a alegria do que vês, aquilo em que tocas, saciar-te-ei. Apelarei aos poderes das especiarias para satisfazer as tuas fantasias mais profundas a respeito do meu país.

E depois deixar-te-ei.

Quando olho para as minhas mãos crispadas, verifico que rasguei o cartão que a rapariga deu a Raven. Que ele resolveu deixar (mas porquê?) ali.

MAKARADWAJ

Na sua prateleira própria, no quarto interior, está o makaradwaj, o rei das especiarias. Tem estado ali sempre, certo de que virei, um dia. Mais tarde ou mais cedo. Dias, meses, anos. Isso não interessa ao makaradwaj, que é o conquistador do tempo.

Pego no frasco alto e esguio e conservo-o na mão até aquecer.

Makaradwaj, aqui estou como previste, eu, Tilo, para quem o tempo voa. Eu, Tilo, pronta a violar a regra final, a mais sagrada.

Qual?, pergunta o makaradwaj.

Makaradwaj, que sabes qual é a minha resposta, por que me obrigas a dá-la?

Mas a especiaria aguarda em silêncio.

Faz-me bela, makaradwaj, tão bela como nunca houve outra igual nesta terra. Cem vezes mais bela do que ele pode imaginar. Por uma noite, para que a pele dele se deslumbre, para que as pontas dos seus dedos fiquem marcadas para sempre. Para que ele nunca mais esteja com outra mulher sem se lembrar e arrepender.

A gargalhada da especiaria é fraca e profunda, mas não insultuosa.

Ah, Tilo.

Sei que não devo pedir isto para mim. Não me fingirei arrependida, envergonhada.

Dir-te-ei, de cabeça erguida, que este é o meu desejo, quer o satisfaças quer não.

Deseja-lo mais do que nos desejaste na ilha, naquele dia em que te terias atirado dos penhascos de granito se a Primeira Mãe não se tivesse oposto?

Especiarias, por que hão-de fazer sempre comparações? Cada desejo é diferente, assim como cada paixão. Vocês que nasceram no princípio do mundo sabem-no melhor do que eu. Responde.

Avalia tu a situação: a ele, dar-lhe-ei uma noite, a ti, o resto da minha vida, como quiseres que ela seja, cem anos na ilha ou um só momento, conflagração e destruição, no fogo de Shampati.

Ao falar, a minha última dúvida desvanece-se, a minha última esperança. Vejo o meu futuro com clareza no reflexo do frasco. O

que não posso ter. E aceito.

Tilo, o amor humano vulgar, a vida humana vulgar, nunca foram para ti.

A minha pergunta teve uma resposta satisfatória. A especiaria não me diz mais nada. Sinto o frasco quente nas mãos, o seu conteúdo derrete-se. Levo-o aos lábios.

E ouço a voz da Velha, há muito tempo: “O makaradwaj, a mais potente das especiarias que se alteram, tem de ser manuseada com o máximo respeito. De outro modo, poderá provocar a loucura, ou a morte. Seja qual for a porção, místura-a com leite e o fruto do amla. Deve ser bebida lentamente, uma colher de hora a hora, durante três dias e três noites.”

Bebo-a de repente, eu que não sei onde estarei daqui a três dias e três noites.

Sinto um choque na garganta, como se fosse uma bala, uma queimadura como nunca senti. O pescoço explode, o esófago, até ao estômago. E a cabeça incha, como um balão gigante, e depois encolhe, até ficar do tamanho de uma pepita de ferro. Estou deitada no chão. A náusea brota de mim como o sangue de uma artéria destruida. Tenho os dedos crispados, o meu corpo dobra-se sem que eu consiga dominá-lo.

Tilo, foste demasiado confiante, julgaste que podias absorver o veneno como o Xiva de pescoço azul. Arriscaste tudo para nada. Agora, morre.

Para nada. Esse pensamento é o mais difícil de aceitar.

Mas, esperem, a dor abranda, agora, e permite-me respirar a custo. Graças a ela tenho uma sensação diferente, bem entranhada no corpo, um estremecimento, um aperto. Como se os ossos se formassem de novo. O makaradwaj está a fazer o seu trabalho.

É uma voz: Amanhã à noite, Tilo, estarás no auge da beleza. Aproveita hem. Porque na manhã seguinte ela terá desaparecido.

Ah, especiarias, por que hei-de preocupar-me com a manhã seguinte? Nessa altura já cá não estarei.

E virás de bom grado, ou virás ter connosco com o coração manchado pelas cores do arrependimento?

Por mim, não estou arrependida, respondo. E quase acredito nas minhas palavras.

Mas acrescento: há dois que ficaram ao meu cuidado e que eu não ajudei. Não posso ir em paz sem saber o fim da sua história.

Ah, o rapaz, a mulher. Mas a história deles ainda mal começou. A tua é que está a acabar.

Compreendo. Mas embora não tenha o direito de fazer este pedido, quero vê-los uma última vez.

Mais desejos, Pilo? Ainda não pediste o teu último desejo?

Por favor.

Veremos, dizem as especiarias, com uma voz indulgente, sabendo que venceram.

O meu último dia desponta, dolorosamente claro, com o céu da cor do mais ténue índigo, a atmosfera a cheirar a rosas, embora eu não perceba como, nesta cidade.

Deito-me um pouco no meu colchão baixo, com medo de olhar, mas depois levanto as mãos. As articulações nodosas desapareceram, os dedos são esguios e afilados.

Ainda não estão completamente rejuvenescidos mas para lá caminham.

Solto a respiração e suspiro. Especiarias, peço desculpa pelo facto de não me ter atrevido a ter esperança até agora.

Oh, vocês que são jovens, nunca saberão o deleite com que me levanto da cama, como o simples acto de estender estes braços que voltaram à meia-idade me inebria, me enche de um prazer proibido.

Tomo duche, passando as mãos pelo corpo, sinto-o ganhar firmeza quando lhe toco.

Deixo que os cabelos molhados me caiam sobre a face e fico na semi-obscuri-dade.

Isto já eu tenho. A noite, terei muito mais.

Tilo, não sejas impaciente, não penses na noite. Ainda tens um dia inteiro de trabalho à tua frente.

Puxo o cabelo para trás e faço um rolo absurdo, visto o meu vestido americano do Sears. Abro a porta da frente para virar para cima o letreiro onde se lê último dia.

Nos degraus, um ramo delas, vermelhas e aveludadas. Rosas da cor do sangue virgem. Até logo à noite, lê-se no cartão.

Aconchego-as bem ao meu corpo. Até os espinhos são um prazer. Vou pô-las numa jarra em cima do balcão. Passaremos o dia

a olhar umas para as outras e a sorrir do nosso segredo.

A notícia dos saldos espalhou-se. A loja está cheia como nunca, a caixa registadora tilinta sem parar e os meus dedos (mais novos, mais novos) estão cansados de carregar nos botões. A gaveta enche-se. Quando já não cabe lá mais nada, guardo o dinheiro num saco e sorrio com a ironia da situação. Eu, Tilo, para quem as notas não são mais úteis do que folhas mortas.

Tê-las-ia dado todas em troca de afecto. Mas não é permitido.

— O que está a acontecer? — perguntam os clientes, sem parar, ávidos de uma história.

Digo-lhes apenas que a velha vai fechar a loja por motivos de saúde. Sim, uma coisa súbita. Não, não é grave, nada de preocupante. Eu sou a sobrinha, que vim ajudá-la neste último dia.

— Despeça-se dela por nós. Agradeça-lhe toda a ajuda que nos deu. Diga-lhe que nunca nos esqueceremos dela.

Deixo-me comover pela ternura das suas vozes. Ainda que saiba que aquilo que dizem, aquilo em que acreditam, é uma ilusão. Porque tudo se esquece com o tempo. Mesmo assim, imagino-os a passarem por esta rua no próximo mês, no próximo ano, e a apontarem. “Havia aqui uma mulher. Os olhos dela eram como um íman que atraía os nossos maiores segredos”, dizem eles aos filhos. “Ah, o que ela conseguia fazer com as especiarias. Ouçam.” E contam a minha história.

Ao fim da tarde, aparece ele, vagaroso, o avô de Geeta, parando de vez em quando para recobrar o fôlego.

— Ainda dói um bocadinho, didi, mas tinha de vir agradecer-lhe, contar-lhe o que acont...

Pára a meio da frase, deita-me um olhar de censura, que não retira mesmo depois da minha explicação.

— Como é que ela pôde deixar-nos desta maneira? Não está certo.

— Ela nem sempre controla a situação. Às vezes tem de fazer o que lhe mandam.

— Mas ela tem tantos poderes, não podia...

— Não — respondo. — Não é para isso que os poderes são concedidos. O senhor, com toda a sabedoria da sua idade, devia

sabê-lo.

— Sabedoria. — Sorri, com malícia, e depois fica muito sério. — Mas eu preciso de lhe contar umas coisas.

— Terei o cuidado de lhas transmitir.

Ele franze o sobrolho, desconfiado, e ajusta os óculos, o avô de Geeta, para quem a sua história perdeu todo o encanto.

— A Geeta voltou para casa ontem à noite?

Levanta a cabeça com um movimento brusco.

— Como é que sabe?

— A minha tia contou-me. Disseme que estivesse atenta, que o senhor podia aparecer.

Ele fica a olhar durante algum tempo. Por fim, diz: — Sim. Voltou com o Ramu. A mãe dela ficou tão feliz que, àquela hora da noite, ainda foi cozinhar peixe com mostarda, cholar dal com coco, tudo aquilo de que a Geeta mais gosta. Sentámo-nos à mesa e conversámos, até eu, porque tomei os remédios e sinto-me melhor, apesar de ainda não poder comer, infelizmente. — Dá um estalido com a língua ao pensar em toda a boa comida que se desperdiçou. — De qualquer modo, todos estavam felizes e muito cuidadosos, a falar de empregos e de filmes e de primos que tinham voltado para a índia, para a zanga passar, sobretudo no meu caso. A sua tia vai sentir-se orgulhosa quando souber como eu dobrei a língua, sem perguntar nada, comentando apenas as notícias da política americana.

“Depois, pouco antes de nos levantarmos da mesa para lavar as mãos, o Ramu disse: "Bem, diz lá ao teu rapaz que venha fazer-nos uma visita." E a Geeta, muito calma, responde: "Como queira, papá." O Ramu disse: "Não consideres isto uma autorização." E a Geeta disse: "Eu sei." E foi tudo. Cada um foi para a sua cama, mas a sorrir.”

Levanta a cabeça, com aquele sorriso ainda nas rugas da face.

— Fico muito contente por eles — digo. — E pelo senhor, também.

— Aquele pai e aquela filha são tão parecidos, tão orgulhosos. Tenho a certeza de que haverá muito mais discussões.

— Desde que não se esqueçam do amor — respondo.

— Hei-de lembrar-lhes.

E toca no peito, com orgulho.

— Em poucas palavras, a minha tia pediu-me para lhe dar este recado. Ela disse para o senhor levar todo o óleo de brahmi que há na loja. Mantenha a cabeça fria, disse ela. Não, não, é um presente de despedida.

Ele vê-me embrulhar as garrafas em papel de jornal e metê-las num saco.

— Com que então ela não volta mesmo.

— Não creio. Mas quem sabe o que o futuro reserva? Esforço-me por manter a firmeza da voz, embora a tristeza me forme um nó na garganta.

— Você tem os olhos dela — diz ele, virando-se para sair. — Nunca me apercebi de que eram tão bonitos.

Não faz mais perguntas, este velho de óculos que vê mais do que muitos cuja visão é perfeita. Nem eu lhe digo mais nada. É o nosso pacto sem palavras.

— Diga-lhe que lhe desejo muitas felicidades. Que rezo por ela — diz ele.

— Obrigada — respondo. — Ela precisa muito de orações.

Mas imaginem quem entra na minha loja neste momento. Uma jovem que eu nunca vi, cuja pele é escura e lisa como uma ameixa, o cabelo encaracolado e apanhado em muitas tranças minúsculas e um sorriso como o pão fresco.

— Uau, isto é giro. Nunca cá tinha vindo.

Entrega-me qualquer coisa, um sobrescrito. Hesito e depois, pela farda da cor do céu e pela mala, percebo de quem se trata. É o carteiro.

— A minha primeira carta — digo, maravilhada, pegando nela. Dou uma olhadela à letra, mas não a reconheço.

— Acabou de chegar?

— Não. Na verdade, estou de partida.

Apetece-me confiar mais nesta mulher de rosto amigável, mas, o que posso dizer-lhe que ela... — que qualquer pessoa — compreenda?

— É o meu último dia — digo-lhe por fim. — Ainda bem que recebi uma carta no último dia.

— Também fico contente por si. Demorou algum tempo porque esta pessoa não tinha código postal. Nem remetente, caso contrário teria sido devolvida. Veja.

Olho para onde ela aponta, mas os olhos fogem-me para o nome que está na carta.

Matagi.

Só uma pessoa me tratou assim.

Os meus pulmões já não sabem respirar. O meu coração bate com tanta força que quase me desfaz. O que resta do dia encarquilha-se como papel queimado.

— Esta carta é muito importante para mim — digo eu. — Obrigada por ma ter trazido.

Sem ver, procuro qualquer coisa na atmosfera acastanhada para lhe oferecer. Volto com uma embalagem de sultanas, kismis, para dar energia.

— Do meu país. É um presente.

— Obrigada, mas que simpatia a sua.

Procura qualquer coisa dentro da mala. O quê? O que a faz demorar? Quando se vai embora para eu abrir a carta?

Então, admito que também queira dar-me alguma coisa.

Encontra o que quer, dá-mo.

Rectângulos de papel prateado embrulhados em papel verde, moles. O aroma doce e fresco da hortelã-pimenta.

— Pastilha elástica — diz ela, perante o meu olhar interrogativo — Pensei que gostasse.

É uma coisa da América, percebe? Para a sua viagem.

Espero que veja nos meus olhos, antes de sair, o meu apreço por este presente que não pedi, eu, Tilo, que não sei o que hei-de dizer, pela primeira vez na minha vida.

À porta, o sol ilumina-lhe a face, como fez há muito tempo à mulher de Ahuja.

Fecho a porta à chave. Preciso de ler esta carta com toda a atenção, as palavras e as entrelinhas.

Desembrulho uma pastilha elástica e meto-a na boca. A doçura generosa dá-me coragem para ler.

Mataji.

Namaste.

Não tenho a sua morada completa portanto não sei se receberá esta carta, mas ouvi dizer que o sistema postal dos Estados Unidos é bom, e tenho esperança. Porque quero que saiba isto.

Já não estou em casa. Estou noutra cidade, embora não possa dizer onde por motivos de segurança.

Tudo isto se passou há uma semana, embora eu andasse a pensar nisto há vários meses.

Lembra-se da revista que me deu? No verso vinham uns anúncios. Um deles dizia: Se o seu marido lhe bater, telefone para este número e será ajudada. Fiquei muito tempo a olhar para ele. Depois, pensei. Por que não? No minuto seguinte pensei: Chee chee, que sharam dizer aos estranhos que o teu marido te bate. Por fim atirei a revista para o monte de jornais velhos que ele vende para fazer dinheiro no fim do mês.

Resolvi tentar mais uma vez. Atirar o passado para trás das costas. Não tinha alternativa. Disse-lhe: Por que não hei-de ir ao médico e vejo o que se passa? Estou a transformar-me numa mãe.

Ele não fez objecções. Até me deu o dinheiro que queria gastar. Talvez ele também pensasse que um bebé melhoraria as coisas, que nos uniria através de um amor partilhado. Está bem, disse ele, desde que seja uma médica. Indiana, de preferência.

Não encontrei nenhuma indiana, mas a médica americana disseme que eu não tinha nada. Disse: Talvez esta contagem de esperma esteja baixa. Mande-o cá para fazer exames. Diga-lhe que não se preocupe. Hoje em dia há muitas coisas que se podem fazer, com facilidade.

Mas quando eu lhe disse, a cara dele escureceu como o céu no tempo das monções. As veias da testa pareciam nós azuis. Estás a dizer que eu não sou um homem?, disse ele. Queres procurar outro melhor? Começou a abanar-me com tanta força que eu sentia os ossos do pescoço a estalar.

Por favor, disse eu, desculpa, a culpa foi minha, vamos esquecer isto, não tens de ir a lado nenhum.

Ele deu-me uma bofetada, duas, três. Tudo isto fazia parte do teu plano, não é verdade? Tens a médica americana do teu lado?

Empurrou-me para o quarto, atirou-me para cima da cama. Despe-te, disse ele. Vou mostrar-te se sou um homem ou não.

Mataji, fiquei tão assustada que levei as mãos à blusa do sari, como de costume.

Depois lembrei-me do que me tinha dito: Nenhum homem, quer seja o marido quer não, tem o direito de me obrigar a deitar-me com ele.

Sentei-me. Uma parte de mim dizia: Ele vai matar-te por causa disto. Outra parte dizia: Não pode ser pior. E eu disse-lhe: não me deito com um homem que me bate.

Por instantes ele ficou admirado como uma pedra. Depois disse: Ai sim? Veremos.

Atirou-se a mim, agarrou-me no peitilho da blusa e rasgou-a. Ainda sinto o ruído do tecido a rasgar-se, como se fosse a minha vida.

Não posso contar-lhe o que ele me fez. É demasiado vergonhoso. Mas de certo modo também foi bom. Desfez as minhas últimas hesitações, o medo de ferir os meus pais. Piquei ali deitada, a ouvi-lo chorar, a pedir-me perdão, a pôr-me compressas na cara, a dizer: Por que me obrigas a fazer estas coisas?

Assim que ele adormeceu, fui tomar um duche e fiquei debaixo da água quente a esfregar-me, até as nódoas negras, até ficar quase sem pele. Vi a água suja a sair pelo cano e percebi que tinha de me ir embora. Se os meus pais não gostarem de mim o suficiente para compreenderem, paciência, pensei.

Na manhã seguinte ele disseme que não saísse, que tirava meio dia de folga e vinha à hora do almoço com uma surpresa para mim. Eu conhecia as surpresas dele. Jóias, saris, coisas que nós não podemos comprar. Ficava doente por ter de usá-las para lhe ser agradável. Assim que o carro dele virou a esquina fui à pilha dos jornais velhos. A princípio não conseguia encontrar a revista. Fiquei tão assustada.

Julguei que ele a tinha visto e deitado fora, que eu teria de viver com ele para sempre.

Procurei outra vez. Tinha a cabeça à roda, estava nervosa porque sabia que ele voltaria cedo. Quando a encontrei desatei a chorar. Mal conseguia falar ao telefone.

A mulher que me atendeu foi muito simpática. Era indiana como eu, compreendeu perfeitamente o que lhe contei. Disse que eu fizera bem em telefonar, que me ajudariam se eu tivesse a certeza do que queria fazer.

Fiz a mala, levei o meu passaporte, umas jóias do meu casamento que tinha lá em casa, todo o dinheiro que encontrei. Não queria tocar em nada que fosse dele, mas sabia que teria de sobreviver.

Duas mulheres foram esperar-me à paragem do autocarro. Trouxeram-me para esta casa que fica noutra cidade.

Não sei o que hei-de fazer agora, Mataji. Elas deram-me muitos livros para ler. Os meus direitos. Histórias de outras mulheres como eu que agora têm uma vida melhor. Histórias de mulheres que voltaram e que foram espancadas até à morte.

Dizem-me que me ajudarão se eu quiser apresentar queixa na Polícia. Também me ajudam a montar um pequeno negócio de modista se eu gostar. Disseram-me que as coisas não serão fáceis.

Há outras mulheres aqui. Umas estão sempre a chorar. Outras não falam. Têm medo de assumir encargos, de sair daqui. Uma mulher tinha o crânio fracturado por uma chave inglesa. As vezes ouço-a rezar: Ram, perdoa-me por ter deixado o meu marido. Eu nem consigo rezar. A quem hei-de pedir que me abençoe? Ram, tu que baniste a tua pobre Sita grávida para a floresta por causa daquilo que as pessoas podiam dizer? Até os nossos deuses são cruéis para as suas mulheres.

As vezes também tenho medo. E sinto-me tão deprimida. Olho para o quarto que partilho com duas mulheres, só com o que trouxemos na mala. Não posso estar sozinha. Há uma casa de banho para seis, roupa estendida por todo o lado. O cheiro da menstruação. Penso na minha casa tão asseada. E depois a cabeça prega-me partidas, lembra-me os momentos felizes, quando ele era tão amável, quando me trazia vídeos e pizza nas noites de sexta-feira, quando nos sentávamos no sofá a ver televisão, a rir.

Todo o dia sinto vozes na minha cabeça. Dizem-me baixinho: Ele aprendeu a lição, agora as coisas serão diferentes, voltar seria assim tão mau?

Tento afastá-las. Relembro-me do que me disse antes de eu sair. Digo a mim própria: Mereço viver com dignidade, mereço ser feliz.

Mataji, reze por mim, para que eu tenha a força de a encontrar.

Sua amiga Ealita A carta transforma-se num borrão quando a aperto nas minhas mãos. Estas lágrimas são de alegria ou de tristeza? Sim, minha Lalita, que finalmente és tu própria, rezo por ti. Especiarias, todas as forças do mundo, não permitam que ela desista. Filha, ao nascermos, a passagem é sempre estreita, sufocante. Mas aquela primeira golfada de ar a encher os pulmões, ah! Rezo por ti.

Entretanto, vou moer amêndoas e chyavanprash para dar força física e mental, e pôr a mistura do lado de fora da porta para o vento a levar até à casa das mulheres onde tu esperas. Vou fazer isso agora, no pouco tempo que me resta.

Abro a porta para pôr o chyavanprash no degrau e lá está ele, com o seu rosto muito perto do meu, Jagjit, de blusão de couro, a espreitar pelo vidro leitoso o cartaz do Dojo Único de Kwesi. Jagjit, cujos amigos lhe chamam Jag.

Obrigada, especiarias, já tinha perdido a esperança.

Ele mostra os dentes e recua, Jag, abreviatura de jaguar, mete a mão no bolso, depois pára.

— Minha senhora, não devia aparecer assim de repente. Pode magoar-se.

Sorrio, penso em dizer-lhe: “É a minha porta, afinal.” Mas isso já não é verdade.

— Também me assustaste — digo.

— Quem falou em assustar?

O clarão prateado de um brinco quando ele abana a cabeça. Depois observa-me com mais atenção à luz do crepúsculo.

— Espere aí! Você não é a velha, a dona da loja?

Mostra-se interessado, Jagjit, que ainda não tem catorze anos e cresce tão depressa na América.

Conto-lhe a história da sobrinha. Depois digo: — Mas eu sei quem tu és.

— Como?

— A minha tia recomendou-me que olhasse por ti. Disse: aquele Jagjit é bom rapaz, tem um grande potencial. Pode vir a ser no

mundo tudo o que ele quiser.

— Ela disse isso?

Naquele momento, o seu rosto revela uma alegria infantil, mas depois a sombra volta a apoderar-se dele. Os seus pensamentos estão cheios de violência.

Jagjit, conquistador do mundo, o que tens feito, o que...

O rosto pálido de Haroun entre as ligaduras surge na minha frente, mas não, não pode ser, não vou pensar nisso.

Tilo, mais cedo ou mais tarde isso vai acontecer, pelo caminho que ele leva.

— Queres comprar alguma coisa? — pergunto. Quero que ele entre na loja. Aponto para os letreiros que anunciam a baixa de preços. — Hoje é um dia bom para compras. Talvez a tua mãe precise de alguma coisa.

Mas já sei que há muito tempo que ele não faz as compras à mãe.

— Não. Ia a passar, nem sequer sei por que parei. Talvez fosse o cartaz.

E aponta para ele com o queixo.

— Gostas de karate?

Especiarias, façam com que isso aconteça. Ele encolhe os ombros.

— Nunca experimentei. Sai muito caro. Além disso, tenho outras coisas para fazer.

Agora tenho de me ir embora.

Já tem os pés voltados para as ruas da noite.

Penso à pressa: Não sou boa nisto. E depois lembro-me.

— Oh, já me esquecia. A minha tia deixou uma coisa para ti.

— Sim?

— Deixou. Disse que era muito importante. Entra, que eu vou buscá-la.

Ele hesita.

— Não tenho tempo. — Mas depois a curiosidade espicaça-o, a Jagjit, que ainda é um miúdo. — Só um minuto.

— Só um minuto — repito.

Na minha mente, já estou no quarto interior. Agrafo as pontas do saco do dinheiro e redijo o bilhete que o acompanha.

— Acha que eu fiz o que estava certo? — perguntarei a Raven, mais tarde, quando estivermos na cama. — Naquele momento pareceu-me a solução perfeita. Todo aquele dinheiro que de outro modo se desperdiçaria. Mas agora não tenho a certeza.

Uma ruga de dúvida entre as sobrancelhas, nele também. Mas ele quer que eu me sinta feliz. Por isso responde: — Creio que fez o melhor que era possível fazer. Mesmo assim, continuo apreensiva.

— Havia mais de mil dólares naquele saco. E se ele o usar para o mal, para comprar droga, armas, em vez de o levar ao Kwesi e de se inscrever?

— Confie — dirá Raven. — Confie nele, confie no universo. Há uma hipótese de cinquenta por cento. Mais do que você e eu alguma vez tivemos.

Pega-me na mão e beija-me as pontas dos dedos, uma por uma.

Acaricio-lhe a face, o formigueiro da barba, o cheiro a limão. Ele tem razão.

— Pense na cara dele. Como é que reagiu quando abriu o saco? Quando saiu?

Não me esquecerei do olhar incrédulo de Jagjit: — Para mim?

E como leu e releu o bilhete.

— Sabe o que diz? — pergunta ele.

— Não. Queres ler-mo? — pergunto eu, descarada.

— Diz: Para o Jagjit, o meu conquistador do mundo, para começar uma nova vida. E por baixo: Usa o poder, não te deixes usar por ele.

— Acho bem. Esta minha tia é sensata — digo eu a sorrir. Depois, retiro o cartaz da porta e dou-lho. — Trata disso.

Os seus olhos ganham um novo brilho, visões de pontapés impossíveis, altos, a mão a partir um tijolo ao meio. Kiais suficientemente ferozes para destruir o coração do adversário, katas delicados e precisos como uma dança. Fama e fortuna, talvez o cinema, como o Bruce Lee. Uma fuga do presente para sempre.

Mas também uma preocupação. Jagjit, que já sabe que o caminho de regresso é duas vezes maior. Bloqueado pelas navalhas onde antes não havia nenhuma.

— Não sei se a minha família me deixa.

Dou-lhe um saco de laddus, de besan e de torrões de açúcar, para sua protecção.

Para não fraquejar. Digo-lhe: — Só saberás se tentares, como diria a minha tia.

Ele da-me o seu sorriso, um pouco assustado mas aberto e generoso.

— Agradeça-lhe. Diga-lhe que vou usá-lo da melhor maneira.

— Confio — direi em voz baixa, na cama de Raven, na minha última noite, ao ver Jagjit desaparecer no nevoeiro leitoso da noite. A minha prece, a minha esperança, a única coisa que me resta fazer. — Jagjit, confio que vais conseguir.

RAIZ DE LÓTUS

Finalmente o dia está a acabar, os clientes saíram e tudo o que havia foi vendido ou oferecido, excepto o que preciso para o fogo de Shampati.

O fogo de Shampati, chamas azuis cinzas verdes, som das labaredas que não é diferente do som da chuva, o que fareis com este corpo que me foi dado pelas especiarias? Para onde levareis este coração que prometi devolver-lhes?

É a dor? Será...

Ponto final. Há tempo para isso mais tarde. Agora o momento está maduro para a semente que, sem saber, vocês colheram naquele dia no Armazém Sears e que será plantada aqui e regada todas as noites com a água do rio interminável do desejo.

Visto o vestido branco que Raven me ofereceu, todo ele espuma e aroma de flores a envolver a elegância da cintura e da anca, todo ele sussurros e suavidade à volta das minhas pernas. Encho um saquinho de seda com raiz de lótus em pó, a planta do amor duradouro. Ato-o com um cordão de seda ao pescoço para que fique entre os meus seios que cheiram a mangas maduras.

Agora estou pronta. Volto ao sítio onde ele está pendurado na parede e descubro-o, eu, Tilo, que violei tantas regras.

Quantas vidas se passaram desde que olhei para um? Espelho, o que revelarás de mim própria?

Fico deslumbrada com o rosto que me contempla, jovem e de súbito sem idade, a fantasia das fantasias, o poder das especiarias no seu auge. A testa sem rugas como uma folha de shapla recém-aberta, a ponta do nariz como a flor do til. Uma boca curva como o arco de Madan, deus do amor, lábios da cor (não há outras palavras para os descrever) de malaguetas vermelhas esmagadas. Destinados a beijos que queimam e consomem.

É um rosto que não dispensa nada, o rosto de uma deusa livre da mácula mortal, distante como uma pintura de Ajanta. Só os olhos

são humanos, frágeis. Neles vejo Nayan Tara, vejo Bhagyavati, vejo a Tilo que eu fui. Olhos grandes e exultantes, mas que me dizem também uma coisa que eu não esperava.

A beleza pode assustar? Vejo nos meus olhos que a minha me aterroriza.

E agora batem à porta.

Desloco-me como se estivesse dentro de água, eu que esperei toda a vida, embora só o veja agora, por este breve momento que desabrocha como fogo-de-artifício no céu da meia-noite. Todo o meu corpo treme, de desejo e de medo, porque não é só por Raven que faço isto mas também por mim própria. E no entanto.

Com a mão no puxador da porta, imobilizo-me.

Oh, Tilo, e se a noite real ficar aquém da que imaginaste? E se o amor deste homem e desta mulher for menor do que...

— Tilo — chama ele do outro lado. — Abra.

Mas, quando o faço, é ele que está imóvel. Até que lhe ponho as mãos no rosto e digo com ternura: — Raven, sou eu.

Por fim, ele diz: — Não me atrevi a sonhar tal beleza. Não me atrevo a tocar-lhe.

Pego-lhe nos braços e ponho-os à volta de mim, entre o riso e o desânimo.

— O corpo faz assim tanta diferença? Não vê que eu continuo a ser a mesma Tilo?

Ele olha-me com mais atenção. Depois aperta os braços.

— Sim, vejo-o nos seus olhos — responde ele, encostado à cascata do meu cabelo.

— Então leve-me consigo, Raven. Ame-me.

E no meu íntimo acrescento: Oh, não percas tempo.

Mas tenho uma última coisa a fazer. Raven pára o carro devagar. Olha para a escada com uma expressão sombria.

— Tem a certeza de que não quer que eu vá?

Abano a cabeça, aperto mais contra o peito o saquinho que trago ao pescoço.

Afasto da minha mente o que ele diria se soubesse qual o seu conteúdo.

A escada em espiral cheira a peúgas velhas e uma voz risca-me o cérebro como um prego ferrugento. É a da Primeira Mãe ou a minha? Ainda há alguma diferença?

Tilo, sabes o que estás a fazer?

Cerro os dentes para me defender daquela voz porque é verdade que não sei.

Porque, de vez em quando, ao imaginar este momento, fico tonta de medo de que esteja tudo errado. Mas digo em voz alta: “A violência pela violência. Às vezes é a única hipótese.”

Quando empurro a porta de Haroun ela abre-se. Fico satisfeita mas também zangada por ele não ser mais cuidadoso. Haroun, ainda não aprendeste.

O seu quarto está cheio de silêncio, de formas escuras. A cama, o corpo, um jarro com água, um pequeno candeeiro apagado, um livro que alguém anda a ler-lhe. Só as ligaduras brilham como um aviso. A forma oval da cabeça está voltada para o lado. Creio que ele está a dormir.

Tenho relutância em acordá-lo por causa das dores, mas sou obrigada a fazê-lo.

— Haroun.

Ele mexe-se um pouco, como se sonhasse.

— Ladyjaan.

Gagueja mas tem prazer em pronunciar a palavra.

— Como sabe que sou eu? — pergunto, admirada.

— Pela maneira como pronunciou o meu nome — responde ele, com uma voz cansada mas a sorrir na escuridão. — Apesar de a sua voz estar diferente hoje, mais doce, mais forte.

— Como se sente? O médico já cá voltou?

— Já. Tem sido muito amável, assim como o Shamsur-saab e a irmã. — A voz anima-se ligeiramente ao pronunciar a última palavra. — Não me levam um cêntimo. Ela faz-me a comida, muda-me as ligaduras, senta-se ao pé de mim a contar histórias para me fazer companhia.

Ah, Hameeda. Tal como eu esperava.

— Haroun, não está revoltado com o que aconteceu?

— Ai, Ladyjaan. — A boca, fina como uma lâmina, acrescenta: — Claro que estou. Se apanho aqueles patifes, aqueles shaitaans...

— Cala-se, repetindo o passado, imaginando o futuro. Em seguida, respira fundo. — Mas também tenho tido sorte. O

olho esquerdo ainda está um pouco enevoado, mas o médico diz que, com a graça de Alá e com a ciência dele, ficará como novo. E encontrei uns amigos... São como família. Até a filhinha da Hameeda Begum com aquela voz que parece um pássaro.

Já combinámos ir ao circo assim que eu estiver melhor.

— Haroun, vim despedir-me.

Ele tenta levantar-se.

— Aonde vai?

Procura o candeeiro da mesa-de-cabeceira.

— Não, Haroun, não.

Mas ele já acendeu a luz. Sustém a respiração e leva a mão ao peito, tentando aliviar a dor súbita nas costelas.

— Minha senhora, que jaadu é este, e porquê?

Coro. Não tenho palavras que ele não considerasse frívolas. Mas Haroun abre o seu coração e compreende melhor do que eu esperava.

— Ah! — exclama, com um misto de piedade e de apreensão. — E depois? Para onde vai? E a loja?

— Não sei — respondo, e o medo é como uma onda de água salgada em que me afogo mais uma vez. — Creio que vou regressar a casa, Haroun, mas há sempre a hipótese de voltar.

Ele pega-me nas mãos, é ele que me conforta, os papéis inverteram-se.

— Não para mim, Ladyjaan. Mas para si, quem sabe? Vou fazer uma dua a Alá para que seja feliz.

— Tenho aqui uma coisa para si. E depois tenho de ir-me embora.

— Espere apenas dois minutos, Ladyjaan. A Hameeda volta assim que acabar de fazer a comida. Esta noite é um prato especial: caril de cabrito com paraíbas. Ela cozinha tão bem, mistura tão bem as especiarias, decerto vai gostar. — Sinto o orgulho e a alegria na sua voz. — Vai ficar muito satisfeita por voltar a vê-la. Seria uma honra se ficasse e comesse connosco.

Depois pergunta-me, o meu curioso Haroun: — O que me trouxe?

E, de repente, sei o que hei-de fazer. E fico satisfeita, como uma pessoa que se abeira de um precipício, de noite, e que ao dar o último passo vê a beira fatal à luz de um relâmpago.

— Na realidade é para a Hameeda, para vocês os dois.

Afasto aquilo que em tempos foi um molho de malaguetas vermelhas. Depois, tiro o saquinho com raiz de lótus que trago ao pescoço. Dou-lho.

Se o arrependimento cobre o meu coração (oh, Raven) como uma mancha de nevoeiro, não lhe presto atenção.

— Ela tem de usar isto na noite do vosso nikah, para que tenham uma vida de paixão — digo.

Agora é ele que cora.

— Dê-lhe o meu mubaarak — digo, da porta. — E, Haroun, tenha cuidado.

— Sim, Ladyjaan. Aprendi com a minha insensatez. A Hameeda também tem ralhado comigo por isso mesmo. Não trabalho mais de madrugada, não vou para bairros perigosos, não levo clientes de quem desconfie. Além disso, passo a trazer um taco de basebol no banco da frente. O Shamsur vai arranjar-me um.

Haroun diz-me adeus, Khuda hafiz, ele que tem tantos motivos para viver, para quem o sonho de imigrante se tornou realidade como ele nunca imaginou.

— Nunca mais vinha... — diz Raven. A luz muda do candeeiro da rua, o seu olhar é um pouco acusador. — Por que ficou com tão bom aspecto?

— Raven! — Dou uma gargalhada, lembrando-me das raparigas das buganvílias. — Está com ciúmes?

— Pode acusar-me? Olhe para si. — Toca-me na face. Puxa-me para ele e dá-me um beijo que me deixa sem fôlego, acaricia-me o pescoço, Raven, que aprende os contornos do meu corpo. Depois fica muito sério. — É mais como se... Eu sei que isto pode parecer idiota... Como se pudesse desaparecer a qualquer momento. Como se tivéssemos pouco tempo. — Recosta-se e olha-me fixamente. — Diga-me que isto é um disparate.

— É um disparate — respondo, olhando para as minhas mãos, para o seu brilho de concha rosada.

— Ouça, ainda tem aqui este embrulho. Julguei que tivesse cá vindo por isso. Para dá-lo ao seu amigo.

— Mudei de ideias, Raven. Leva-me a outro lado?

Ele suspira.

— Não me faça uma coisa dessas.

— Não levo mais do que uns minutos.

— Ah, muito bem. Tente ser rápida, okay?

Quando ele desliga o motor, beijo-lhe os olhos, e deixo que os meus lábios se demorem nas suas sobrancelhas e na concavidade macia das pálpebras.

— Para guardar até eu voltar — digo.

Ele geme.

— Creio que já perdi a paciência.

Rio-me, eu que pela primeira vez em toda a minha vida ponho um homem a falar desta maneira.

A luz difusa, o cais parece muito comprido, a água muito escura, o embrulho muito pesado. Ou então é o peso que tenho no coração. A respiração é um solavanco no meu peito. Receio nunca mais chegar ao fim.

Inesperadamente, aquela ânsia ataca-me de novo. “Cobras, estão...”

As palavras são uma cascata de flocos de neve nos faróis de um automóvel, que já partiu. Sei que não é este o momento.

Especiarias, desculpem, digo, à beira da água cor de tinta. Mas afinal concluo que fiz bem. É preferível que Haroun tenha uma vida de amor, e não de ódio e ressentimento, que só atraem sentimentos da mesma espécie.

Devias ter pensado nisso antes, Tilo. A voz delas vem de lado nenhum e de todo o lado, como um espectáculo de magia. Agora despertaste-nos, temos de usar o nosso poder. Alguma coisa tem de ser destruída. Diz-nos o quê.

Especiarias, estou a entoar o cântico da propiciação. Não podem desta vez optar pelo caminho do perdão?

O mundo não funciona dessa maneira, ó Mestra pateta, que pensas que podes suster a cascata, que podes fazer com que o fogo da floresta engula a sua língua ardente. Ou, como diria aquele homem que espera no carro, agarrar o pássaro que já levantou voo.

Deixem-no fora disto, especiarias, isto é entre mim e vocês.

O embrulho que tenho na mão brilha com o calor. Ou é com a raiva? Tilo, não devias ter brincado com forças que ultrapassam o teu entendimento, a destruição que desencadeaste afectará tudo o que é vivo à tua volta. Toda a cidade estremecerá.

Então não há mais nada a dizer, digo eu, com os lábios secos por um medo súbito que queria afastar mas que não consigo. Faço descer o embrulho até à água, deixo-o ir. Ele afunda-se devagar, incandescente. Quando desaparece, expiro. E é isto que eu digo antes de me voltar para percorrer o longo caminho de regresso.

Especiarias, comecem pela minha vida se têm de o fazer. Levem-me primeiro.

Concentrem o vosso ódio em mim.

Tilo, como nos percebeste mal: Do fundo da voz vem um silvo, como água em cima de ferro quente. Ou é um suspiro? Tal como a cascata, a avalancha, o fogo na floresta, nós não odiamos. Cumprimos apenas o nosso dever.

Raven mora no último andar de um edifício que me parece o mais alto do mundo.

Com paredes de vidro. A medida que o elevador sobe, vemos a cidade reluzente a afastar-se. Quase como se voasse.

Ele abre a porta com um gesto floreado.

— Bem-vinda a minha casa.

Há um ligeiro tremor na sua voz. Fico espantada ao ver como está nervoso, o meu americano. No meu íntimo, um impulso. Amor e um novo desejo de confortar este homem.

— É muito bonita — digo, e é verdade.

Luz a jorrar à nossa volta, embora eu não saiba dizer de onde vem. Uma carpete branca e macia na qual me enterro até aos tornozelos. Sofás baixos e largos de cabedal branco e flexível. Uma mesinha de vidro oval. Um grande quadro na parede, com as cores do Sol, ou é o começo do mundo? Ao canto, por baixo de uma grande planta, a estátua de uma apsara. Inclino-me para tocar nas suas feições angulosas.

Não é muito diferente do meu rosto.

No quarto, o mesmo luxo discreto, a mesma frugalidade surpreendente. Uma cama coberta com uma colcha de seda bordada, toda branca. Um candeeiro. Uma grande estante até ao tecto, com livros lidos tarde, durante as horas do sono. A parede exterior é toda em vidro. Através dela vejo luzes, pequenos orifícios amarelos enfiados na noite, e depois a amostra escura da baía. A única peça decorativa do quarto é um batik de Buda, com as mãos em lótus, a posição da compaixão.

Raven boémio, meu americano folgazão, nunca imaginei uma coisa assim.

Como se me respondesse, ele diz: — Tenho andado a remodelar, a deitar fora muitas das minhas velharias, a imaginá-la aqui. Gosta?

— Gosto — respondo, em voz baixa.

Sinto-me humilhada por alguém ter decorado a sua casa a pensar em mim. E cheia de remorsos.

— Embora isso não interesse, não é verdade? Porque partiremos muito em breve -

acrescenta ele.

— Sim, muito em breve — respondo, sem mexer os lábios.

Raven apaga a luz. Ao luar frio e prateado sinto o bafo dele atrás de mim, a cheirar a amêndoa, e a pêssego. Agarra-me pela cintura. Os seus lábios no meu ouvido, o seu sussurro quente como a pele.

— Tilo.

Fecho os olhos. Ele beija-me os ombros, o pescoço, pequenos beijos em cada vértebra. Volta-me para ele, desabotoa-me o vestido e deixa-o cair aos meus pés numa espiral de seda. As suas mãos movem-se como pombas através do meu corpo. — Tilo, olhe para mim, toque-me também. Sou demasiado tímida para abrir os olhos mas meto-lhe a mão por baixo da camisa. A pele dele é firme e macia em todo o lado excepto na clavícula, onde há uma pequena cicatriz rugosa, o vestígio de alguma luta passada. Ela desperta em mim uma ternura de que me admiro, eu que sempre desejei o poder da perfeição e que descubro agora que a fragilidade humana também tem o seu poder. Beijo-a e ouço a respiração dele na garganta.

Depois, os seus lábios estão em todo o lado, e a língua, insistente, faz-me sair de mim própria. Eu, Tilo, que nunca julguei que conheceria os caminhos do prazer tão depressa, um prazer que escorre pelo corpo como mel quente, até às pontas dos dedos, sem falhar um único poro.

Agora estamos na cama, as paredes desaparecem, as estrelas brilham no nosso cabelo. Ele põe-me por cima dele, deixa que o meu cabelo lhe cubra a face como um cântico aquático.

— Assim, querida.

Mas eu já sei. O makaradwaj, o rei das especiarias, diz-me o que hei-de fazer e Raven ri-se baixinho. -Tilo!

Depois, com a respiração, ofegante, estremece. A voz da especiaria ao meu ouvido: Usa tudo. A boca e as mãos, sim, as unhas e os dentes, as pestanas a adejarem na pele dele, aquele brilho especial nos teus olhos. Dá e recebe, insiste. Como fizeram as grandes cortesãs nas cortes de Indra, o rei dos deuses.

Deixa que ele seja o descobridor do país que tu és, montanha, lago e cidade. Deixa-o abrir estradas onde elas nunca existiram. Deixa-o por fim entrar onde és mais profunda e desconhecida, vinhas densas, grito de jaguar, o aroma inebriante da rajanigandha, a tuberosa silvestre, a flor da noite de núpcias. Pois não é o amor a ilusão de que nos abrimos totalmente ao outro, de que anulamos as distâncias?

Oh, makaradwaj, por que lhe chamas ilusão? Quero oferecer a este homem todos os meus segredos, o meu passado e o meu presente.

E o teu futuro? Vais dizer-lhe, quando acabarem de fazer amor, que esta primeira vez é também a última? Vais falar-lhe do fogo de Shampati?

— Tilo! — implora Raven, puxando-me as ancas para ele, outra vez, outra vez, osso com osso, até eu sentir o jacto quente que nos transporta. Até sermos um corpo e muitos corpos e nenhum ao mesmo tempo.

É então que sinto a tristeza, um calor que me sai da pele como a última cor abandona o céu da tarde, deixando-me a tremer. Há uma parte de mim que está a morrer, um cântico de retrocesso que sinto

no interior de cada osso, em cada pêlo eriçado, em cada membro que se afunda na sua antiga forma. Raven também o sente. São as especiarias a abandonarem-me? Tilo, não penses nisso agora.

Por agora, deixem-nos estar abraçados debaixo desta colcha branca como a fidelidade, a respirar lentamente. Por instantes, os braços dele a envolverem-me são como uma muralha que o tempo não pode destruir. De bocas coladas, sussurramos, sonolentos, palavras afectuosas que não fazem sentido, a menos que as ouçamos com o coração. O cheiro do amor e do suor na sua pele. O ritmo do seu sangue que já conheço como se fosse meu.

Esta ternura depois de o desejo se esgotar, o que há de mais doce?

Antes de começar a sonhar, ouço dizer: — Tilo, querida, não posso acreditar que passaremos a vida juntos em noites como esta.

Mas estou demasiado embrenhada nas águas do sonho para responder.

Vocês que sabem mais do amor do que eu, digam-me: quando estão nos braços do vosso amante, sonham os seus sonhos? Porque é isso que vejo por trás das minhas pálpebras cerradas. Uma sequóia de casca vermelha e um inocente eucalipto azulado, esquilos de olhos castanhos e sedosos. Um campo que se transformará em, que será transformado por. O seu Inverno de grutas gélidas e fogueiras fumegantes, cascatas geladas e silenciosas. Verões de terra gretada debaixo dos nossos pés descalços, das nossas costas nuas, quando fazemos amor nos campos de papoilas bravas.

Raven, sei agora que tens razão, o lugar a que chamas paraíso terrestre está algures à espera. E o desejo dói-me ainda mais, sabendo que nunca lá irei contigo, eu, Tilo, cujo tempo está a acabar.

Ele mexe-se com um gemido, como se estivesse a ouvir o meu pensamento. Diz em voz baixa uma palavra que parece logo.

Fico hirta. Meu americano, estás a sonhar o meu sonho?

Ele emerge por momentos do sono para me oferecer um sorriso desfocado, para me acariciar o ombro, o pescoço.

— Minha flor tropical — diz ele. — Minha misteriosa beleza indiana.

Americano, é bom que me lembres, eu, Tilo, que estava quase a perder-me em ti.

Amaste-me pela cor da minha pele, pelo meu sotaque, pela singularidade das minhas roupas que te prometeram a magia que já não encontras nas mulheres do teu país. Com o teu desejo, transformaste-me naquilo que eu não sou.

Não te censuro muito. Talvez eu tenha feito o mesmo contigo. Mas como é que o solo do juízo erróneo alimenta a árvore do amor? Mesmo sem as especiarias entre nós, teríamos falhado. E quem sabe se não viríamos a odiar-nos?

É melhor assim.

O pensamento dá-me força para afastar este corpo relutante do seu calor. Para fazer o que tenho a fazer antes que ele acorde.

Numa gaveta da cozinha descubro papel e lápis.

Começo.

O bilhete leva muito tempo a escrever. Tenho os dedos entorpecidos. Os meus olhos desobedientes têm vontade de chorar. A minha mente só cria palavras de amor. Mas por fim acabo. Abro o armário da casa de banho e enrolo o bilhete no tubo da pasta de dentes onde Raven o encontrará amanhã. Depois acordo-o.

Temos uma altercação, a nossa primeira briga de amantes. (E a nossa última, dizem as vozes na minha cabeça.) Tenho de regressar à loja, digo a Raven. Ele fica aborrecido. Por que não podemos ficar juntos até de manhã e fazer amor mais uma vez ao nascer do Sol? Irá trazer-me o pequeno-almoço à cama.

Oh, Raven, se soubesses como eu gostaria... Mas, ao amanhecer, quando a fogueira de Shampati estiver a arder quer eu queira quer não, tenho de estar longe dele.

Empresto frieza à minha voz, digo-lhe que preciso de estar só, de pensar.

— Já estás cansada de mim?

Raven, Raven, choro eu por dentro.

Digo-lhe que preciso de fazer uma coisa com urgência e que não posso explicar o que é.

A boca dele fecha-se, dura e ferida.

— Julgava que já não tínhamos segredos. Que íamos partilhar a nossa vida, toda, daqui para a frente. Não foi isso que me prometeste com o teu corpo?

— Por favor, Raven.

— E o nosso sítio especial? Não vamos procurá-lo juntos?

— Qual é a pressa?

Estou espantada com o engano calmo da minha voz, ainda que o meu estômago se aperte e arda.

— Não devemos perder mais tempo, agora que nos encontramos. Devias saber melhor do que ninguém como a vida é incerta e frágil.

Nos meus ouvidos, o sangue lateja um eco: frágil, frágil. Do lado de fora da janela, as estrelas chocam, estonteadas, com a manhã.

— Está bem — digo por fim a Raven, eu que sou demasiado cobarde para ver a verdade a estilhaçar-se nos seus olhos. — Volta de manhã que eu vou contigo. — E acrescento baixinho: — Se ainda cá estiver.

Sei que não estarei.

O automóvel desliza em silêncio. Raven, que continua aborrecido, brinca com os botões do rádio. Os animais do jardim zoológico de Oakland têm-se comportado de uma forma estranha, a gritar e a chamar durante toda a noite, informa um noticiário tardio. Uma cantora cuja voz lembra juncos ao vento informa-nos que, se viajarmos mais depressa do que a velocidade do som, poderemos queimar-nos.

Fogueira de Shampati, a que velocidade irei, com que facilidade arderei?

Estou a ver o bilhete quando Raven o encontrar de manhã, entrando a cambalear na casa de banho, de olhos ensonados e com a marca dos meus lábios. Olhos que se abrirão, surpreendidos, afastando o novelo dos sonhos.

Raven, perdoa-me, dirá o bilhete. Não espero que compreendas. Apenas que acredites que eu não tinha alternativa. Agradeço tudo o que me deste. O nosso amor nunca perduraria, porque assentava na fantasia, na tua e na minha, naquilo que é ser indiano. Ser

americano. Mas para onde vou — vida ou morte, não sei-levarei comigo a tua ternura breve e dolorosa. Para sempre.

SÉSAMO

Não abro a porta da loja de especiarias senão depois de Raven se afastar. Receio a contrapartida deste meu último acto, o amor arrebatado de uma forma que é imprópria de uma Mestra.

Mas está tudo como eu deixei. Rio-me. Sinto-me desfalecer. Durante todo este tempo estive preocupada sem qualquer razão. Será como disse a Primeira Mãe: entrarei no fogo de Shampati e acordarei na ilha para carregar o seu fardo. Oh, haverá um castigo, não tenho dúvida. Talvez uma queimadura na pele para que eu me lembre sempre, talvez (porque já o sinto a mudar, os ossos a ganhar nódulos) um corpo mais velho e mais feio, com todas as suas dores.

Percorro os corredores vazios, despedindo-me, recordando os momentos. Aqui, Haroun deu-me a sua mão a ler, aqui, a mulher de Ahuja inclinou-se para admirar um sari colorido como o âmago sedoso de uma papaia. Aqui, Jagjit ia atrás da mãe, inocente, com o seu turbante verde como um papagaio. Mas os nomes deles já me escapam, os rostos, até esta tristeza de esquecer em silêncio, como se eu já tivesse partido.

Raven, também vou esquecer-te.

Só depois de ter percorrido metade da loja é que me apercebo disso, subtilmente, como a alternância de luz e de sombra num céu nocturno quando uma estrela desaparece. A velha Tilo ter-se-ia apercebido imediatamente.

A loja é apenas uma concha. O que nela existia que proporcionava calor e ânimo há muito que já partiu. Especiarias, o que significa isto? Mas agora não tenho tempo para pensar. O terceiro dia está a terminar. Ouço os planetas a girar mais depressa, as horas a atravessar o céu como pedras. Mal tenho tempo de preparar a fogueira de Shampati.

Trago tudo o que ficou na loja, especiarias, dais, sacos de atta e de arroz e bajra, e faço uma pira no meio do quarto. Polvilho-a com a especiaria do meu nome, o sésamo, os grãos de til para me

protegerem durante a minha longa viagem. Deixo cair o vestido branco, a tremer um pouco. Não devo levar nada desta vida, devo sair da América nua como cheguei.

Agora estou pronta. Mergulho as mãos no açafrão, a especiaria do renascimento com a qual iniciei esta história, e pego no pote de pedra que guarda as malaguetas.

Sento-me em posição de lótus na fogueira das especiarias (mas as minhas pernas soltam já um gemido de protesto) e pela última vez abro o pote. Afasto a mente de tudo o que amei, e quando ela se esvazia (é assim, a morte?) sinto uma tranquilidade surpreendente.

Pego na única malagueta que deixei no pote para este momento e pronuncio as palavras de invocação. Vem, Shampati, leva-me agora.

Primeira Mãe, estás neste momento a entoar o cântico de boas-vindas, a canção que ajuda a minha alma a atravessar as camadas (osso, aço e mundo proibido) que separam os dois mundos? Ou esqueceste-me por doença ou talvez por desilusão?

O medo lateja-me nos ouvidos como um pássaro assustado com a tempestade. A qualquer momento as chamas ...

Mas não acontece nada.

Espero, depois repito as palavras. Outra vez. Cada vez mais alto. Nada. Soluço as palavras, tento outros cânticos, até a magia, por favor, por favor. Nada.

Especiarias, o que estão a fazer, que partida é esta? Não há resposta.

Especiarias, na minha mente já parti, atravessando o espaço e o tempo, com a pele arranhada pelos meteoros, com o cabelo a arder. Não prolonguem a minha agonia, suplico-vos, eu, Tilo, agora humilhada e aterrada, como pretendiam.

Um silêncio mais profundo do que nunca, até os planetas param.

E naquele silêncio percebo qual é o castigo das especiarias.

Deixaram-me aqui, sozinha e sem poderes mágicos. Para mim não haverá fogo de Shampati.

O fogo de Shampati, que eu temia há tanto tempo. Agora, de repente, temo mais pela minha vida sem ele.

Ah, belo corpo, em cujas veias já o sangue se torna espesso e vagaroso, vejo-o agora. Estou condenada a viver neste mundo implacável como uma velha, sem poder, sem sustento, sem um único ser para quem me virar.

Oh, especiarias, que conhecem tão bem a minha maior fraqueza, o orgulho, é o termo exacto. Como posso ir ao encontro daqueles que ajudei, que me temeram e admiraram durante todo este tempo, que me amaram por tudo o que eu lhes dei, com este ego nu e gasto? Como hei-de suportar a piedade no seu olhar e a repulsa quando estendo a minha mão suplicante?

Raven, sobretudo tu a quem não posso enfrentar neste estado.

A minha vida enreda-se na minha frente como os becos que habitarei, desdentada e a cheirar a excrementos, escondendo a face de todos aqueles que possam reconhecer-me, empurrando o peso da minha vida como uma carroça roubada, dormindo nos portais e rezando para que uma noite alguém...

Todas as fibras do meu corpo dorido choram... É preferível subir aos pilares vermelhos e dourados da ponte, sentir a água escura a fechar-se sobre a cabeça, as algas a enrolarem-se nas pernas, sinuosas como cobras. É melhor acabar com isto imediatamente.

Não.

Especiarias, eu, Tilo, aceito a vossa lei. Apesar do terror e da angústia, da solidão do amor perdido e do poder transformado em cinzas, aceito viver assim enquanto for obrigada a isso. Para sempre, se assim o decidirem.

Esta é a minha expiação. Submeto-me a ela voluntariamente. Não porque pequei, não porque agi por amor, no qual o pecado não existe. Se voltasse atrás, faria o mesmo outra vez. Transporia o limiar proibido da loja para ir levar conserva de manga e confiança a Geeta, na sua torre reluzente. Pegaria nas mãos de Lalita e dir-lhe-ia que merece ser feliz. Voltaria a oferecer raiz de lótus a Haroun por um amor que vale mais do que o seu sonho de imigrante. E, sim, voltaria a ser arrebatadora como Tilottama, a bailarina dos deuses, para dar prazer a Raven.

Todavia, sei que as regras violadas têm de ser expiadas. O equilíbrio tem de ser reposto. Para um ser feliz, o outro tem de arcar com o sofrimento.

Lembro-me de uma história da minha infância esquecida: no início do mundo, quando procuravam o néctar da imortalidade, os deuses e os demónios queimaram halahal, o veneno mais amargo do oceano primordial. Os seus vapores cobriram o Universo, e todos os seres, moribundos, exprimiram o seu terror. Depois o grande Xiva deitou o halahal na concha das suas mãos e bebeu-o. O terrível veneno queimou-lhe a garganta, deixando-lhe uma mancha azul que ainda hoje existe. E mesmo para um deus deve ter sido doloroso. Mas o mundo foi salvo.

Eu, Tilo, não sou uma deusa mas apenas uma mulher vulgar. Sim, admito que tentei escapar a esta verdade durante toda a vida. E, embora noutros tempos julgasse que podia salvar o mundo, reconheço que só trouxe uma felicidade breve a algumas vidas. E, no entanto, isso não chega.

Especiarias, pelas quais aceitarei o fardo que me destinarem. Dêem-me apenas uma hora de sono. Uma hora de esquecimento para que não tenha de ver este corpo retorcido pelo infortúnio. Uma hora de descanso, ao abrigo do mundo cheio de espinhos que me espera, porque estou cansada e, sim, com medo.

As especiarias não dizem que não. Assim, deito-me, pela última vez, no meio da loja da qual já não sou Mestra.

Acordo ao som de uma voz distante, que traz angústia como o vento traz a poeira, que traz o meu nome. Parece que ainda agora adormeci. Mas já não tenho a certeza de nada.

A voz chama de novo. Tilo Tilo Tilo.

Não é uma voz que conheço e que amo?

Levanto-me tão depressa que fico tonta. O chão inclina-se, como uma grande mão espalmada que quer derrubar-me. Um som à minha volta como um rasgão, é o meu coração.

Não. Vejam, é esta loja feita com a magia das especiarias a partir-se como casca de ovo à minha volta. As paredes tremem como papel, o tecto abre-se ao meio, o chão eleva-se como uma onda, fazendo-me cair de joelhos.

Ah, especiarias, não era preciso tirarem-me do meu refúgio de uma forma tão rude, eu que estava a arranjar coragem para partir.

Depois uma expressão vem até mim. Tremor de terra.

Antes de pensar nisso, o chão abana e estremece outra vez. Qualquer coisa vai pelo ar — é o pote de pedra é o pedaço de espelho — e vem estilhaçar-se nas minhas têmporas. Estrelas vermelhas explodem na minha cabeça. Ou são sementes de malaguetas?

Mas até quando mergulho na dor me apercebo, desesperada, de que ela não me matará.

MAYA

Voltei a enganar-me.

Estou morta.

Ou acordei demasiado cedo, a caminho do Além.

Oh, Tilo (mas este já não é o meu nome), acredito que também falhes nisto.

Que sítio é este, quente e escuro como um ventre de mulher, a pulsar de poder enquanto se desloca no vácuo?

Tento mexer-me para ver se é possível. Os braços e as pernas estão envolvidos em qualquer coisa sedosa e macia: é a minha mortalha ou o lençol do meu nascimento?

Mas consigo virar a cabeça, um pouco.

A pantera da dor tem estado à espera. Lança-se de repente, fazendo-me gritar.

Parece injusto que haja tanto sofrimento até no Além.

Tilo, que já não és Tilo, desde quando sabes o suficiente para avaliar se o Universo é justo ou não?

— Desde nunca, admito — respondo, com a voz esganiçada pelo desuso.

— Estás acordada? — pergunta uma voz. — Dói muito?

— Raven.

Ele também está morto. O tremor de terra matou-nos a todos, Haroun e Hameeda, Geeta e o bisavô, Kwesi, Jagjit, Lalita, que está a começar uma nova vida noutra cidade?

Oh, espero que não.

— Consegues mexer-te? — pergunta a voz de Raven, vinda de algures, junto da minha cabeça firme e inchada.

Estendo o braço na direcção do som e toco num muro de pêlo. O forro de um sarcófago, creio, um sarcófago comunal onde os amantes são sepultados, para que o seu pó se misture até ao fim do mundo. Só que este voa através das galáxias, desviando-se para chuvas de meteoros enganosos que nos iluminam com os seus lampejos.

Depois ouço uma buzinadela longa e irritada.

— Era bom que as pessoas vissem por onde andam com os carros — diz Raven. -

Desde o tremor de terra, parece que enlouqueceram todos.

— Estou no teu carro — digo. As palavras caem-me da boca como seixos. Não traduzem a minha surpresa. Toco naquilo que me envolve. — Esta é a colcha da tua cama — digo. Mesmo na escuridão, sinto-lhe a saliência do bordado, o desenho intrincado, a seda na seda.

— É verdade. Achas que consegues sentar-te? Tens alguma roupa junto à tua cabeça. Podes vesti-la. Só se te apetecer, evidentemente.

Agarro-me ao sorriso que há na sua voz. Ele inunda-me como uma luz subaquática, dá-me uma força tão grande que me desenvencilho da colcha. A minha cabeça é um pedaço de betão que mantém um equilíbrio precário nos meus ombros doridos. A seda pesada escorrega-me das mãos desajeitadas que se esqueceram do seu dever.

Ou sou eu que desejo prolongar ao máximo o desnudamento deste corpo decrépito?

Toco-lhe com mil cuidados. Ser-me-á muito mais difícil habituar-me à fealdade, desta vez, eu que já conheci a beleza? É esse pensamento que ainda não consigo enfrentar: Raven, que me deve ter trazido para este automóvel, o que viu? O que sentiu?

Mas o que é isto? Ao tacto, a carne não está engelhada como uma ameixa e o cabelo não é ralo. Os seios pendem um pouco, a cintura não é tão fina, mas este não é um corpo destituído de toda a sua fragrância.

Como é possível?

Toco-lhe de novo para me certificar. A curva do tornozelo, o triângulo do rosto, a coluna do pescoço. Não há dúvida. Não é um corpo na flor da juventude, mas também não está na decadência.

Especiarias, não compreendo este jogo. Por que não me castigaram? Ou isto é obra tua, Primeira Mãe? Mas porquê esta complacência para com uma filha que errou, que não merece?

As minhas perguntas formam uma espiral que se ergue na noite. E parece-me que, pouco depois, uma resposta desce e diz-me

qualquer coisa baixinho, ou é apenas o que eu quero ouvir?

Tu que foste Mestra, quando aceitaste o nosso castigo no teu coração sem ofereceres resistência, fizeste o suficiente. Como preparaste a tua mente para o sofrimento, não precisas de sofrer também no corpo.

A voz de Raven subtrai-me ao turbilhão dos meus pensamentos.

— Se conseguires, podes saltar por cima do banco e vir aqui para junto de mim.

Deslizo desajeitadamente para o banco da frente, deitando uma olhadela a Raven, que parece o mesmo de sempre. Sinto-me acanhada com a minha nova indumentária: um par de calças de ganga que tenho de prender com um cinto bem justo. Uma camisola de flanela, muito larga, que tem o cheiro dos cabelos de Raven.

Diferente, de facto, daquele vestido muito leve, feito de luar, do nosso último encontro. Felizmente, está escuro dentro do carro, mais escuro do que imaginava.

Não sei porquê. Reparo então que quase todos os candeeiros por que passamos estão apagados.

— Diz-me o que aconteceu.

Esta voz, hesitante e rouca... ainda não consigo habituar-me a ela.

E o que mais há de diferente, Tilo, do que fui outrora?

— Depois de ir levar-te, não consegui dormir — diz Raven. — Estava demasiado aborrecido. Comecei a fazer a mala para a viagem. “Irei sozinho, se ela não quiser”, disse a mim próprio. Mas sabia que não estava a ser sincero. Mesmo no auge da ira, não podia imaginar um futuro sem ti.

As suas palavras escorriam como mel e vinho pelo meu corpo, aquecendo-me. Mas, enquanto o ouço, não tiro os olhos do retrovisor. Quando ele pára num cruzamento, volto-o para mim.

— Preciso de me ver ao espelho — digo.

A minha voz treme um pouco, como se pedisse desculpa.

Raven acede, com um olhar cheio de compaixão.

Ela está diferente, a mulher do espelho. Malares salientes, sobrancelhas direitas com rugas no meio. Alguns cabelos brancos. Não particularmente bonita ou feia, não particularmente jovem ou velha. Apenas vulgar.

E eu que, durante as minhas muitas vidas, fugi à vulgaridade ou corri atrás dela, vejo que ela não é nem tão detestável como eu julgava, nem tão cheia de encanto. E o que é, e eu aceito-a, eu que fui a bela Tilottama, só por uma noite.

A única coisa que lamento é o que Raven sente ao ver-me.

— Sabes, estás mais parecida com o que eu sempre imaginei — diz Raven, contemplando o meu rosto. Toca-me na face com um dedo terno.

— Estás a ser amável — digo, solene. Não quero a sua piedade.

— Não.

A sua voz suplica: por favor acredita em mim.

— Não te importas? Que a beleza tenha desaparecido?

— Não. A princípio pensei que sim, mas não me importo. Sinceramente, foi um pouco assustador. Não me sentia à vontade, como se tivesse um nó no estômago. Coisas desse género.

Rimo-nos com aquelas gargalhadas inseguras e frívolas de quem não dormiu o suficiente, de quem esteve à beira da morte, de quem viu coisas no seu último dia de vida que levará a vida inteira a tentar perceber.

Vejo-me de novo ao espelho.

E vejo que os olhos são os mesmos. Os olhos da Tilo. O mesmo brilho curioso. A mesma rebeldia. A mesma predisposição para a pergunta, para a luta.

Lembram-me o meu bilhete. Lembram-me que o que escrevi não se alterou.

— O que é agora, querida? — pergunta ele, simultaneamente preocupado e divertido.

— O meu bilhete. Leste-o?

— Li. Por isso é que eu fui ter contigo tão depressa. Encontrei-o quando estava a pôr na mala os meus artigos de toilette. Assustei-me quando escreveste que te ias embora, mas não sabia para onde foras. Era como se tivesse voltado ao leito de morte do meu bisavô, como se fosse confrontado com uma situação desconhecida que eu não podia compreender. Sempre soube que tinhas essa outra zona na tua vida, na qual eu não tinha lugar.

— Agora já não tenho.

Raven sente a tristeza na minha voz, pega-me na mão. No nosso paraíso não precisarás dela. Não precisarás de nada a não ser de mim. Aperta-me a mão. Não digo que sim nem que não, e pouco depois ele acrescenta: — Ao ler o teu bilhete, voltei ao passado, também, àquele momento no carro com a minha mãe, àquele que estraguei. Era como se me tivesse sido dada uma nova oportunidade.

Desta vez estava decidido a fazer o que estava certo. Por isso saí de casa. Levei apenas metade das coisas de que precisava mas não me importei. Tinha de encontrar-te antes que te afastasses de mim para sempre. E fiz bem, porque, pouco depois de a atravessar, eles anunciaram (toca no rádio com o dedo) que Bay Bridge ficara destruída. Podia ter ficado preso do outro lado.

"Quando me aproximei da loja, senti este peso terrível, que aumentava cada vez mais. Carreguei a fundo no acelerador, como se estivesse a disputar uma corrida com qualquer coisa invisível, não sei explicar. Felizmente não havia quase ninguém na auto-estrada. Depois, eu estava a cerca de três quilómetros da loja, à beira-mar, começou o sismo. A princípio foi como se um gigante irrompesse da terra, mesmo por baixo do meu carro. Como se alguém me tivesse atingido. Mas é um pensamento idiota, não é verdade? Fui projectado contra a porta. Perdi o controlo da direcção. Sentia o carro a inclinar-se. Tinha a certeza. Chamei por ti, várias vezes, e só mais tarde é que percebi. Mas o carro endireitou-se no último momento. Depois vi uma onda a transpor o dique, na minha direcção, com um brilho fosforescente. Uma barreira sólida e compacta que podia desfazer tudo. Não me atingiu por um triz. Por um triz. As minhas mãos tremiam tanto que eu mal conseguia agarrar o volante. Tive de sair da estrada. Fiquei ali sentado uns bons dez minutos, a ouvir o barulho. Era um ronco que vinha lá muito do fundo, como se um animal que vivia debaixo da terra estivesse a acordar. Não sei quanto tempo durou, mas continuei a ouvi-lo dentro da minha cabeça durante muito tempo.

"Admito que nunca apanhei um susto tão grande na minha vida.

"Mas depois pensei em ti e obriguei-me a voltar à estrada. Foi duro. Ainda tinha as pernas a tremer como depois de uma longa

corrida. Não conseguia controlar a pressão no acelerador. O carro andava aos solavancos e eu tinha medo de sair da estrada outra vez. Havia fendas enormes no pavimento da auto-estrada, fissuras das quais saíam gases. Alguns prédios estavam a arder e de vez em quando os vidros rebentavam. Até com as janelas fechadas eu ouvia as pessoas a gritar. Sirenes.

Ambulâncias. Tive medo de não conseguir passar.

“E sabes no que eu estava sempre a pensar? "Por favor, meu Deus, que ela esteja bem. Se alguém tiver de ficar ferido que seja eu." Não me lembro de um pensamento tão forte em toda a minha vida.”

Aproximei-me mais, pousei a cabeça no ombro de Raven.

— Obrigada — digo em voz baixa. — Nunca ninguém desejou sofrer no meu lugar.

— Também é uma situação nova para mim, pensar noutra pessoa antes de mim próprio, sem a considerar separada de mim.

As pestanas tocam-lhe no rosto quando baixa o olhar, o meu americano, tímido ao falar destas coisas. Por fim acrescenta, muito baixinho: — Acho que o amor é isto.

Amor. A palavra faz-me lembrar o meu bilhete. Mas antes que eu possa falar, Raven prossegue: — Optei por estradas secundárias e por fim consegui chegar à loja. O prédio desaparecera por completo, nem sequer uma parede ficou de pé. Como se... Sim é um disparate, eu sei... Como se alguém se tivesse vingado dele em particular. Mas pelo menos não estava a arder.

“Não sei ao certo o que fiz a seguir. Sei que continuei a gritar por ti como um louco.

Pedi socorro, mas não havia ninguém. Avancei, afastando os destroços... O que eu não teria dado por uma pá... A praguejar porque não conseguia andar mais depressa, sem saber se estava a aproximar-me de ti. Receava que tivesses sufocado quando eu chegasse ao pé de ti. Sei que isso acontece. Ou que tivesse pisado qualquer coisa na qual estivesses presa e que te esmagasse. Por fim, quando já estava quase a desistir, vi uma mão. Agarrada a uma malagueta vermelha. Remexi o entulho como um louco e por fim encontrei o que restava de ti, mas não tinhas nada vestido.” Cala-se e fita-me.

— Um dia hás-de explicar-me o que estavas a fazer.

— Um dia. Talvez — respondo.

— Nem parecias tu, nem quando te deixei nem antes. Mas eu sabia. Por isso meti-te no carro. Tapei-te. Apanhei a estrada que ia para norte. Andámos por aí cerca de uma hora. Tivemos de fazer alguns desvios, troços da auto-estrada que estavam em muito mau estado. Mas fomos quase até Richmond Bridge. É a única que ficou intacta, quase como se fosse o destino, não achas? Para podermos atravessá-la e irmos para o Norte, para o paraíso.

Cala-se, à espera de uma resposta. Não digo nada, mas sinto uma leveza estranha, todo o meu corpo sorri, como uma corredora que nunca julgou conseguir transpor um obstáculo e que acaba de ultrapassar a última barreira. Raven, decidiste por mim. Talvez o resto seja o destino, e chegou a altura de eu me entregar a ele, eu que sempre o combati tão duramente durante toda a vida.

Mas ainda há uma coisa a resolver.

Afasto-me para o meu canto.

— Raven, leste o meu bilhete?

— Sim, claro que li. Não te disse...

— Leste-o todo? A parte em que explico por que razão nunca poderemos...

— Ouve, não podemos falar disso mais tarde? Por favor? No nosso sítio especial, essas coisas resolver-se-ão por si. Tenho a certeza.

— Não. — O tom da minha voz é rude, inflexível.

Quem me dera poder concordar, ser afável, como se espera das mulheres, indianas ou não. Resolver o conflito com um beijo. Mas sei que não tenho esse direito.

Raven percebe a expressão do meu olhar e encosta o carro na berma da estrada.

— Muito bem. Vamos conversar — diz ele.

— Não percebes o que quero dizer? Não percebes por que motivo é que isto nunca resultaria? Cada um de nós amaria não o outro mas a imagem exótica que construímos um do outro, devido às nossas carências, às nossas...

— Isso não é verdade. — A sua voz revela que se sente magoado. — Eu amo-te. Como podes afirmar o contrário?

— Raven, não sabes nada a meu respeito.

— Conheço o teu coração, querida. Conheço a tua capacidade de amar. Isso não conta?

Sim, apetece-me chorar. Mas combato o meu desejo.

— Tudo o que te atraiu em mim, o meu poder, o meu desejo, já não existe.

— E, como vês, eu ainda estou aqui. — Segura-me nas mãos. — Isso não prova que estás enganada?

As minhas mãos mexem-se contra a sua própria vontade, desejando ficar entre as dele. Mas eu retiro-as. Ponho-as no regaço.

Raven observa-me durante algum tempo e depois suspira.

— Okay, talvez as minhas ideias acerca de ti e do teu povo estejam erradas. E talvez, como disseste, não saibas muito bem como eu sou, como nós somos. Mas, se te afastares, a situação não tenderá a melhorar, não é verdade?

Como não digo nada, ele continua: — Vamos ensinar um ao outro o que precisamos de saber. Prometo ouvir-te com atenção. E, quanto a ti, já sei que és uma boa ouvinte.

Mordo o lábio, travando uma luta interior. Talvez ele tenha razão.

— Por favor — diz Raven. — Dá-nos uma hipótese.

Volta a pegar-me nas mãos. E vejo aquilo em que ainda não reparara: as mãos feridas, as unhas partidas.

Por minha causa.

Tu que em tempos foste insensata, que talvez ainda sejas, isto não vale toda a sabedoria do mundo?

— Raven — digo em voz baixa.

E levo as suas mãos feridas aos lábios.

Quando acabámos de dizer o que os amantes dizem depois de quase se terem perdido um ao outro, quando nos abraçámos o suficiente para a sua respiração ser a minha e a minha ser a dele, Raven põe o carro a trabalhar.

— Está uma caixa com mapas aos teus pés — diz ele. — Rotas diferentes para as montanhas do Norte. Por que não as estudas e não escolhes a que mais te agradar?

— Eu? Mas não conheço essas estradas, qual é boa, qual não é.

— Confio na tua intuição. Se nos enganarmos, tentaremos de novo. Continuaremos a procurar até encontrarmos o nosso paraíso,

e fruiremos juntos de todas as etapas da nossa viagem.

O seu riso é uma nascente dourada na qual sacio a minha sede. Depois, percorro os mapas com os dedos e escolho uma rota. A sua promessa pulsa-me nos dedos.

Sim, Raven, juntos.

Uma última paragem, a cabina da portagem, depois seremos só nós e a noite.

A ponte surge tranquilamente, com as suas luzes calmas e despreocupadas, tal como em tempos eram os olhos das especiarias. Dão-me autorização. Sim, sim.

Pronuncio as palavras em surdina, pouso a mão no joelho de Raven. Ele sorri ao abrandar para pagar. A flutuar naquele sorriso, ouço-o vagamente dizer qualquer coisa ao homem da cabina.

— Sim, está muito má — diz o homem. — Como não estava há anos. O incêndio provocou mais danos do que o sismo. De onde vêm? De Oakland? Dizem que o epicentro foi lá, na parte baixa da cidade. Estranho, hem? Ninguém diria que havia ali uma falha.

Retiro a minha mão como se o seu toque pudesse queimar, olho para a palma. Ah, Raven, aqui estão as tuas falhas.

O carro recomeça a andar, suave, rápido, confiante. Olho para as águas agitadas a norte, para os seus reflexos de estrelas. Para além dela, a terra, depois, as montanhas, e, algures, o paraíso terrestre com um pássaro negro imóvel num céu prateado.

Ele existe por Raven. Mas pode existir por mim.

Quando chegamos ao outro lado da ponte, pouso a mão no seu braço.

— Para, Raven.

— Por quê?

Percebo que fica aborrecido. Não gosta disto, não confia o bastante no que eu possa fazer. Todo o seu corpo se esforça por continuar a funcionar.

Mas pára no miradouro.

Abro a porta e saio.

— O que estás a fazer agora?

Mas ele já sabe. Segue-me até à beira do precipício e não tira os olhos de mim.

Mais para sul, do outro lado da água, um clarão de um vermelho-sujo, uma cidade a arder. Quase ouço o assobio das chamas, as casas a explodir, os carros dos bombeiros, os carros da Polícia, as sirenes. As pessoas a gritar a sua dor.

— Raven, fui eu que provoquei isto — digo em voz baixa.

— Não sejas tonta. E uma zona de sismos. Estas coisas sucedem de tantos em tantos anos.

Com a mão no meu cotovelo, tenta encaminhar-me para o carro. Na sua mente, atravessamos já as florestas que cheiram a limpo. Apanhamos bolotas para comer e lenha para nos aquecermos. Se ao menos eu pudesse abandonar esta loucura.

Conheço o cheiro do fogo. Não esqueci a morte da minha aldeia, embora fosse há muito tempo, pois também fui eu que a provoquei. Fumo e queimadura. Combustão lenta. Cada coisa que arde tem um cheiro diferente. As roupas de cama, um carro de bois, um berço. É assim que arde uma aldeia. Uma cidade seria diferente, autocarros e automóveis, conjuntos de sofás cobertos de vinil, um televisor a explodir.

Mas o cheiro a carne queimada é o mesmo em toda a parte.

Raven olha para mim. Há novas rugas, tensas e cansadas, à volta da sua boca.

Uma nova malícia nos seus olhos, o medo de que o seu sonho falhe, aqui, depois de atravessada a última ponte.

O arrependimento sobe-me na garganta como lava. Raven, eu que te amo mais do que tudo o que amei em todos os mundos por onde andei, julgo que sou a razão de ser desse olhar.

Ser-me-ia tão fácil virar as costas àquela cidade a arder. Pegar-te na mão. Vejo o carro a voar como uma seta na madrugada, a luz do Sol a brilhar nos seus flancos, sem parar, até atingirmos a felicidade.

Todos os meus poros choram por isso.

— Raven. Não posso ir contigo.

As palavras são como ossos encravados na garganta, que tenho de puxar.

Uma parte de mim odeia-me pela dor que salta dos seus olhos.

Estende a mão como se fosse agarrar-me. Abanar-me, para me devolver a sensatez. Mas depois deixa-a cair.

— O que queres dizer com isso?

— Tenho de voltar para trás.

— O quê?

— Sim, para Oakland.

— Mas porquê?

A sua voz está dilacerada pela frustração.

— Para tentar ajudar.

— Já te disse que é uma loucura pensar que és a responsável. Além disso, estão lá muitas outras pessoas que foram treinadas para esse efeito. Só irias estorvar.

— Mesmo que tenhas razão, mesmo que eu não tenha sido a causadora, não posso voltar as costas a tanto sofrimento — digo.

— Passaste a vida inteira a ajudar os outros. Não chegou a altura de fazeres outra coisa, por ti própria?

O seu rosto tão cru, na sua súplica. Se eu pudesse entregar-me a ele.

Como não posso, respondo: — Tudo o que fazemos não é por nós próprios, em última análise? Quando eu era Mestra, também...

Mas ele não está disposto a ouvir.

— Merda. Merda. — Bate com o punho fechado na balaustrada. Os seus lábios estão finos e brancos.

— É o paraíso terrestre? — diz ele por fim. Na sua boca, a frase é um som interrompido.

— Vai tu. Por favor. Não precisas de ir levar-me. Pedirei boleia.

— Com que então quebras a tua promessa, hem? Assim sem mais nem menos?

Os seus olhos estão cheios de uma ira indisfarçada.

Suspiro. Vou a dizer: “Deixa, não podes compreender.”

Depois penso: “Não, Raven, já que te instalei no meu coração, tenho de dizer-te o que julgo ser verdade. Quer compreendas quer não. Quer acredites quer não.”

Volto-me para ele, e pela última vez pego-lhe no queixo. Como é macia a barba que cresceu durante a noite, como agulhas novas de pinheiro.

Ele olha para mim como se tencionasse afastar-se. Mas não reage.

— Não resultaria, Raven. Mesmo que encontrássemos o nosso sítio especial. -

Respiro fundo e depois continuo. — Porque o paraíso terrestre não existe. Mas nós podemos fazê-lo ali, no meio da fuligem, do entulho, da carne encarquilhada. No meio das armas e das agulhas, no meio do pó branco da droga, os jovens entregam-se a sonhos de riqueza e de poder e acordam em celas. Sim, no ódio e no medo.

Ele fecha os olhos. Não quer ouvir mais nada.

Adeus, Raven. Todas as células do meu corpo exigem que eu fique, mas eu tenho de partir, porque afinal há coisas mais importantes do que a nossa própria alegria.

Volto para trás e preparo-me para atravessar de novo a ponte, eu, que em tempos fui Tilo, e que agora sei que a flor do amor só nasce da urtiga.

— Espera.

Nos seus olhos abertos há uma expressão distante.

— Acho que também vou.

O meu coração palpita tanto que tenho de agarrar-me à balaustrada para me equilibrar. Oh, ouvidos, mas que partida cruel me pregam. Não é suficiente o fardo, o pensamento de que tenho de passar o resto da vida sozinha?

Raven faz um sinal afirmativo em resposta ao meu olhar incrédulo.

— Exactamente. Ouviste bem.

— Tens a certeza? Vai ser difícil. Não quero que te arrependas mais tarde.

Ele dá uma gargalhada roufenha.

— Não tenho certeza nenhuma. Talvez me venha a arrepender uma centena de vezes depois ou mesmo antes de chegarmos a Oakland.

— Mas?

— Mas...

E então abraço-o com força, a rir-me, com a sua boca junto da minha.

Trocamos um longo, longo beijo.

— Era isto que querias? — pergunta ele, quando paramos para ganhar fôlego. — Era a isto que te referias quando falávamos do paraíso terrestre?

Preparo-me para falar. Vejo então que ele não precisa da resposta.

Mais tarde, digo: — Agora tens de ajudar-me a encontrar um novo nome. A minha vida como Tilo acabou, e com ela esse nome.

— Que tipo de nome pretendes?

— Um que abranja o teu país e o meu, a índia e a América, porque eu pertenço a ambos. Existe um nome assim?

Ele pensa.

— Anita. Sheila. Rita. Abano a cabeça.

Ele apresenta mais alguns. Depois alvitra: — E se fosse Maya?

Maya. Tento o som, agrada-me a forma. O modo como flui, frio e amplo, na minha língua.

— E ele não tem um significado indiano, qualquer coisa de especial?

— Sim — respondo, puxando pela memória. — Na antiga língua, pode significar muitas coisas. Ilusão, feitiço, encantamento, o poder que conserva este mundo imperfeito, dia após dia. Preciso de um nome assim, eu que agora só posso contar comigo.

— E comigo, não te esqueças.

— Sim. Sim — respondo. E encosto-me ao seu peito que cheira a campos abertos.

— Maya, querida — diz-me ele ao ouvido.

Como este nome é diferente do último. Não há uma ilha de luz perlada, não há Mestras à minha volta, não há Primeira Mãe a dar-me a bênção. E, no entanto, não é igualmente real? Igualmente sagrado?

Encostada ao seu ombro, penso nisto. Há um fumo verde acinzentado no céu, como musgo numa floresta moribunda. Mas a água da baía é rosada, da cor da aurora.

E há nela um movimento. Não são ondas. É outra coisa qualquer.

— Raven, estás a ouvir?

— Só o ruído do vento nos pilares, meu amor. Só o teu coração a bater. Vamos embora.

Porém, ouço-o claramente, forte, ainda mais forte, o cântico das serpentes marinhas. Aquele brilho nas ondas é o das jóias dos seus olhos que fixam os meus.

Ah!

A vocês, que me seguiram através dos altos e baixos da minha vida, deixo-vos com uma última pergunta: À beleza do mundo, tirada ou devolvida, há alguma justificação para ela?

— Eu, Maya, eu, Maya, agradeço-vos — digo em voz baixa.

Os olhos coruscantes piscam, receptivos. Depois o sol irrompe por uma fenda aberta no fumo e eles desaparecem.

Mas não no meu coração.

— Anda — digo a Raven.

E, de mãos dadas, dirigimo-nos para o carro.

Fim